

Autora das séries SLAMMED e HOPELESS

Colleen Hoover  
Tarryn Fisher

NUNCA



JAMAIS

(Never never)

Volume Único

# PARTE 1

*Este livro é dedicado a todos aqueles que  
não são Sundae Colletti.*



Um choque. Livros caem no chão

de linóleo montado. Eles deslizam uns metros, girando em círculos, e param perto de uns pés. *Meus* pés. Não reconheço as sandálias pretas, nem as unhas dos pés em vermelho, mas eles se movem quando digo para se moverem, então devem ser meus. *Não é?*

Um sino toca.

Estridente.

Assusto-me, meu coração acelera. Meus olhos se movem da direita para a esquerda e assimilo tudo ao meu redor, de modo que não me delate.

*Que tipo de campanha foi essa?*

*Onde estou?*

Garotos com mochilas entram energicamente na sala, falando e rindo. *A campainha de uma escola.* Movem até suas salas, suas vozes competindo com o volume. Vejo o movimento aos meus pés e tento me esquivar do golpe com a surpresa. Alguém está agachado, recolhendo livros do chão; uma garota de óculos com o rosto ruborizado. Antes de levantar olha para mim com algo parecido a medo e esquiva. Tem pessoas rindo. Quando olho ao redor acredito que estão rindo de mim, mas estão olhando a garota de óculos.

— Charlie! — chama alguém. — Não viu isso? — E logo: — Charlie... Qual é o seu problema... Oi...?

Meu coração está batendo rápido, tão rápido.

*Onde é isso? Por que não consigo lembrar?*

— Charlie! — sibila alguém. Olho em volta.

*Quem é Charlie? Qual deles é Charlie?*

Há tantos garotos; de cabelos loiros, cabelos bagunçados, cabelos castanhos, óculos, sem óculos...

Um homem entra carregando uma

maleta. Deixa sobre a mesa.

*O professor. Estou numa sala de aula, e esse é o professor. Ensino médio ou universidade, pergunto-me.*

De repente, me levanto. Estou no lugar errado. Todo mundo está sentado, mas eu estou em pé... Caminhando.

— Aonde vai, senhorita Wynwood? — O professor está olhando por cima da borda dos seus óculos enquanto remexe uma pilha de papéis. Golpeia a mesa com força e eu salto. Eu devo ser a senhorita Wynwood.

— Ela tem cólica! — Grita alguém. As pessoas riem. Sinto um calafrio subir pelas minhas costas e se arrastar através da parte superior dos meus braços. Estão rindo de mim, exceto que não sei quem são essas pessoas.

Ouçó a voz de uma menina. — Cala essa boca, Michael!

— Não sei. — digo, ouvindo minha voz pela primeira vez. É muito alta. Limpo a garganta e tento outra vez. — Não sei. Eu não deveria estar aqui.

Ouçó mais risadas. Olho a minha

volta, há cartazes na parede, rostos de presidentes animados com datas debaixo delas. *Aula de história? Ensino Médio.*

O homem — o professor — inclina a cabeça como se tivesse dito a coisa mais idiota. — E em qual outro lugar acha que deveria estar em dia de prova?

— Não... Não sei.

— Sente-se — diz. Não sei aonde ir se começar a andar. Dou a volta e vou para trás. A garota de óculos levanta os olhos enquanto passo por ela. Desvia o olhar de modo rápido.

Logo estou sentada, o professor começa a entregar papéis. Caminha entre as mesas, sua voz é um zumbido plano enquanto nos diz que a porcentagem da nossa nota final corresponderá com a prova. Quando alcança minha mesa faz uma pausa, com uma profunda ruga nas sobrancelhas. — Não sei o que almeja alcançar. — Pressiona a ponta de um gordo dedo indicador na mesa.

— Seja o que for, estou cansado disso. Um truque a mais e te enviarei para o escritório do diretor. — Espalma a prova na minha frente e continua pela fila.

Não assinto, nem falo nada. Estou tentando decidir o que fazer. Anunciar para todos que não tenho ideia de quem sou nem de onde estou — ou ir até ele num canto e dizer em voz baixa. Disse que não queria mais truques. Meus olhos se movem para o papel que está na minha frente. Os alunos já estão se inclinando sobre suas provas, seus lápis arranhando o papel.

## **QUARTO PERÍODO**

### **HISTÓRIA**

SR. DULCOTT

Há um espaço para um nome. É

provável que eu tenha que escrever meu nome, mas não sei qual é.

*Senhorita Wynwood*, ele me chamou assim.

Por que não lembro meu próprio nome?

*Onde* estou?

*Quem* sou?

Cada cabeça está inclina sobre seus papéis exceto a minha. Assim que me sento e olho fixamente para frente, o senhor Dulcott olha para mim ferozmente da sua mesa. Quanto mais permaneço sentada, mais vermelha fica sua cara.

O tempo passa e ainda assim meu mundo ainda está parado. Finalmente, ele se levanta, sua boca aberta para me dizer algo, quando a campainha toca. — Deixem suas provas na minha mesa, ao sair. — diz, com seus olhos ainda em meu rosto. Todo mundo está saindo pela porta. Levanto e os sigo porque não sei que outra coisa fazer. Mantenho meus olhos no chão, mas posso sentir sua ira. Não entendo o porquê de estar tão chateado comigo. Agora estou no corredor, com fileiras de armários azuis de cada lado.

— Charlie! — Grita alguém. —

Charlie, espera! — Um segundo depois, um braço se engancha no meu. Espero que seja a garota de óculos; não sei por quê. Não é. Mas agora sei que sou Charlie. *Charlie Wynwood*. — Esqueceu sua mochila — disse ela, entregando-me uma mochila branca. Pego, perguntando-me se há uma carteira de motorista no interior. Ela mantém seu braço no meu enquanto caminhamos. É mais baixa do que eu, com comprido e escuros cabelos e olhos marrons que ocupam a metade da sua cara. É surpreendente e bonita.

— Por que você estava agindo de

modo tão estranho lá dentro? — Pergunta. — Você bateu os livros do armário no chão e espalhou, em seguida, foi embora.

Pude sentir seu perfume; é familiar e muito doce, como um milhão de flores competindo por atenção. Penso na garota de óculos, o olhar no seu rosto enquanto ficava agachada para recolher os livros. E se eu fiz isso, porque não consigo lembrar?

— Eu...

— É hora de comer, por que está indo nessa direção? — Ela me puxa para um corredor diferente, passando

por mais estudantes. Todos me olham... Pequenos olhares. Pergunto-me se me conhecem, e porque *eu* não me conheço. Não sei por que não digo ao senhor Dulcott, ou agarro alguém ao azar e digo que não sei quem sou ou onde estou. Mas quando estou contemplando a ideia seriamente, atravessamos um par de portas e entramos na cafeteria. Ruído e cor; corpos que tem um cheiro único, brilhantes luzes fluorescentes que fazem tudo parecer feio. *Oh, Deus*. Aperto minha camisa.

A garota do meu braço está balbuciando. Andrew isso, Marcy

aquilo. Gosta de Andrew e odeia Marcy. Não conheço qualquer deles. Ela me conduz até a fila da comida. Consegue saladas e bebidas dietéticas. Logo deslizamos nossas bandejas sobre uma mesa. Já tem gente sentada lá; quatro garotos e duas garotas. Dou-me conta de que completamos o grupo com números pares. Todas as garotas são pareadas com um garoto. Todo mundo levanta os olhos com expectativa, como se eu devesse dizer algo ou fazer alguma coisa. O único lugar que fica para sentar é junto a um garoto com um cabelo escuro. Sento lentamente, ambas as mãos

estendidas sobre a mesa. Seus olhos saem disparados em minha direção e, em seguida, se inclina sobre sua bandeja de comida. Posso ver as mais finas gotas de suor na sua testa, logo abaixo da sua linha de cabelo.

— Vocês são tão estranhos às vezes. — Diz uma garota nova, loira, de frente para mim. Olha de mim para o garoto sentado ao meu lado. Ele levanta os olhos do seu macarrão e me dou conta de que só está movendo as coisas ao redor de seu prato. Não comeu nem uma mordida, apesar de parecer estar ocupado. Olha para mim e olho para ele, logo ambos

voltamos a olhar para a garota loira.

— Aconteceu algo que devemos saber? — Pergunta.

— Não — dizemos em uníssono.

Ele é meu namorado. Eu sei pela forma como nos tratam. De repente, ele sorri para mim com seus brilhantes dentes branco e se estende para colocar seu braço ao redor do meu ombro.

— Estamos bem. — Diz, dando um aperto no meu braço. Fico rígida automaticamente, mas quando vejo os seis pares de olhos olhando para minha cara, me inclino e sigo com o

jogo. É assustador não saber quem você é — e ainda mais assustador pensar que você vai errar. Agora tenho medo, medo de verdade. Fui longe demais. Se disser algo agora parecerei... *Louca*. Seu gesto de afeto parece fazer que todo mundo relaxe. Todo mundo exceto... Ele.

Eles voltam a falar, mas todas as palavras se relacionam: futebol, uma festa, e mais futebol. O garoto sentado ao meu lado sorri e entra na conversa, seu braço nunca deixando meus ombros. O chamam de Silas. Chamam-me de Charles. A garota de cabelo escuro com olhos grandes é

Annika. Esqueço o nome de todos os demais por causa do ruído.

O almoço finalmente acaba e todos nós nos levantamos. Caminho junto a Silas, ou melhor, dizendo, ele caminha junto a mim. Não tenho nem ideia de onde vou. Annika vem para o meu lado livre, enganchando seu braço no meu e tagarelando sobre o ensaio das animadoras. Está fazendo eu me sentir claustrofóbica. Quando alcançamos um anexo no corredor, me inclino e falo de forma que só ela possa me escutar. — Pode me acompanhar até a próxima aula? — Seu rosto fica sério. Separa-se de mim

para dizer algo ao seu namorado, e logo nossos braços voltam a unir-se.

Giro para olhar Silas. — Annika vai me acompanhar até minha próxima aula.

— Está bem — Ele diz. Parece aliviado. — Vejo você... Mais tarde. — E segue na direção oposta.

Annika gira tão rápido que ela fica fora da vista — Aonde é que ele vai?

Dou de ombros. — Para aula.

Ela sacode a cabeça como se estivesse confusa. — Não entendo vocês. Um dia estão completamente um em cima do outro, e no dia

seguinte estão agindo como se não pudessem suportar estar no mesmo lugar. Você realmente precisa tomar uma decisão a respeito dele, Charlie.

Ela para de frente para a porta.

— Eu estou só... — digo, para ver se protestava. Não faz.

— Chama-me mais tarde. — Diz.  
— Quero saber sobre a noite passada.

Assinto. Quando ela desaparece no mar de rostos, entro na aula. Não sei onde sentar, então caminho até o final da fila no fundo e deslizo numa cadeira perto da janela. Eu cheguei cedo, então abro minha mochila.

Tem uma carteira encaixada entre um par de cadernos e uma nécessaire de maquiagem. Eu retiro para abrir e revelar uma carteira de motorista com uma foto de uma radiante garota de cabelos escuros. *Eu.*

CHARLIZE MARGARET  
WYNWOOD.

2417 DE HOLCOURT WAY,  
NEW ORLEANS, L.A.

Tenho dezesseis anos. Meu aniversário é vinte e um de março.

Vivo em Louisiana. Estudo a imagem no topo do canto esquerdo e não reconheço o rosto. É meu rosto,

mas nunca tinha visto. Sou... *Bonita*. E só tenho vinte e oito dólares.

A sala fica cheia. E o lugar perto de mim permanece vazio, quase como se todo o mundo estivesse muito assustado para sentar ali. Estou na aula de espanhol. A professora é bonita e jovem; seu nome é Sra. Cardona. Ela não me olha como se me odiasse, como se estivesse olhando muitas outras pessoas. Começamos com os tempos verbais.

*Não tenho passado.*

*Não tenho passado.*

Aos cinco minutos de aula, a porta

se abre. Silas entra, seus olhos no chão. Penso que está aqui para me dizer algo, ou trazer algo. Abraço a mim mesma, pronta para fingir, mas a Sra. Cardona faz um comentário brincalhão sobre seu atraso.

Ele toma o único assento disponível junto de mim e olha fixamente para frente. Observo. Não deixo de olhá-lo até que ele gira sua cabeça para me olhar. Uma linha de suor roda por um lado do seu rosto.

Seus olhos estão muito abertos.

Amplos... *Igual aos meus.*



*Três horas.*

Tem sido quase três horas, e minha mente ainda está uma névoa.

Não, não é uma neblina. Nem mesmo um denso nevoeiro. Ela parece como se estivesse andando em um quarto escuro como breu, procurando o interruptor de luz.

— Você está bem? — Charlie pergunta. Eu estive olhando para ela por alguns segundos, tentando recuperar um pouco a aparência de familiaridade de um rosto que deve, aparentemente, ser o *mais* familiar para mim.

Nada.

Ela olha para baixo em sua mesa e seu cabelo espesso, preto cai entre nós como antolhos. Eu quero olhar melhor para ela. Eu preciso de algo para me agarrar, algo familiar. Eu quero conhecer uma marca de nascença ou uma sarda sobre ela antes de vê-la, porque eu preciso de algo reconhecível. Vou agarrar qualquer pedaço em meu poder para me convencer que eu não estou perdendo minha mente.

Ela leva a mão para cima, finalmente, e enfia seu cabelo atrás da orelha. Ela olha para mim através de dois e completamente desconhecidos

olhos. O vinco entre as sobrancelhas se aprofunda e ela começa mordendo o polegar.

Ela está preocupada comigo. Sobre nós, talvez.

*Nós.*

Eu quero perguntar se ela sabe o que poderia ter acontecido comigo, mas eu não queria assustá-la. Como eu explico que eu não a conheço? Como posso explicar isso para *alguém*? Eu passei as últimas três horas tentando agir naturalmente. No começo eu estava convencido de que eu devia ter usado algum tipo de

substância ilegal que me fez desmaiar, mas isso é diferente de desmaiar. Isto é diferente de estar drogado ou bêbado, e eu não tenho nenhuma ideia de como eu mesmo sei. Eu não me lembro de nada além de três horas atrás.

— Hey. — Charlie se aproxima como se ela fosse me tocar, então recua. — Você está bem?

Eu aperto a manga da minha camisa e limpo o brilho de umidade da minha testa. Quando ela olha para trás para mim, vejo a preocupação ainda enchendo seus olhos. Eu forço meus lábios para formar um sorriso.

— Eu estou bem, — murmuro. —  
Longa noite.

Assim que eu digo isso, eu me encolho. Eu não tenho nenhuma ideia que tipo de noite que eu tive, e se essa garota sentada na minha frente realmente é a minha namorada, então uma frase como essa provavelmente não é muito animadora.

Eu vejo uma pequena contração no olho dela e ela inclina a cabeça. —  
Por que foi uma longa noite?

Merda.

— Silas. — A voz chega a partir da frente da sala. Eu olho para cima.

— Não fale, — diz a professora. Ela retorna à sua instrução, não muito preocupada com a minha reação ao ser apontado. Eu olho para trás, Charlie, brevemente, segue, olhando imediatamente para a minha mesa. Meus dedos traçam sobre nomes esculpidos na madeira. Charlie ainda está olhando para mim, mas eu não olho para ela. Eu observo a minha mão, e eu corro dois dedos sobre os calos em todo o interior da palma da minha mão.

Eu trabalho? Corto a grama para a vida?

Talvez seja do futebol. Durante o

almoço, eu decidi usar meu tempo para observar todos ao meu redor e, eu aprendi que eu joga futebol, esta tarde. Eu não tenho nenhuma ideia de que hora ou onde, mas eu tenho de alguma forma feito isso por meio das últimas horas sem saber quando ou onde eu deveria estar. Posso não ter qualquer tipo de lembrança agora, mas eu estou aprendendo que eu sou muito bom em fingir. Bom demais, talvez.

Eu observo a minha outra mão e encontro os mesmos calos ásperos nessa palma.

Talvez eu viva em uma fazenda.

Não, eu não.

Eu não sei como eu sei, mas mesmo sem ser capaz de me lembrar de qualquer coisa, eu pareço ter uma sensação imediata de quais suposições que são precisas e quais não são. Poderia ser apenas processo de eliminação, em vez de intuição ou memória. Por exemplo, eu não sinto como se alguém que vive em uma fazenda estaria vestindo as roupas que eu estou. Roupas bonitas. Da última moda? Olhando para os meus sapatos, se alguém me perguntasse se eu tenho pais ricos, eu lhes diria: —

Sim, eu tenho. — E eu não sei como, porque eu não me lembro dos meus pais.

Eu não sei onde eu vivo, com quem eu vivo, ou se eu pareço mais com minha mãe ou com meu pai.

Eu nem sei como eu pareço.

Eu estou abruptamente, empurrando a mesa a poucos centímetros altos em frente no processo. Todos na classe se viram para mim, mas não Charlie, porque ela não parou de olhar para mim desde que eu me sentei. Seus olhos não são curiosos ou amáveis.

Seus olhos estão acusando.

A professora olha para mim, mas não me parece de todo surpresa com a perda de atenção de todos para mim. Ela só fica complacente, esperando por mim para anunciar a minha razão para a interrupção súbita.

Eu engulo. — Banheiro. — Meus lábios estão pegajosos. Minha boca está seca. Minha mente está destruída. Eu não espero permissão antes de eu começar a ir nessa direção. Eu posso sentir os olhares de todos quando eu empurro a porta.

Eu vou para direita e até o final do corredor, sem encontrar um banheiro. Eu volto atrás e passo pela minha porta da sala, continuando até a esquina e encontrar o banheiro. Abro a porta, esperando a solidão, mas alguém está em pé no mictório, de costas para mim. Viro-me para a pia, mas não olho para o espelho. Eu fico olhando para baixo na pia, colocando minhas mãos em cada lado dela, segurando firmemente. Eu inalo.

Se eu só iria olhar para mim mesmo, o meu reflexão poderia desencadear uma memória, ou talvez apenas me dar um pequeno

sentimento de reconhecimento. Algo. Qualquer coisa.

O cara que estava parado no segundo mictório antes, agora está de pé ao meu lado, encostado com os braços cruzados. Quando eu olho para ele, ele está olhando para mim. Seu cabelo é tão loiro, é quase branco. Sua pele é tão pálida, isso me faz lembrar uma água-viva. Translúcido, quase.

*Lembro-me de como água-viva se parece, mas eu não tenho ideia o que eu vou encontrar quando eu olhar para mim mesmo no espelho?*

— Você parece uma merda, Nash,  
— diz ele com um sorriso.

*Nash?*

Todo mundo me chama de Silas. Nash deve ser o meu último nome. Gostaria de verificar a minha carteira, mas não há uma em meu bolso. Apenas um maço de dinheiro. A carteira foi uma das primeiras coisas que eu olhei depois...

Bem, depois de ter acontecido.

— Não estou me sentindo muito bem, — eu resmungo em resposta.

Por alguns segundos, o cara não responde. Ele apenas continua a olhar

para mim da mesma maneira que Charlie estava olhando para mim na sala de aula, mas com menos preocupação e de maneira mais satisfeita. O cara sorri e empurra fora da pia. Ele se levanta em linha reta, mas ainda é cerca de uma polegada menor da minha altura. Ele dá um passo para frente, e eu vejo em seus olhos que ele não está preocupado com a minha saúde.

— Nós ainda não resolvemos a sexta à noite, — o cara me diz.

— É por isso que você está aqui agora? — Suas narinas alargam quando ele fala e suas mãos caem

para os lados, abrindo e fechando duas vezes.

Eu tenho um debate de dois segundos em silêncio comigo mesmo, ciente de que, se eu desse um passo para longe dele, ele iria me fazer parecer como um covarde. No entanto, eu também estou ciente de que, se eu der um passo em frente, eu vou desafiá-lo para algo que eu não quero lidar agora. Ele obviamente tem problemas comigo e tudo o que eu escolhi fazer sexta-feira o deixou irritado.

Eu me empenho, não lhe dando qualquer reação. Olho desinteressado.

Eu preguiçosamente movo a minha atenção para a pia e viro um dos botões até que um fluxo de água começa a derramar da torneira. — Guarde para o campo, — eu digo. Eu imediatamente quero tomar de volta essas palavras. Eu não tinha considerado que ele não poderia jogar futebol. Presumi que ele joga com base em seu tamanho, mas se ele não faz, meu comentário pode não ter feito um maldito sentido. Eu prendo a respiração e espero por ele para me corrigir, ou chamar-me.

Nenhuma dessas coisas acontece.

Ele olha por mais alguns segundos, e então ele me dá de ombros passando, propositadamente me batendo em seu caminho da porta. Eu coloco minhas mãos sob a corrente de água e tomo um gole. Eu limpo a minha boca com a palma da minha mão e olho para cima. Para mim mesmo.

Silas Nash.

*Que raio de nome é esse, afinal?*

Estou olhando, sem emoção, em um par de desconhecidos, olhos escuros. Eu sinto como se eu estivesse olhando para os dois olhos

que eu nunca tinha visto antes, apesar do fato de que eu tenho, mais do que provável, olhado para esses olhos em uma base diária desde que eu sou velho o suficiente para chegar a um espelho.

Eu estou tão familiarizado com esta pessoa no reflexo como estou com a menina que é — de acordo com um cara chamado Andrew — a garota que eu tenho — transado— há dois anos.

Eu estou tão familiarizado com essa pessoa no reflexo como estou com todos os aspectos da minha vida pelo certo agora. O que não é familiar

em tudo.

— Quem é você? — Eu sussurro para ele.

A porta do banheiro começa a abrir-se lentamente, e meus olhos se movem do meu reflexo para a porta. Uma mão aparece, segurando a porta. Eu reconheço o elegante, polonês vermelho na ponta dos seus dedos.

A garota que eu tenho — transado — por mais de dois anos.

— Silas?

Eu fico de pé e viro o rosto para a porta aberta quando ela espreita em torno dela. Quando seus olhos

encontram os meus, é só por dois segundos. Ela olha para longe, digitalizando do resto do banheiro.

— É só eu, — eu digo. Ela balança a cabeça e torna o resto do caminho através da porta, embora extremamente hesitante. Eu gostaria de saber como tranquilizá-la de que tudo está bem, para que ela não se sinta desconfortável. Eu também desejo que eu me lembrasse dela, ou qualquer coisa sobre o nosso relacionamento, porque eu quero dizer a ela. Eu preciso dizer a ela. Eu preciso de alguém para saber, para que eu possa fazer perguntas.

Mas como é que um cara pode dizer a sua namorada que ele não tem ideia de quem é ela? Quem ele próprio é?

*Ele não diz a ela. Ele finge, assim como ele está fingindo com todos os outros.*

Cem perguntas silenciosas enchem os olhos dela de uma vez, e eu quero imediatamente evitar todas elas. — Eu estou bem, Charlie. — Eu sorrio para ela, porque sinto como se fosse algo que eu deveria fazer.

— Só me senti muito quente. Vamos voltar para classe.

Ela não se move.

Ela não sorri.

Ela fica onde esta, não afetada pela minha instrução. Ela me lembra de um desses animais em que você monta em um parque infantil. O tipo que você empurra, mas eles simplesmente saltam a volta por cima. Eu me sinto como se alguém viesse a empurrar os ombros, ela se inclina para trás, os pés no lugar, e depois salta para a direita de volta novamente.

Eu não me lembro o que essas coisas são chamadas, mas eu faço uma nota mental para eu de alguma forma recordá-las. Eu fiz um monte de

notas mentais nas últimas três horas.

*Eu sou um sênior.*

*Meu nome é Silas.*

*Nash pode ser o meu último nome.*

*O nome da minha namorada é Charlie.*

*Eu jogo futebol.*

*Eu sei como se parece uma água-viva.*

Charlie inclina a cabeça e o canto de sua boca se contorce ligeiramente. Seus lábios partem, e por um momento tudo que eu ouço são respirações nervosas. Quando ela finalmente faz palavras, eu quero me esconder delas. Eu quero dizer a ela

para fechar os olhos e contar até vinte até que eu esteja muito longe para ouvir a pergunta.

— Qual é meu sobrenome, Silas?

Sua voz é como a fumaça. Macia e fina e, em seguida, desaparece.

Eu não posso dizer se ela é extremamente intuitiva ou se estou fazendo um trabalho horrível de encobrir o fato de que eu não sei nada. Por um momento, eu debato se devo ou não dizer a ela. Se eu digo a ela e ela me entende, ela pode ser capaz de responder a uma série de perguntas que eu tenho. Mas se eu

digo a ela e ela não acredita em mim...

— Baby, — eu digo, com uma risada desdenhosa. *Eu a chamo de baby?*  
 — Que tipo de pergunta é essa?

Ela levanta o pé que eu tinha certeza que estava preso ao chão, e dá um passo adiante. Ela pega outro. Ela continua em minha direção até que ela esta um pé de distância; perto o suficiente para que eu possa sentir o cheiro dela.

*Lírios.*

Ela cheira a lírios, e eu não sei como eu posso lembrar o que cheira a lírios, mas de alguma forma, não me

lembra da pessoa real que está na minha frente que cheira como eles.

Seus olhos não deixaram os meus, nem sequer uma vez.

— Silas, — diz ela. — Qual é o meu sobrenome?

Eu trabalho o meu queixo para trás, e, em seguida, viro-me para enfrentar a pia novamente. Eu me inclino para frente segurando-a fortemente com ambas as mãos. Eu lentamente levanto os olhos até me deparar com o dela no reflexo.

— Seu sobrenome? — Minha boca está seca novamente e as minhas

palavras saem arranhadas.

Ela espera.

Eu olho para longe dela e de volta para os olhos do cara estranho no espelho. — Eu... Eu não me lembro.

Ela desaparece a partir do reflexo, seguido imediatamente por um tapa alto. Faz-me lembrar o soar do peixe que fazem no Pikes Place Market, quando eles o lançam e pegam no papel de cera.

*Batida!*

Eu giro e ela está deitada no chão de ladrilhos, de olhos fechados, braços espalhados. Eu imediatamente

me ajoelho para baixo e levanto a sua cabeça, mas assim que eu tenho seus elevados vários centímetros do chão, as pálpebras começam a trepidar.

— Charlie?

Ela suga em uma corrente de ar e se senta. Ela puxa-se para fora dos meus braços e me empurra para longe, quase como se ela tivesse medo de mim. Eu mantenho minhas mãos posicionadas perto dela, caso ela tente se levantar, mas ela não faz. Ela permanece sentada no chão, com as palmas das mãos pressionadas no azulejo.

— Você desmaiou, — eu digo a ela.

Ela franze a testa para mim. — Eu estou ciente disso.

Eu não falo de novo. Eu provavelmente deveria saber o que todas as suas expressões significam, mas eu não sei. Eu não sei se ela está com medo ou raiva ou...

— Estou confusa, — diz ela, balançando a cabeça. — Eu... Você pode..., — ela faz uma pausa, e depois faz uma tentativa de ficar em pé. Eu estou com ela, mas eu posso dizer que ela não gosta disso pela forma

como ela olha para minhas mãos que estão ligeiramente levantadas, esperando para pegá-la, ela deverá começar a cair novamente.

Ela dá dois passos para longe de mim e atravessa um braço sobre o peito. Ela traz-lhe a mão na sua frente, levanta e começa a mastigar o seu polegar novamente. Ela me estuda em silêncio por um momento e, em seguida, puxa o polegar de sua boca, fazendo um punho. — Você não sabe que nós temos aula juntos depois do almoço.

Suas palavras são ditas com uma camada de acusação. — Você não

sabe o meu sobrenome.

Eu balancei minha cabeça, admitindo as duas coisas que eu não posso negar.

— O que você pode se lembrar?  
— Ela pergunta.

Ela está assustada. Nervosa. Desconfiada. Nossas emoções são reflexos um do outro, é quando a clareza me bate.

Ela não se sente familiarizada. Eu não posso me sentir familiar. Mas as nossas ações de nosso comportamento, elas são exatamente as mesmas.

— O que eu me lembro? — Eu repeti a pergunta em uma tentativa de me comprar mais alguns segundos para permitir as minhas suspeitas para ganhar equilíbrio.

Ela espera por minha resposta.

— História, — eu digo, tentando lembrar, tanto para trás quanto eu puder. — Livros. Eu vi uma menina cair sobre seus livros. — Eu agarro meu pescoço e aperto novamente.

— Oh, Deus. — Ela dá um passo rápido em direção a mim. — Isso é... Isso é a primeira coisa que eu me lembro.

Meu coração salta para minha garganta.

Ela começa a sacudir a cabeça. — Eu não gosto disso. Isso não faz sentido. — Ela parece calma — mais calma do que eu me sinto. A voz dela é estável. O único medo que eu vejo é nos brancos esticados de seus olhos. Eu a puxo para mim sem pensar, mas eu acho que é mais para o meu próprio alívio, em vez de colocá-la à vontade. Ela não se afasta, e por um segundo, eu me pergunto se isso é normal para nós.

Eu me pergunto se estamos apaixonados.

Eu aperto minha espera até que eu senti-o endurecer contra mim. — Nós precisamos descobrir isso, — diz ela, se separando de mim.

Meu primeiro instinto é para lhe dizer que vai ficar tudo bem, que eu vou descobrir isso. Estou inundado com uma esmagadora sensação de que preciso protegê-la, só que eu não tenho nenhuma ideia de como fazer isso quando nós dois estamos experimentando a mesma realidade.

A campainha toca, sinalizando o fim do Espanhol. Em poucos segundos, a porta do banheiro,

provavelmente será aberta.

Armários estão se fechando. Nós vamos ter que descobrir as próximas classes. Eu pego sua mão e a puxo atrás de mim enquanto eu abro a porta do banheiro.

— Para onde estamos indo? — Ela pergunta.

Eu olho para ela por cima do meu ombro e encolho os ombros.

— Eu não faço ideia. Eu só sei que eu quero ir embora.



Esse cara — esse garoto, Silas, —

pega minha mão como se me conhecesse e me arrasta até suas costas como se eu fosse uma menininha. E assim é como me sinto — como uma menininha em um mundo muito, muito grande. Não entendo nada, e sem dúvida não reconheço nada. Tudo o que posso pensar, enquanto ele me arrasta pelos simples corredores de alguma escola desconhecida, é que eu desmaiei; tive um colapso como uma donzela em apuros. E no chão do banheiro dos garotos. Estou avaliando minhas prioridades, perguntando-me como meu cérebro pode unir os germes na

equação quando claramente tenho problemas muito maiores, e então nos encontramos com a luz do sol. Cubro meus olhos com a minha mão livre enquanto o garoto Silas tira uma chave da sua mochila. Levanta por cima da sua cabeça e faz um círculo, pressionando o botão de alarme do carro. A partir de alguma esquina distante no estacionamento, escutamos o áudio do alarme.

Corremos até ele, nossos sapatos chicoteiam o chão com urgência, como se alguém estivesse nos perseguindo. E talvez esteja. O carro é um SUV. É impressionante porque

se destaca sobre os outros carros, e faz com que pareçam pequenos e insignificantes. Um Land Rover. Silas dirige o carro do papai, ou nada no dinheiro do seu pai. Talvez nem tenha um pai. Não poderia dizer de todas as formas. Eu sei quanto custa um carro? Tenho lembranças de como funcionam as coisas: um carro, as regras da estrada, os presidentes, mas não sei quem sou.

Ele abre a porta para mim enquanto olha para cima do seu ombro em direção à escola, e tenho a sensação de que estou em uma brincadeira. Ele poderia ser o

responsável por isso. Poderia ter me dado algo para que eu pudesse perder a memória temporariamente, e agora só está fingindo.

— Isto é real? — Pergunto, apoiada no assento dianteiro. — Você não sabe quem eu sou?

— Não — Ele diz. — Não sei.

Acredito nele. Mais ou menos. Afundo no assento.

Ele busca meus olhos por um intenso momento antes de fechar a minha porta e rodear o carro com pressa até o assento do condutor. Sinto-me dolorida. Como se fosse um

dia depois de beber. *Eu bebo?* Minha licença diz que só tenho dezessete anos. Mordo meu polegar enquanto ele sobe e aperta o botão para ligar o carro.

— Como você sabe fazer isso? — pergunto.

— Fazer o que?

— Ligar o carro sem a chave.

— Eu... Não sei.

Observo seu rosto enquanto abandonamos o lugar. Ele pisca muito, me olha muito mais, e passa a língua no seu lábio inferior. Quando paramos num semáforo, encontra o

botão CASA no GPS e ele o pressiona. Fico impressionada que pensou isso.

— Redirecionando. — Diz a voz de uma mulher. Quero perder o controle, saltar do carro em movimento e correr como um veado assustado. Tenho muito medo.

---

Sua casa é grande. Não tem carros na calçada quando estacionamos no meio fio, o motor ruge em silêncio.

— Tem certeza que é a sua? — Pergunto para ele.

Ele encolhe os ombros.

— Não parece como se alguém estivesse em casa. — Ele diz. — Deveríamos entrar?

Assinto. Não devia sentir fome, mas sinto. Quero ir para dentro e comer alguma coisa, talvez investigar nossos sintomas e ver se contraímos alguma bactéria come-cérebros que roubou nossas lembranças. Uma casa como essa deveria ter alguns laptops por aí. Silas desvia da entrada para carros e parques. Nos abaixamos com cuidado, observando os arbustos e as árvores como se fossem ganhar vida. Ele encontra uma chave no aro das chaves e abre a porta da frente.

Enquanto permaneço atrás dele e espero, o estudo. Suas roupas e cabelo estão com estilo relaxado de um garoto que não se importa com nada, mas carrega nos ombros uma preocupação muito grande. Também cheira bem: A erva, pinho e uma rica sujeira obscura. Ele está prestes a girar o botão.

— Espera!

Ele gira lentamente, apesar da urgência em minha voz.

— E se tiver alguém aí dentro?

Sorri, ou é uma careta. — Talvez possam nos dizer que diabos está

acontecendo...

Então estamos dentro. Permanecemos imóveis por um minuto, observando o lugar. Escondo-me atrás de Silas como uma covarde. Não faz frio, mas estou tremendo. Tudo é pesado e impressionante — os móveis, o ar, minha mochila com os livros, que escorregar dos meus ombros como um peso morto. Silas se move para frente. Agarro-me à parte detrás da sua camisa enquanto passeamos pela entrada e vamos até a sala de estar. Vamos de cômodo em cômodo, nos detendo para examinar as fotos nas

paredes. Dois pais bronzeados e sorridentes com os braços ao redor de dois garotos felizes com cabelos escuros, e o oceano no fundo.

— Você tem um irmão mais novo  
— Digo. — Você sabia que tinha um irmão pequeno?

Ele sacode a cabeça, dizendo *não*. Os sorrisos nas fotos ficam mais escassos à medida que Silas e sua cópia ficam maiores. Há muita acne e aparelhos, fotos de pais que se importam de ser alegres enquanto atraem garotos de ombros tensos até eles. Vamos até os quartos... Os banheiros. Pegamos livros, lemos as

etiquetas em garrafas menores prescritas que encontramos na gaveta de remédios. Sua mãe conserva flores secas por toda a casa; dentro de livros na sua mesa de noite, na gaveta de maquiagem, e alinhadas nas estantes do quarto. Toco cada uma, sussurrando seus nomes entre os dentes. Lembro todos os nomes das flores. Por alguma razão, isso me faz rir. Silas para quando entra no banheiro dos seus pais e me encontra rindo.

— Sinto muito — Eu digo. —  
Tive um momento.

— Que tipo de momento?

— Um momento em que me dou conta de que esqueci tudo sobre mim, mas sei o que é um Jacinto.

Assente. — Sim. — Baixa os olhos para suas mãos, e se formam rugas no seu rosto.

— Você acha que devemos dizer para alguém? Ir para um hospital, talvez?

— Você acha que acreditariam em nós? — Pergunto. Olhamos um para o outro. E prendo de novo a emergência de perguntar se isso é uma brincadeira. Isso não é uma brincadeira. É muito real.

Continuamos até o escritório do seu pai, remexemos alguns documentos e olhamos as gavetas. Não tem nada que nos diga por que estamos assim, nada fora do comum. Olho para ele pelo canto do olho.

Se isso é uma brincadeira, ele é muito bom ator. *Talvez seja um experimento*, penso. Sou parte de algum experimento psicológico do governo e vou despertar em um laboratório. Silas também me observa. Vejo que seus olhos disparam até mim, perguntando... Avaliando. Não falamos mais. Não falamos muito. Apenas, *olha isso*. Ou,

*você acredita que isto significa algo?*

Somos estranhos e tem um par de palavras entre nós.

O quarto de Silas é o último. Ele aperta minha mão à medida que entramos e logo a largo porque começo a me sentir enjoada outra vez. A primeira coisa que vejo é uma foto de nós dois na mesa. Estou vestindo uma fantasia — um tutu muito curto com estampa de leopardo e asas de anjos negros que se expande com elegância nas minhas costas. Meus olhos estão delineados com espessura e brilhos nos cílios. Silas está vestido todo de branco, um

anjo branco com asas. Está bonito. *Bom* versus *mal*, penso. Esse é o tipo de jogo da vida que jogamos? Ele olha para mim e levanta as sobrancelhas.

— Má escolha de roupas. — Dou de ombros. Ele libera uma risada e logo nos movemos a lados opostos do quarto.

Levanto os olhos para as paredes onde há um emaranhado de fotos de pessoas: um homem sem teto largado contra um muro, envolto em uma manta; uma mulher sentada num banco chorando em suas mãos. Um cigano, com as mãos sustentando seu

pescoço enquanto olha para a câmera com olhos vazios. As fotos são mórbidas. Elas me fazem querer me afastar, sentir pena. Não entendo porque alguém iria *querer* tirar fotos de coisas tão morbidamente tristes, sem mencionar colocá-las em sua parede para olhar todos os dias.

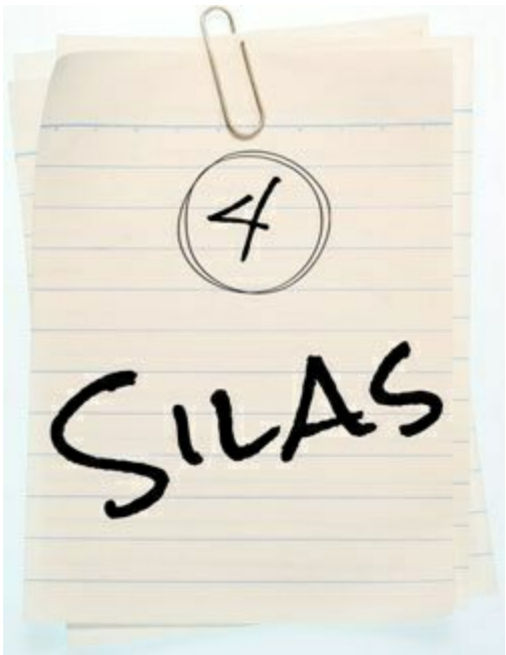
E então eu giro e vejo a cara câmera apoiada na mesa. Está em um lugar de honra, sobre uma pilha de brilhantes livros de fotografia. Dou uma olhada na direção do lugar onde Silas também estuda as fotos. Um artista. Este é o trabalho dele? Está tentando se reconhecer? Não tenho

que perguntar. Sigo adiante, olho sua roupa, procuro nas gavetas da escrivaninha de mogno.

Sinto-me tão cansada. Faço-me sentar na cadeira da escrivaninha, mas de repente ele está animado, me chamando de novo.

— Olha isso — Diz. Levanto-me com lentidão e caminho até ele. Ele está olhando a cama desfeita. Seus olhos estão brilhantes e deveria dizer... Chocados? Sigo até os lençóis. E logo meu sangue congela.

— Oh, meu Deus.



Lanço o edredom fora do caminho

para obter uma visão melhor da bagunça aos pés da cama. Manchas de lodo se acumulam nos lençóis. Secas. Alguns pedaços se agitam e rolam quando jogo o lençol longe.

— Isso é... — Charlie deixa de falar e puxa a parte superior do lençol da minha mão, afastando para obter uma visão melhor do lençol ajustável por baixo. — Isso é *sangue*?

Sigo seus olhos subindo pelo lençol, até a cabeceira da cama. Ao lado da almofada há uma mancha fantasmagórica de uma mancha de mão. Imediatamente olho para minhas mãos.

Nada. Não há rastros de sangue ou barro, de modo algum.

Ajoelho junto à cama e coloco minha mão direita sobre a marca da mão no colchão. É uma combinação perfeita. Ou *imperfeita*, dependendo do seu ponto de vista. Olho para Charlie e seu olhar se desvia, quase como se não quisesse saber se a marca da mão pertence a mim. O fato de ser minha só contribui para mais perguntas. Temos tantas perguntas empilhadas até este ponto, que sinto como se a pilha estivesse a ponto de ruir e enterrar-nos com tudo menos respostas.

— Provavelmente é meu sangue —  
Digo para ela. Ou talvez falo para  
mim mesmo. Tento descartar  
qualquer pensamento que se  
desenrola na cabeça dela. — Eu  
poderia ter caído fora na noite  
passada.

Sinto que dou desculpas para  
alguém que não sou eu. Sinto que  
dou desculpas para um amigo meu.  
Este garoto *Silas*. Alguém que  
definitivamente não sou eu.

— Onde esteve na noite passada?

Não é uma pergunta real, somente  
algo que nós dois pensamos. Agarro

o lençol superior e o edredom, e os estendo sobre a cama para ocultar a desordem. A evidência. As pistas. Seja o que for só quero ocultar isso.

— O que isso significa? — Ela pergunta, se virando para mim. Segura uma folha de papel. Caminho até ela e a pego de suas mãos. Parece que foi dobrada e desdobrada muitas vezes, há um pequeno buraco desgastado formado no centro dela. A sentença através da página lê, **Nunca pare. Jamais esqueça.**

Deixo a folha de papel sobre a mesa, querendo-a fora das minhas mãos. O papel se parece como provas

também. Não quero tocá-lo. — Não sei o que significa.

Necessito de água. É a única coisa que lembro o sabor. Talvez porque a água não tenha sabor.

— Você escreveu isso? — Ela exige.

— Como vou saber? — Não gosto do tom da minha voz. Soa ofendido. Não quero que pense que estou chateado com ela.

Ela se vira e caminha rapidamente até sua mochila. Busca em seu interior e pega uma caneta, e caminha até mim, empurrando na minha mão.

— Cópia.

Ela é mandona. Olho para a caneta, girando entre os dedos.

Passo meus polegares pelas palavras impressas em relevo ao lado da mesma.

## GRUPO FINANCIERO WYNWOOD-NASH.

— Veja se sua letra combina — Ela diz. Vira a página para o lado em branco e empurra até mim. Olhos em seus olhos, e os deixo cair um pouco. Mas então me sinto com náuseas.

Não gosto que pense essas coisas em primeiro lugar. Seguro a caneta na

minha mão direita. Não me sinto confortável. Mudo para a mão esquerda e se encaixa melhor. *Sou canhoto.*

Escrevo as palavras de memória, e depois que ela dá uma boa olhada para minha letra, devolvo a folha.

A letra é diferente. A minha é aguda, concisa. A outra é solta e despreocupada. Ela pega a caneta e reescreve as palavras.

É uma combinação perfeita. Olhamos em silêncio o papel, sem saber se isso sequer significa algo. Poderia não significar nada. Poderia

significar *tudo*. A sujeira nos meus lençóis poderia significar tudo. A marca da mão manchada de sangue poderia significar tudo. O fato de que podemos recordar coisas básicas, mas não a gente poderia significar tudo. A roupa que visto, a cor do esmalte, a câmera na minha mesa, as fotos na parede, o relógio em cima da porta, o vaso de água meio vazio sobre a mesa. Estou girando, assimilando tudo. Poderia significar *tudo*.

Ou tudo poderia significar absolutamente nada.

Não sei o que catalogar na minha mente ou o que ignorar.

Talvez se eu dormir, amanhã acordarei e serei completamente normal.

— Estou com fome. — Ela diz.

Ela está me assistindo, mechas de seu cabelo está entre mim e uma visão completa de seu rosto. Ela é bonita, mas de uma maneira envergonhada. De uma forma que eu não tenho certeza se devo apreciar. Tudo nela é cativante, como a consequência de uma tempestade. As pessoas não encontram prazer na destruição, mas queremos olhar de todas as formas. Charlie é uma devastação desejada deixada no rastro de um tornado.

Como eu sei disso?

Agora mesmo parece estar calculando, olhando-me dessa maneira. Quero agarrar minha câmera e tirar fotos dela. Algo dá voltas no meu estomago como fitas, e estou certo de que são nervos, fome ou minha reação com a garota de pé perto de mim.

— Vamos descer. — Digo. Alcanço sua mochila e entrego a ela. Pego a câmera na cômoda. — Comeremos enquanto buscamos nossas coisas.

Ela caminha diante de mim,

parando em cada imagem entre meu quarto e a parte inferior da escada. Em cada imagem que passamos, ela passa seu dedo sobre meu rosto, e somente no meu rosto. Observo silenciosamente enquanto tenta me compreender através das fotografias. Quero dizer para não perder seu tempo. Esse que parece nas imagens não sou eu.

Assim que chegamos à parte inferior da escada, nossos ouvidos são agredidos por um grito. Charlie para repentinamente e eu me choco nas suas costas. O grito pertence a uma mulher em pé na porta da cozinha.

Seus olhos estão amplos, passando de Charlie para mim, e de volta.

Ela pressiona seu coração, exalando em alívio.

Ela não está em nenhuma das fotografias. Ela é gorda e mais velha, talvez em seus sessenta anos. Ela está vestindo um avental que lê, — *eu coloquei aperitivos antes da refeição.*

Seu cabelo é puxado para trás, mas ela escova longe os fios soltos cinzentos quando ela sopra uma respiração calmante.

— Jesus, Silas! Você me matou de susto! — Ela se vira e vai para a

cozinha. — Vocês dois, é melhor voltar para escola antes que seu pai descubra. Eu não estou mentindo por vocês.

Charlie ainda está congelada na minha frente, então eu coloco uma mão contra a parte inferior das costas e empurro-a para frente.

Ela olha para mim por cima do ombro. — Você sabe...

Eu balanço minha cabeça, cortando sua pergunta. Ela estava prestes a me perguntar se eu conheço a mulher na cozinha. A resposta é não. Eu não a conheço, não

reconheço Charlie, eu não reconheço a família nas fotos.

O que eu reconheço é a câmera em minhas mãos. Eu olho para ela, querendo saber como eu consigo me lembrar de tudo o que há para saber sobre a operação desta câmera, mas eu não me lembro como eu aprendi qualquer uma dessas coisas. Eu sei como ajustar o ISO. Eu sei como ajustar a velocidade do obturador para dar uma cachoeira a aparência de um fluxo suave, ou fazer cada gota de água parada por conta própria. Esta câmera possui a capacidade de colocar o menor pormenor em foco,

como a curva da mão de Charlie, ou os cílios que revestem seus olhos, enquanto todo o resto sobre ela se torna um borrão. Eu sei que eu de alguma forma conheço os prós e contras desta câmera melhor do que eu sei como a própria voz do meu irmãozinho deve soar.

Eu enrolo a fita em volta do meu pescoço e permito a câmera oscilar contra o meu peito enquanto eu sigo Charlie em direção à cozinha. Ela está andando com um propósito. Até agora, cheguei à conclusão de que tudo tem uma finalidade. Ela não desperdiça nada. Cada passo que ela

toma parece ser planejado antes que ela o faça. Cada palavra que ela diz é necessária. Sempre que seus olhos pousam em alguma coisa, ela se concentra nela com todos seus sentidos, como se seus olhos só poderiam determinar como algo, gostos, cheiros, sons e sensação. E ela só olha para as coisas quando há uma razão para isso. Esqueça os pisos, as cortinas, as fotografias no corredor que não tem o meu rosto nelas. Ela não perde tempo em coisas que não são de uso para ela.

É por isso que eu a segui quando ela caminhou até a cozinha. Eu não

tenho certeza do qual é o seu propósito certo agora. É... Ou para saber mais informações da governanta ou ela está em busca de comida.

Charlie reivindica um assento no bar enorme e puxa a cadeira ao lado dela e dá um tapinha sem olhar para mim. Eu tomo o assento e defino minha câmera para baixo na minha frente. Ela deixa cair sua mochila para o balcão e começa a descompactá-la. — Ezra, eu estou morrendo de fome. Tem alguma coisa para comer?

Meu corpo inteiro gira em direção ao de Charlie no banco, mas parece que meu estômago está em algum

lugar do chão debaixo de mim. Como ela sabe o nome dela?

Charlie olha para mim com um movimento rápido de sua cabeça. — Calma, — ela sussurra. — Está escrito na direita. — Ela aponta para uma nota de compras em frente a nós. É um bloco rosa, personalizado, com gatinhos que revestem a parte inferior da página. Na parte superior do papel de carta personalizado lê: — *Ezra, as coisas exatas que miau precisa.*

A mulher fecha um armário e enfrenta Charlie. — Será que você abriu o apetite enquanto você estava lá em cima? Porque no caso de você

não estar ciente, que servem almoço na escola, vocês deveriam ambos estar assistindo aulas agora.

— Você quer dizer miau certo, — eu digo sem pensar. Charlie respinga um riso, e então eu estou rindo também.

E parece que alguém finalmente deixa o ar para dentro do quarto. Ezra, menos divertida, revira os olhos. Faz eu me perguntar se eu costumava ser engraçado. Ela também sorri, porque o fato de que ela não parecia confusa com Charlie referindo-se a ela como Ezra significa

que Charlie estava certa.

Eu chego mais perto e passo a mão ao longo da parte de trás do pescoço de Charlie. Ela se encolhe quando eu a toco, mas relaxa quase imediatamente quando ela percebe que é parte de nosso ato. *Nós estamos apaixonados, Charlie. Lembre-se?*

— Charlie não estava se sentindo bem. Eu a trouxe aqui para que ela pudesse tirar um cochilo, mas ela não comeu hoje. — Eu volto minha atenção para Ezra e sorrio. — Você tem alguma coisa para fazer a minha garota se sentir melhor? Alguma sopa ou bolachas, talvez?

A expressão de Ezra suaviza quando ela vê o carinho que estou mostrando a Charlie. Ela pega uma toalha de mão e coloca por cima do ombro. — Eu vou te dizer, Char. Que tal eu fazer meu queijo grelhado especial? É o seu retorno favorito quando você vem para visitar.

Minha mão endurece contra o pescoço de Charlie. *Retorno quando você vem para visitar?* Nós dois nos olhamos, mais perguntas nublando nossos olhos. Charlie concorda. — Obrigada, Ezra, — diz ela.

Ezra fecha a porta da geladeira com o quadril e começa a colocar

itens caindo em cima do balcão. Manteiga. Maionese. Pão.

Queijo. Mais queijo. Queijo parmesão. Ela estabelece uma panela no fogão e acende a chama. — Eu vou fazer um para você também, Silas, — diz Ezra. — Você deve ter pegado qualquer que seja o bug que Charlie tem, porque você não tem falado comigo muito desde que você atingiu a puberdade. — Ela ri depois de seu comentário.

— Por que não falo com você?

Charlie cutuca minha perna e estreita os olhos. Eu não deveria ter

perguntado isso.

Ezra desliza a faca na manteiga e recupera um pedaço da mesma. Ela a espalha através do pão. — Oh, você sabe, — diz ela, dando de ombros. — Os meninos crescem. Eles tornam-se homens. Governantas deixam de ser tia Ezra e retornam a ser apenas donas de casa. — Sua voz está triste agora.

Eu faço careta, porque eu não gosto de saber sobre esse lado de mim mesmo. Eu não quero que Charlie saiba sobre esse lado de mim.

Meus olhos caem para a câmera na

minha frente. Eu a ligo. Charlie começa a vasculhar sua mochila, inspecionando item após item.

— Uh oh, — diz ela.

Ela está segurando um telefone. Eu me inclino por cima do ombro e olho para a tela com ela, assim como ela muda a campainha para a posição on. Há sete chamadas perdidas e ainda mais textos, tudo a partir de — mamãe.

Ela abre a última mensagem de texto, enviada apenas três minutos atrás.

*Você tem três minutos para me ligar de*

*volta.*

Eu acho que eu não pensei sobre as ramificações de nós sairmos da escola. As ramificações dos pais, que nem me lembro. — Nós devemos ir, — eu digo a ela.

Nós nos movemos ao mesmo tempo. Ela joga sua mochila por cima do ombro e eu pego a minha câmera.

— Espere, — diz Ezra. — O primeiro sanduíche está quase pronto. — Ela caminha até a geladeira e pega duas latas de Sprite. — Isso vai ajudar com seu estômago. — Ela me dá ambos os refrigerantes e, em

seguida, envolve o queijo grelhado numa toalha de papel. Charlie já está esperando na porta da frente. Assim, quando eu estou prestes a ir embora, Ezra aperta meu pulso. Eu a encaro novamente, e seus olhos se movem de Charlie para mim. — É bom vê-la de volta aqui, — Ezra diz suavemente. — Eu estive preocupada como tudo entre ambos os seus pais poderia ter afetado vocês dois. Você amava essa menina desde antes que você pudesse andar.

Olho para ela, não sei como processar toda a informação que acabo de receber. — Antes que eu

pudesse andar, né?

Ela sorri como se ela tivesse um dos meus segredos. Eu quero de volta.

— Silas, — diz Charlie.

Eu arremesso um sorriso rápido para Ezra e vou para Charlie. Assim que eu chego à porta da frente, o som estridente no seu telefone a assusta e cai de suas mãos, direto para o chão. Ela se ajoelha para buscá-lo. — É ela, — diz ela, de pé. — O que devo fazer?

Eu abro a porta e instigando-a fora por seu cotovelo. Uma vez que a

porta está fechada, eu a enfrento novamente. O telefone está em seu toque. — Você deve responder.

Ela olha para o telefone, os dedos segurando firmemente em torno dele. Ela não responde, então eu chego para baixo e deslizo para a direita para responder. Ela enruga o nariz e me olha quando ela traz para sua orelha. — Olá? — Nós começamos a caminhar até o carro, mas eu ouço em silêncio as frases entrecortadas que vêm através de seu telefone: — Você sabe melhor,— e — Ir à escola,— e — Como você pôde?— As palavras continuam a sair do telefone, até que

nós dois estamos sentados no meu carro com as portas fechadas. Eu ligo o carro e a voz da mulher cresce em silêncio por alguns segundos. De repente, a voz é estridente através dos alto falantes do meu carro. *Bluetooth. Lembro-me o que é Bluetooth.*

Eu coloco as bebidas e sanduíche no console central e começo a voltar para fora da garagem. Charlie ainda não teve a chance de responder à sua mãe, mas ela revira os olhos quando eu olho para ela.

— Mãe, — Charlie diz categoricamente, com a tentativa de interrompê-la. — Mãe, eu estou no

meu caminho para casa. Silas está me levando para o meu carro.

Há um longo silêncio que se segue as palavras de Charlie, e de alguma forma a sua mãe é muito mais intimidante quando as palavras não estão sendo gritadas através do telefone. Quando ela começar a falar de novo, suas palavras saem lentas. — Por favor, me diga que você não permitiu a sua família a comprar-lhe um *carro*.

Nossos olhos se encontram e Charlie tem na boca a palavra, *merda*. — Eu... Não. Não, eu quis dizer que Silas está me levando para casa.

Estarei lá em poucos minutos. — Charlie se atrapalha com o telefone nas mãos, tentando voltar ao botão que lhe permitirá terminar a chamada. Eu pressiono o botão de desconexão no volante e termino para ela.

Ela inala devagar, virando-se para sua janela. Quando ela exala, um pequeno círculo de nevoeiro aparece contra a janela perto de sua boca. — Silas? — Ela me encara e arqueia a sobrancelha. — Acho que minha mãe pode ser uma cadela.

Eu rio, mas não ofereço segurança. Concordo com ela.

Nós dois estamos em silêncio por vários quilômetros. Repito a minha breve conversa com Ezra mais e mais na minha cabeça. Eu sou incapaz de empurrar a cena da minha cabeça, e ela não é mesmo o meu pai. Eu não posso imaginar o que Charlie deve estar sentindo agora depois de falar com sua mãe real. Eu acho que nós dois tivemos a tranquilidade nas margens de nossas mentes que uma vez que entrássemos em contato com alguém tão próximo a nós, como nossos próprios pais, iriam acionar nossa memória. Eu posso dizer pela reação de Charlie que ela não

reconheceu uma única coisa sobre a mulher que ela falou no telefone.

— Eu não tenho um carro, — diz ela em voz baixa. Olho para ela e ela está desenhando uma cruz com a ponta do dedo na janela embaçada. — Eu tenho dezessete. Eu me pergunto por que eu não tenho um carro.

Assim que ela menciona o carro, eu me lembro que eu ainda estou dirigindo na direção da escola, ao invés de onde eu preciso estar levando-a. — Por acaso você sabe onde você mora, Charlie?

Os olhos dela balançam para os meus, e em uma fração de segundo a confusão em seu rosto é superado pela clareza. É fascinante como facilmente posso ler suas expressões agora em comparação com o início desta manhã. Seus olhos são como dois livros abertos e de repente eu quero devorar cada página.

Ela puxa a carteira de sua mochila e lê o endereço de sua carteira de motorista. — Se você encostar podemos colocá-lo no GPS, — diz ela.

Eu aperto o botão de navegação. — Esses carros são feitos em

Londres. Você não tem que parar para programar um endereço no GPS.

— Eu começo a entrar em seu número da rua e eu a sinto me observando. Eu nem sequer tenho que ver seus olhos para saber que eles estão transbordando com desconfiança.

Eu balancei minha cabeça antes que ela mesma fizesse a pergunta. — Não, eu não sei como eu sabia disso.

Depois de inserir o endereço, eu viro o carro e começo a caminhar na direção de sua casa. Estamos há sete

quilômetros de distância. Ela abre os dois refrigerantes e rasga o sanduíche pela metade, me entregando parte dele. Nós conduzimos seis milhas sem falar. Quero estender a mão e agarrar a mão dela para confortá-la. Eu quero dizer algo reconfortante para ela. Se isso fosse ontem, eu tenho certeza que eu teria feito isso sem pensar um segundo. Mas não é ontem. É hoje, e Charlie e eu somos completos estranhos hoje. Na sétima e última milha, ela fala, mas tudo o que ela diz é: — Isso foi realmente um bom queijo grelhado. Certifique-se de dizer a Ezra que eu disse isso.

Eu diminuo. Eu dirijo bem abaixo do limite de velocidade até chegar a sua rua, e então eu paro assim que eu viro para a estrada. Ela está olhando para fora da janela, tendo em vista cada casa. Elas são pequenas. Casas térreas, cada uma com uma garagem para um carro.

Qualquer uma dessas casas poderia caber dentro da minha cozinha e ainda teríamos espaço para cozinhar uma refeição.

— Você quer que eu vá para dentro com você?

Ela balança a cabeça. — Você

provavelmente não deveria. Não soa como se a minha mãe gostasse de você.

Ela está certa. Eu gostaria de saber ao que a mãe estava se referindo quando disse —*a família*. Eu gostaria de saber ao que Ezra estava se referindo quando ela mencionou nossos pais.

— Eu acho que é aquela, — diz ela, apontando para algumas casas para baixo. Eu deixo o gás e ando na direção. É de longe a mais bonita na rua, mas apenas porque o estaleiro foi recentemente cortado e a pintura, os caixilhos nas janelas, não estão

descascando em pedaços.

Meu carro fica mais lento e, eventualmente, chega a uma parada em frente da casa. Nós dois olhamos para ela, calmamente tomando na grande separação entre a vida que vivemos. No entanto, não é nada como a separação. Sinto sabendo que estamos prestes a ter que nos separar para o resto da noite. Ela tem sido um bom amortecedor entre mim e a realidade.

— Faça-me um favor, — eu digo a ela quando coloquei o carro no parque. — Procure meu nome em seu identificador de chamadas. Eu quero

ver se eu tenho um telefone aqui.

Ela balança a cabeça e começa a percorrer seus contatos. Ela rola seu dedo na tela e traz seu telefone no ouvido, puxando seu lábio inferior com os dentes para esconder o que se parece com um sorriso.

Bem quando eu abro minha boca para lhe perguntar o que acabou de fazer seu sorriso, um som abafado vem do console. Eu abro e chego até eu encontrar o telefone. Quando eu olho para a tela, eu leio o contato.

*Charlie baby.*

Acho que isso responde a minha

pergunta. Ela também deve ter um apelido para mim. Eu furto a resposta e trago o telefone para meu ouvido. — Hey, *Charlie baby*.

Ela ri, e vem para mim duas vezes. Vez através do meu telefone e novamente a partir do assento ao meu lado.

— Eu tenho medo que podemos ser um casal muito brega, *Silas baby*, — diz ela.

— Parece que somos. — Eu corro o teclado com meu polegar em torno do volante, esperando por ela para falar novamente.

Ela não faz. Ela ainda está olhando para a casa desconhecida.

— Chame-me assim que você tiver uma chance, ok?

— Eu vou, — diz ela.

— Você pode ter mantido um diário. Procure por qualquer coisa que possa nos ajudar.

— Eu vou, — diz ela novamente.

Nós dois estamos ainda segurando os nossos telefones em nossos ouvidos. Eu não tenho certeza se ela está hesitando em sair porque ela está com medo do que ela vai encontrar no interior ou porque ela não quer

deixar a única outra pessoa que compreende sua situação.

— Você acha que vai contar a alguém? — Pergunto.

Ela puxa o telefone de seu ouvido, atravessando o botão final.

— Eu não quero que ninguém pense que eu estou ficando louca.

— Você não está ficando louca, — eu digo. — Não se está acontecendo para nós dois.

Seus lábios primam em uma linha fina apertada. Ela está me dirigindo o aceno mais suave, como se ela fosse feita de vidro.

— Exatamente. Se eu estivesse passando por isso sozinha, seria fácil dizer que eu estou ficando louca. Mas eu não estou sozinha. Nós dois estamos enfrentando isso, o que significa que é algo completamente diferente. E isso me assusta, Silas.

Ela abre a porta e sai. Eu rolo a janela para baixo enquanto ela fecha a porta atrás dela. Ela cruza os braços sobre o parapeito da janela e força um sorriso enquanto gesticula por cima do ombro em direção a casa atrás dela. — Eu acho que é seguro dizer que eu não vou ter uma governanta para me cozinhar queijo

grelhado.

Eu forço um sorriso em troca. — Você sabe o meu número. Basta ligar se precisar de mim para vir resgatá-la.

Seu sorriso falso é engolido por uma verdadeira carranca. — Como uma donzela em perigo. — Ela revira os olhos.

Ela chega pela janela e pega sua mochila. — Deseje-me sorte, *Silas baby*. — Seu carinho está cheio de sarcasmo, e eu meio que odeio.



— Mãe? — Minha voz é fraca, um

guincho. Eu limpo minha garganta.  
— Mãe? — Eu chamo de novo.

Ela vem cambaleando ao virar da esquina e eu imediatamente penso em um carro sem freios. Eu retiro de dois passos rentes à porta da frente.

— O que você estava fazendo com esse menino? — Ela sussurra.

Eu posso sentir o cheiro do licor em seu hálito.

— Eu... Ele me trouxe para casa da escola. — Eu enrugo meu nariz e respiro pela boca. Ela está no meu espaço pessoal. Eu chego atrás de mim e agarro a maçaneta da porta no

caso de eu precisar fazer uma saída rápida. Eu estava esperando para sentir alguma coisa quando eu a vi. Ela era meu útero de incubação no útero e festa de aniversário lançador durante os últimos 17 anos. Eu meio que esperava uma onda de calor ou memórias, alguma familiaridade. Vacilei longe da estranha na minha frente.

— Você fugiu da escola. Você estava com aquele rapaz! Importa-se de explicar?

Ela cheira como se um bar apenas vomitou em cima dela. — Eu não me sinto como... Eu mesma. Pedi-lhe

para me trazer para casa. — Eu me afasto um passo. — Por que você está bêbada no meio do dia?

Seus olhos ficam grandes por um minuto e eu acho que é uma possibilidade real de que ela poderia me bater. No último momento ela tropeça para trás e desliza para baixo na parede até que ela está sentada no chão. Lágrimas invadem seus olhos e eu tenho que desviar o olhar.

Ok, eu não estava esperando isso.

Gritando eu posso lidar. Chorando me deixa nervosa. Especialmente quando é uma completa estranha e eu

não sei o que dizer. Eu rastejo para ela, assim quando ela esconde o rosto entre as mãos e começa a soluçar duro.

Eu não tenho certeza se isso é normal para ela. Hesito, pairando certo onde termina o foyer e a sala de estar inicia. No final, eu a deixo com as suas lágrimas e decido encontrar o meu quarto. Eu não posso ajudá-la. Eu nem mesmo a conheço.

Eu quero me esconder até eu descobrir alguma coisa. Como quem diabos eu sou. A casa é menor do que eu pensava. Basta passar onde minha mãe está chorando no chão, há uma

cozinha e uma pequena sala de estar. Parece curvado e ordenado, cheio ao máximo com móveis que não parece como se pertencesse. Coisas caras em uma casa não cara. Há três portas. A primeira está aberta. Espio e vejo uma colcha. Quarto dos meus pais? Eu sei que colcha xadrez não é minha. Eu gosto de flores. Eu abro a segunda das portas: um banheiro. O terceiro é outro quarto no lado esquerdo do corredor. Eu entro. Duas camas. Eu gemo. Eu tenho uma irmã.

Eu tranco a porta atrás de mim, e meus olhos giram em torno do

espaço compartilhado. Tenho uma irmã. Pelo que parece as suas coisas, ela é mais jovem do que eu, pelo menos, alguns anos. Eu fico olhando para os cartazes da banda que adornam seu lado da sala com desgosto. Meu lado é mais simples: uma cama de solteiro com um cachecol roxo escuro e uma emoldurada impressão em preto e branco que está pendurada na parede sobre a cama. Eu imediatamente sei que é algo que Silas fotografou. Um portão quebrado que paira sobre suas dobradiças; vinha sufocando seu caminho através dos dentes metal

enferrujado – não escuro como as gravuras em seu quarto, talvez mais adequado para mim. Há uma pilha de livros sobre minha mesa de cabeceira. Pegó um para ler o título quando meu telefone toca.

Silas:                   Você  
está bem?

Eu:           Eu           acho  
que           a           minha  
mãe                   é  
alcoólatra           e  
eu           tenho           uma

irmã.

Sua resposta vem de alguns segundos mais tarde.

Silas: Eu não sei o que dizer. Isso é tão estranho.

Eu rio e defino meu telefone para baixo. Eu quero cavar em volta, ver se consigo encontrar algo suspeito. As minhas gavetas estão limpas. Devo ter TOC. Eu lanço em torno das meias e calcinhas para ver se eu posso

me mijar.

Não há nada em minhas gavetas, nada na minha mesa de cabeceira. Acho uma caixa de preservativos recheados em uma bolsa debaixo da minha cama. Eu olho para uma revista, notas escritas por amigos – não há nada. Eu sou um ser humano estéril, chato, se não para que a foto em cima da minha cama. A foto que Silas deu a mim, não a que eu escolhi.

Minha mãe está na cozinha. Eu posso ouvi-la fungando e fazendo algo para comer. Ela está bêbada, eu acho. Talvez eu devesse fazer-lhe algumas perguntas e ela não vai se

lembrar que eu perguntei.

— Hey, er... Mãe, — eu digo, chegando para ficar perto dela. Ela faz uma pausa em sua tomada de brinde para olhar para mim com olhos turvos.

— Então, eu estava sendo estranha na noite passada?

— Ontem à noite? — Ela repete.

— Sim, — eu digo. — Você sabe... Quando cheguei em casa.

Ela raspa a faca sobre o pão até que seja untada com manteiga.

— Você estava suja, — ela insulta.  
— Eu lhe disse para tomar um

banho.

Eu acho que parte da sujeira foi deixada na cama de Silas. Isso significa que nós, provavelmente, estávamos juntos.

— Que horas eu cheguei em casa? Meu telefone estava morto, — eu minto.

Ela estreita os olhos. — Por volta das dez horas.

— Eu disse alguma coisa... Incomum?

Ela se vira e caminha até a pia onde ela morde sua torrada e olha para o ralo.

— Mãe! Presta atenção. Eu preciso de que você me respondafeui.

Porque isto é familiar? Eu implorando, ela ignorando.

— Não, — ela diz simplesmente. Então eu tenho um pensamento: minhas roupas de ontem à noite. Fora da cozinha existe um pequeno armário com uma máquina de lavar e secar roupas empilhadas dentro dela. Eu abro a tampa para a máquina de lavar e vejo um pequeno monte de roupas molhadas na parte inferior. Eu as puxo para fora. Elas são definitivamente o meu tamanho. Eu devo ter jogado na última noite aqui,

tentei lavar as provas. Evidência de que?

Eu ergo os bolsos das calças de brim abrindo com meus dedos e checando dentro. Há um chumaço de papel, aglutinados em uma espessa, bagunça úmida. Eu deixo cair às calças de brim e levo o maço de volta para o meu quarto. Se eu tentar desdobrá-lo, ele pode desmoronar. Eu decido colocá-lo no parapeito da janela e esperar para ele secar.

Eu mando uma mensagem para Silas.

Eu : Onde você

está?

Eu espero alguns minutos e quando ele não manda nenhum texto de volta, eu tento de novo.

Eu: Silas!

Gostaria de saber se eu sempre faço isso; assediá-lo até que ele responda.

Eu envio mais de cinco e, em seguida, eu lanço meu telefone através do quarto, enterrando meu rosto Charlie Wynwood em um travesseiro para chorar. Charlie Wynwood

provavelmente nunca chorou. Ela não tem personalidade a partir da aparência do quarto de dormir. Sua mãe é alcoólatra e sua irmã escuta música de baixa qualidade. E como eu sei que o pôster acima da cama da minha irmã compara o amor a uma lança e uma salva de palmas, mas eu não me lembro de ter dito o nome da minha irmã? Ando para o seu lado do pequeno quarto e remexo em suas coisas.

— Ding, ding, ding! — Eu digo, puxando um diário rosa debaixo de seu travesseiro.

Eu sossego em sua cama e abro.

*Propriedade de Janette Elise Wynwood.*  
*NÃO LEIA!*

Eu ignoro o aviso e sua primeira página de entrada, intitulada:

*Charlie é uma merda.*

*Minha irmã é a pior pessoa no planeta.*  
*Espero que ela morra.*

Eu fecho o livro e coloco de volta debaixo do travesseiro.

— Isso foi bem.

Minha família me odeia. Que tipo de pessoa é você quando sua própria família te odeia? Do outro lado do quarto meu telefone me diz que eu

tenho um texto. Eu salto para cima, pensando que é Silas, de repente me sentindo aliviada.

Há dois textos. Um deles é da Amy.

Onde está  
você? ! !

E o outro é de um cara chamado Brian.

Hey, perdeu  
hoje. Queria  
dizer a ele?

Ele quem? E dizer a ele o que?

Eu defino o meu telefone para baixo, sem responder a nenhuma delas. Eu decidi dar ao diário outra tentativa, ignorando todo o caminho para a última entrada de Janette, que foi ontem à noite.

*Título: eu poderia precisar das chaves, mas estamos muito quebrados. Charlie tinha as chaves.*

*Eu corro minha língua sobre os dentes. Yup, parece bastante simples.*

*Seus dentes estão todos em linha reta e perfeito e eu vou ter um dente quebrado para sempre. Mamãe disse que ela iria ver*

*sobre financiamento, mas desde que aconteceu com a companhia do pai; nós não temos dinheiro para as coisas normais. Odeio levar lanche para a escola. Eu me sinto como uma criancinha!*

Ignoro um parágrafo no qual ela detalha seu amigo, Payton do último período. Ela está reclamando sobre sua falta da menstruação, quando é perturbada por sinceramente.

*Eu tenho que ir. Charlie só chegou em casa e ela está chorando. Ela quase nunca chora. Espero que Silas termine com ela — lhe serviria bem.*

Então, eu estava chorando quando

cheguei em casa ontem à noite? Vou até a janela, onde o papel do meu bolso está um pouco seco. Alisando-o com cuidado, eu o coloco em cima da mesa da minha irmã. Parte da tinta lavou, mas parece que é um recibo. Eu mando um texto para Silas.

Eu: Silas, eu preciso de uma carona.

Eu espero novamente, irritada com o atraso na resposta. Estou impaciente, eu acho.

Eu: Tem um  
cara chamado  
Brian que está  
me enviando  
mensagens de  
texto. Ele é  
muito sedutor.  
Posso pedir-  
lhe uma carona  
se você está  
ocupado...

Meu telefone toca um segundo

depois.

Silas: Claro  
que não. OMW!

Eu sorrio.

Não deve ser um problema  
escorregar para fora da casa desde  
que minha mãe desmaiou no sofá. Eu  
vou vê-la por um momento,  
estudando seu rosto adormecido,  
tentando desesperadamente me  
lembrar dela. Ela se parece com  
Charlie, só que mais velha. Antes de  
botar a cabeça para fora para esperar  
por Silas, eu a cubro com um

cobertor e pego um par de refrigerantes da geladeira escassa.

— Vejo você, mãe, — eu digo em voz baixa.



Eu não posso dizer se eu vou

voltar para ela, porque eu me sinto protetor sobre ela ou possessivo com ela. De qualquer jeito, eu não gosto da ideia dela chegar à outra pessoa. Isso me faz pensar quem é esse cara Brian, e porque ele acha que está tudo bem em enviar seus textos sedutores quando Charlie e eu estamos obviamente juntos.

Minha mão esquerda ainda está segurando meu telefone quando ele toca novamente. Não há nenhum número na tela. Só a palavra — irmão. — Eu deslizo o dedo sobre ele e atendo o telefone.

— Olá?

— Onde diabos você está?

É a voz de um cara. Uma voz que soa muito parecida com a minha. Eu olho para a esquerda e direita, mas nada é familiar sobre a interseção que estou de passagem. — Estou no meu carro.

Ele geme. — Não, merda. Você continua faltando ao treino, você vai ser chutado.

O Silas de ontem provavelmente estaria chateado com isso. O Silas de hoje está aliviado. — Que dia é hoje?

— Quarta Feira. Dia antes de amanhã, dia após ontem. Vem me

pegar, o treino acabou.

Por que ele não tem o seu próprio carro? Eu não lembro mesmo do garoto e ele já se parece como um inconveniente. Ele é definitivamente o meu irmão.

— Eu tenho que pegar Charlie primeiro, — digo a ele.

Há uma pausa. — Na casa dela?

— Pois é.

Outra pausa. — Você tem um desejo de morte?

Eu realmente odeio não saber o que todo mundo parece saber.

Por que não eu estou permitido a

ir à casa de Charlie?

— Seja como for, só se apresse, — diz ele, mesmo antes de desligar.

---

Ela está em pé na rua quando eu viro a esquina. Ela está olhando para a casa dela. Suas mãos estão descansando suavemente em seus lados, e ela está segurando dois refrigerantes. Um em cada mão. Ela está segurando-os como armas, como se ela quisesse jogá-los na casa em frente a ela na esperança de que eles fossem realmente granadas. Diminuo a velocidade do carro e paro a vários

metros dela.

Ela não está usando as mesmas roupas que usava antes. Ela está usando uma saia longa, preta que cobre seus pés. Um lenço preto está enrolado em volta do pescoço, caindo por cima do ombro. Sua camisa é de manga longa, mas ela ainda parece com frio. Uma rajada de vento sopra e a saia e lenço movimentam com ele, mas ela permanece inalterada. Ela nem sequer pisca. Ela está perdida em pensamentos.

*Eu estou perdido nela.*

Quando eu coloquei o carro na

calçada, ela vira a cabeça, olha para mim e, em seguida, lança imediatamente os olhos para o chão. Ela caminha em direção a porta do passageiro e sobe para dentro. Seu silêncio parece estar implorando pelo o meu silêncio, então eu não digo nada enquanto nos dirigimos para a escola. Depois de um par de quilômetros, ela relaxa contra o banco e adereça uma de suas botas contra o traço. — Aonde nós vamos?

— Meu irmão me chamou. Ele precisa de uma carona.

Ela balança a cabeça.

— Aparentemente, eu estou em apuros por não aparecer hoje no treino de futebol. — Tenho certeza que ela pode dizer pelo tom de indiferença da minha voz que eu não estou muito preocupado com a falta no treino. O futebol não está realmente na minha lista de prioridades no momento, então ser chutado é, provavelmente, o melhor resultado para todos.

— Você joga futebol, — diz ela, de fato. — Eu não faço nada. Eu sou chata, Silas. Meu quarto é uma coisa chata. Eu não mantenho um diário. Eu não faço nada. A única coisa que

eu tenho é uma imagem de um portão, e eu nem sequer tirei a foto. Você tirou. Tudo que eu tenho com alguma personalidade no meu quarto é algo que você me deu.

— Como você sabe que a imagem é minha?

Ela encolhe os ombros e puxa a saia esticada sobre os joelhos.

— Você tem um estilo único. Como uma espécie de impressão digital. Eu poderia dizer que era sua, porque você só tira fotos de coisas que as pessoas estão com muito medo de olhar na vida real.

Ela não gosta de minhas fotografias, eu acho.

— Então... — Eu pergunto, olhando para frente. — Quem é esse cara Brian?

Ela pega o telefone dela e abre seus textos. Eu estou tentando olhar por cima para ele, sabendo que eu estou muito longe de lê-los, mas eu faço o esforço, de qualquer maneira. Eu noto que ela se inclina para o telefone dela ligeiramente para a direita, protegendo-o de meu ponto de vista. — Eu não tenho certeza, — diz ela. — Eu tentei rolar para trás e ver se eu conseguia descobrir qualquer coisa

a partir dos textos, mas as nossas mensagens estão confusas. Eu não posso dizer se eu estava saindo com ele ou você.

Minha boca está seca novamente. Eu tomo uma das bebidas que ela trouxe com ela e estalo o início da mesma. Eu tomo um longo gole e coloco de volta no porta-copo. — Talvez você estivesse brincando com nós dois. — Há um afiar na minha voz. Eu tento amaciá-la. — O que os seus textos a partir de hoje dizem?

Ela bloqueia o telefone e coloca-o de braços no colo, quase como se ela

tivesse vergonha de olhar para ele. Ela não me respondeu. Eu posso sentir meu rubor no pescoço, e eu reconheço o calor do ciúme rastejando através de mim como um vírus. Eu não gosto disso.

— Mande um texto de volta, — eu digo a ela. — Diga a ele que você não quer que ele te mande mensagens e que você quer resolver isso comigo.

Ela corta os olhos em minha direção. — Nós não sabemos a nossa situação, — diz ela. — E se eu não gostasse de você? E se nós dois estávamos prontos para terminar?

Eu olho para trás na estrada e mmo os dentes juntos. — Eu só acho que é melhor se ficarmos juntos até nós descobrirmos o que aconteceu. Você nem sabe quem esse cara Brian é.

— Eu não sei quem é você, ou qualquer um, — ela morde de volta.

Eu puxo no estacionamento da escola. Ela está me observando de perto, esperando minha resposta. Eu sinto como se eu estivesse sendo traído.

Eu estaciono o carro e o desligo. Eu aperto o volante com a mão direita e meu queixo com a minha

mão esquerda. Eu aperto ambos. — Como podemos fazer isso?

— Você pode ser um pouco mais específico? — Diz ela.

Eu balanço a minha cabeça um pouco. Eu não sei se ela está mesmo olhando para me notar. — Eu não posso ser específico, porque eu estou me referindo a tudo. Para nós, nossas famílias, nossas vidas. Como é que vamos descobrir isso, Charlie? E como é que vamos fazê-lo sem descobrir coisas sobre o outro que vão nos chatear?

Antes que ela possa me responder,

alguém sai de uma porta e começa a caminhar em nossa direção. Ele se parece comigo, mas mais jovem. Talvez um estudante de segundo ano. Ele não é tão grande quanto eu ainda, mas a partir da aparência dele, ele provavelmente vai me passar em tamanho.

— Isso deve ser divertido, — diz ela, vendo o meu irmão mais novo se aproximar do carro. Ele caminha direto para o lado do passageiro para trás e abre a porta. Ele joga uma mochila, um par extra de sapatos, um saco de ginásio, e, finalmente, ele próprio.

A porta bate.

Ele pega o telefone e começa a percorrer seus textos. Ele está respirando pesadamente. Seu cabelo está suado e emaranhado na sua testa. Temos o mesmo cabelo. Quando ele olha para mim, eu vejo que nós também temos os mesmos olhos.

— Qual é o seu problema? —  
Pergunta ele.

Eu não respondo a ele. Eu volto ao redor no meu lugar e olho para Charlie. Ela tem um sorriso no seu rosto e ela está trocando mensagens com alguém. Eu quase quero pegar o

telefone dela e ver se ela está trocando com Brian, mas o meu telefone vibra com seu texto assim que ela tecla enviar.

Charlie: Você sabe mesmo o nome de seu irmão mais novo?

Eu não tenho absolutamente nenhuma ideia de qual é o nome do meu próprio irmão mais novo.

— Merda, — eu digo.

Ela ri, mas seu riso é interrompido quando ela vê algo no estacionamento. Meu olhar segue o dela e pousa em um cara. Ele está perseguindo em direção ao carro, olhando duro para Charlie.

Eu o reconheço. Ele é o cara do banheiro esta manhã. Aquele que tentou me provocar.

— Deixe-me adivinhar, — eu digo.  
— Brian?

Ele caminha direto para a porta do passageiro e abre. Ele dá um passo para trás e rouba o dedo para Charlie.

Ele me ignora completamente, mas

ele está prestes a me conhecer muito bem, se ele acha que pode convocar Charlie desta forma.

— Nós precisamos conversar, — diz ele, suas palavras cortadas.

Charlie coloca a mão na porta para encontrá-la fechada. — Desculpe, — diz ela. — Nós estávamos prestes a sair. Eu vou falar com você amanhã.

Descrença registra em seu rosto, mas o mesmo acontece com uma boa dose de raiva. Assim que eu vejo-o agarrá-la pelo braço e puxá-la em direção a ele, eu estou fora do veículo e contornando a frente do meu carro.

Eu estou movendo-me tão rápido, eu deslizo sobre o cascalho e tenho que agarrar o capô do carro para impedir-me de cair.

Suave. Eu corro até a porta do passageiro, preparado para pegar o filho da puta por sua garganta, mas ele está curvado, gemendo.

Sua mão está cobrindo seus olhos. Ele se endireita e encara Charlie através de seu olho bom.

— Eu lhe disse para não me tocar,  
— Charlie diz entre dentes. Ela está em pé ao lado de sua porta, a mão ainda fechada em um punho.

— Você não quer que eu toque em você? — Diz ele com um sorriso. — Essa é a primeira vez.

Assim quando eu começo a estocada em direção a ele, Charlie enfia a mão no meu peito. Ela me dispara um olhar de aviso, dando-lhe a cabeça o menor balanço. Eu forço uma respiração profunda, calmante e dou passo para trás.

Charlie foca sua atenção de volta para Brian. — Isso foi ontem, Brian. Hoje é um novo dia e eu estou saindo com Silas. Entendeu? — Ela se vira e sobe de volta para o banco do passageiro. Espero até a sua porta

estar fechada e trancada antes de começar a caminhar de volta para o lado do motorista.

— Ela está te traindo — Brian grita atrás de mim.

Eu paro nas minhas faixas.

Eu lentamente viro e o encaro. Ele está de pé agora, e do olhar de sua postura, ele está me esperando para acertá-lo. Quando eu não faço isso, ele continua a me provocar.

— Comigo, — acrescenta. — Mais de que uma vez. Há mais de dois meses.

Eu fico olhando para ele, tentando

manter a calma do lado de fora, mas internamente, minhas mãos estão em volta da sua garganta, apertando a última gota de oxigênio dos pulmões.

Eu olho para Charlie. Ela está me implorando com os olhos para não fazer nada estúpido. Eu me viro para encará-lo e de alguma forma, eu sorrio. — Isso é bom, Brian. Você quer um troféu?

Eu gostaria de poder engarrafar a expressão em seu rosto e liberá-la a qualquer momento que eu precisar de uma boa risada.

Uma vez que eu estou de volta

dentro do carro, eu puxo para fora do parque de estacionamento de forma mais dramática do que eu provavelmente deveria.

Quando estamos de volta na estrada, indo em direção a minha casa, eu finalmente encontro em mim para olhar para Charlie. Ela está olhando de volta para mim. Nós mantemos nossos olhos fechados por alguns segundos, avaliando a reação um do outro.

Logo antes de eu ser forçado a olhar para trás, à estrada em frente de mim, eu vejo seu sorriso.

Nós dois começamos a rir. Ela relaxa contra seu assento e diz:

— Eu não posso acreditar que eu estava te traindo com aquele cara. Você deve ter feito algo que realmente me deixou puta.

Eu sorrio para ela. — Nada menos do que assassinato devia ter feito você me enganar com esse cara.

Uma garganta limpa no banco de trás, e eu imediatamente olho no espelho retrovisor. Eu esqueci tudo sobre o meu irmão. Ele se inclina para frente até que ele está posicionado entre os assentos

dianteiros e meio. Ele olha para Charlie, e depois para mim.

— Deixe-me ver se entendi, — diz ele. — Vocês dois estão rindo sobre isso?

Charlie olha para mim com o canto do olho. Nós dois paramos de rir e Charlie limpa a garganta. — Há quanto tempo nós estivemos juntos agora, Silas? — Ela pergunta.

Eu pretendo contar com meus dedos quando meu irmão fala.

— Quatro anos, — ele exclama. — Jesus, o que deu em vocês dois?

Charlie se inclina para frente e

fecha os olhos comigo. Eu sei exatamente o que ela está pensando.

— Quatros anos? — Murmuro.

— Uau, — diz Charlie. — Há muito tempo.

Meu irmão balança a cabeça e cai de volta contra o seu assento. — Vocês dois são piores do que um episódio de Jerry Springer.

Jerry Springer é um apresentador de talk show. Como eu sei disso? Gostaria de saber se Charlie se lembra disso.

— Você se lembra de Jerry Springer? — Eu pergunto.

Seus lábios estão apertados, apertados na contemplação. Ela balança a cabeça e vira-se para a janela do passageiro.

Nada disso faz sentido. Como podemos lembrar celebridades? As pessoas que nunca conhecemos? Como é que eu sei que Kanye West se casou com uma Kardashian? Como eu sei que Robin Williams morreu?

Lembro-me de todos que eu nunca conheci, mas eu não consigo me lembrar da garota que eu estive apaixonado ao longo de quatro anos? Intranquilidade assume dentro de mim, bombeando em minhas veias,

até que se instala no meu coração. Eu passo os próximos poucos quilômetros silenciosamente nomeando todos os nomes e rostos de pessoas que me lembro.

Presidentes. Atores. Políticos. Músicos. Estrelas de reality.

Mas eu não posso parar a vida e me lembrar o nome do meu irmão mais novo, que está saindo do banco traseiro agora. Eu vejo como ele faz o seu caminho dentro da nossa casa. Eu continuo a assistir a porta, muito tempo depois que ele fecha atrás dele. Eu estou olhando para a minha casa

apenas como Charlie estava olhando para a dela.

— Você está bem? — Charlie pergunta.

É como se o som de sua voz fosse a sucção, me puxando para fora da minha cabeça a uma velocidade vertiginosa e me empurrando de volta para o momento. O momento em que eu imagino Charlie e Brian, e as palavras que ele disse que eu tinha que fingir que não me afetou em tudo. — *Ela está te traindo.*

Eu fecho meus olhos e inclino minha cabeça contra o encosto de

cabeça. — Por que você acha que isso aconteceu?

— Você realmente precisa aprender a ser mais específico, Silas.

— Tudo bem, — eu respondo, levantando a cabeça e olhando diretamente para ela. — Brian. Por que você acha que dormiu com ele?

Ela suspira. — Você não pode estar com raiva de mim por isso.

Eu inclino minha cabeça e olho para ela sem acreditar. — Nós estivemos juntos por quatro anos, Charlie. Você não pode me culpar por estar chateado.

Ela balança a cabeça. — Eles ficaram juntos por quatro anos. Charlie e Silas. Não nós dois, — ela diz. — Além disso, quem vai dizer que você era um anjo? Você já olhou para os seus próprios textos?

Eu balancei minha cabeça. — Eu tenho medo de ver agora. E não faça isso.

— Não fazer o quê?

— Não se refira a nós na terceira pessoa. Você é ela. E eu sou ele. Mesmo que nós gostássemos de quem éramos ou não.

Assim que eu começo a puxar para

fora da garagem, o telefone de Charlie toca.

— Minha irmã, — diz ela antes que ela responda com um Olá. Ela ouve em silêncio por alguns segundos, me olhando o tempo todo. — Ela estava bêbada quando cheguei em casa. Eu estarei lá em poucos minutos. — Ela termina a ligação. — Volte para a escola, — diz ela. — Minha mãe alcoólatra deveria pegar a minha irmã depois da seu treino de natação. Parece que estamos prestes a conhecer outro irmão.

Eu rio. — Eu me sinto como se eu fosse um motorista em minha vida

passada.

A expressão de Charlie aperta. — Eu vou parar de me referir a nós na terceira pessoa se você parar de se referir como em uma vida passada. Nós não morremos Silas. Nós apenas não nos lembramos de nada.

— Podemos lembrar algumas coisas, — esclareço.

Eu começo a dirigir de volta na direção da escola. Pelo menos eu vou saber meu caminho de volta com todo esse vai e volta.

— Houve essa família no Texas, — diz ela. — Eles tinham um papagaio,

mas ele desapareceu. Quatro anos mais tarde, ele voltou falando uma língua azul espanhol. — Ela ri. — Por que eu me lembro dessa história sem sentido, mas não me lembro o que eu fiz 12 horas atrás?

Eu não respondo, porque sua pergunta é retórica, ao contrário de todas as perguntas na minha cabeça.

Quando puxo novamente até a escola, uma menina a cara de Charlie está ao lado da entrada com as mãos cruzadas sobre o peito, com força. Ela sobe no banco de trás e se senta no mesmo lugar onde o meu irmão estava sentado.

— Como foi seu dia? — Charlie pergunta a ela.

— Cale a boca, — diz a irmã.

— Mau, presumo?

— Cale a boca, — diz ela novamente.

Charlie olha para mim com os olhos arregalados, mas com um sorriso malicioso no rosto.

— Você estava esperando há muito tempo?

— Cale a boca — diz a irmã novamente.

Percebo agora que Charlie esta

apenas instigando a irmã. Eu sorrio quando ela se mantém no que faz.

— Mamãe estava muito perdida quando cheguei em casa hoje.

— O que há de novo? — Diz a irmã.

Pelo menos ela não disse cale-se neste momento.

Charlie dispara mais algumas perguntas, mas sua irmã a ignora completamente, dando toda a atenção para o telefone em suas mãos. Quando chegamos à entrada da casa de Charlie, sua irmã começa a abrir a porta antes que o carro possa dar

uma parada.

— Diga à mãe que eu vou me atrasar, — Charlie diz para sua irmã antes que ela saia do carro. — E quando você acha que o pai vai estar em casa?

Sua irmã faz uma pausa. Ela olha para Charlie com desprezo.

— Entre dez a quinze anos, de acordo com o juiz. — Ela bate a porta.

Eu não estava esperando isso, e, aparentemente, Charlie também não estava. Ela gira lentamente em torno de seu assento até que ela está virada

para frente novamente. Ela inala uma respiração lenta e cuidadosamente a libera. — Minha irmã me odeia. Eu vivo em um lixão. Minha mãe é alcoólatra. Meu pai está na prisão. Eu o traí. — Ela olha para mim. — Por que diabos você está mesmo namorando comigo?

Se eu a conhecesse melhor, eu poderia abraçá-la. Segurar sua mão. Qualquer coisa. Não sei o que fazer. Não há nenhum protocolo sobre a forma de consolar a sua namorada de quatro anos que você acabou de conhecer esta manhã.

— Bem, de acordo com Ezra, Eu

te amei desde antes de eu poder andar. Eu acho que é difícil deixar ir.

Ela ri baixinho. — Você deve ter alguma lealdade feroz, porque eu mesma estou começando a me odiar.

Quero estender a mão e tocar seu rosto. Trazer o seu olhar para mim. Eu não faço, apesar de tudo. Eu coloquei o carro em reverso e mantenho minhas mãos para mim. — Talvez haja muito mais em você do que apenas a sua situação financeira e do que sua família é.

— Sim, — ela diz. Ela olha para mim e a decepção é

momentaneamente substituída por um breve um sorriso. — Talvez.

Eu sorrio com ela, mas nós dois olhamos para fora de nossas respectivas janelas para escondê-lo. Uma vez que estamos na estrada novamente, Charlie chega para o rádio. Ela percorre as várias estações, estabelecendo-se em uma que nós começamos imediatamente cantar. Assim que a primeira linha de letras sai de nossas bocas, nós dois imediatamente viramos e encaramos um ao outro.

— Letras, — ela diz baixinho. — Nos lembramos de letras de músicas.

Nada se somando. Neste momento, minha mente está tão exausta que eu nem sinto vontade de tentar descobrir isso no momento. Eu só quero uma pausa e a música proporciona. Aparentemente, para ela também, porque ela senta-se calmamente ao meu lado durante a maior parte do caminho. Depois que vários minutos passam, eu posso sentir seu olhar sobre mim.

— Eu odeio que eu te traí. — Ela imediatamente aumenta o volume no rádio e se instala contra seu assento. Ela não quer uma resposta de mim, mas eu gostaria de dizer-lhe que

estava tudo bem.

Que eu a perdoo. Porque a garota sentada ao meu lado neste momento, não parece ser a garota que anteriormente me traiu.

Ela nunca pergunta para onde estamos indo. Eu nem sei para onde estamos indo. Acabei dirigindo, porque a condução parece ser a única coisa que faz a minha mente se aquietar. Eu não tenho nenhuma ideia de quanto tempo nós dirigimos, mas o sol finalmente está se pondo quando eu decido dar a volta e voltar. Nós dois estamos perdidos em nossas cabeças o todo tempo, o que é irônico

para duas pessoas que não têm memórias.

— Precisamos passar por nossos telefones, — eu digo a ela. É a primeira coisa falada entre nós em mais uma hora. — Verificar velhas mensagens de texto, e-mails, correio de voz. Nós podemos encontrar algo que poderia explicar isso.

Ela puxa o telefone dela para fora. — Eu tentei isso antes, mas eu não tenho um telefone extravagante como o seu. Eu só tenho mensagens, mas eu quase não tenho nenhuma.

Eu puxo o carro em um posto de

gasolina e estaciono fora, para o lado onde é mais escuro. Eu não sei por que eu me sinto como se nós precisássemos de privacidade para fazer isso. Eu só não quero ninguém se aproximando, se eles nos reconhecem, porque as chances são muitas, e nós não vamos conhecê-los em troca.

Eu desligo o carro e ambos começamos a rolagem através dos nossos telefones. Eu começo com mensagens de texto entre nós dois em primeiro lugar. Eu percorro várias, mas todas elas são curtas e direto ao ponto. Horários, lugares para nos

encontrar. *Eu te amo e sinto falta de você.*  
Nada revelador, nada sobre o nosso relacionamento.

Com base nas minhas chamadas, nós falamos por pelo menos uma hora quase todas as noites. Eu passo por todas as chamadas armazenadas no meu telefone, que vale bem mais de duas semanas.

— Nós conversamos ao telefone por pelo menos uma hora todas as noites, — eu digo a ela.

— Sério? — Diz ela, genuinamente chocada. — O que no mundo nós poderemos ter falando

por uma hora toda a noite?

Eu sorrio. — Talvez nós realmente não falássemos muito.

Ela balança a cabeça com uma risada silenciosa. — Por que suas piadas sexuais não me surpreendem, embora eu não me lembre absolutamente nada sobre você?

Seu meio-riso se transforma em um gemido. — Oh, Deus, — diz ela, inclinando seu telefone para mim. — Veja isto.

Ela percorre o rolo da câmera com o dedo de seu telefone. — Selfies. Nada, além de selfies, Silas. Eu até

tirei selfies no banheiro. — Ela sai de seu aplicativo da câmera. — Mate-me agora.

Eu rio e abro a câmera em meu próprio telefone. A primeira foto é de nós dois. Estamos de pé em frente de um lago, tendo um selfie, naturalmente. Eu mostro a ela e ela geme ainda mais alto, deixando cair a cabeça dramaticamente contra o encosto. — Estou começando a não gostar de quem somos, Silas. Você é um garoto rico que é um idiota para sua governanta. Eu sou uma adolescente média com absolutamente nenhuma

personalidade que faz selfies para se sentir importante.

— Tenho certeza de que não somos tão ruins quanto nós parecemos. Pelo menos nós parecemos gostar um do outro.

Ela ri baixinho. — Eu estava te traindo. Aparentemente, não éramos tão felizes.

Eu abro o e-mail no meu celular e encontro um arquivo de vídeo rotulado, — Não apague. — Eu clico sobre ele.

— Veja isto. — Eu levanto o braço e o levo mais perto dela para

que ela possa ver o vídeo. Dirijo-me para o carro para que o som estéreo possa ser ouvido através de Bluetooth. Ela levanta a apoio de braço e chega mais perto para obter um melhor olhar.

Eu clico no *play*. Minha voz vem através dos alto-falantes do meu carro, tornando-se evidente que eu sou o único segurando a câmera no vídeo. É escuro, e parece que eu estou do lado de fora.

— *É oficialmente o nosso aniversário de dois anos.* — Minha voz é abafada, como se eu não quisesse ser pego fazendo seja lá o que é que eu estou

fazendo. Dirijo-me a câmera em mim mesmo e à luz do gravador está ligada, iluminando meu rosto. Eu pareço mais jovem, talvez por um ano ou dois. Eu estou supondo que eu tinha dezesseis anos com base no fato de que eu só disse que era o nosso aniversário de dois anos. Eu pareço como se eu estou apontando para uma janela.

— *Estou prestes a acordar você para dizer-lhe feliz aniversário, mas é quase uma hora da manhã em uma noite de escola, então eu estou fazendo este filme no caso de seus pais me assassinarem.*

Eu ligo a câmera de volta e a dirijo

em direção a uma janela. A câmera fica escura, mas podemos ouvir a janela que está sendo levantada e o som de eu me esforçando para subir para dentro. Uma vez que eu estou dentro do quarto, eu coloco a câmera na direção da cama de Charlie. Há um caroço debaixo das cobertas, mas ela não se move. Eu direciono a câmara em volta do resto do quarto. A primeira coisa que noto é que, o quarto que é filmado pela câmera, não parece um quarto na casa que Charlie vive agora.

— Esse não é o meu quarto, — diz Charlie, olhando mais de perto o

vídeo tocando no meu telefone. — O meu quarto agora não é nem a metade desse tamanho. E eu compartilho com a minha irmãzinha.

O quarto do vídeo definitivamente não se parece com um quarto compartilhado, mas não dá para ter uma olhada boa o suficiente, porque a câmera aponta de volta para a cama. O caroço debaixo das cobertas se move a partir do ângulo da câmera, parece que eu estou engatinhando sobre a cama.

— *Charlie baby*, — eu sussurro para ela. Ela puxa as cobertas sobre a cabeça, mas protege os olhos da luz

da câmara.

— *Silas?* — Ela sussurra. A câmara ainda está apontada para ela a partir de um ângulo estranho, como se eu esquecesse que estava ainda segurando-a. Há sons de beijo. Eu devo estar beijando-a em seu braço ou pescoço.

Apenas o som sozinho dos meus lábios tocando sua pele é motivo suficiente para desligar o vídeo. Parece estranho fazer isso com Charlie, mas ela está focada no meu telefone com tanta intensidade como eu estou. E não por causa do que está acontecendo entre nós no vídeo, mas

porque não me lembro dela. Sou eu... É ela... Nós juntos. Mas eu não me lembro de uma única coisa sobre esse encontro, por isso parece como se estivéssemos olhando dois completos estranhos compartilhando um momento íntimo.

Eu me sinto como um voyeur.

— *Feliz aniversário,* — eu sussurro para ela. A câmera se afasta e parece que eu a movo para o travesseiro ao lado de sua cabeça. A única visão que temos agora é o perfil do rosto de Charlie enquanto a cabeça repousa contra seu travesseiro.

Não é a melhor vista, mas é o suficiente para ver que ela parece exatamente a mesma. Seu cabelo escuro está por todo o travesseiro. Ela está olhando para cima e eu assumo que estou pairando sobre ela, mas eu não consigo me ver no vídeo. Acabei de ver sua boca enquanto ela se enrola em um sorriso.

— *Você é tão rebelde,* — ela sussurra.  
— *Eu não posso acreditar que você se esgueirou para me dizer isso.*

— *Eu não me esgueirei para dizer-lhe isso,* — eu sussurro baixinho. — *Entrei para fazer isso.*

Meu rosto finalmente aparece no vídeo, e os meus lábios suavemente descansam contra a dela.

Charlie muda em seu assento ao meu lado. Eu engulo o caroço na minha garganta. De repente eu desejo que eu estivesse sozinho agora, vendo isso. Eu estaria repetindo esse beijo mais e mais e mais.

Meus nervos estão apertados, e eu percebo que é porque eu estou com ciúmes do cara no vídeo, o que torna absolutamente nenhum sentido. Parece que eu estou assistindo a um completo estranho fazer isso com ela, mesmo que seja eu. Esses são os meus

lábios contra os dela, mas isso está me irritando, porque eu não me lembro o que senti.

Eu debato se devo ou não parar o vídeo, especialmente porque o beijo que está acontecendo agora parece que está se transformando em mais do que apenas um simples beijo. Minha mão, que estava descansando contra seu rosto, agora está fora de vista. A partir dos sons que saem da boca de Charlie no vídeo, parece que ela sabe exatamente onde minha mão está.

Ela puxa a boca da minha e olha

para a câmera, assim quando a mão dela aparece na frente da lente, batendo a frente da câmera para baixo em cima da cama. A tela fica preta, mas o som ainda está em gravação.

— *A luz estava me cegando,* — Ela murmura.

Meu dedo está bem ao lado do botão de pausa no meu telefone. Eu deveria ter pressionado pausa, mas eu posso sentir que o calor da sua respiração escapou da sua boca, flertando com a pele do meu pescoço. Entre isso e os sons provenientes das minhas gravações, eu não quero ver o vídeo até o final.

— *Silas*, — ela sussurra.

Nós dois estamos ainda olhando para a tela, mesmo que esteja um breu desde que ela bateu a câmera para baixo. Não há nada para ver, mas não podemos desviar o olhar. Os sons de nossas vozes estão jogando ao nosso redor, enchendo o carro.

— *Nunca Jamais, Charlie*, — eu sussurro.

Um gemido.

— *Nunca Jamais*, — ela sussurra em resposta.

Um suspiro.

Outro gemido.

O som de um zíper.

— Eu te amo tanto, Charlie.

Sons de corpos deslocando-se na cama.

Respirações pesadas. Muitas delas. Elas estão vindo dos alto-falantes que nos rodeia e também das nossas bocas enquanto estamos aqui sentados e ouvimos isso.

— *Oh, Deus... Silas.*

Duas entradas de respiração agudas.

Beijos desesperados.

Uma buzina estridente engole os

sons provenientes das minhas colunas de som.

Eu me atrapalho com o telefone e ele cai no piso. Os faróis estão brilhando em meu carro. Punhos estão de repente, batendo na janela de Charlie e antes que eu possa recuperar o telefone a partir do painel de pavimentação, a porta está sendo empurrada.

— *Você é incrível, Charlie*, — minha voz através dos tambores dos alto-falantes.

Rajadas altas de risada escapam da boca da menina, que agora está

segurando a porta aberta de Charlie. Ela se sentou com a gente na hora do almoço hoje, mas eu não me lembro o nome dela.

— Oh, meu Deus! — Diz ela, empurrando Charlie no ombro. — Vocês estão assistindo a um vídeo de sexo? — Ela vira e grita com o carro cujos faróis ainda estão brilhando através das janelas. — Char e Si estão assistindo a um vídeo de sexo! — Ela ainda está rindo quando eu finalmente tenho o telefone de volta em minhas mãos e pressiono pausar. Eu abaixo o volume no rádio do carro. Charlie olha da menina para

mim, com os olhos arregalados.

— Nós estávamos saindo, — eu digo para a menina. — Charlie tem que chegar em casa.

A garota ri com um aceno de cabeça. — Oh, por favor, — diz ela, olhando para Charlie. — Sua mãe está provavelmente tão bêbada que ela pensa que você está na cama agora. Siga-nos, nós estamos indo para o Andrew.

Charlie sorri com um aceno de cabeça. — Eu não posso, Annika. Vejo você na escola amanhã, ok?

Annika parece excessivamente

ofendida. Ela zomba quando Charlie continua a puxar a porta fechada, apesar de estar no caminho.

A menina fica de lado e Charlie bate a porta e a deixa trancada.

— Dirija, — diz ela.

Eu faço. Alegrementemente.

Estamos a cerca de um quilômetro de distância do posto de gasolina quando Charlie limpa a garganta. A voz não ajuda, porque ela ainda sai em um sussurro rouco. — Você provavelmente deve excluir esse vídeo.

Eu não gosto de sua sugestão. Eu

já estava pensando em repetir isso hoje à noite, quando eu chegar em casa. — Hã... Poderia ser um indício de que, — eu digo a ela. — Eu acho que eu deveria vê-lo novamente. Ouvir como termina.

Ela sorri, assim quando o meu telefone indica a entrada de um texto. Eu viro-o e vejo uma notificação na parte superior da tela de

— Pai. — Abro minhas mensagens de texto.

Pai :	Venha
para	casa.

Sozinho, por  
favor.

Eu mostro o texto para Charlie e ela apenas balança a cabeça.

— Você pode me deixar em casa.

O resto da viagem é um pouco desconfortável. Eu sinto como se o vídeo, que apenas assistimos juntos, tem de alguma forma, nos feito ver um ao outro em uma luz diferente. Não necessariamente ruim, apenas um diferente.

Antes, quando eu olhei para ela, ela era apenas a menina que estava

passando por este fenômeno estranho comigo. Agora, quando eu olhar para ela, ela será a garota que eu, supostamente, fiz amor. A garota que eu, aparentemente, gosto por um tempo. A garota que eu, aparentemente, *ainda* amo. Eu só gostaria de lembrar o que deveria sentir.

Depois de ver a ligação óbvia que nós tivemos uma vez, isso me confunde apenas mais que ela estivesse envolvida com Brian.

Pensar sobre ele agora me enche de muito mais raiva e ciúme do que fez antes de nos ver juntos nesse vídeo.

Quando chegamos à sua garagem e paramos, ela não sai imediatamente. Ela olha para cima no escuro da casa em frente de nós. Há uma luz fraca em uma janela da frente, mas nenhum sinal de movimento em qualquer lugar dentro da casa.

— Eu vou tentar falar com a minha irmã hoje à noite. Talvez obter mais de uma ideia sobre o que aconteceu ontem à noite quando eu voltei para casa.

— Isso é provavelmente uma boa ideia, — eu digo a ela. — Eu vou fazer o mesmo com o meu irmão. Talvez descobrir o seu nome,

enquanto eu estou com ele.

Ela ri.

— Quer que eu venha buscá-la para a escola amanhã?

Ela balança a cabeça. — Se você não se importa.

— Eu não.

É tranquilo novamente. O silêncio me faz lembrar dos sons suaves que estavam fugindo dela no vídeo que está ainda no meu celular, graças a Deus. Eu estarei ouvindo sua voz na minha cabeça a noite toda. Eu sou do tipo ansioso para isso, na verdade.

— Você sabe, — disse ela, batendo

a porta com os dedos. — Nós poderemos acordar amanhã e estar perfeitamente bem. Podemos até esquecer o que aconteceu hoje e tudo voltará ao normal.

Podemos esperar por isto, mas meus instintos me levam a acreditar que não vai acontecer. Vamos acordar amanhã tão confusos quanto estamos agora.

— Eu apostaria contra isto, — eu digo. — Eu vou passar o resto dos meus e-mails e mensagens hoje à noite. Você deve fazer o mesmo.

Ela balança a cabeça novamente,

finalmente virando a cabeça para fazer contato visual direto comigo. — Boa noite, Silas.

— Boa noite, Charlie. Chame-me se você...

— Eu vou ficar bem, — diz ela rapidamente, me cortando. — Vejo você na parte da manhã. — Ela sai do carro e começa caminhando em direção a sua casa. Eu quero gritar atrás dela, dizer-lhe para esperar. Eu quero saber se ela está se perguntando a mesma coisa que eu estou me perguntando: *O que significa Nunca Jamais?*



Eu acho que se você engana, deve

estar com alguém digno de seu pecado. Eu não tenho certeza se isso é um velho pensamento de Charlie ou novos pensamentos de Charlie. Ou talvez, porque eu estou observando a vida de Charlie Wynwood como uma estranha, eu sou capaz de pensar nela enganando com desprendimento, não de julgamento. Tudo o que sei é se você vai enganar Silas Nash é melhor que seja com Ryan Gosling.

Eu me viro para olhar para ele antes que ele vá embora e pego um vislumbre de seu perfil, o poste atrás do carro iluminando seu rosto. A ponta de seu nariz não é boa. Na

escola, os outros meninos tinham nariz bonito, ou narizes que ainda eram grandes demais para seus rostos. Ou pior, narizes picados com acne.

Silas tem um nariz grande. Faz com que você o leve mais a sério.

Dirijo-me de volta para a casa. Meu estômago se sente oleoso. Ninguém está por perto quando eu abro e ando ponto a ponto para dentro. Sinto-me como se eu fosse uma intrusa a invadir a casa de alguém.

— Olá? — Eu digo. — Alguém aqui? — Eu fecho a porta silenciosamente atrás de mim e vou

na ponta dos pés para a sala.

Eu pulo.

A mãe de Charlie está no sofá assistindo Seinfeld no mudo, e comendo feijão direto da vasilha. De repente estou lembrado de que tudo o que eu comi hoje é o queijo grelhado que eu dividi com Silas.

— Você está com fome? — Eu pergunto-lhe timidamente. Eu não sei se ela ainda está com raiva de mim ou se ela vai chorar de novo.

— Você quer que eu faça algo para comer?

Ela se inclina para frente sem olhar

para mim e desliza seu feijão na mesa de café. Dou um passo em sua direção e forço para fora a palavra. — Mamãe?

— Ela não vai te responder.

Eu giro ao redor para ver Janette caminhar até a cozinha, um saco de Doritos em sua mão.

— É isso o que você comeu para o jantar?

Ela encolhe os ombros.

— O que você tem, quatorze anos?

— O que você tem, você é imbecil? — Ela retruca. E, em seguida, — Sim, eu tenho quatorze

anos.

Pego o Doritos da mão dela e levo-os até onde mamãe está bêbada, olhando para a tela da TV. — Quatorze anos de idade, as meninas não podem comer batatas fritas para o jantar, — eu digo, deixando cair o saco no colo. — Fique sóbria e seja uma mãe.

Sem resposta.

Eu vou até a geladeira, mas tudo o que está dentro dela é uma dúzia de latas de Coca diet e um frasco de pickles. — Obtenha seu casaco, Janette, — eu digo, olhando para a

mãe. — Vamos pegar um jantar.

Janette olha para mim como se eu estivesse falando em mandarim. Eu acho que eu preciso jogar algo significativo só para manter as aparências. — Apresse-se, bosta!

Ela foge de volta para o nosso quarto enquanto eu procuro na casa as chaves do carro. Que tipo de vida que eu estava vivendo? E quem era aquela criatura no sofá? Certamente ela não tinha sido sempre assim. Eu olho para a parte de trás de sua cabeça e sento um surto de simpatia. Seu marido, — *meu pai* — está na prisão. *Prisão!* Isso é um grande

negócio. De onde que estamos mesmo recebendo dinheiro para viver?

Falando de dinheiro, eu verifico a minha carteira. Os vinte dólares ainda estão lá. Isso deve ser suficiente para nós comprarmos algo diferente de Doritos.

Janette sai do quarto vestindo uma jaqueta verde, assim quando eu encontro as chaves. O verde é uma boa cor nela — faz seu olhar adolescente menos angustiado.

— Pronta? — Pergunto.

Ela revira os olhos.

— Ok, então, Mamãe querida. Estamos indo para obter alguma coisa! — Eu aviso antes que eu feche a porta — principalmente para ver se ela vai tentar me parar. Eu deixei Janette liderar o caminho para a garagem, antecipando que tipo de carro dirigir. Não vai ser um Land Rover, isso é certo.

— Oh, jovem, — eu digo. — Será que a coisa funciona? — Ela me ignora, estalando seus fones de ouvido quando eu olho o carro.

É um *Oldsmobile* realmente velho. Mais velho do que eu. Tem cheiro de fumaça de cigarro e pessoas idosas.

Janette sobe para o lado do passageiro, sem palavras e olha para fora da janela. — Ok, então, Chatty Cathy, — eu digo. — Vamos ver quantos blocos podemos ir antes que isso se quebre.

Eu tenho um plano. O recibo que encontrei é datado de sexta-feira passada e é da lanchonete *The Diner Crush* no bairro Francês.

Exceto que este pedaço de porcaria de carro não tem GPS. Vou ter que encontrá-lo eu mesma.

Janette é calma quando nós puxamos para fora da garagem. Ela

traça padrões na janela com a ponta do dedo, embassando o vidro com a respiração. Vejo-a com o canto do meu olho; pobre garota. A mãe é alcoólatra e seu pai está na prisão — meio triste. Ela também me odeia. Que praticamente a faz sozinha no mundo. Eu percebo com surpresa que Charlie está na mesma situação. Exceto, talvez, porque ela tem Silas, ou tinha Silas, antes que ela o traísse com Brian. Ugh. Eu agito meus ombros para me livrar de todos os meus sentimentos. Eu odeio essas pessoas. Elas são tão irritantes. Exceto, que eu meio que gosto de

Silas.

Mais ou menos.

---

A lanchonete *The Diner Crush* está na *North Rampart Street*. Eu encontro uma vaga em uma esquina lotada e tenho que estacionar paralelo entre um caminhão e um MINI Cooper. Charlie é uma excelente motorista, eu acho orgulhosamente. Janette vai para fora depois de mim e fica na calçada, olhando perdida. O restaurante fica em frente à rua. Eu tento espiar pelas janelas, mas elas estão em sua maioria apagadas. Uma aglomeração de

flashes elétricos em neon rosa sobre a porta da frente.

— Vamos lá, — eu digo. Eu estendo minha mão para ela e ela recua. — Janette! Vamos lá!

Eu marcho até ela no que só pode ser um movimento agressivo de Charlie, e agarro a mão dela. Ela tenta se afastar de mim, mas eu seguro firme, arrastando-a do outro lado da rua. — Deixe. Eu. Vou!

Assim que chego do outro lado, eu giro em torno de frente para ela. — Qual é o seu problema? Pare de agir como uma... — garota de *quatorze anos*

de idade, eu termino na minha cabeça.

— O quê? — Diz ela. — E por que você se importa se eu agir assim? — Seu lábio inferior está soprando para fora como se ela estivesse prestes a chorar. De repente eu me sinto muito triste por ter sido tão rude com ela. Ela é apenas uma criança com pequenos peitos e um cérebro podre de hormônio.

— Você é minha irmã, — eu digo suavemente. — É hora de ficarmos juntas, você não acha? — Por um minuto, acho que ela vai dizer alguma coisa, talvez algo macio e agradável e fraterno, mas, em seguida, ela pisa em

direção a minha frente e abre a porta. *Droga.* Ela é um osso duro de roer. Eu a sigo um pouco timidamente e paro morta nos meus passos.

Não é o que eu pensei que ia ser. Não é realmente um restaurante — mais como um clube com cabines com forro nas paredes.

No meio da sala tem o que parece ser uma pista de dança. Janette está de pé perto do bar, olhando em volta em confusão.

— Você vem sempre aqui? — Ela me pergunta.

Eu olho a partir das cabines de

couro preto para os pisos de mármore preto. Tudo é preto, além dos sinais rosa brilhante nas paredes. É mórbido e chiclete.

— Ajuda? — Um homem sai de uma porta na extremidade do bar, carregando uma braçada de caixas. Ele é jovem, talvez vinte e poucos anos. Eu gosto dele à primeira vista, porque ele está usando um colete preto sobre uma blusa rosa.

*Charlie deve gostar de rosa.*

— Estamos com fome, — Eu digo.

Ele sorri e acena com metade ao

longo de um estande.

— A cozinha não costuma abrir na até a próxima hora, mas vou ver o que ele pode fazer para você, se você quiser se sentar.

Concordo com a cabeça e caminho mais rápido até a cabine, puxando Janette junto comigo.

— Eu estive aqui, — eu digo a ela.  
— No fim de semana passado.

— Oh, — é tudo o que ela diz, antes de estudar as unhas.

Poucos minutos depois, o cara de rosa sai da parte de trás, assobiando. Ele se aproxima e coloca duas mãos

sobre a mesa.

— Charlie, certo? — Pergunta ele. Concordo com a cabeça em silêncio. *Como é que ele...? Quantas vezes eu...?*

— A cozinha estava me fazendo um frango assado. O que acha de ficar com vocês? Não vamos estar ocupados por mais algumas horas, de qualquer maneira.

Concordo com a cabeça novamente.

— Bom. — Ele bate na mesa com a palma da mão e Janette salta. Ele aponta para ela. — Coca-Cola? Sprite? Shirley Templo?

Ela revira os olhos. — Coca Diet,  
— diz ela.

— E você, Charlie?

Eu não gosto do jeito que ele diz meu nome. É muito... Familiar. — Coca-Cola, — eu digo rapidamente. Quando ele sai, Janette se inclina para frente, com as sobrancelhas curvadas juntas. — Você pede diet, — diz ela acusatoriamente.

— Pois é? Bem, eu não estou me sentindo muito como eu.

Ela faz um pouco de barulho na parte de trás de sua garganta. — Sem brincadeira, — diz ela. Eu a ignoro e

tento obter um bom olhar ao redor. O que era que eu e Silas estávamos fazendo aqui? É um lugar que vinha com frequência? Eu lambo meus lábios.

— Janette, — eu digo. — Eu já disse a você sobre esse lugar?

Ela olha surpresa. — Você quer dizer todas as vezes que temos uma conversa de coração para coração, quando colocamos as luzes apagadas à noite?

— Ok, ok, eu entendo. Eu sou uma irmã muito ruim. *Nossa*. Supere isso já. Eu estou estendendo o ramo

da paz aqui.

Janette torce o nariz. — O que isso significa?

Eu suspiro. — Eu estou tentando fazer as pazes com você. Começar de novo.

Só então o cara traz nossas bebidas. Ele trouxe para Janette uma Shirley Temple embora ela pedisse uma Diet. Seu rosto registra decepção.

— Ela queria que uma Caca diet, — eu digo.

— Ela vai gostar disso, — diz ele.  
— Quando eu era criança...

— É só pegar a ela uma Diet.

Ele levanta as mãos em sinal de rendição. — Claro, princesa.

Janette me olha por debaixo de suas pestanas. — Obrigada, — diz ela.

— Não há problema, — eu digo. — Você não pode confiar em um cara que veste uma camisa rosa. — Ela meio que sorri e me sinto triunfante. Eu não posso acreditar que eu pensei que eu gostei daquele cara. Eu não posso acreditar que eu gostava de Brian. Que diabos estava errado comigo?

Eu pego meu telefone e vejo que Silas tem me mandado mensagens várias vezes. *Silas*. Eu gosto de Silas. Algo sobre sua voz suave e boas maneiras de menino. E seu nariz, ele tem um nariz fresco, mau.

Silas:                    Meu  
pai...

Silas:                    Onde  
você está?

Silas:    Olá?

O cara volta com o frango e um

prato de purê de batatas. É um monte de comida.

— Qual é seu nome? — Pergunto.

— Você é uma vadia, Charlie, — diz ele, que coloca um prato na minha frente. Ele olha para Janette.

— Desculpe, — ele diz.

Ela encolhe os ombros. — Qual é seu nome? — Pergunta ela com a boca cheia de comida.

— Dover. Isso é o que meus amigos me chamam.

Concordo com a cabeça. *Dover.*

— Então, na semana passada... — eu digo.

Dover morde. — Sim, isso era uma loucura. Eu não esperava ver você de volta aqui tão cedo.

— Por que não? — Pergunto. Eu estou tentando ser casual, mas minhas entranhas estão saltando em torno de como elas estão se chocando.

— Bem, o homem estava muito chateado. Eu pensei que ele ia jogar sua merda antes que ele fosse expulso.

— Jogar a merda...? — Eu mudo meu tom, então não é tanto uma questão. — Jogar sua merda. Sim. Que foi...

— Você parecia muito chateada,

— diz Dover. — Eu não posso culpá-la. Você poderia ter gostado daqui se Silas não tivesse arruinado isso para você.

Sento-me para trás, o frango de repente com um aspecto desagradável. — Sim, — eu digo, olhando para Janette, que está nos observando curiosa.

— Você terminou, pirralha? — Eu pergunto. Ela balança a cabeça, esfregando os dedos gordurosos em um guardanapo. Eu puxo vinte fora da minha bolsa e solto-a sobre a mesa.

— Não há necessidade, — diz Dover, acenando e se afastando.

Eu me inclino para baixo até que nós estamos olho a olho. — Só o meu namorado paga o meu jantar, — eu digo, deixando o dinheiro sobre a mesa. Eu ando até a porta, Janette se arrastando atrás de mim.

— Sim, bem, — Dover chama, — Você vive por essa regra, você pode comer de graça, sete dias por semana!

Eu não parei até chegar ao carro. Alguma coisa aconteceu lá dentro. Algo que fez Silas quase perder a sua merda. Eu ligo o carro e Janette solta

um arroto alto. Nós duas começamos a rir ao mesmo tempo. — Não há mais Doritos para o jantar, — eu digo a ela. — Podemos aprender a cozinhar.

— Claro, — ela dá de ombros.

Todo mundo quebra suas promessas a Janette. Ela tem aquele ar amargo sobre ela. Nós não falamos para o resto do caminho para casa, e quando eu puxo para a garagem, ela salta para fora antes que eu desligue o motor.

— Bom passar o tempo com você, também, — eu a chamo. Imagino que

quando eu entrar, a mãe de Charlie estará esperando por ela, talvez para mastigá-la por levar o carro, mas quando eu entro na casa, tudo está escuro, exceto a luz por baixo da porta do quarto da Janette e meu. Mamãe foi dormir. Mamãe não se importa. É perfeito para a situação em que estou. Eu recebo para bisbilhotar e tentar descobrir o que aconteceu comigo, sem as perguntas e as regras, mas não posso deixar de pensar em Janette — sobre como ela é apenas uma criança que precisa de seus pais. Tudo é tão idiota. Janette está ouvindo música quando eu abro

a porta.

— Hey, — eu digo. De repente eu tenho uma ideia. — Você viu o meu iPod? — A música diz muito sobre uma pessoa. Eu não tenho que ter uma memória para saber disso.

— Eu não sei, — ela dá de ombros. — Talvez esteja com todas as suas outras porcarias no sótão.

*Minhas outras porcarias?*

*O sótão?*

De repente, me sinto animada.

Talvez haja mais para mim do que uma colcha branda e uma pilha de romances ruins. Eu quero perguntar a

ela que tipo de porcaria, e por que o meu lixo esta no sótão, em vez de no nosso quarto compartilhado, mas Janette colocou os fones de volta em seus ouvidos e está trabalhando duro em me ignorar.

Eu decido pelo melhor caminho que seria ir até o sótão para verificar as coisas por mim mesma. *Agora, onde é o sótão?*



A porta da frente da minha casa

abre quando eu estou colocando meu carro na garagem, e Ezra passeia para fora, torcendo as mãos nervosamente. Eu saio do carro e caminho até onde ela está de pé, com os olhos arregalados.

— Silas, — diz ela, com a voz trêmula. — Eu achava que sabia. Eu não teria mencionado que Charlie estava aqui, mas você não parecia estar escondendo isso, então eu pensei que as coisas tinham mudado e ela estava permitida para vir pra cá...

Eu ergo minha mão para impedi-la de mais desculpas desnecessárias. — Está tudo bem, Ezra. Está mesmo.

Ela suspira e passa a mão em todo o avental, que ela ainda está vestindo. Eu não entendo seu nervosismo, ou por que ela antecipou que eu ficaria bravo com ela. Enfio mais garantias para o meu sorriso do que é provavelmente necessário, mas ela parece que precisa.

Ela balança a cabeça e me segue dentro de casa. Faço uma pausa no foyer, não muito familiarizado com a casa para saber onde o meu pai estaria no momento. Ezra me passa, resmungando uma — boa noite, — e sobe as escadas. Ela deve viver aqui.

— Silas.

Parece que é a minha voz, mas mais desgastada. Viro-me e estou de repente frente a frente com o homem em todas as fotos de família que revestem as paredes. Ele está perdendo o sorriso brilhante falso, no entanto.

Ele me olha de cima abaixo, como se a simples visão de seu filho o decepçionasse.

Ele se vira e vai através de uma porta que conduz para fora do hall de entrada. Seu silêncio, e a garantia de seus passos, que exigem que eu o siga, então eu faço. Nós andamos em seu

escritório, e ele lentamente anda em torno de sua mesa e toma um assento. Ele se inclina para frente e cruza os braços sobre a madeira de mogno. — Importa-se de explicar?

Estou tentado explicar. Eu realmente estou. Quero dizer-lhe que eu não tenho nenhuma ideia de quem ele é, nenhuma ideia porque ele está com raiva, nenhuma ideia de quem eu sou.

Eu provavelmente deveria estar nervoso ou intimidado por ele. Tenho certeza de que o Silas de ontem teria estado, mas é difícil me sentir intimidado por alguém que eu não sei

nada. Tanto quanto eu estou preocupado, ele não tem poder em cima de mim, e poder é o principal ingrediente de intimidação.

— Importa-se de explicar o que é?

— Pergunto.

Meus olhos se movem para uma prateleira de livros sobre a parede atrás dele. Eles se parecem com clássicos. Coleções. Eu pergunto se ele leu algum dos livros ou se eles são apenas mais ingredientes para sua intimidação.

— Silas! — Sua voz é tão profunda e aguda; parece a ponta de

uma faca perfurando meus ouvidos. Eu pressiono a minha mão contra o lado do meu pescoço e espremo antes de olhar para ele de novo. Ele olha a cadeira em frente dele, silenciosamente me ordenando a sentar-me.

Tenho a sensação de que o Silas de ontem estaria dizendo: — Sim, senhor — agora mesmo.

Silas de hoje sorri e caminha lentamente para o seu lugar.

— Por que ela estava dentro desta casa hoje?

Ele está se referindo a Charlie,

como se ela fosse veneno. Ele está se referindo a ela da mesma forma que sua mãe tinha se referido a mim. Eu olho para baixo no braço da cadeira e pego um pedaço de couro desgastado. — Ela não estava se sentindo bem na escola. Ela precisava de uma carona para casa, e tomamos um desvio rápido.

Este homem... *Meu pai...* Recosta-se na cadeira. Ele traz uma mão até o queixo e esfrega. Cinco segundos passam.

Dez segundos se passam.

*Quinze.*

Ele finalmente se inclina para frente novamente. — Você vai vê-la de novo?

*Isso é uma pegadinha? Porque se parece como uma.*

Se eu disser que sim, isso vai, obviamente, irritá-lo. Se eu disser não, parece que eu estarei deixando-o ganhar. Não sei por que isso, mas eu realmente não quero este homem vencendo. Parece que ele está acostumado a ganhar.

— E se eu for?

Sua mão já não está esfregando o queixo porque está agora passando

por cima da mesa, puxa a gola da minha camisa. Ele me puxa para ele, assim como as minhas mãos agarram as bordas da mesa para resistir. Estamos olhos nos olhos agora, e eu acredito que ele está prestes a me bater. Gostaria de saber se este tipo de interação com ele é comum?

Em vez de me bater como eu sei que ele quer, ele empurra o punho contra o meu peito e me libera. Eu caio de volta para o meu lugar, mas só por um segundo. Eu empurro para fora da minha cadeira e dou alguns passos para trás.

Eu provavelmente deveria ter

batido o idiota, mas eu não o odeio o suficiente para fazer isso ainda. Eu também não gosto dele o suficiente para ser afetado por sua reação. Ele não me confunde, no entanto. Ele pega um peso de papel e lança em toda a sala, felizmente não em minha direção. Ele esmaga contra uma prateleira de madeira e bate o conteúdo para o chão. Alguns livros. Um porta-retratos. Uma pedra.

Eu ainda estou de pé e vejo-o andar para trás e para frente, gotas de suor escorrendo de sua testa. Eu não entendo porque ele poderia estar chateado com o fato de que Charlie

estava aqui hoje. Especialmente desde que Ezra disse que nós crescemos juntos.

As mãos dele estão agora encostadas na mesa. Ele está respirando com dificuldade, às narinas dilatadas como um touro furioso. Eu espero que ele comece levantando poeira com o pé a qualquer segundo.

— Nós tínhamos um acordo, Silas. Eu e você. Eu não estava indo para empurrá-lo para depor, mas você me jurou que não iria ver a filha daquele homem novamente.

Uma de suas mãos se agita em direção a um armário fechado, enquanto a outra mão atravessa o que sobrou de seus cabelos ralos. — Eu sei que você não acha que ela levou esses arquivos a partir deste escritório, mas eu sei que ela fez! E a única razão pela qual eu não insisto ainda mais é porque você me jurou que não teria que lidar com aquela família novamente. E aqui está você... — Ele estremece. Literalmente estremece. — Aqui você está trazendo ela para esta casa como se os últimos doze meses nunca tivessem acontecido! — Mais frustrado,

torcendo expressões faciais.

— O pai dessa menina quase *arruinou* esta família, Silas! Será que isso não quer dizer absolutamente nada para você?

*Na verdade não*, eu quero dizer.

Faço uma nota mental de nunca chegar a estar com raiva. Não é uma aparência atraente em um Nash. Eu procuro algum tipo de emoção que transmita remorso, para que ele possa vê-la no meu rosto. É difícil, porém, quando a única coisa que eu estou enfrentando é a curiosidade.

A porta do escritório se abre e

ambos movemos a nossa atenção a quem está entrando.

— Landon, isso não lhe diz respeito, — meu pai diz, sua voz suave. Eu enfrento brevemente meu pai de novo, apenas para certificar-me que as palavras realmente caíram de sua boca e não de outra pessoa. Soa quase como a voz de um pai carinhoso, mais do que o monstro que eu acabo de testemunhar.

Landon — *bom, finalmente sei o nome do meu irmão.* — O treinador está no telefone para você, Silas.

Eu olho para trás, meu pai, que

está agora de costas para mim. Presumo que significa que a nossa conversa acabou. Eu ando em direção à porta e de bom grado saio do escritório, seguido de perto por Landon.

— Onde está o telefone? — Pergunto-lhe quando eu alcanço as escadas. Pergunta válida, no entanto. Como vou saber se ele chamou em um telefone celular ou um telefone fixo?

Landon ri e se move para além de mim. — Não há nenhum telefonema. Eu estava apenas tirando você de lá.

Ele continua a subir as escadas e eu vejo como ele chega ao topo e depois vira à esquerda, desaparecendo no salão. *Ele é um bom irmão, eu acho.* Eu faço o meu caminho para o que eu assumo é o seu quarto, e eu bato levemente na porta. Está um pouco aberta, então eu a abro. — Landon? — Eu abro a porta todo o caminho e ele está sentado numa mesa. Ele olha por cima do ombro brevemente e depois volta a sua atenção para o seu computador. — Obrigado, — eu digo, entrando no quarto. *Você acha que irmãos têm que agradecer um ao outro?*

Provavelmente não. Eu deveria ter

dito algo ao longo das linhas, —  
Você tomou tempo suficiente, idiota.

Landon se vira na cadeira e inclina a cabeça. Uma combinação de confusão e admiração desenrola em seu sorriso. — Eu não tenho certeza do que o seu negócio é. Você não está aparecendo para a prática, e isso nunca aconteceu. Você age como se você não desse a mínima para que Charlie estivesse se enroscando com Brian Finley. E então você tem coragem de trazê-la aqui? Depois de toda a merda que o Pai e Brett passaram?

Ele balança a cabeça.

— Estou surpreso que você escapou de seu escritório, sem um banho de sangue.

Ele gira em torno de volta e me deixa processar tudo. Viro-me e corro em direção ao meu quarto.

*Brett Wynwood, Brett Wynwood, Brett Wynwood.*

Repito o nome dele na minha cabeça, então eu vou saber exatamente o que procurar quando eu chegar ao meu computador. Certamente eu tenho um computador.

Quando eu chego ao meu quarto, a

primeira coisa que faço é ir até a minha cômoda. Eu pego a caneta que Charlie me entregou mais cedo hoje e leio a marca novamente.

## GRUPO FINANCEIRO WYNWOOD-NASH.

Eu pesquiso na sala até que eu finalmente encontro um laptop recheado na gaveta de minha mesa de cabeceira. Eu ligo e digito a senha.

*Lembro-me da senha?* Acrescente a lista de merda que não faz sentido.

Digito Grupo Financeiro Wynwood-Nash na busca. Eu clico no primeiro resultado e sou levado

para uma página que lê, — Finanças Nash, — com o Wynwood visivelmente ausente. Eu percorro rapidamente a página e não descubro nada que ajude. Só um monte de informações de contato da empresa inútil. Eu volto para fora da página e percorro o restante dos resultados, leio cada uma das principais manchetes e os artigos que se seguem:

*Gurus Finanças, Clark Nash e Brett Wynwood, co-fundadores do Grupo Financeiro Wynwood-Nash, foram acusados de quatro crimes de conspiração, fraude e comércio ilegal.*

*Parceiros por mais de vinte anos, os dois*

*magnatas dos negócios agora estão colocando a culpa um no outro, ambos alegando não ter conhecimento das práticas ilegais descobertos durante uma recente investigação.*

Eu li outro.

*Clark Nash inocentado das acusações. Co-presidente da empresa, Brett Wynwood, condenado a quinze anos por fraude e latrocínio.*

Passo para a segunda página de resultados de pesquisa quando a luz da bateria começa a piscar no laptop. Eu abro a gaveta, mas não há nenhum carregador. Eu olho em todos os

lugares. Sob a cama, no armário, na minha cômoda de gavetas.

O laptop morre durante a minha pesquisa. Eu começo a usar o meu telefone para a investigação, mas ele está prestes a morrer, também, e o único carregador de telefone que eu posso encontrar conecta a um laptop. Eu fico olhando, porque eu preciso saber exatamente o que aconteceu para fazer estas duas famílias se odiarem tanto.

Eu levanto o colchão, pensando que talvez o carregador pode estar preso atrás da cama de alguma forma. Eu não encontro o carregador, mas

eu encontro o que se parece com um notebook. Eu deslizo-o para fora de debaixo do colchão e, em seguida, tomo um assento no topo da cama. Bem quando eu abro para a primeira página, o meu telefone vibra com uma entrada de texto.

Charlie:        Como  
estão                as  
coisas        com        seu  
pai?

Eu quero aprender mais antes de decidir o que eu quero compartilhar com ela. Ignoro o texto e abro o

notebook para encontrar as pilhas de papéis enfiados em uma pasta. Na parte superior, todos os jornais — Grupo Financeiro Wynwood-Nash — mas, eu não entendo nenhum deles. Eu também não entendo porque estes foram escondidos embaixo do meu colchão.

As palavras de Clark Nash lá embaixo se repetem na minha cabeça, — *eu sei que você não acha que ela levou esses arquivos a partir deste escritório, Silas, mas eu sei que ela fez.*

Parece que ele estava errado, mas por que eu os levei? Qual o meu interesse neles?

*Quem eu estava tentando proteger?*

O meu telefone vibra novamente com outro texto.

Charlie: Há  
esse recurso  
realmente  
agradável em  
seu telefone  
chamado, —  
notificação de  
leitura. — Se  
você está

ignorando os  
textos, você  
provavelmente  
deve desligar  
isso. ; )

Pelo menos ela coloca um rosto  
piscando.

Eu: Não estou  
te ignorando.  
Apenas  
cansado. Temos  
muito para

descobrir  
amanhã.

Charlie: Sim

Isso é tudo o que ela diz. Eu não tenho certeza se eu deveria responder a sua resposta fácil, mas eu não quero que ela fique irritada se eu não responder.

Eu: Boa noite,  
Charlie baby.  
; )

Assim que eu clico em enviar,

quero recolhê-lo. Eu não sei o que eu estava pensando com esta resposta. Sem sarcasmo, mas definitivamente não é flerte, tampouco.

Eu decidi me arrepender amanhã. Agora eu só preciso dormir para que eu possa ter certeza que eu estou acordado o suficiente pela manhã, para lidar com tudo isso.

Enfio o notebook de volta sob o colchão e vejo um carregador de parede, então eu o ligo em meu telefone. Estou exausto demais para continuar pesquisando esta noite, para que eu tire meus sapatos. Não é até que eu me deito que eu noto que

Ezra mudou meus lençóis.

Assim que eu desligo a lâmpada e fecho meus olhos, meu telefone vibra.

Charlie: Boa  
noite, Silas.

Sua falta de carinho não passa despercebido, mas por alguma razão inexplicável, o texto ainda me faz sorrir. Típico da Charlie.

Eu acho.



Não é uma boa noite.

O alçapão para o sótão está no armário que eu compartilho com minha irmã. Depois do texto do Silas de boa noite, eu escalo as três prateleiras — que estão estourando com tecido e empurro para cima com a ponta dos dedos até que ele muda para a esquerda. Eu olho para trás por cima do meu ombro e vejo que Janette não olhou para cima de seu telefone. Este deve ser o normal, me ver escalar para o sótão, deixando-a para trás. Eu quero perguntar se ela vai vir comigo, mas já foi desgastante apenas levá-la para jantar. Outra vez, eu acho.

Vou descobrir como consertar as coisas entre nós.

Eu não sei porque, mas quando eu mesma iço através do buraco e em um espaço ainda menor, eu imagino o rosto de Silas; pele bronzeada, suave. Seus lábios carnudos. Quantas vezes eu provei sua boca e ainda assim eu não posso me lembrar de um único beijo.

O ar é quente e abafado. Eu rastejo de joelhos para uma pilha de travesseiros e pressiono as costas para eles, endireito as minhas pernas para fora na minha frente. Há uma lanterna de pé em cima de uma pilha

de livros. Eu clico, examino seus espinhos; histórias que eu sei, mas não me lembro da leitura. Que estranho ser feita de carne, equilibrada em osso, e preenchida com uma alma que nunca conheci.

Eu pego seus livros um por um e leio a primeira página de cada um. Eu quero saber quem ela é — quem eu sou. Quando eu já esgotei a pilha, eu encontro um livro maior, na parte inferior, encadernado em couro vermelho vincado. O meu pensamento imediato é que eu encontrei um diário. Minhas mãos tremem quando eu dobro para abrir

as páginas.

Não é um diário. Um álbum de recados. Cartas de Silas.

Eu sei disso porque ele assina cada um com um S afiado que quase se parece com um raio. E eu sei que eu gosto de sua escrita, direta e distinta. Grampeada em cada nota — uma foto — presumivelmente uma que Silas tirou. Eu li uma nota após a outra, derramando sobre palavras. Cartas de amor.

Silas está apaixonado.

É lindo.

Ele gosta de imaginar a vida

comigo. Em uma carta, escrita na parte de trás de um saco de papel marrom, ele detalha a forma como vamos passar o Natal, quando tivermos o nosso próprio lugar: cravado de cidra de maçã para o Natal, árvore, massa de biscoito cru que comeremos antes de ter a chance de assá-lo. Ele me diz que quer fazer amor com apenas velas iluminando o ambiente para que ele possa ver o meu corpo brilhando à luz de velas. O papel fotográfico cortado para a nota é de uma árvore de Natal pequena que parece que está em seu quarto. Devemos decorá-la juntos.

Eu encontro outra escrita no verso de um recibo no qual ele detalha o que é a sensação de estar dentro de mim.

Meu rosto cresce quente quando eu leio a nota mais e mais, deleitando-me com sua luxúria. O papel fotográfico cortado para esta é do meu ombro nu. Suas fotos embalam um perfurador, exatamente como suas palavras. Elas tomam a minha respiração, e eu não tenho certeza se a parte de mim que eu não posso lembrar está apaixonada por ele. Eu sinto apenas curiosidade em direção ao menino de cabelo preto que me

olha tão intensamente.

Eu coloco a nota de lado, sentindo-me como se eu estivesse bisbilhotando a vida de outra pessoa, e fecho o livro. Isto pertenceu a Charlie. Eu não sou ela. Adormeço cercada pelas palavras de Silas, a aspersão de cartas e frases que rodam em torno da minha cabeça até que...

*A menina cai de joelhos na minha frente. — Ouça-me, — ela sussurra. — Nós não temos muito tempo...*

*Mas eu não a ouço. Eu a afasto e, em seguida, ela se foi. Eu estou do lado de fora. Há um fogo que queima a partir de uma*

*velha lata de lixo de metal. Eu esfrego as mãos juntas para aquecer. A partir de algum lugar atrás de mim eu posso ouvir um que toca saxofone, mas o som se transforma em um grito.*

*Foi quando eu corri. Eu corro através do fogo que estava na lata de lixo, mas agora ele está em toda parte, lambendo os edifícios ao longo da rua... Eu corro, engasgando com o fumaça até eu ver uma loja de frente rosa que é livre de fumaça e chamas, apesar de tudo ao seu redor queimar. É uma loja de curiosidades. Abro a porta sem pensar, porque é o único lugar seguro das chamas. Silas está lá esperando por mim. Ele me leva passando ossos e livros e garrafas e me*

*leva para um quarto de volta. A mulher senta-se em um trono feito de espelho quebrado, olhando para mim com um leve sorriso nos lábios. Os pedaços de espelho refletem fatias de luz através das paredes, onde eles balançam e dançam. Eu me viro para olhar para Silas, para perguntar onde estamos, mas ele se foi.*

*— Depressa!*

Eu acordo com um começo.

Janette está se inclinando através da ripa de espaço no telhado do closet, balançando a pé. — Você tem que levantar, — ela diz.

— Você não tem nenhum dia mais

para faltar.

Eu ainda estou no espaço do sótão úmido. Eu limpo o sono dos meus olhos e a sigo para baixo a três prateleiras para o nosso quarto. Eu fico tocada por ela saber que eu estou no limite de faltas, e que ela se importava o suficiente para me acordar. Estou tremendo quando eu chego ao banheiro e ligo o chuveiro. Eu estou abalada do sonho. Eu posso ainda ver meu reflexo nos cacos de seu trono.

O fogo nada dentro e fora da minha visão, esperando atrás das minhas pálpebras cada vez que eu

pisco. Se eu me concentrar, eu posso cheirar as cinzas acima da lavagem do corpo que estou usando, acima do shampoo doentiamamente doce que eu despejo na minha mão.

Eu fecho meus olhos e tento me lembrar das palavras de Silas... Ele estava quente e úmido, e seu corpo me agarrava como se ele não quisesse que eu saísse.

Janette bate na porta. — TARDE!  
— Ela grita.

Corro para me vestir e nós estamos caindo fora da porta da frente antes de eu perceber que eu não sei nem

como Janette espera que nós estejamos indo para a escola hoje. Eu disse a Silas para me pegar ontem.

— Amy deveria estar aqui já, — diz Janette. Ela cruza os braços sobre o peito e a colega desce a rua. É como se ela não pudesse mesmo olhar para mim. Eu retiro o meu telefone e mando um texto para Silas para deixá-lo saber que não precisa me pegar. Eu também verifico para ver se Amy me mandou uma mensagem, certo quando um pequeno chicote Mercedes prata vira a esquina.

— Amy, — eu digo. Gostaria de saber se ela é uma das meninas que eu

me sentei no almoço de ontem. Eu quase não notei nomes e expressões. O carro puxa para o meio-fio e nós andamos para frente. Janette sobe no banco de trás sem uma palavra, e depois de alguns segundos de deliberação eu abro a porta da frente. Amy é negra. Encaro-a em surpresa por um minuto antes de eu subir no carro.

— Hey, — diz ela, sem olhar por cima. Sou grata por sua distração, porque eu tenho um momento para estudá-la.

— Oi.

Ela é Linda; seu cabelo, que é mais leve do que sua pele é trançado até a cintura. Ela parece à vontade comigo para não falar que ela está dando a minha irmã e mim uma carona para a escola. Devemos ser boas amigas, eu decido.

— Fico feliz em ver que você está se sentindo melhor. Queria descobrir o que você vai fazer sobre Silas? — Ela pergunta pra mim.

— Eu... Eu... Er... Silas?

— Uh huh, — diz ela. — Isso foi o que eu pensei. Você ainda não sabe. É uma pena, também, porque vocês

podem ser realmente bons juntos quando você tenta.

Sento-me em silêncio até que tenhamos quase alcançado a escola, imaginando o que ela quer dizer. — Amy, — eu digo.

— Como você descreveria o meu relacionamento com Silas para alguém que nunca nos conheceu?

— Veja, este é o problema, — diz ela. — Você sempre quer jogar. — Ela puxa para frente para a escola e Janette vai para fora. É tudo um relógio semelhante.

— Tchau, — Eu chamo quando a

porta se fecha.

— Ela é tão chatinha, — eu digo, virando para frente novamente.

Amy faz uma careta. — E você é a rainha boa? Sério, eu não sei o que está acontecendo com você. Você está ainda mais com isso do que normal.

Eu mastigo em meus lábios quando estamos no estacionamento da escola. Eu abro a porta antes que o carro tenha parado.

— Que diabos, Charlie?

Eu não espero para ouvir o que mais ela tem a dizer. Eu corro para a escola, os meus braços apertados ao

redor do meu torso. Será que todo mundo me odeia? Eu bato minha cabeça enquanto eu empurro através das portas. Eu preciso encontrar Silas. Pessoas estão olhando para mim enquanto eu ando pelo corredor. Eu não olho para a esquerda ou direita, mas posso sentir seus olhos. Quando eu pego o meu telefone para mandar uma mensagem de texto para Silas, foi embora. Eu bolo até meus punhos. Eu tinha o meu telefone quando eu mandei uma mensagem e disse-lhe que não precisava de uma carona.

Devo tê-lo deixado no carro de

Amy.

Eu estou no meu caminho de volta em direção ao estacionamento quando alguém chama meu nome.

*Brian.*

Eu olho ao redor para ver quem está nos observando quando ele se movimenta em direção a mim. Seu olho ainda parece um pouco machucado de onde eu dei um soco. Eu gosto disso.

— O que? — eu digo.

— Você me bateu. — Ele para a poucos metros de distância e parece que ele está com medo que eu vou

fazê-lo novamente. De repente, me sinto culpada. Eu não deveria ter feito isso. Qualquer jogo que eu estava brincando com ele antes de tudo isso acontecer, não foi culpa dele.

— Sinto muito, — eu digo. — Eu não estou me sentindo bem ultimamente. Eu não deveria ter feito isso.

Parece que eu disse a ele exatamente o que ele queria ouvir. Seu rosto relaxa e ele passa a mão ao longo da parte de trás do seu pescoço enquanto ele olha para mim.

— Podemos ir a algum lugar mais privado para conversar?

Eu olho em volta no corredor lotado e balanço a cabeça. — Não.

— Tudo bem, — diz ele. — Então, podemos fazer isso aqui. — Eu mudo de um pé para o outro e olho por cima do meu ombro. Dependendo de quanto tempo ele leva, eu ainda posso pegar Amy e obter as chaves de seu carro e...

— É Silas ou eu.

Minha cabeça empurra para trás para olhar para ele. — Como é que é?

— Eu amo você, Charlie.

Oh, Deus. Eu sinto uma coceira. Dou um passo para trás, olhando em volta por alguém para me ajudar a sair. — Agora é um momento muito ruim para mim, Brian. Eu preciso encontrar Amy e...

— Eu sei que vocês têm história, mas você foi infeliz por um longo tempo. Esse cara é um babaca, Charlie. Você viu o que aconteceu com o camarão. Estou surpreso...

— O que você está falando?

Ele parece colocar para fora quando eu interrompo seu discurso.

— Eu estou falando sobre Silas e...

— Não, a coisa do camarão. — As pessoas estão parando para nos ver agora. Agrupam-se de forma sórdida em armários; olhos, olhos, olhos no meu rosto. Eu estou tão desconfortável com isso. Odeio isso.

— Seu, — Brian sacode a cabeça para esquerda quando uma garota empurra através das portas e faz seu caminho por nós.

Quando ela me vê olhando, o rosto fica com uma cor rosa brilhante, como um camarão. A reconheço da minha classe de ontem. Ela era a única no chão, pegando os livros. Ela é minúscula. Seu cabelo é uma

sombra feia de castanho esverdeado, como se ela tentasse pintá-lo sozinha e deu terrivelmente errado. Mas, mesmo que ela não tenha tingido-o, parece... Triste. Irregular, oleoso e lamacento. Ela tem um punhado de espinhas em toda sua testa e um nariz que está marcado. Meu primeiro pensamento é feio. Mas é mais um fato que um julgamento. Ela vai embora antes que eu possa piscar, desaparecendo em uma multidão de curiosos. Tenho a sensação de que ela foi embora.

Ela está esperando logo atrás de suas costas, ela quer ouvir. Senti

algo... Quando eu vi o rosto dela eu senti alguma coisa.

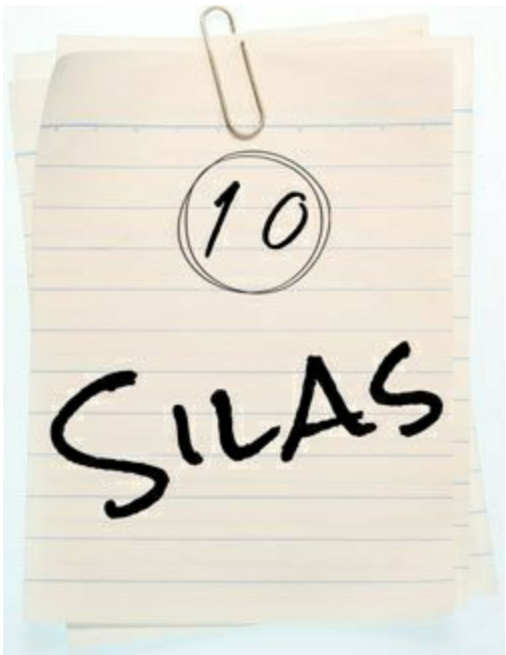
Minha cabeça está nadando quando Brian chega para mim. Deixei que ele me pegasse pelo braço e me puxasse em direção ao seu peito.

— Eu ou Silas, — diz ele novamente. Ele está sendo corajoso desde que eu já dei um soco por me tocar. Mas eu não estou pensando nele. Eu estou pensando sobre a menina, o camarão, querendo saber se ela está de volta lá, se escondendo atrás de todos os outros. — Eu preciso de uma resposta, Charlie. — Ele me tem tão perto que, quando eu

olho para a sua cara eu posso ver as sardas em seus olhos.

— Então, a minha resposta é Silas,  
— eu digo baixinho.

Ele congela. Eu posso sentir o endurecimento de seu corpo.



— Você vai mostrar-se para a

prática hoje? — Landon pergunta. Ele já está do lado de fora da minha porta e eu não me lembro de puxar para dentro do estacionamento da escola, muito menos de desligar o carro. Concordo com a cabeça, mas deixo de fazer contato visual com ele. Eu estava tão perdido dentro de meus próprios pensamentos durante a viagem que acabou que eu nem sequer penso para cutucá-lo por informações.

Eu tenho pendurado sobre o fato de que eu não acordei com as memórias. Eu estava esperando que Charlie estivesse certa que iria

acordar e tudo voltaria ao normal. Mas não voltou. Ou pelo menos eu não acordei com as memórias. Eu não falei com Charlie desde a noite passada, e seu texto esta manhã não revelou nada.

Eu nem sequer abri o texto. Ele piscou na tela do meu bloqueio e eu li o suficiente da primeira frase para saber que eu não gosto de como me fez sentir. Meus pensamentos imediatamente se dirigiram para quem pode estar pegando-a e se ela estava bem com isso.

Meus instintos protetores chutam sempre que se trata dela, e não sei se

isto sempre foi a forma como me senti ou se é porque ela é a única que pode me entender agora.

Saio do carro, determinado a encontrá-la. Certificar-me de que ela está bem, apesar de eu saber que ela mais do que provavelmente esta. Eu não tenho de saber mais sobre ela para saber que ela realmente não precisa de mim para cuidar dela. Ela é ferozmente independente.

Isso não significa que eu não vou ainda tentar.

Quando eu entro na escola, ocorre-me que eu não sei por onde começar

a procurar por ela. Também nós não podemos lembrar quais armários são nossos, e considerando que isso aconteceu com nós dois durante o quarto período de ontem, não temos ideia de onde os nossos primeiro, segundo ou terceiro período de aulas são.

Eu decido ir a pé para o escritório da administração e ver sobre a obtenção de uma nova cópia do meu horário. Espero que Charlie pense em fazer o mesmo, porque eu duvido que eles vão me dar o dela.

A secretária não é familiar, mas ela sorri com conhecimento de mim. —

Está aqui para ver Sra. Ashley, Silas?

*Sra. Ashley.*

Eu começo a balançar a cabeça que não, mas ela já está me apontando na direção de uma porta do escritório aberta.

Quem Sra. Ashley é, devo visitá-la o suficiente para que a minha presença no escritório não seja incomum. Antes de ir até a porta do escritório aberta, uma mulher sai. Ela é alta, atraente e parece extremamente jovem para ser um empregado. Tudo o que ela faz aqui, ela não tem feito por muito tempo. Ela mal parece

velha o suficiente para estar fora da faculdade.

— Sr. Nash, — diz ela com um sorriso vago, sacudindo os cabelos loiros para trás por cima do ombro. — Você tem um horário?

Faço uma pausa e paro meu avanço em direção a ela. Eu olho para trás na direção da secretária quando Sra. Ashley diz. — Está tudo bem, eu tenho alguns minutos. Entre.

Eu movo cautelosamente por ela, olhando em sua placa de identificação na porta quando eu entro em seu escritório.

## AVRIL ASHLEY, CONSELHEIRO DE ORIENTAÇÃO.

Ela fecha a porta atrás de mim e eu olho ao redor do escritório, que é decorado com citações motivacionais e pôsteres típicos que retratam mensagens positivas. De repente eu me sinto desconfortável. Preso. Eu deveria ter dito que eu não precisava vê-la, mas eu estou esperando que esta conselheira que eu aparentemente visitei regularmente vai saber algumas coisas sobre o meu passado que podem ser de ajuda para Charlie e eu.

Dirijo-me, assim quando a mão de

Sra. Ashley desliza para baixo da porta e atinge o bloqueio. Ela se transforma e, em seguida, começa a passear na minha direção. Suas mãos pressionam meu peito logo antes de sua boca se conectar com a minha, eu tropeço para trás e me pego em um armário.

*Whoa.*

*Que diabos?*

Ela olha ofendida que eu só sacudi sua antecedência. Esse não deve ser um comportamento incomum com a gente.

*Eu estou dormindo com a orientadora?*

Eu penso imediatamente em Charlie e, baseado em nosso óbvio não-compromisso com o outro, eu questiono que tipo de relacionamento tivemos. *Por que estávamos mesmo juntos?*

— Tem alguma coisa errada? —  
Diz Sra. Ashley.

Afasto-me um pouco e dou alguns passos para longe dela, em direção à janela. — Não estou me sentindo muito bem hoje. — Eu olho nos olhos dela e forço um sorriso. — Não quero ficar doente.

Minhas palavras a coloca à vontade

e ela fecha o espaço entre nós novamente, desta vez se inclina e pressiona os lábios contra meu pescoço. — Coitado, — ela ronrona. — Quer que eu faça você se sentir melhor?

Meus olhos estão arregalados, correndo ao redor da sala, mapeando a minha rota de fuga. Minha atenção cai no computador em sua mesa, em seguida, uma impressora atrás da cadeira dela. — Sra. Ashley, — eu digo, gentilmente empurrando-a para longe do meu pescoço.

Isso é errado em tantos níveis.

Ela ri. — Você nunca me chamou assim quando estamos sozinhos. É estranho.

Ela é muito confortável comigo. Eu preciso sair daqui.

— Avril, — eu digo, sorrindo para ela novamente. — Preciso de um favor. É possível imprimir uma cópia do meu e horário e o da Charlie?

Ela imediatamente se endireita, seu sorriso levado à menção do nome de Charlie. Ponto de contenção, aparentemente.

— Estou pensando em mudar um par das minhas aulas para que eu não

tenha que estar perto dela o máximo.

Não poderia estar mais longe da verdade.

Sra. Ashley — Abril — desliza os dedos pelo meu peito, o sorriso reaparecendo no rosto. — Bem, já era tempo. Finalmente decidiu seguir o conselho da conselheira, eu vejo.

Sua voz pinga com o sexo. Eu posso ver como as coisas devem ter começado com ela, mas isso me faz sentir raso. Isso me faz odiar quem eu era.

Eu mudo nos meus pés quando ela trabalha o seu caminho para o seu

lugar e começa a clicar no seu teclado. Ela puxa as páginas da impressora recém-impressa e caminha para mim. Eu tento tirar os horários da mão dela, mas ela os puxa com um sorriso. — Uh-uh, — diz ela, balançando a cabeça aos poucos. — Estes vão custar algo a você. — Ela se inclina contra a mesa e estabelece as folhas de papel ao lado dela, de bruços. Ela traz de volta os olhos para o meu e eu posso ver que eu não vou embora sem apaziguá-la, o que é a última coisa que eu quero fazer agora.

Eu dou dois passos lentos em direção a ela e descanso as mãos em

cada lado dela. Eu me inclino para o seu pescoço e posso ouvir seu suspiro quando eu começo a falar. — Abril, eu só tenho cinco minutos antes que eu tenha que estar em sala de aula. Não há nenhuma maneira que eu posso fazer todas as coisas que eu quero fazer com você em apenas cinco minutos.

Eu deslizo a minha mão para os horários que se encontram em sua mesa e eu recuo com eles. Ela está tocando no seu lábio inferior, olhando para mim com os olhos aquecidos. — Volte durante o almoço, — ela sussurra. — Uma hora

é suficiente, Sr. Nash?

Eu pisco para ela. — Eu acho que vou ter que fazer, — eu digo, com minha cabeça para fora da porta. Eu não paro até que eu estou descendo o corredor e ao virar da esquina, fora de sua linha de visão.

Os dezoito anos de idade, lado irresponsável de mim, querem congratular-me por ter, aparentemente, conquistado a conselheira da escola, mas o lado razoável de mim quer socar-me para fazer algo para Charlie.

Charlie é obviamente a melhor

escolha, e eu odeio saber que eu estava colocando essa relação em risco.

Mas, novamente, isso era Charlie.

---

Felizmente, na lista dos horários tem nossos números de vestiários e combinações. Dela é 543 e o meu é 544. Eu estou supondo que foi intencional.

Eu abro meu armário em primeiro lugar, e encontro três livros empilhados dentro. Há uma meia de café vazia na frente dos livros e uma vazia embalagem de canela. Existem

duas imagens gravadas no interior do armário: uma de Charlie e eu, a outra apenas de Charlie.

Eu puxo a foto dela para baixo e olho para ela. Por que, se não estivéssemos felizes juntos, eu teria fotos dela no meu armário? Especialmente esta. Eu, obviamente, tirei-a, como é similar em estilo às fotos penduradas em volta do meu quarto.

Ela está sentada de pernas cruzadas em um sofá. Sua cabeça está ligeiramente inclinada e ela está olhando diretamente para a câmara.

Seus olhos são intensos olhando para a câmera como se ela estivesse olhando para mim. Ela é ao mesmo tempo confiante e confortável e, embora ela não esteja sorrindo ou rindo na foto, eu posso dizer que ela está feliz. Sempre foi feita, foi um bom dia para ela. Para nós. Seus olhos estão gritando mil coisas nesta foto, mas o mais alto é,

— *Eu te amo, Silas!*

Eu fico olhando para ela um pouco mais e, em seguida, coloco a foto de volta para dentro do armário. Eu verifico o meu telefone para ver se ela mandou uma mensagem. Ela não fez.

Eu olho em volta, vejo quando Landon se aproxima do fundo do corredor. Ele joga palavras sobre seu ombro enquanto ele me passa. — Parece que Brian não está completamente fora de cogitação ainda, irmão.

A campainha toca.

Eu olho na direção que Landon veio e vejo uma multidão mais pesada de estudantes naquele final do corredor. As pessoas parecem estar parando, olhando por cima dos ombros. Alguns estão olhando para mim, alguns estão fixados em tudo o

que esta no final do corredor. Eu começo a caminhar nessa direção e toda atenção recai sobre mim enquanto eu passo.

Uma pausa no meio da multidão começa a tomar forma e foi aí que eu a vejo. Ela está de pé contra uma fileira de armários, abraçando-se com os braços. Brian está inclinando-se contra um dos armários, olhando para ela atentamente. Ele parece em uma conversa profunda, enquanto ela só parece estar aguardando. Ele me viu quase imediatamente e sua postura endurece junto com sua expressão.

Charlie segue seu olhar até que seus olhos estão em mim.

Por mais que eu possa supor que ela não precisa ser resgatada, alívio cai sobre ela assim que travamos os olhos. O sorriso puxa os lábios, e eu não quero nada mais do que levá-lo para longe dela. Passei dois segundo decidindo. Devo ameaçá-lo? Devo bater nele como eu queria tanto acertá-lo ontem no estacionamento? Nenhuma dessas ações parece como se elas fossem fazer o ponto que eu quero.

— Você deveria ir para a aula. — Eu a ouvi dizer a ele. Suas palavras

são rápidas, um aviso, como se ela tivesse medo de eu decidir dar um soco nele. Ela não tem que se preocupar. O que eu estou prestes a fazer vai doer em Brian Finley como um inferno de muito mais do que se eu fosse apenas bater nele.

A segunda campainha toca. Ninguém se move. Não existem alunos correndo para classe para evitar chegar tarde. Ninguém ao meu redor embaralha pelo corredor ao som da campainha.

Eles todos estão esperando. Assistindo. Esperando-me para

começar uma luta. Gostaria de saber se isso é o que o velho Silas faria?

Gostaria de saber se isso é o que o novo Silas deve fazer?

Eu ignoro todos, menos Charlie e caminho confiante em sua direção, mantendo meus olhos treinados sobre ela o tempo inteiro.

Assim que Brian me vê se aproximando, ele dá dois passos para longe dela. Eu olho diretamente para ele enquanto eu estendo a minha mão em direção a ela, dando-lhe a opção de levá-la a ir comigo ou permanecer onde ela está.

Eu sinto os dedos deslizar entre os meus e ela aperta minha mão com força. Eu a puxo longe dos armários, longe de Brian, longe da multidão de estudantes. Tão logo na esquina, ela solta minha mão e para de andar.

— Isso foi um pouco dramático, você não acha? — Diz ela.

Viro-me para encará-la. Seus olhos estão estreitados, mas sua boca poderia passar por um sorriso. Eu não posso dizer se ela está sendo divertida ou com raiva.

— Eles esperavam certa reação de mim. O que você queria que eu

fizesse, tocasse no ombro e pergunte educadamente se eu poderia interromper?

Ela cruza os braços sobre o peito. — O que faz você pensar que eu precisava de você para fazer alguma coisa?

Eu não entendo a sua hostilidade. Parecia que deixou em bons termos ontem à noite, por isso estou confuso quanto ao porque ela parece tão zangada comigo.

Ela esfrega as mãos para cima e para baixo nos braços e, em seguida, seus olhos caem no chão. —

Desculpa, — ela murmura. — Eu só... — Ela olha para o teto e geme. — Eu só estava espetando-o para obter informações. Essa é a única razão pela qual eu estava com ele no corredor agora. Eu não estava flertando.

Sua resposta me pega desprevenido. Eu não gosto do olhar de culpa em sua expressão. Isso não é porque eu a puxei para longe dele, mas agora percebo que ela acha que eu realmente estou chateado com ela por estar com ele. Eu poderia dizer que ela não queria estar lá, mas talvez ela não percebesse o quão bem eu

aprendi a ler sobre ela. Eu dou um passo em direção a ela. Quando ela levanta os olhos para encontrar os meus, eu sorrio. — Faria você se sentir melhor saber que eu estava te traindo com a conselheira de orientação?

Ela suga em uma corrida rápida de ar e de choque no rosto.

— Você não foi a única que não esta comprometida nós, Charlie. Aparentemente, ambos tivemos problemas para trabalhar para fora, por isso não seja tão dura consigo mesma.

Alívio, provavelmente, não é a reação que a menina deve ter ao descobrir que seu namorado estava traindo ela, mas é definitivamente como Charlie se sente no momento. Eu posso ver isso em seus olhos e eu posso ouvi-lo na respiração que ela libera.

— Wow... — diz ela, com as mãos caindo para seus quadris. — Então, tecnicamente, estamos empatados?

*Empatados?* Eu balancei minha cabeça. — Isso não é um jogo que eu quero ganhar, Charlie. Se qualquer coisa, eu diria que nós dois perdemos.

Seus lábios se espalham em um sorriso fantasmagórico, e então ela olha por cima do ombro. — Devemos descobrir onde são as nossas aulas.

Lembro-me dos horários e puxo o dela fora do meu bolso de trás. — Nós não estamos juntos até quarto período de História. Você tem Inglês primeiro. É o outro corredor, — eu digo, apontando para a sua primeira sala de aula.

Ela acena com apreço e desdobra a programação. — Pensamento inteligente, — diz ela, olhando-o. Ela olha para trás para mim com um

sorriso malicioso. — Eu acho que você tem a orientadora como amante?

Suas palavras me fazem estremecer, embora eu realmente não devesse ter remorsos do que aconteceu anteontem.

— Ex-conselheira de orientação amante. — Eu esclareço com um sorriso. Ela ri, e é um riso de solidariedade. Como absurda é essa nossa situação, e tão confuso como as novas informações sobre o nosso relacionamento é, o fato de que podemos rir sobre isso prova que nós, partilhamos do absurdo de tudo.

E o único pensamento que eu tenho quando eu ando para longe dela é o quanto eu desejo que Brian Finley pudesse sufocar com o riso dela.

---

As três primeiras classes do dia pareciam estrangeiras.

Ninguém nelas e nada discutido parecia familiar para mim. Eu me senti como um impostor, fora do lugar.

Mas no instante em que entrei no quarto período e me sentei ao lado de Charlie, meu humor mudou. Ela está familiarizada. A minha única coisa

familiar em um mundo de incoerência e confusão. Nós roubamos alguns olhares para o outro, mas nunca falamos durante a aula. Nós não estamos mesmo falando agora quando entramos na cafeteria juntos. Eu olho para a nossa mesa e todos, os mesmos de ontem já estão sentados, salvo nossos dois lugares vazios.

Eu cutuco minha cabeça em direção à fila do almoço. — Vamos pegar nosso almoço primeiro.

Ela olha para mim, brevemente, antes de olhar para a mesa.

— Eu realmente não estou com

fome, — diz ela. — Eu vou apenas esperar por você na mesa. — Ela dirige na direção do nosso grupo e eu vou em direção ao refeitório. Depois de pegar minha bandeja e uma Pepsi, eu vou até a mesa e puxo uma cadeira. Charlie está olhando para baixo em seu telefone, excluindo-se da conversa envolvente.

O cara à minha direita, Andrew, eu acho, me dá uma cotovelada. — Silas, — diz ele, me espetando repetidamente. — Diga a ele o quanto eu joguei na segunda.

Eu olho para o cara sentado em frente a nós. Ele revira os olhos e

bebe o resto do seu refrigerante antes o bater sobre a mesa. — Vamos, Andrew. Você acha que eu sou estúpido o suficiente para acreditar que seu melhor amigo não mentiria para você?

*Melhor amigo.*

Andrew é o meu melhor amigo, mas eu não tinha certeza de seu nome 30 segundo atrás.

Minha atenção se desloca dos dois para a comida na minha frente. Abro meu refrigerante e tomo um gole, assim quando Charlie aperta a cintura. É alto no refeitório, mas eu

ainda ouço o ronco de seu estômago.  
Ela esta com fome.

*Se ela está com fome, por que ela não come?*

— Charlie? — Eu me inclino perto dela. — Por que você não está comendo? — Ela descarta a minha pergunta com um encolher de ombros. Eu abaixo a minha voz ainda mais. — Você tem dinheiro?

Seus olhos lançam dardos até os meus como se eu apenas revelei um enorme segredo para toda a sala. Ela engole e depois desvia o olhar, envergonhada. — Não, — ela diz

baixinho. — Eu dei os meus últimos dólares para Janette esta manhã. Eu vou estar bem até eu chegar em casa.

Eu defino a minha bebida em cima da mesa e empurro a bandeja na frente dela. — Aqui. Eu vou pegar outro.

Eu estou de volta para a fila para obter outra bandeja. Quando eu volto para a mesa, ela tomou algumas mordidas do alimento. Ela não me diz obrigado, e eu me sinto aliviado. Certificar-me de que ela tem o que comer não é um favor. É algo que eu espero que ela queira de mim.

— Você quer uma carona para casa hoje? — Eu pergunto a ela, assim quando nós estamos terminando a refeição.

— Cara, você não pode perder o treino de novo, — Andrew atira em minha direção. — O técnico não vai deixar você jogar amanhã à noite, se você fizer.

Eu esfrego uma palma pelo meu rosto, e então eu chego no meu bolso e recupero as minhas chaves. — Aqui, — eu digo a ela, colocando-as em sua mão. — Leve sua irmã para casa depois da escola.

Busque-me quando o treino terminar.

Ela tenta entregar as chaves de volta para mim, mas eu não vou pegá-las. — Mantenha-as, — eu digo a ela. — Você pode precisar de um carro hoje e eu não vou usar.

Andrew interrompe. — Você está deixando-a conduzir o seu carro? Estas brincando comigo? Você NUNCA me deixa sentar ao volante caramba!

Olho para Andrew e encolho os ombros. — Você não é por quem eu estou apaixonado.

Charlie cospe sua bebida com uma gargalhada. Olho para ela, e seu sorriso é enorme. Ele ilumina seu rosto inteiro, de alguma forma, mesmo fazendo o marrom de seus olhos parecerem menos escuros. Eu não posso me lembrar de nada sobre ela, mas eu apostaria que seu sorriso era a minha parte favorita dela.

---

Este dia foi cansativo. Parece que eu estive em um palco durante horas, representando cenas que não tenho roteiro. A única coisa que eu queria agora é ou estar na minha cama ou

estar com Charlie.

Ou talvez uma combinação de ambos.

No entanto, Charlie e eu ainda temos um objetivo, e isso é descobrir o que diabos aconteceu com a gente ontem. Apesar do fato de que nenhum de nós realmente quer se preocupar com a escola hoje, sabíamos que a escola poderia levar a uma resposta. Apesar de tudo, isto aconteceu no meio do dia de escola ontem, de modo que a resposta pode estar relacionada de alguma forma.

Prática do futebol pode ser de

alguma ajuda. Eu estarei perto de pessoas que eu não passei muito tempo nas últimas vinte e quatro horas. Eu poderia aprender algo sobre mim ou sobre Charlie que eu não sabia antes.

Algo que poderia lançar alguma luz sobre a nossa situação.

Estou aliviado por encontrar todos os armários com nomes neles, por isso não é difícil de localizar o meu equipamento. O que é difícil é tentar descobrir como colocá-lo. Eu luto com as calças, o tempo todo tentando fazer parecer que eu sei o que eu estou fazendo. O vestiário esvazia

lentamente quando todos os caras fazem o seu caminho para o campo até que eu sou o único que sobrou.

Quando eu acho que eu tenho tudo situado, eu pego minha camisa para fora da prateleira de cima do armário para puxá-la sobre a minha cabeça. A caixa me chama a atenção, localizada na parte de trás da prateleira de cima do meu armário. Eu puxo-a e me sento no banco.

É uma caixa vermelha, muito maior do que uma caixa que contém apenas um pouco de joias. Eu puxo a tampa e encontro algumas fotos no topo.

Não existem pessoas nas fotos. Elas parecem ser de lugares. Folheio-as e chego a uma imagem de um conjunto de balanço. Está chovendo, e o chão sob o balanço é coberto de água. Eu abro e escrito na parte de trás, diz, *o nosso primeiro beijo*.

A imagem seguinte é de um banco de trás, mas a vista é de tábua de chão, olhando para cima. Eu abro. *A nossa primeira briga*.

A terceira é uma imagem do que parece ser uma igreja, mas é apenas a imagem das portas. *Onde nos conhecemos*.

Eu percorro todas as imagens até que finalmente eu consigo uma carta, dobrada na parte inferior da caixa. Eu desdobro. É uma pequena carta na minha escrita, dirigida a Charlie. Eu começo a lê-la, mas meu telefone vibra, assim que eu chego a mais e o desbloqueio.

Charlie:           Que  
horas é o seu  
treino?

Eu:    Não    tenho  
certeza.           Eu

encontrei uma  
caixa de  
coisas no  
vestiário. Não  
sei se ela vai  
ajudar, mas há  
uma carta  
nela.

Charlie: O que  
ela diz?

— Silas! — Alguém grita atrás de  
mim. Eu giro ao redor e solto duas

das imagens em minhas mãos.

Há um homem em pé na porta com um olhar irritado em seu rosto. — Entre em campo!

Concordo com a cabeça e ele continua no fundo do corredor.

Eu coloco as fotos de volta na caixa e a empurro de volta dentro do meu armário. Eu tomo uma respiração profunda, calmante e faço o meu caminho para o campo de treino.

Duas filas são formadas no campo, ambas as filas de caras curvados para frente e olhando para o cara na frente

deles. Há uma abertura óbvia, então eu corro em direção ao local vazio e copio o que os outros jogadores estão fazendo.

— Pelo amor de merda, Nash! Por que você não está usando as suas ombreiras? — Alguém grita.

Ombreiras. Porcaria.

Eu pulo fora da fila e corro de volta para o vestiário. Esta vai ser a hora mais longa da minha vida. É estranho, eu não conseguir lembrar as regras do futebol. Não pode ser tão difícil, no entanto. Basta correr para trás e alguns tempos e a prática vai

voltar.

Eu localizo as almofadas atrás da fileira de armários. Felizmente, elas são fáceis de colocar. Corro de volta para o campo e todo mundo está espalhando, correndo como formigas. Hesito antes de caminhar para o campo. Quando um apito, alguém me empurra por trás. — Vá! — Ele grita frustrado.

As linhas, os números, os postes da baliza. Eles não significam nada para mim, como eu estou no campo, entre os outros caras. Um dos treinadores grita uma ordem e antes que eu saiba, a bola está sendo jogado na minha

direção. Eu pego.

*E agora?*

Corra. Eu provavelmente deveria estar correndo.

Faço-o três metros antes de minha cara encontrar a relva sintética. Um apito. Um homem grita.

Levanto-me, apenas quando um dos talos do treinador vem em minha direção. — Que diabos foi isso? Obtenha sua maldita cabeça no jogo!

Olho ao meu redor, o suor começava a escorrer por minha testa. A voz de Landon ressoa atrás. — Cara. O que diabos está errado com

você?

Viro-me e olho para ele, assim como todo mundo se encolhe em torno de mim. Eu sigo os seus movimentos e ergo meus braços sobre as costas dos caras à minha esquerda e à direita. Ninguém fala por alguns segundos, e então eu percebo que eles estão todos olhando para mim. A Espera. Eu acho que eles querem me dizer alguma coisa? Tenho a sensação que não é um círculo de oração.

— Você vai chamar um jogo ou o quê? — O cara à minha esquerda, diz.

— Uh... — eu gaguejo. — Você...  
— eu aponto para Landon. — Faça  
essa... Coisa. — Antes que eles  
possam me questionar, eu puxo e  
quebro o amontoado.

— O técnico vai mandá-lo para  
banco, — eu ouço alguém murmurar  
atrás de mim. Um apito e antes que o  
som deixe meus ouvidos, um trem de  
carga bate em meu peito.

Ou pelo menos se parece assim.

O céu está acima de mim, meus  
ouvidos estão zumbindo, não posso  
puxar uma respiração.

Landon está pairando sobre mim.

Ele agarra meu capacete e sacode-o. — O que diabos está errado com você?

Ele olha em volta e depois de volta para mim. Seus olhos estreitos. — Mantenha-se no chão. Se finja de doente.

Eu faço o que ele diz e ele salta para cima de um suporte. — Eu disse a ele para não vir praticar, treinador, — Landon diz. — Ele esteve mal toda a semana. Acho que ele está desidratado.

Eu fecho meus olhos, aliviado pelo meu irmão. Eu meio que gosto deste

garoto.

— O que diabos você está fazendo aqui, Nash? — O treinador está ajoelhado agora. — Vá para o vestiário e obtenha-se hidratado.

Temos um jogo amanhã à noite. — Ele se levanta e comanda a um dos assistentes dos treinadores. — Pegue o um pacote de Z e certifique-se de que ele está pronto para amanhã no campo.

Landon me puxa para cima. Meus ouvidos ainda estão tocando, mas eu sou capaz de respirar agora. Eu faço o meu caminho em direção aos

vestiários, aliviado por estar fora do campo. Eu nunca deveria ter pisado aqui em primeiro lugar. *Não inteligente Silas.*

Eu faço-o de volta para o vestiário e mudo para fora de meu equipamento. Assim que eu consigo meus sapatos, eu ouço passos se aproximando do fundo do corredor do vestiário. Eu olho em volta e vejo a placa de saída na parede oposta, então eu corro para ela e a empurro aberta. Por sorte, ela leva à direita para o parque de estacionamento.

Estou imediatamente aliviado ao ver o meu carro. Corro até lá apenas

quando Charlie sai do lado do motorista, pulando em seus pés quando me aproximo. Estou tão aliviado ao vê-la, apenas ter alguém para me relacionar, com quem eu nem sequer penso sobre o que eu faço agora.

Agarro-lhe o pulso e a puxo para mim, envolvendo meus braços em torno dela em um abraço apertado. Meu rosto é enterrado em seu cabelo e deixo escapar um suspiro. Ela parece familiar. Seguro.

Faz-me esquecer que eu nem me lembro...

— Está fazendo o que?

Ela esta dura contra mim. Sua reação fria me faz lembrar que nós não fazemos coisas como esta. Silas e Charlie fizeram coisas como esta.

*Merda.*

Eu limpo minha garganta e a liberto, dando um passo rápido para trás. — Desculpa, — murmuro. — A força do hábito.

— Nós não temos hábitos. — Ela empurra passando e caminha em volta do meu carro.

— Você acha que sempre foi assim comigo? — Eu pergunto.

Ela me olha de cima do capô e acena. — Aposto no sim. Você provavelmente é um glutão por punição.

— Mais como um masoquista, — murmuro.

Nós dois subimos para o meu carro, e eu tenho dois lugares que estou pensando em ir hoje à noite. O primeiro é a minha casa para tomar banho, mas eu tenho certeza que se eu perguntar se ela quer ir junto, ela diria que não apenas para me irritar. Em vez, eu me ponho na direção da minha casa e não dou a ela uma escolha.

---

— Por que você está sorrindo? —  
Pergunta ela, três milhas em nossa  
unidade.

Eu não sabia que eu estava. Eu  
dou de ombros. — Só pensando.

— Sobre o que?

Eu olho para ela e ela está  
esperando pela minha resposta com  
uma carranca impaciente.

— Eu queria saber como o velho  
Silas rompeu seu suro exterior.

Ela ri. — O que faz você pensar  
que ele fez?

Gostaria de voltar a sorrir, mas eu não acho que eu parei. — Você viu o vídeo, Charlie. Você o amava. — Eu paro por um segundo, então reformulo. — Eu. Você me amou.

— Ela amava você, — diz Charlie, e depois sorri. — Eu não tenho certeza se eu gosto de você ainda.

Eu balanço minha cabeça com uma risada suave. — Eu não me conheço muito bem, mas eu devo ter sido extremamente competitivo. Porque eu só tomei isso como um desafio.

— Tomou como um desafio? Você acha que pode me fazer gostar de

você de novo?

Eu olho para ela e dou a minha cabeça o menor movimento.

— Não. Eu vou fazer você se apaixonar por mim de novo.

Eu posso ver o rolo suave de sua garganta enquanto ela engole, mas tão rápido quanto ela baixa a guarda, ela voa de volta para cima. — Boa sorte com isso, — diz ela, de frente para frente novamente.

— Eu tenho certeza que você vai ser o primeiro cara a um dia competir com si mesmo sobre o afeto de uma garota.

— Talvez sim, — eu digo quando nós puxamos na minha garagem. — Mas o meu valor está em mim.

Eu desligo o carro e saio. Ela não se move. — Você vem? Preciso tomar um banho rápido.

Ela nem sequer olha para mim. — Eu vou esperar no carro.

Eu não discuto. Eu fecho a porta e vou para dentro de cabeça no chuveiro, pensando sobre o pequeno sorriso que pude ver. Juro que estava tocando no canto de sua boca.

E enquanto conquistá-la novamente não é minha prioridade

principal, é definitivamente o novo plano de back-up no caso de nenhum de nós poder descobrir como reverter para quem éramos antes de ontem. Porque mesmo através de todas as besteiras, me traindo com Brian, eu a traindo com a conselheira, as nossas famílias em tumulto, ainda, obviamente, tentei fazê-lo funcionar. Tinha que haver algo ali, algo mais profundo que atração ou uma ligação simples da infância, que me fez lutar para mantê-la.

Eu quero sentir isso de novo. Eu quero lembrar o que se sente quando se ama alguém assim. E não apenas

qualquer pessoa. Eu quero saber  
como é amar *Charlie*.



Eu estou de pé na beira do

gramado, olhando para baixo na sua rua quando ele anda atrás de mim. Eu não o ouvi na abordagem, mas eu sinto o cheiro dele. Eu não sei como, uma vez que ele cheira exatamente como o ar livre.

— O que você está olhando? —  
Pergunta ele.

Eu fico olhando para as casas, cada uma delas impecáveis e bem cuidadas, a ponto de irritação. Faz-me querer disparar uma arma para o ar, só para ver todas as pessoas quietas dentro se embaralham para fora. Este bairro precisa de um pouco de vida. — É estranho como o dinheiro parece

silenciar um bairro, — eu digo em voz baixa. — Na minha rua, onde ninguém tem dinheiro, é tão alto. Sirenes tocando, pessoas gritando, portas de carro batendo, aparelhos de som tocando. Há sempre alguém, em algum lugar, fazendo barulho. — Eu me viro e olho para ele, não esperava a reação que eu tenho ao ver o seu cabelo úmido e mandíbula suave. Concentro-me em seus olhos, mas não é muito melhor. Eu limpo minha garganta e desvio o olhar. — Eu acho que eu prefiro o barulho.

Ele dá um passo até que estamos ombro a ombro, ambos olhando para

a rua, taciturnos. — Não. Você não prefere qualquer um. — Ele diz isso como se ele me conhecesse e eu quero lembrar-lhe que ele não me conhece em tudo, mas ele põe a mão no meu cotovelo. — Vamos sair daqui, — diz ele. — Vamos fazer algo que não faça pertencer a Charlie e Silas. Algo que é nosso.

— Você está falando de nós como se fossemos invasores do corpo.

Silas fecha os olhos e inclina a cabeça para trás. — Você não tem ideia de quantas vezes por dia eu penso sobre invadir seu corpo.

Não tenho a intenção de rir tão duro quanto eu faço, mas eu tropeço nos meus próprios pés e Silas se abaixa para me pegar. Nós dois estamos rindo enquanto ele esfrega as mãos para cima e para baixo nos meus braços.

Eu olho para longe. Estou cansada de gostar dele. Eu só tenho um dia e meio de memórias, mas todas elas estão repletas sobre não odiar Silas. E agora ele fez sua missão pessoal para me fazer amá-lo novamente.

É chato que eu gosto.

— Afaste-se, — eu digo.

Ele levanta as mãos em sinal de rendição e dá um passo para trás. — Até aqui?

— Mais longe.

Outro passo. — Melhor?

— Sim, — eu sôo inteligente.

Silas sorri. — Eu não me conheço bem, mas eu posso dizer que eu tenho um monte de jogo.

— Oh, por favor, — eu digo. — Se você fosse um jogo, Silas, você seria Monopólio. Você apenas vai sobre todo mundo e acaba enganado só para estar mais com ele.

Ele está quieto por um minuto. Eu

me sinto mal por dizer algo tão estranho, mesmo que fosse uma piada.

— Você provavelmente está certa, — ele ri. — É por isso que você me traiu com o merda do Brian. Sorte sua, eu não sou Monopólio. Sou Tetris Silas. Todas as minhas peças e partes estão indo para caber em todas as suas peças e partes.

Eu ronco. — E a orientadora, aparentemente.

— Golpe baixo, Charlie, — diz ele, balançando a cabeça.

Eu aguardo alguns segundos,

mordendo meu lábio. Então eu digo:  
— Eu não acho que eu quero que  
você me chame assim.

Silas se vira para olhar para mim.  
— Charlie?

— Sim, — eu olho para ele. —  
Isso é estranho? Eu não me sinto  
como se eu fosse ela. Eu nem a  
conheço. Eu só não sinto como se  
fosse meu nome.

Ele balança a cabeça, enquanto  
caminhamos em direção ao seu carro.  
— Então, eu tenho que mudar o  
nome?

— Até entender tudo isso... Sim.

— Poppy, — diz ele.

— Não.

— Lucy.

— Claro que não, o que há de errado com você?

Ele abre a porta do lado do passageiro do seu Rover e eu entro.

— Okay Okay. Eu posso ver que você não gosta de nomes tradicionalmente bonitos. Nós podemos tentar algo mais difícil.

Ele caminha para o lado do motorista e sobe. — Xena...

— Não.

— Rogue.

— Ugh. Não.

Nós vamos e voltamos assim até que o GPS do Silas diz-nos que nós chegamos. Eu olho em volta, surpresa que eu estava muito envolvida com ele para perceber o lugar. Quando eu olho para o meu telefone vejo que Brian me mandou mensagem seis vezes. Eu não quero lidar com ele agora. Enfio meu telefone e carteira sob o assento, fora de vista.

— Onde nos estamos?

— Bourbon Street, — diz ele. —  
A maioria aconteceu em New

Orleans.

— Como você sabe disso? — Eu pergunto desconfiada.

— Eu pesquisei isso. — Nós olhamos um para o outro sobre o capô, e em seguida, ambos fechamos as portas ao mesmo tempo.

— Como é que você sabe o que era o Google?

— Eu pensei que isso é o que podemos descobrir juntos. — Nós nos encontramos na frente do carro.

— Eu acho que nós somos alienígenas, — eu digo. — É por isso que não temos quaisquer lembranças

de Charlie e de Silas. Mas nós lembramos coisas como Google e Tetris por causa dos chips de computador em nossos cérebros.

— Então, eu posso mudar o seu nome alienígena?

Antes que eu possa pensar sobre o que eu estou fazendo, eu envio a palma da minha mão em seu peito. — Concentre-se, Silas!

Ele me olha, e então eu estou apontando para frente. — O que é isso? — Eu ando na frente dele. É uma construção, castelo — como na estrutura — e branco. Há três torres

salientes para o céu.

— Parece que é uma igreja, — diz ele, tirando seu telefone.

— Está fazendo o que?

— Tirando uma fotografia... Para o caso de eu esquecer novamente. Eu acho que devemos documentar o que está acontecendo e aonde nós vamos.

Estou tranquila quando eu penso sobre o que ele disse. É realmente uma boa ideia. — É aí que devemos ir, certo? Igrejas ajudam as pessoas... — minha voz falha.

— Sim, — diz Silas. — Eles ajudam as pessoas, e não os

alienígenas. E desde que nós...

Eu bati nele novamente. Eu gostaria que ele levasse isso a sério. — E se nós somos anjos e nós deveríamos ajudar alguém, e que nos foi dado estes organismos para cumprir a nossa missão?

Ele suspira. — Você está ouvindo a si mesma?

Nós alcançamos as portas para a igreja, que estava ironicamente bloqueada. — Tudo bem, — eu digo, girando.

— Qual é a sua sugestão para o que aconteceu com a gente?

Será que vamos piscar nossas cabeças juntas e perder as nossas memórias? Ou talvez nós comemos algo que realmente nos confundiu!

— Eu desato a descer as escadas.

— Hey! Hey! — Ele chama. — Você não tem permissão para ficar com raiva de mim. Isso não é culpa minha. — Ele corre pelas escadas atrás de mim.

— Como sabemos isso? Nós não sabemos nada, Silas! Isto poderia ser tudo culpa sua!

Estamos de pé no fundo das escadas agora, olhando para o outro.

— Talvez seja, — diz ele. — Mas tudo o que eu fiz, você fez isso também. Porque, caso você não tenha notado, estamos no mesmo barco.

Eu aperto e abro os punhos, respiro fundo, concentro-me olhando para a igreja até que meus olhos encham de água.

— Olha, — diz Silas, se aproximando. — Sinto muito por transformar isso em uma piada. Eu quero descobrir tanto quanto você. Quais são algumas de suas outras ideias?

Eu fecho meus olhos. — Os

contos de fadas, — eu digo, olhando de volta para ele. — Alguém está sempre amaldiçoado. Quebrando o feitiço, eles têm que descobrir algumas coisas sobre si mesmo... Então...

— Então o que?

Eu posso dizer que ele está tentando me levar a sério, mas isso de alguma forma me deixa mais irritada. — Há um beijo...

Ele sorri. — Um beijo, hein? Eu nunca tinha beijado ninguém antes.

— Silas!

— *O que?* Se eu não me lembro,

não conta!

Cruzo os braços sobre o peito e assisto a um músico de rua pegar seu violino. Ele se lembra da primeira vez que ele pegou um violino, as primeiras notas que ele tocou, que deram a ele. Eu invejo suas memórias.

— Eu estou falando sério, Charlie. Sinto muito.

Eu olho para Silas com o canto do meu olho. Ele parece genuinamente arrependido — as mãos enfiadas nos bolsos, pescoço caindo como se fosse de repente muito pesado.

— Então, o que você acha que

precisamos fazer? Beijo?

Eu dou de ombros. — Vale a pena tentar, certo?

— Você disse que em contos de fadas eles têm que descobrir alguma coisa primeiro...

— Pois é. Como, Bela Adormecida precisava de alguém corajoso para beijá-la e despertá-la do sono da maldição. Branca de Neve precisou do beijo do amor verdadeiro para trazê-la de volta à vida.

Ariel precisava chegar a Eric para beijá-la para quebrar o feitiço que a bruxa do mar colocou sobre ela.

Ele se anima. — Esses são filmes, — diz ele. — Você se lembra de vê-los?

— Eu não me lembro de vê-los, eu só sei que eu vi eles. Sr. Deetson falou sobre contos de fadas em Inglês hoje. É aí que eu tive a ideia.

Nós começamos a caminhar em direção ao músico de rua que está tocando algo lento e triste.

— Parece que a quebra da maldição é principalmente até o cara, — diz Silas. — Ele precisa dizer alguma coisa para ela.

— Sim... — Minha voz cai à

medida que paro para ouvir. Eu gostaria de saber o nome da música que ele estava tocando. Soa como algo que eu já ouvi, mas eu não tenho nenhum nome para ela.

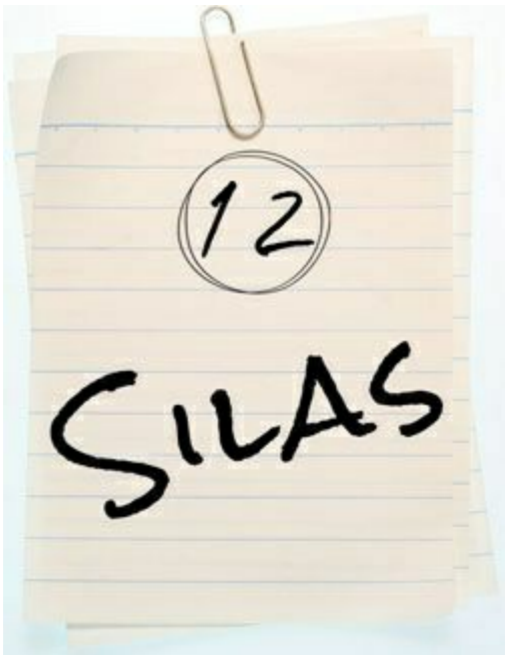
— Há uma menina, — eu digo baixinho. — Eu quero falar com ela... Eu acho que talvez ela saiba de alguma coisa. Poucas pessoas têm se referido a ela como o camarão.

As sobrancelhas de Silas se reúnem. — O que você quis dizer? Quem é ela?

— Eu não sei. Ela está em um par de minhas aulas. É apenas um

sentimento.

Estamos diante de um grupo de espectadores, e Silas chega para minha mão. Pela primeira vez, eu não puxo para longe dele. Eu deixo os dedos quentes se entrelaçam com os meus. Com a mão livre, ele tira uma foto do violinista, então ele olha para mim. — Então, eu me lembro da primeira vez que eu segurei a sua mão.



Temos andado a duas quadras e ela

não soltou a minha mão ainda. Eu não sei se é porque ela gosta de segurá-la, ou se é porque Bourbon Street é... Bem...

— Oh, Deus, — diz ela, virando-se para mim. Ela puxa minha camisa na mão dela e pressiona a testa contra o meu braço. — Esse cara só me deu... — diz ela, rindo na manga da minha camisa. — Silas, eu só vi o meu primeiro pênis!

Eu rio quando eu continuo conduzindo-a no meio da multidão inebriada de Bourbon Street. Depois de caminhar um pouco mais, ela espreita de novo. Estamos nos

aproximando de um grupo ainda maior de homens beligerantes, todos sem camisas. No lugar de camisas são montes de pérolas, envoltas em torno de seus pescoços. Eles estão todos rindo e gritando com as pessoas empoleiradas nas varandas acima de nós. Ela aperta minha mão com mais força até que tenhamos navegado com sucesso através deles. Ela relaxa e coloca mais espaço entre nós.

— O que há com os grânulos? — Ela pergunta. — Por que alguém gasta dinheiro em tais joias bregas?

— Faz parte da tradição do carnaval, — eu digo a ela. — Eu li

sobre isso quando eu estava pesquisando Bourbon Street. Tudo começou como uma celebração para a última terça-feira antes da

Quaresma, mas eu acho que ele está transformado em um ano. — Eu a puxo contra meu lado e aponto para baixo na calçada em frente a ela. Ela evita em torno do que se parece com vômito.

— Eu estou com fome, — diz ela.

Eu ri. — Passando por cima do vômito e lembra que está com fome?

— Não, vômito me fez pensar em comida e comida fez meu estômago

roncar. Alimento-me. — Ela aponta para um restaurante até a rua. O sinal está piscando em neon vermelho. — Vamos lá.

Ela dá um passo à frente de mim, ainda segurando minha mão. Olho para o meu telefone e sigo seu exemplo. Eu tenho três chamadas perdidas. Uma do — Técnico, — uma do meu irmão, e uma da — mamãe.

É a primeira vez que eu pensei na minha mãe. Eu me pergunto como ela é. Eu me pergunto porque eu não a tinha conhecido ainda.

Meu corpo inteiro cai na parte de trás das costas de Charlie depois que ela chega a deixar passar um veículo. Sua mão voa até a parte de trás de sua cabeça, onde meu queixo foi esmagado contra ela.

— Ouch, — diz ela, esfregando a cabeça.

Eu esfrego meu queixo e assisto por trás dela quando ela empurra o cabelo para frente, por cima do ombro. Meus olhos caem para a ponta do que parece ser uma tatuagem que espreita para fora da parte de trás de sua camisa.

Ela começa a andar novamente, mas eu agarro seu ombro. — Espere, — eu digo a ela. Meus dedos trilham até a gola da sua camisa e eu puxo para baixo um par de centímetros. Logo abaixo da nuca está uma pequena silhueta de árvores em tinta preta. Eu corro meus dedos sobre seu contorno. — Você tem uma tatuagem.

Sua mão voa para o local que estou tocando. — O quê?! — ela grita. Ela vira e olha para mim.

— Eu não.

— Você tem. — Eu a viro de volta

e puxo a camisa para baixo novamente. — Aqui, — eu digo, quando eu traço as árvores de novo. Desta vez eu vejo arrepios sair em seu pescoço. Eu sigo a linha de pequenos solavancos com meus olhos, correndo por cima do ombro e se escondendo debaixo de sua camisa. Eu olho para trás, a tatuagem de novo, porque os dedos dela estão agora tentando sentir o que estou sentindo. Eu tomo dois deles e pressiono-os contra sua pele.

— A silhueta das árvores, — eu digo a ela. — Bem aqui.

— Árvores? — Diz ela, inclinando

a cabeça para o lado. — Por que eu teria árvores? — Ela se vira. — Eu quero vê-la. Tire uma foto com o telefone.

Eu puxo a blusa para baixo o suficiente para que ela possa ver toda a tatuagem, mesmo que ela não seja mais do que três polegadas de largura. Eu escovo o cabelo sobre o ombro novamente, não por uma questão de imagem, mas porque eu realmente estava querendo fazer isso. Eu também reposiciono sua mão, de modo que ela esteja na frente de seu corpo, drapejadas sobre o ombro.

— Silas, — ela resmunga. — Basta

tirar a maldita foto. Esta não é uma aula de arte.

Eu sorrio e me pergunto se eu sou sempre assim, se eu me recuso a tirar uma foto simples, sabendo que só preciso de um pouco mais de esforço para torná-la excepcional. Eu trago o telefone e tiro a foto e, em seguida olho para a tela, admirando o quão boa a tatuagem aparece nela. Ela vira e pega o telefone da minha mão.

Ela olha para a imagem e suspira.  
— Oh meu Deus.

— É uma tatuagem muito boa, — eu digo a ela. Ela me dá de volta o

meu telefone e revira os olhos, anda de novo em direção ao restaurante.

Ela pode revirar os olhos sobre tudo o que ela quiser. Isso não muda como ela reagia aos meus dedos arrastando através da parte de trás do seu pescoço.

Vejo-a caminhar em direção ao restaurante, e percebo que eu a tenho descoberto já. Quanto mais ela gosta de mim, mais fechada ela se torna. Quanto mais sarcasmo ela inflige em mim. Marcas para vulnerabilidades, que a fazem se sentir fraca, por isso ela está fingindo ser mais difícil do que ela realmente é. Eu acho que o

velho Silas sabia isso sobre ela também. É por isso que ele a amava, porque, aparentemente, ele gostou do jogo que jogaram.

Aparentemente, eu também, porque mais uma vez, eu estou seguindo.

Nós caminhamos através da porta do restaurante e Charlie diz: — Duas pessoas, cabine, por favor, — antes da hostess ter a chance de perguntar. Pelo menos ela disse — *por favor*.

— Por aqui, — diz a mulher.

O restaurante é silencioso e escuro, um forte contraste com o barulho e

luzes de néon de Bourbon Street. Nós suspiramos um alívio coletivo, uma vez que estamos sentados. A garçonete nos entrega nossos menus e leva nossa ordem de bebida. De vez em quando, Charlie levanta a mão para a parte de trás do pescoço dela, como se ela pudesse sentir o esboço da tatuagem.

— O que você acha que isso significa? — Diz ela, ainda olhando para o menu na frente dela.

Eu dou de ombros. — Eu não sei. Talvez você gostasse de florestas? — Eu olho para ela. — Estes contos de fadas que você falou a respeito. Será

que todas elas têm lugar nas florestas? Talvez o homem que precisa quebrar seu feitiço com um beijo seja o lenhador que vive na floresta.

Seus olhos encontram os meus e eu posso dizer que minhas piadas estão a enervá-la. Ou talvez ela esta brava porque ela acha que eu sou engraçado. — Pare de fazer piada de mim, — diz ela. — Nós acordamos sem nossas memórias no mesmo exato momento, Silas.

Nada é mais absurdo do que isso. Mesmo contos de fadas com lenhadores.

Eu sorrio inocente e olho para a minha mão. — Eu tenho calos, — eu digo a ela, levantando minha mão e apontando para a pele áspera da palma da minha mão. — Eu poderia ser seu lenhador.

Ela revira os olhos novamente, mas desta vez ri. — Você provavelmente tem calos de se masturbar também.

Eu ergo minha mão direita. — Porém, eles estão em ambas às mãos, não apenas na minha esquerda.

— Ambidestro, — ela não demonstra nenhuma expressão.

Nós dois sorrimos quando nossas

bebidas são colocadas na nossa frente.  
— Prontos para pedir? — A  
garçonete pergunta.

Charlie escaneia rapidamente o  
menu e diz: — Eu odeio que não  
possamos lembrar o que gostamos.  
— Ela olha para cima para a  
garçonete. — Vou levar um queijo  
grelhado, — diz ela. — É seguro.

— Burger e batata frita, sem  
maionese, — eu digo a ela. Nós  
devolvemos nossos menus e eu  
redireciono o foco para o Charlie. —  
Você ainda não tem dezoito. Como  
você poderia fazer uma tatuagem?

— O Bourbon Street não parece ser um defensor de regras, — diz ela. — Acho que tenho uma identidade falsa escondida em algum lugar.

Abro o motor de busca no meu telefone. — Eu vou tentar descobrir o que significa. Eu estou ficando muito bom nessa coisa do Google. — Eu passo os próximos minutos procurando cada sentido possível de árvores e florestas e aglomerados de árvores. Só quando eu acho que estou no caminho certo, ela puxa o meu telefone longe e define-o na mesa.

— Levante-se, — diz ela enquanto ela se mantém. — Nós estamos indo

para o banheiro. — Ela pega a minha mão e me puxa para fora da cabine.

— Juntos?

Ela balança a cabeça. — Sim.

Eu olho para a parte de trás de sua cabeça enquanto ela se afasta de mim, então de volta para a cabine vazia. O que...

— Vamos lá, — diz ela sobre o ombro.

Eu a sigo até o corredor que leva para os banheiros. Ela empurra as portas do banheiro das mulheres e espreita no interior, em seguida, puxa a cabeça para fora. — É um único

box. Está vazio, — diz ela, segurando a porta aberta para mim.

Faço uma pausa e olho para o banheiro dos homens, o que parece perfeitamente bem, então eu não sei por que ela... — Silas! — Ela agarra meu braço e me puxa para dentro do banheiro. Uma vez que estamos dentro, eu meio que esperava que ela envolvesse os braços em volta do meu pescoço e me beijasse por que... Por que mais estaríamos aqui juntos?

— Tira sua camisa.

Olho para minha camisa.

Eu olho para trás para ela. — Será

que estamos... Estamos prestes a fazer sexo? Porque eu não posso imaginá-la a descer assim.

Ela geme e atinge a frente, puxando a barra da minha camisa. Eu a ajudo a puxá-la sobre a minha cabeça quando ela diz: — Eu quero ver se você tem alguma tatuagem, idiota.

Eu desinflo.

Eu me sinto como um jovem de dezoito anos de idade, que foi simplesmente enrolado. Eu acho que estou meio... Ela me vira e, quando eu enfrento o espelho, ela engasga. Seus

olhos se fixam em minhas costas. Os meus músculos estão tensos sob seu toque, quando as pontas dos dedos cumprem o meu ombro direito. Ela traça um círculo, abrangendo um raio de vários centímetros. Eu aperto meus olhos fechados e tento controlar o meu pulso. De repente, me sinto mais bêbado do que todos no Bourbon Street combinados. Eu estou segurando o balcão em frente de mim, porque ela tem os dedos na...

Minha pele.

— Jesus, — eu gemo, deixando cair a cabeça entre os ombros.

*Concentre-se Silas.*

— O que há de errado? —  
Pergunta ela, parando sua inspeção da  
minha tatuagem. — Não faz mal, não  
é?

Eu libero uma risada, porque suas  
mãos sobre mim são o oposto de dor.  
— Não, Charlie. Não faz mal.

Meus olhos encontram os dela no  
espelho e ela olha para mim por  
alguns segundos. Quando finalmente  
registra o que está fazendo, ela olha  
para longe e puxa sua mão das  
minhas costas. Suas bochechas estão  
vermelhas.

— Coloque sua camisa e vá esperar a nossa comida, — ela exige. — Eu tenho que fazer xixi.

Eu libero o meu domínio sobre o balcão e inspiro profundamente colocando minha camisa por cima da minha cabeça. Na minha caminhada de volta para a nossa mesa, eu percebo que eu nunca sequer perguntei a ela o que a tatuagem era.

---

— Um colar de pérolas, — diz ela, enquanto desliza para dentro da cabine. — Pérolas negras. É cerca de seis centímetros de diâmetro.

— Pérolas?

Ela balança a cabeça.

— Como um... Colar?

Ela balança a cabeça novamente e toma um gole de sua bebida. — Você tem uma tatuagem, um colar de mulher nas costas, Silas. — Ela está sorrindo agora. — Muito lenhador.

Ela está gostando disso. — Sim, bem. Você tem árvores em sua costa. Não há muito para se gabar. Você provavelmente vai ter cupins.

Ela ri alto e isso me faz rir também. Ela move o canudo ao redor em sua bebida e olho para ela. —

Conhecendo-me... — ela faz uma pausa. — Conhecendo de Charlie, ela não teria chegado a uma tatuagem a menos que ela realmente significasse alguma coisa para ela. Tinha que ser algo que ela sabia que nunca se cansaria. Nunca pararia de amar.

Duas palavras familiares passam para fora em sua sentença.

— Nunca Jamais, — eu sussurro.

Ela olha para mim, reconhecendo a frase que repetimos um ao outro no vídeo. Ela inclina a cabeça para o lado. — Você acha que tem algo a ver com você? Não é Silas? — Ela

balança a cabeça, em silêncio em desacordo com a minha sugestão, mas eu começo a percorrer o meu telefone.

— Charlie não seria tão estúpida,  
— acrescenta ela. — Ela não iria colocar tinta em sua pele em algo que estivesse relacionado com um cara. Além disso, o que as árvores têm a ver com você?

Eu encontro exatamente o que eu estou procurando e, tanto quanto eu estou tentando manter uma cara séria, eu não posso parar de sorrir. Eu sei que é um sorriso presunçoso e eu provavelmente não deveria estar

olhando para ela assim, mas eu não posso me ajudar. Eu entrego o telefone e ela olha para a tela e lê em voz alta.

— A partir de um nome grego que significa florestas ou matas.

— Ela olha para mim. — Então, é o significado de um nome?

Concordo com a cabeça. Ainda presunçoso. — Vá para cima.

Ela rola a tela com um golpe de seu dedo e separa parte dos lábios com um suspiro. — Derivado do termo grego – Silas. — Sua boca está fechada em grampos e sua mandíbula

endurece. Ela me dá de volta o telefone e fecha os olhos. Sua cabeça se move lentamente para trás e para frente. — Ela tem uma tatuagem com o significado de seu nome?

Como esperado, ela está fingindo estar decepcionada com ela mesma.

Como esperado, sinto-me triunfante.

— Você tem uma tatuagem, — eu digo a ela, apontando o dedo em sua direção. — É em você. Sua pele. Meu nome. — Eu não posso parar com o sorriso estúpido estampado no meu rosto. Ela revira os olhos novamente,

quando a nossa comida é colocada na nossa frente.

Eu empurro o meu lado e procuro o significado para o nome de Charlie. Eu não encontro qualquer coisa que pudesse ser pérolas, nem perto. Depois de alguns minutos, ela finalmente suspira e diz: — Tente Margaret. Meu nome do meio.

Eu procuro o nome de Margaret e leio os resultados em voz alta.

— Margaret, a partir do termo grego que significa pérola.

Eu coloco o meu telefone para baixo. Eu não sei por que parece que

eu só ganhei uma aposta, mas eu me sinto vitorioso.

— É uma coisa boa que você está me dando um novo nome, — diz ela, de fato.

Um novo nome a minha bunda.

Eu puxo meu prato na minha frente e pego uma batata frita.

Eu aponto para ela e pisco. — Estamos com a marca. Você e eu. Estamos tão apaixonados, Charlie. Você está se sentindo ainda? Eu faço seu coração palpitar?

— Estas não são as nossas tatuagens, — diz ela.

Eu balanço minha cabeça. —  
Amarrada, — repito. Eu levanto o  
meu dedo indicador como se eu  
estivesse apontando por cima do  
ombro. — Ali. Permanentemente. Pra  
Sempre.

— Deus, — ela geme. — Cale a  
boca e coma seu hambúrguer.

Eu como. Eu como a coisa toda  
com um sorriso de comedor de  
merda.

---

— E agora? — Eu pergunto,  
recostando-me no meu lugar. Ela mal  
tocou sua comida e eu tenho certeza

que eu só quebrei um recorde com o  
quão rápido eu comi.

Ela olha para mim e eu posso ver  
pela trepidação em sua expressão que  
ela já sabe o que ela quer fazer a  
seguir, ela apenas não quer levá-lo.

— O que é?

Seus olhos estreitam. — Eu não  
quero que você faça um comentário  
espertinho em resposta ao que eu  
estou prestes a sugerir.

— Não, Charlie, — eu digo  
imediatamente. — Nós não estamos  
fugindo esta noite. As tatuagens são  
bastante compromisso por enquanto.

Ela não revira os olhos da minha piada neste momento. Ela suspira, derrotada, e se inclina para trás em seu assento.

Eu odeio a reação dela. Eu gosto muito mais quando ela revira os olhos para mim.

Eu chego do outro lado da mesa e cobro-lhe a mão com a minha, esfregando o polegar sobre a dela. — Sinto muito, — eu digo. — O sarcasmo só faz essa coisa toda se parecer um pouco menos assustadora. — Eu removo a minha mão da dela. — O que você quer dizer? Estou ouvindo. Prometo. Honra de

lenhador.

Ela ri com um pequeno rolar de seus olhos e eu estou aliviado. Ela olha para mim e se desloca em seu assento, em seguida, começa a brincar com seu canudo novamente. — Passamos por algumas... Lojas de tarô. Eu acho que talvez nós devêssemos começar uma leitura.

Eu nem mesmo pisco no seu comentário. Eu apenas aceno e puxo a minha carteira do meu bolso. Eu coloco o suficiente de dinheiro na mesa para cobrir a nossa conta e, em seguida, eu me levanto. — Eu

concordo, — eu digo a ela, estendendo-lhe a mão.

Na verdade, eu não concordo, mas eu me sinto mal. Estes últimos dois dias têm sido desgastantes e eu sei que ela está cansada. O mínimo que posso fazer é tornar isso mais fácil para ela, apesar de saber que esta besteira de mistificação não vai nos iluminar de forma alguma.

Passamos algumas lojas de tarô durante a nossa pesquisa, mas Charlie balança a cabeça cada vez que eu aponto uma.

Eu não tenho certeza do que ela

está procurando, mas eu realmente gosto de andar pelas ruas com ela, então eu não estou reclamando. Ela está segurando a minha mão, e às vezes eu coloco meu braço em torno dela e a puxo contra mim quando os caminhos se tornam demasiado estreitos. Eu não sei se ela percebeu, mas eu tenho nos levado através de um lote destes caminhos estreitos desnecessariamente. Toda vez que eu vejo uma grande multidão, eu aponto para ela. Afinal de contas, ela ainda é meu plano B.

Após cerca de meia hora a mais de caminhada, parece que estamos

chegando ao fim do bairro francês.

As multidões estão diminuindo, dando-me menos desculpas para puxá-la para mim. Algumas das lojas que estamos passando estão fechadas. Tornamos mais de St. Philip Street, quando ela faz uma pausa na frente de uma janela de galeria de arte.

Eu estou ao seu lado e olho para as telas iluminadas no interior do edifício. Existem peças suspensas no teto em corpo de plástico, e gigantes, metal dando vida do mar agarrado às paredes. A tela principal está diretamente na nossa frente, só acontece de ser um pequeno colar de

pérolas vestindo — cadáver.

Ela bate o dedo contra o vidro, apontando para o cadáver. — Olha, — diz ela. — Sou eu. — Ela ri e move sua atenção para outro lugar dentro da loja.

Eu não estou olhando para o cadáver. Eu não estou olhando dentro da loja.

Eu estou olhando para ela.

As luzes de dentro da galeria estão iluminando sua pele, dando-lhe um brilho que realmente a faz parecer um anjo. Eu quero passar a mão em suas costas e sentir as asas reais.

Seus olhos se movem de um objeto para outro, enquanto ela estuda tudo além da janela. Ela olha para cada pedaço com perplexidade. Faço uma nota mental para trazê-la de volta aqui quando estiverem realmente abertos. Eu não posso imaginar o que ela ia parecer realmente ao ser capaz de tocar uma das peças.

Ela olha para a janela mais alguns minutos e eu continuo a olhar para ela, só que agora eu tenho dois passos e eu estou de pé bem atrás dela. Eu quero ver a tatuagem dela de novo, agora que eu sei o que significa. Eu envolvo minha mão em torno de seu

cabelo e escovo-o para frente, por cima do ombro. Eu meio que esperava que ela chegasse atrás dela e me desse um tapa na minha mão, mas em vez disso, ela suga em uma corrida rápida de ar e olha para seus pés.

Eu sorrio, lembrando o que senti quando ela passou os dedos sobre a minha tatuagem. Eu não sei se eu a fiz sentir o mesmo, mas ela está de pé ainda, permitindo que os meus dedos deslizem para dentro da gola de sua camisa novamente.

Eu engulo o que sinto como três batimentos cardíacos inteiros.

Gostaria de saber se ela sempre teve esse efeito sobre mim.

Eu puxo a blusa para baixo, revelando a sua tatuagem. Uma pontada atira através do meu estômago, porque eu odeio que nós não temos essa memória. Eu quero lembrar a discussão que tivemos quando decidimos fazer essa coisa permanente. Eu quero lembrar quem trouxe a ideia primeiro. Eu quero lembrar o que senti quando a agulha perfurou minha pele pela primeira vez. Eu quero lembrar como nos sentimos antes.

Eu corro o meu polegar sobre a

silhueta das árvores enquanto curvo o resto da minha mão sobre os ombros, sobre a pele coberta de calafrios novamente. Ela inclina a cabeça para o lado e o mais ínfimo dos choramingos escapa da garganta dela.

Eu aperto meus olhos fechados. — Charlie? — Minha voz é como uma lixa. Pigarreio para alisá-la para fora. — Eu mudei de ideia, — eu digo em voz baixa. — Eu não quero dar-lhe um novo nome. Eu meio que amo o seu antigo agora.

Espero.

Aguardo sua resposta sarcástica.

Por sua risada.

Eu espero por ela para empurrar minha mão longe da sua nuca.

Fico sem reação dela. Nada. O que significa que eu recebo tudo.

Eu mantenho a minha mão em suas costas enquanto eu lentamente passo ao seu redor. Eu estou de pé entre ela e a janela agora, mas ela mantém os olhos voltados para o chão. Ela não olha para mim, porque eu sei que ela não gosta de se sentir fraca. E agora, eu estou fazendo seu fraco. Eu trago a minha mão livre para frente e passo meus dedos até o

queixo, inclinando o rosto para o meu.

Quando vejo seus olhos, eu sinto que estou encontrando um novo lado dela. Um lado dela sem determinação. O lado vulnerável. Um lado que está a permitindo sentir alguma coisa. Eu quero sorrir e perguntar como se sente ao estar apaixonada, mas eu sei que se provocá-la neste momento iria irritá-la e ela iria embora e eu não posso deixar isso acontecer. Agora não. Não quando eu finalmente começo a catalogar uma memória real com todas as numerosas fantasias que eu tive sobre sua boca.

Sua língua desliza através de seu lábio inferior, causando inveja a vibrar através de mim, porque eu realmente queria ser o único a fazer isso com o seu lábio.

Na verdade... Eu acho que eu vou.

Eu começo a mergulhar minha cabeça, assim quando ela pressiona as mãos contra meus braços. — Olha, — diz ela, apontando para o prédio ao lado. A luz bruxuleante roubou-lhe a atenção e eu quero amaldiçoar o universo pelo simples fato de que uma lâmpada apenas interferiu com o que estava prestes a se tornar o meu favorito absoluto das poucas

lembranças.

Eu sigo o olhar para um sinal de que não parece ser diferente de todos os outros sinais de tarô que temos passado. A única coisa diferente sobre este é apenas que está completamente arruinando o meu momento. E caramba, foi um bom momento. Grande, homem.

Charlie também estava sentindo, e eu não sei quanto tempo vai me levar de volta a isso.

Ela está andando na direção da loja agora. Eu sigo atrás dela como um cachorrinho doente de amor.

O edifício não é marcado e isso me faz pensar sobre que era pouco confiável, a luz de bosta que a afastou da minha boca. As únicas palavras que indicam que isso é mesmo uma loja são os — Sem Câmeras, — sinais rebocados em cada janela enegrecida.

Charlie coloca as mãos na porta e empurra. Sigo-a para dentro e nós estamos de pé em breve ao que parece ser o centro de uma turística loja de presentes vodu. Há um homem que está atrás de um registro e poucas pessoas visitando os corredores.

Eu tento levar tudo enquanto eu sigo Charlie através da loja. Ela

coloca dedos em tudo, toca as pedras, os ossos, os frascos de bonecos de vodu em miniatura. Nós silenciosamente fazemos o nosso caminho para baixo de cada corredor até chegarmos à parede de trás.

Charlie não chega... Pega a minha mão e aponta para um quadro na parede. — A porta, — diz ela. — Você tirou uma foto dessa porta. É a única pendurada na minha parede.

— Posso lhe ajudar?

Nós dois giramos ao redor de um grande homem, grande realmente, com orelhas aferidas e um anel de

lábio, está olhando fixamente para baixo para nós.

Eu meio que quero pedir desculpas a ele e deixar o mais rápido que pudermos, mas Charlie tem outros planos. — Você sabe o que esta porta está guardando? A da foto? — Charlie pergunta a ele, apontando por cima do ombro.

Os olhos do homem levantam para a moldura da imagem. Ele dá de ombros.

— Deve ser novo, — diz ele. — Eu nunca tinha notado isso antes. — Ele olha para mim, arqueando uma

sobrancelha adornada com vários piercings. Um que é um pequeno osso...? É um osso furando através de sua sobrancelha? — Vocês dois estão à procura de algo em particular?

Eu balanço minha cabeça e começo a responder, mas as minhas palavras são cortadas por outra pessoa.

— Eles estão aqui para me ver. — Uma mão alcança através de uma cortina de contas à nossa direita. Uma mulher sai, e Charlie imediatamente fica contra mim. Eu envolvo meu braço em torno dela.

Eu não sei por que ela está

permitindo este lugar assustá-la. Ela não parece ser do tipo que acredita neste tipo de coisa, mas eu não estou reclamando. Charlie assustada significa um Silas com muita sorte.

— Dessa forma, — a mulher diz, apontando para nós para segui-la. Eu começo a opor-me, mas depois me lembro que lugares como este... Eles são tudo sobre teatro. É Halloween 365 dias por ano. Ela está apenas jogando uma peça. Ela é diferente de Charlie e eu, fingindo ser duas pessoas que não são.

Charlie olha para mim, em silêncio, pedindo permissão para segui-la.

Concordo com a cabeça e seguimos a mulher através da cortina de toco, uma de pérolas e demoram mais estreitas em crânios de plástico. Agradável de tocar.

O quarto é pequeno e todas as paredes são cobertas com grossas cortinas em veludo preto. Há velas acesas ao redor da sala, cintilações de luz lambem as paredes, o chão, nós. A mulher toma um assento em uma pequena mesa no centro da sala para nos sentar em duas cadeiras em frente a ela. Eu mantenho a mão de Charlie envolta firmemente na minha quando nós dois sentamos.

A mulher começa a embaralhar lentamente um baralho de cartas de tarô. — Leitura conjunta, eu presumo? — Ela pergunta.

Nós dois acenamos a cabeça. Ela entrega a Charlie o baralho e pede a ela para mantê-lo. Charlie leva-o a partir dela e junta às mãos em torno dele. A mulher cutuca a cabeça para mim. — Ambos. Os embaralhe.

Eu quero revirar os olhos, mas ao invés disso eu chego a minha mão em Charlie e coloco no baralho com ela.

— Você precisa querer a mesma coisa fora desta leitura. Várias leituras

podem, por vezes, se sobrepor quando não existe coesão. É importante que o seu objetivo seja o mesmo.

Charlie concorda. — Eles são.

Eu odeio o desespero em sua voz, como se nós estivéssemos indo realmente para obter uma resposta. Certamente ela não acredita nisso.

A mulher atravessa a tomar os cartões de nossas mãos. Seus dedos escovam os meus e eles estão gelados como o frio. Eu puxo minha mão para trás e pego Charlie, movendo-a para o meu colo.

Ela começa, colocando as cartas na mesa, uma por uma. Elas estão todas de barriga para baixo. Quando ela termina, ela me pede para puxar uma carta do baralho. Quando eu entregolhe o cartão, ela a separa das demais. Ela aponta para ela. — Este carta lhe dará a sua resposta, mas as outras cartas explicam o caminho para a sua pergunta.

Ela coloca os dedos sobre o cartão no meio. — Esta posição representa a sua situação atual. — Ela vira a outra.

— Morte? — Charlie sussurra. Sua mão aperta a minha.

A mulher olha para Charlie e inclina a cabeça. — Não necessariamente uma coisa ruim, — diz ela. — A morte do cartão representa uma grande mudança. A reforma. Vocês dois têm experimentado uma perda de sortes.

Ela toca outro cartão. — Esta posição representa o passado imediato. — Ela vira-o e antes de olhar para o cartão, eu posso ver os olhos da mulher estreitados. Os olhos caem para o cartão. O Diabo.

— Isso indica que algo ou alguém estava escravizando você no passado. Pode representar um número de

coisas perto de você. A influência dos pais. Uma relação doentia. — Seus olhos encontram os meus. — Cartões invertidos refletem uma influência negativa, e, embora ele representa o passado, também pode significar que você está atualmente em uma transição.

Seus dedos caem para outro cartão. — Esta carta representa o seu futuro imediato. — Ela desliza no cartão em direção a ela e vira sobre isso. Um suspiro tranquilo cai de sua boca e sinto Charlie vacilar. Olho para ela e ela está olhando fixamente para a mulher, à espera de uma explicação.

Ela olha aterrorizada.

Eu não sei que tipo de jogo esta mulher está jogando, mas está começando a me irritar...

— O cartão Torre? — Diz Charlie. — O que quer dizer isso?

A mulher vira o cartão para trás como se fosse a pior carta do baralho. Ela fecha os olhos e sopra um longo suspiro. Seus olhos se abrem de novo e ela está olhando diretamente para Charlie. — Isto significa... Destruição.

Eu rolo meus olhos e empurro para trás da mesa. — Charlie, vamos

sair daqui.

Charlie me olha suplicante. — Estamos quase terminando, — diz ela.

Eu cedo e volto para a mesa.

A mulher vira mais duas cartas, explicando-lhes para Charlie, mas eu não ouvi uma única palavra do que ela diz. Meus olhos vagueiam em torno do quarto enquanto eu tento ser paciente e deixá-la terminar, mas eu sinto que estamos perdendo tempo.

A mão de Charlie começa espremer a vida fora da minha, então

eu volto minha atenção para a leitura. Os olhos da mulher estão bem fechados e seus lábios estão se movendo. Ela está murmurando palavras que eu não posso decifrar.

Charlie fica mais perto de mim, e eu instintivamente envolvo meu braço em torno dela. — Charlie, — eu sussurro, fazendo-a olhar para mim. — É teatralidade. Ela é paga para fazer isso. Não tenha medo.

Minha voz tem que quebrar a mulher que sai do transe convenientemente cronometrado. Ela está batendo na mesa, tentando chamar nossa atenção, como se ela

não estivesse fora da terra para a última hora e meia.

Seus dedos caem para o cartão que eu puxei para fora do baralho. Seus olhos encontraram os meus, e, em seguida, eles se movem para Charlie. — Este cartão, — diz ela lentamente. — É o seu cartão de resultado. Combinado com os outros cartões na leitura, o que lhe dá a resposta para porque você está aqui. — Ela vira o cartão.

A mulher não se move. Seus olhos estão bloqueados no cartão sob seus dedos. O quarto cresce estranhamente quieto, e, como se

fosse um sinal, uma das velas perde a sua chama. Outro toque agradável, eu acho.

Eu olho para o cartão de resultado. Não existem palavras sobre ele. Sem título. Sem fotos.

O cartão está vazio.

Eu posso sentir Charlie endurecer em meus braços enquanto ela olha para o cartão em branco em cima da mesa. Enfio a volta à mesa e puxo Charlie. — Isso é ridículo, — eu digo em voz alta, acidentalmente batendo minha cadeira.

Eu não estou chateado que a

mulher está tentando nos assustar. É o seu trabalho. Eu estou chateado porque ela está, na verdade, assustando Charlie, mas ela está mantendo-se nesta fachada ridícula.

Eu tomo o rosto de Charlie em minhas mãos e a olho nos olhos. — Ela plantou esse cartão para assustá-la Charlie. Isso tudo é besteira. — Eu levo as duas mãos e começo a levá-la em direção à saída.

— Não existem cartões em branco no meu baralho de tarô, — diz a mulher.

Faço uma pausa nas minhas pernas

e viro-me para encará-la.

Não por causa do que ela disse, mas por causa da maneira como ela disse. Ela parecia assustada.

Assustada por nós?

Eu fecho meus olhos e expiro. *Ela é uma atriz, Silas. Acalme sua merda.*

Abro a porta e puxo Charlie fora. Eu não paro de andar até que estamos em torno do edifício e em outra rua. Quando estamos longe da loja e longe da cintilação maldita do sinal, eu paro de andar e a puxo contra mim. Ela envolve seus braços em volta da minha cintura e enterra a

cabeça contra meu peito.

— Esqueça tudo isso, — eu digo, esfregando minha mão em círculos tranquilizadores sobre suas costas. — Adivinhação, leituras de tarô... Isso é ridículo, Charlie.

Ela puxa o rosto da minha camisa e olha para mim. — Pois é. Ridícula como a de nós acordarmos na escola, sem nos lembrar de quem somos?

Eu fecho meus olhos e afasto-me dela. Eu corro minhas mãos pelo meu cabelo, a frustração do dia se aproxima de mim. Eu posso fazer a luz de tudo isso com minhas piadas.

Posso descartar suas teorias de tarô, leituras de contos de fadas, simplesmente porque não faz sentido para mim. Mas ela está certa. Nada disso faz sentido. E quanto mais tentamos descobrir o mistério, mais eu sinto que estamos perdendo nosso maldito tempo.



Seus lábios tremem e ele balança a

cabeça. Ele quer sair daqui. Eu posso sentir o seu nervosismo.

— Talvez devêssemos voltar e fazer perguntas mais detalhadas,— sugiro.

— De jeito nenhum, — diz ele. — Eu não estou entretendo isso de novo. — Ele começa a se afastar, e eu considero voltar lá. Estou prestes a tomar o meu primeiro passo em direção à loja quando o sinal de — ABERTO — na janela desliga. A loja está na escuridão repentina. Eu mastigo no interior da minha bochecha. Eu poderia voltar quando Silas não estivesse por perto. Talvez

ela fale mais comigo.

— Charlie! — Ele chama.

Eu corro atrás dele até que nós estamos caminhando lado a lado novamente. Podemos ver a nossa respiração enquanto caminhamos. *Quando começou a fazer este frio?* Eu esfrego as mãos juntas.

— Eu estou com fome, — eu digo.

— Você está sempre com fome. Eu nunca vi alguém tão pequeno comer tanto.

Ele não oferece me alimentar, então eu continuo a caminhar ao lado dele. — O que aconteceu lá? —

pergunto. Estou tentando fazer uma piada sobre isso, mas o meu estômago se sente engraçado.

— Alguém tentou nos assustar. É isto.

Eu olho para Silas. Principalmente tudo juntos, exceto aqueles ombros, que estão tensos. — Mas se ela estiver certa? E se não havia nenhum cartão em branco em seu baralho de tarô?

— Não, — diz ele. — Apenas não.

Eu mordo meu lábio e contorno um homem dançando para trás pela calçada.

— Eu não entendo como você

pode rejeitar algo tão facilmente, considerando as circunstâncias, — eu digo por entre os dentes. — Não acha...

— Porque não falamos de outra coisa, — diz Silas.

— Certo, como o que nós vamos fazer na próxima semana? Ou sobre como falamos sobre o que fizemos no último final de semana? Ou talvez a gente fale sobre... — eu bato a minha mão contra a minha testa. — The Crush Eletric Diner. — Como eu poderia esquecer isso?

— O quê? — Silas pergunta. — O

que é isso?

— Nós estávamos lá. Você e eu, na semana passada. Eu encontrei um recibo no meu bolso jeans.

Silas está me ouvindo contar tudo isso com um olhar de incômodo leve no rosto. — Eu levei Janette lá para jantar na última noite. Um garçom me reconheceu.

— Hey! — Ele grita por cima do meu ombro. — Se você tocá-la eu vou te quebrar ao meio!

Eu olho para trás e vejo um homem apontando um dedo de espuma na minha bunda. Ele recua

quando vê o olhar no rosto de Silas.

— Por que você não me disse isso?

— Silas diz baixinho, direcionando sua atenção para mim. — Isso é não como leitores de tarô, isso é algo importante.

— Eu realmente não sei. Eu queria...

Ele pega a minha mão, mas desta vez não é para o prazer de nossas palmas pressionando juntas. Ele me arrasta pela rua com uma mão enquanto digita algo em seu telefone com a outra. Estou impressionada e levemente irritada por ter sido levada

a gostar disso. Podemos ter sido algo em nossa outra vida, mas nesta vida eu nem sei seu nome do meio.

— Está na North Rampart Street,  
— eu digo, solícita.

— Sim.

Ele está chateado. Eu meio que gosto das qualidades escuras dele. Passamos por um parque com uma fonte. Vendedores de rua criaram suas obras de arte ao longo da cerca; eles olham para nós passando. Silas está dando um passo para cada três meu. Eu acompanho. Caminhamos até que meus pés doem e, finalmente,

eu arranco a minha mão livre da dele.

Ele para e se vira.

Eu não sei o que dizer, ou por que eu estou com raiva, assim eu coloco minhas mãos em meus quadris e o encaro.

— O que há de errado com você?

— Diz ele.

— Eu não sei! — Grito. — Mas você não pode simplesmente arrastar-me ao redor da cidade! Eu não posso andar tão rápido quanto você e meus pés doem.

Isso parece familiar. Porque isto parece familiar?

Ele olha para o lado e eu posso ver os músculos que trabalham em sua mandíbula. Ele se vira para mim e tudo acontece rapidamente. Ele dá dois passos e me arrebatava fora de meus pés. Em seguida, ele retoma o seu ritmo comigo quicando muito ligeiramente em seus braços. Depois do meu grito inicial, eu sossego e aperto os braços em volta do seu pescoço. Eu gosto dele aqui em cima, onde eu posso cheirar seu perfume e tocar sua pele. Não me lembro de perfume entre as coisas de Charlie, e eu duvido que eu teria pensado em colocar qualquer um. O que isso diz

sobre Silas? Que, no meio de tudo isso, ele pensou pegar uma garrafa ou colônia spray em seu pescoço antes que ele saiu de casa esta manhã. Ele sempre foi o tipo de pessoa que se preocupava com as pequenas coisas como cheirar bem?

Comigo presa a esses pensamentos, Silas para pra perguntar a uma mulher que caiu na rua, se ela está bem.

Ela está bêbada e desleixada. Quando ela tenta se levantar, ela pisa na bainha de seu vestido e cai de volta. Silas me estabelece na calçada e vai ajudá-la.

— Você está sangrando? Você machucou a si mesma? — Pergunta ele. Ele a ajuda ficar de pé, a leva de volta para onde eu estou à espera. Ela agradece suas palavras e lhe dá um tapinha no rosto, e me pergunto se ele sabia quando ele foi para ajudar que ela era sem-teto. Eu não iria tocá-la. Ela cheira mal. Eu passo longe de ambos, e assisto-o olhá-la. Ele está preocupado. Ele mantém os olhos sobre ela até que ela tropeça a descer a rua seguinte, e, em seguida, ele balança a cabeça para me encontrar.

Neste momento — agora — é tão claro para mim como Charlie é. Ela

não é tão boa quanto Silas. Ela o ama porque ele é tão diferente dela. Talvez por isso ela ficou com Brian, porque ela não podia viver como Silas.

Como eu não posso.

Ele meio que sorri para mim, e eu acho que ele está com vergonha de ser pego sendo carinhoso. — Pronta?

Quero dizer-lhe que o que ele fez foi bom, mas — bom — é uma palavra tão boba para a bondade. Qualquer um poderia fingir ser legal. O que Silas fez foi inato. Bondade em negrito. Eu não tive quaisquer pensamentos como esses.

Eu penso sobre a menina na sala de aula na primeira manhã que deixou cair seus livros aos meus pés. Ela olhou para mim com medo. Ela me esperava para não ajudar. E mais. O que mais?

Silas e eu caminhamos em silêncio. Ele verifica seu telefone a cada poucos minutos para se certificar de que estamos indo na direção certa e eu verifico seu rosto. Gostaria de saber se isso é como uma paixão se parece. Se assistir a um homem ajudar a mulher é suposto ilícito esses tipos de sentimentos. E então nós estamos aqui. Ele aponta o outro lado da rua e

concordo com a cabeça.

— Sim, é isso.

Mas é quase. O restaurante se transformou desde que eu estive aqui com Janette. É alto e está bombando.

Há homens alinhados na calçada fumando; que se separam para nós, quando passamos. Eu posso sentir o baixo nos meus tornozelos enquanto estamos de pé do lado de fora das portas. Eles abrem para nós quando um grupo sai. A menina passa por mim rindo, o casaco de pele rosa roçando meu rosto. No interior, as pessoas estão defendendo seu espaço

com os cotovelos e projetando os quadris.

Pessoas nos encaram quando andamos por ali. Este é o meu espaço, de volta ao largo. Eu estou à espera para o resto do meu grupo – me manter em movimento. Nós ignoramos os poucos lugares vazios em favor de uma curta mais profunda dentro do prédio. Nós pressionamos no meio da multidão, andando de lado, e vacilo quando um estridente riso explode próximo a nós. Uma bebida derrama sobre meus sapatos, alguém se desculpa. Eu nem sequer sei quem, porque é muito escuro. E

então alguém chama nossos nomes.

— Silas! Charlie! Aqui!

Um menino e... Quem era aquela menina que me pegou esta manhã? Annie... Amy?

— Hey, — diz ela, quando nos aproximamos. — Eu não posso acreditar que você realmente veio para cá depois do último fim de semana.

— Por que não? — Pergunta Silas.

Eu tomo o assento que me foi oferecido e encaro fixamente os três.

— Você aperta um cara, joga ao longo de um par de mesas e me

pergunta por que você não deve voltar? — O menino diz, juntamente com uma risada. Acho que ele é namorado de Amy pela forma como ele olha para ela como se estivessem em alguma coisa juntos. A vida, talvez.

É como Silas e eu nos entreolhamos. Exceto que estamos realmente em algo juntos.

— Você agiu como um idiota, — diz ela.

— Amy, — diz o menino de reposição. — Não.

*Amy!*

Eu quero saber mais sobre esta pessoa que Silas deu um soco.

— Ele merecia isso, — eu digo. Amy levanta as sobrancelhas e balança a cabeça. Tudo o que ela está pensando, ela está com muito medo de dizer, porque ela se afasta. Eu tento o namorado seguinte. — Você não acha? — Eu pergunto inocentemente. Ele dá de ombros. Vai para sentar ao lado de Amy. Eles estão todos com medo de mim, eu acho, mas por quê?

Eu peço uma Coca-Cola. A cabeça de Amy se encaixe em torno para olhar para mim quando ela ouve.

— Coca regular? Não Diet?

— Eu pareço como se precisasse beber diet? — Eu agarro. Ela encolhe. Eu não sei de onde veio isso, juro por Deus. Eu nem sequer sei o quanto eu peso. Eu decido calar a boca e deixar Silas fazer o detetive trabalhar antes que eu ofenda alguém novamente. Ele cai ao lado do namorado de Amy e eles começam a conversar.

A música faz com que seja impossível espionar, e Amy está fazendo seu melhor para não olhar para mim, então eu assisto as pessoas.

Pessoas... Todos eles têm memórias... Sabem quem eles são.

Estou com inveja.

— Vamos, Charlie. — Silas está de pé em cima de mim, esperando. Amy e seu namorado estão nos observando do outro lado da mesa. É uma grande mesa, gostaria de saber quem mais está vindo para se juntar a eles e como muitas das pessoas me odeiam.

Fora do restaurante e de volta para a rua. Silas pigarreia.

— Entrei em uma luta.

— Eu ouvi, — eu digo. — Disseram para você quem era?

— Sim.

Eu espero e, quando ele não oferece as informações, eu digo:

— Bem...?

— Eu soquei o proprietário no rosto. O pai de Brian.

Minha cabeça se encaixa ao redor.  
— Que diabos?

— Sim, — diz ele. Ele esfrega a nuca no queixo, pensativo. — Porque ele disse algo sobre você...

— Eu? — Recebo uma sensação de mal estar no estômago. Eu sei o que está por vir, mas eu não sei o que está por vir.

— Ele me disse que ele estava dando-lhe um emprego como garçoneiro...

*Ok, isso não é tão ruim. Precisamos do dinheiro.*

— Porque você era a garota de Brian. Então eu dei um soco, eu acho.

— Droga.

— Pois é. Aquele garoto disse que precisava sair antes do pai de Brian chamar a polícia.

— Os policiais? — Faço eco.

— Eu acho que o pai de Brian e meu pai trabalharam juntos em algumas coisas. Ele concordou em

não prestar queixa na semana passada, por causa disso, mas eu não posso voltar para lá. Além disso, Landon foi chamando ao redor, procurando por mim. Aparentemente, o meu pai está se perguntando por que eu deixei o treino. Todo mundo está muito chateado.

— Oops, — eu digo.

— Sim, oops. — Ele diz como se ele não se importasse.

Voltamos por onde viemos, nós dois tranquilos. Passamos por alguns artistas de rua que eu não percebi antes.

Dois deles parecem um casal. O homem está tocando a gaita de foles, enquanto a mulher desenha imagens em giz colorido na calçada. Damos um passo ao longo dos desenhos, tanto de nossas cabeças para baixo, examinando. Silas pega sua câmera e tira algumas fotos enquanto eu a vejo girar algumas linhas em um casal se beijando.

*Um casal se beijando.* Isto me lembra.

— Nós precisamos nos beijar, — eu digo a ele.

Ele quase deixa cair seu telefone. Seus olhos são grandes quando ele

olha para mim.

— Para ver se acontece alguma coisa... Como nos contos de fadas de que falamos.

— Oh, — diz ele. — Sim claro. Ok. Quando? Agora?

Eu rolo meus olhos e afasto-me dele, em direção a uma fonte perto de uma igreja. Silas segue atrás. Eu quero ver seu rosto, mas eu não olho. Isso tudo é negócio. Eu não posso fazê-lo em outra coisa. É um experimento. É isto.

Quando chegamos a fonte, ambos nos sentamos na borda da mesma. Eu

não quero fazê-lo desta forma, então eu levanto e o encaro.

— Tudo bem, — eu digo, chegando a ficar na frente dele. — Feche os olhos.

Ele faz, mas há um sorriso no rosto.

— Mantenha-os fechados, — Eu instruo. Eu não quero que ele me veja. Eu mal sei o que eu pareço; Eu não sei se o meu rosto se contorce sob pressão.

Sua cabeça está inclinada para cima, e a minha está inclinada para baixo. Eu coloco minhas mãos em

seus ombros e sinto suas mãos se elevarem na minha cintura enquanto ele me puxa para mais perto, entre os joelhos. Suas mãos deslizam para cima, sem aviso prévio, os polegares passando meu estômago e, em seguida, fazendo um golpe rápido ao longo do lado de baixo do meu sutiã. Meu estômago aperta.

— Desculpa, — ele diz. — Eu não posso ver o que eu estou fazendo.

Eu sorrio neste momento e eu estou feliz que ele não pode ver a minha reação no momento. — Ponha as mãos para trás na minha cintura — Eu ordeno.

Ele coloca muito baixo e agora as palmas das mãos estão em minha bunda. Ele aperta um pouco, e eu aperto seu braço.

— O quê? — Ele ri. — Eu não posso ver!

— Em cima, — eu digo. Ele desliza um pouco mais, mas lentamente. Meus pés formigam. — Mais, — eu digo de novo.

Ele os leva até um quarto de polegada. — É isso...

Antes que ele possa terminar a frase, eu inclino meu rosto para baixo e o beijo. Ele está sorrindo no início,

ainda no meio do seu pequeno jogo, mas quando ele sente meus lábios, o sorriso dele se dissolve. Sua boca é macia. Eu levanto minhas mãos ao rosto e quando ele me puxa mais apertado, envolvendo os braços em torno das minhas costas. Estou beijando baixo e ele está beijando. No início, eu espero apenas dar-lhe um beijinho.

Isso é tudo o que sempre mostram nos contos de fadas, um beijo rápido e a maldição é quebrada. Nós teríamos chegado a nossas memórias de volta por agora, se isto estivesse funcionando. O experimento deve ser

mais, mas nenhum de nós para.

Ele beija com os lábios macios e uma língua firme. Não é desleixado ou molhado, ele se move dentro e fora da minha boca sensualmente enquanto seus lábios chupam suavemente sobre os meus. Eu corro meus dedos até a volta do seu pescoço e em seu cabelo, e é quando ele muda, obrigando-me a dar um passo atrás e mudar de posição. Eu faço um bom trabalho de esconder o meu suspiro.

Agora eu estou beijando e ele está beijando baixo. Só que ele está me segurando para ele, seu braço em

volta da minha cintura, sua mão livre enrolada em torno da volta do meu pescoço. Eu me agarro a sua camisa, tonta. Lábios macios, arrastando... Língua entre meus lábios... Pressão sobre minhas costas... Algo pressionando entre nós que me faz sentir um motim de calor. Eu o empurro para longe, ofegando.

Eu fico lá olhando para ele, e ele olhando para mim.

Alguma coisa aconteceu. Não são nossas memórias que despertaram, mas outra coisa que nos faz sentir bêbados.

E ocorre-me enquanto eu estou aqui, querendo que ele me beije de novo, que é exatamente isso que não funciona, não precisa acontecer. Nós vamos querer mais do — novo juntos — e nós vamos perder o foco.

Ele desliza a mão pelo rosto, como se ficasse sóbrio. Ele sorri.

— Eu não me importo como o nosso verdadeiro primeiro beijo foi, — diz ele. — Isso é o que eu quero me lembrar.

Eu fico olhando para o seu sorriso tempo suficiente para salvá-lo, e então eu viro e vou embora.

— Charlie! — Ele grita.

Eu o ignoro e continuo caminhando. Isso foi estúpido. O que eu estava pensando? Um beijo não vai trazer as nossas lembranças. Isto não é um conto de fadas.

Ele agarra meu braço. — Hey. Devagar. — E então: — O que você está pensando?

Eu continuo caminhando na direção que eu estou certa que viemos. — Eu estou pensando que eu preciso chegar em casa. Eu tenho que me certificar que Janette comeu o jantar... E...

— Sobre nós, Charlie.

Eu posso senti-lo olhando para mim. — Não há nenhum nós, — eu digo. Eu trago meus olhos de volta ao seu. — Você não ouviu? Estávamos obviamente terminados e eu estava namorando Brian. Seu pai estava me dando um trabalho. Eu...

— Nós éramos um nós, Charlie. E puta merda, eu posso ver o porquê.

Eu balanço minha cabeça. Não podemos perder o foco. — Esse foi o seu primeiro beijo, — eu digo. — Eu não poderia me sentir assim com qualquer pessoa.

— Então, pareceu assim para você também? — Pergunta ele, correndo em volta para ficar na minha frente.

Considero dizer-lhe a verdade. Que se eu estivesse morta, como Branca de Neve e ele me beijasse assim, certamente o meu coração ia chutar de volta à vida. Que eu seria a única a matar dragões por esse beijo.

Mas nós não temos tempo para beijar assim. Precisamos descobrir o que aconteceu e como reverter.

— Eu não senti nada, — eu digo. — Foi apenas um beijo e não deu certo. — Uma mentira que queima

minhas entranhas por sua falta.

— Eu tenho que ir.

— Charlie...

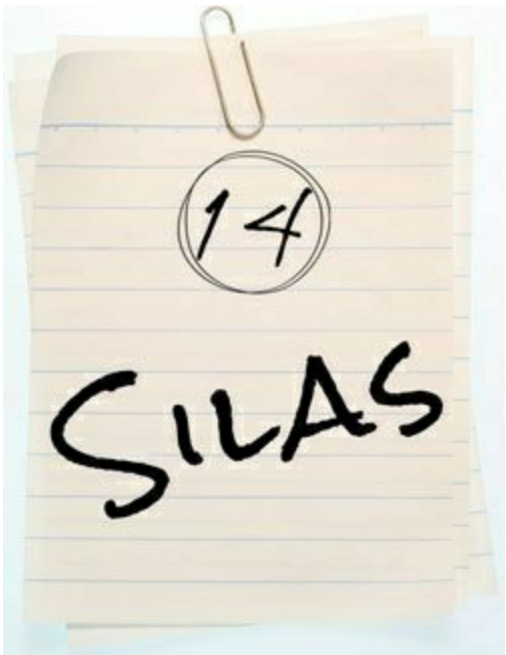
— Vejo você amanhã. — Eu levanto a mão sobre a minha cabeça e aceno, porque eu não quero virar e olhar para ele. Estou com medo. Eu quero estar com ele, mas não é uma boa ideia. Não até descobrirmos mais. Eu acho que ele vai me seguir, então eu paio sobre um táxi. Eu abro a porta e olho para trás, para Silas, para mostrar a ele que eu estou bem. Ele balança a cabeça, e então levanta o seu telefone para tirar uma foto de

mim. *A primeira vez que ela deixou*, ele provavelmente está pensando. Em seguida, ele enterra as mãos nos bolsos e se vira na direção de seu carro.

Eu espero até que ele tenha passado a fonte antes de eu me inclinar para baixo para falar com o motorista. — Desculpe, eu mudei de ideia. — Eu bato a porta e volto para o meio-fio. Eu não tenho dinheiro para um táxi de qualquer maneira. Eu vou voltar para lanchonete e pedir a Amy uma carona.

O taxista para e parto por uma rua diferente, de modo que Silas não me

veja. Eu preciso ficar sozinha. Eu  
preciso pensar.



Outra noite de sono de merda. Só

que desta vez, a minha falta de sono não foi porque eu estava preocupado comigo mesmo, ou até mesmo preocupado com o que fez Charlie e eu perder nossas memórias.

Minha falta de sono era estritamente porque eu tinha duas coisas em minha mente: o nosso beijo, e a reação de Charlie para o nosso beijo.

Eu não sei por que ela foi embora, ou por que ela preferiu tomar um táxi a andar comigo. Eu posso dizer, pelo jeito que ela respondeu durante o beijo, que ela sentiu o que eu estava sentindo. É claro que não foi como

os beijos em contos de fadas que podem acabar uma maldição, mas eu não acho que nenhum de nós realmente esperava por isso. Eu não tenho certeza de que realmente tinha alguma expectativa para o beijo em tudo – um pouco de esperança.

O que eu certamente não esperava era todo o resto, tomar um banco traseiro uma vez que os lábios fossem pressionados contra os meus, mas isso é exatamente o que aconteceu. Eu parei de pensar sobre a razão pela qual nós estávamos nos beijando e tudo o que tinha passado o dia todo. Tudo o que eu conseguia pensar era

como ela estava apertando minha camisa em punhos, me puxando para mais perto, querendo mais. Eu podia ouvir os pequenos suspiros de ar que ela estava chupando entre beijos, porque assim que nossas bocas se encontraram, ambos estávamos sem fôlego. E mesmo que ela parou o beijo e se afastou, eu ainda podia ver o olhar confuso em seu rosto e a forma como seus olhos permaneciam em minha boca.

Apesar de tudo isso, porém, ela ainda virou e foi embora. Mas se eu aprendi alguma coisa sobre Charlie nesses dois últimos dias, é que há

uma razão para cada movimento que ela faz. E é geralmente uma boa razão, é por isso que eu não tentei impedi-la.

Meu telefone recebe um texto, e eu quase caio quando eu embaralho fora do chuveiro para chegar a ele. Eu não tenho notícias dela desde que nos separamos ontem à noite, e eu estaria mentindo se eu dissesse que não estava começando a me preocupar.

Minha esperança sangra fora de mim quando eu vejo que a mensagem não é de Charlie.

É do garoto, que eu falei no jantar

ontem à noite, Eller.

*Eller: Amy quer saber se Charlie está indo com você para a escola. Ela não está em casa.*

Eu desligo a água, apesar de ainda não ter lavado ainda. Eu pego uma toalha com uma mão e respondo ao seu texto com a outra.

Eu: Não, eu  
nem sequer saí  
de casa ainda.  
Será que ela  
tentou o seu

celular?

Assim que eu envio o texto, eu marco o número de Charlie e bato no alto-falante, em seguida, defino o telefone para baixo no contador. Eu estou vestido pelo tempo da caixa de mensagem.

— Merda, — murmuro quando eu termino a chamada. Eu abro a porta e paro no meu quarto tempo suficiente para entrar nos meus sapatos e pegar minhas chaves. Faço-o andar de baixo, mas congelo antes de eu chegar à porta da frente.

Há uma mulher na cozinha, e ela

não é Ezra.

— Mãe?

A palavra sai da minha boca antes que eu perceba que eu mesmo estou falando. Ela gira em torno, e mesmo embora eu só a reconheça a partir das imagens na parede, eu acho que eu poderia sentir alguma coisa. Não sei o que é isso. Não é amor ou reconhecimento. Estou apenas superado com uma sensação de calma.

Não... É conforto. Isso é o que eu sinto.

— Ei, querido, — diz ela com um

sorriso brilhante, que atinge os cantos dos olhos. Ela está se preparando um pequeno almoço ou talvez ela está limpando depois de ter terminando o café da manhã. — Você viu o bilhete que eu coloquei na sua cômoda ontem? E como você está se sentindo?

Landon se parece mais com ela do que eu. Sua mandíbula é macia, como a dela. A minha é dura, como do meu pai.

Landon se comporta como ela faz, também. Como a vida tem sido boa para eles.

Ela inclina a cabeça e depois fecha a distância entre nós. — Silas, você está bem?

Eu dou um passo para trás quando ela tenta tocar a mão na minha testa. — Eu estou bem.

Ela enfia a mão no peito como se ofendesse a ela que eu me afastei. — Oh, — diz ela. — Ok. Bem, tudo bem. Você já perdeu a escola esta semana e você tem um jogo hoje à noite. — Ela caminha de volta para a cozinha. — Você não deve ficar de fora até tão tarde quando você está doente.

Eu fico olhando para a parte de trás de sua cabeça, perguntando-me por que ela diria isso. Esta é a primeira vez que eu mesmo a vi desde que tudo isso começou. Ezra ou meu pai devem ter contado a ela sobre Charlie estar aqui.

Gostaria de saber se Charlie estando aqui vai aborrecê-la. Gostaria de saber se ela e meu pai compartilham a mesma opinião de Charlie.

— Eu me sinto muito bem agora, — eu respondo. — Eu estava com Charlie ontem à noite, por isso que eu cheguei em casa tarde.

Ela não reage ao meu comentário. Ela nem sequer olha para mim. Eu espero mais alguns segundos para ver se ela vai responder.

Quando ela não faz, eu viro e cabeça para a porta da frente.

Landon esta no banco da frente já quando eu chego ao carro. Abro a porta de trás e jogo minha mochila para dentro. Quando eu abro a frente, ele atinge a mão para mim. — Estava tocando. Encontrei no seu assento.

Eu levo o telefone dele. É Charlie.

— Ela deixou o telefone no meu carro?

Landon dá de ombros. Eu fico olhando para a tela e há várias chamadas não atendidas e textos. Eu vejo o nome de Brian, junto com Amy. Eu tento abri-los, mas é solicitada uma senha.

— Entra no carro, caramba, já estamos atrasados!

Subo no interior e coloco o telefone de Charlie no console enquanto eu dou a volta para fora. Quando eu pego novamente para tentar descobrir a senha, Landon o tira das minhas mãos.

— Será que você não aprende nada

com o seu acidente no ano passado? — Ele bate o telefone de volta para baixo no console.

Estou inquieto. Eu não gosto que Charlie não tenha seu telefone com ela. Eu não gosto que ela não vá para a escola com Amy. Se ela já saiu de casa antes de Amy chegar lá, como ela vai para a escola?

Eu não sei como eu vou reagir se eu descobrir que ela pegou uma carona com Brian.

— Eu quero dizer isso da forma mais agradável possível, — diz Landon. Olho para ele, olho

cauteloso sobre a cara dele. — Mas... Charlie está grávida?

Eu bato nos meus freios. Felizmente há uma luz na nossa frente que fica vermelha, por isso a minha reação parece intencional.

— Grávida? Que? Por que você pergunta isso? Você ouviu isso de alguém?

Landon balança a cabeça. — Não, é só que... Eu não sei. Estou tentando descobrir o que diabos está acontecendo com você e parecia ser a única resposta justificável.

— Eu falto ao treino de ontem e

você assumi que é porque Charlie está grávida?

Landon ri baixinho. — É mais do que apenas isso, Silas. É tudo. Você luta com Brian, as práticas que você perdeu toda a semana, você saindo da escola meio dia na segunda-feira, durante todo o dia terça-feira, metade de um dia quarta-feira. Não é como você.

Eu abandonei a escola esta semana?

— Além disso, você e Charlie têm agido de forma estranha quando estão juntos. Não gosto dos seus — eus —

habituais. Você se esqueceu de me pegar depois da escola, você ficou fora no toque de recolher passado em uma noite de escola. Você foi realmente esta semana, e eu não sei se você quer me dizer o que diabos está acontecendo, mas está realmente começando a me preocupar.

Eu vejo como a decepção enche os seus olhos.

Estávamos próximos. Ele é definitivamente um bom irmão, eu posso dizer. Ele está acostumado a conhecer todos os meus segredos — todos meus pensamentos. Gostaria de saber se estes passeios para a escola

são quando nós normalmente compartilhávamos. Eu me pergunto se eu lhe dissesse o que eu estou realmente pensando se ele iria mesmo acreditar em mim.

— A luz verde, — diz ele, de frente para frente.

Eu começo a dirigir de novo, mas eu não compartilho segredos com ele. Eu não sei o que dizer ou como mesmo começar a contar-lhe a verdade. Eu só sei que eu não quero mentir para ele, porque isso não parece ser algo que o velho Silas faria.

Quando eu puxo para uma vaga de

estacionamento, ele abre a porta e sai.

— Landon, — eu digo, antes que ele feche a porta. Ele se inclina e me olha. — Sinto muito. Eu apenas estou tendo uma semana de folga.

Ele balança a cabeça, pensativo e vira a sua atenção para a escola. Ele trabalha sua mandíbula para trás e em seguida, bloqueia os olhos comigo novamente. — Esperemos que a sua semana esteja de volta antes do jogo hoje à noite, — diz ele.

— Você tem um monte de putos companheiros de equipe no momento.

Ele bate a porta e começa a caminhar na direção da escola.

Eu pego o telefone de Charlie e vou para dentro.

---

Eu não poderia encontrá-la nos corredores, então eu fui para as minhas duas primeiras classes. Estou indo para a minha terceira agora, ainda com nenhuma palavra dela. Tenho certeza que ela apenas dormiu até tarde e eu vou vê-la quando tivermos aula juntos no quarto período. Mas, ainda assim, algo não se parece bem. Tudo parece fora.

Ela poderia estar apenas me evitando, mas isso não parece ser algo que ela faria. Ela não iria fora de seu caminho para me deixar saber que ela não quer falar comigo. Ela jogaria isso na minha cara.

Eu vou para o meu armário para encontrar o meu livro do terceiro período de matemática. Gostaria de verificar seu armário para ver se algum de seus livros didáticos está faltando, mas eu não sei a combinação de seu bloqueio. Ele foi escrito em sua programação, mas eu dei isso a ela ontem.

— Silas!

Eu me viro para ver Andrew combater o seu caminho pelo corredor lotado como um peixe nadando. Ele finalmente desiste e grita:

— Janette quer que você ligue pra ela! — Ele se vira e segue em sentido oposto novamente.

Janette... Janette... Janette...

A irmã de Charlie!

Acho o nome dela nos contatos no meu telefone. Ela responde ao primeiro toque.

— Silas? — Diz ela.

— Sim, sou eu.

— Charlie está com você?

Eu fecho meus olhos, sentindo o pânico começar a instalar-se na boca do estômago. — Não, — eu respondo. — Ela não chegou em casa ontem à noite?

— Não, — diz Janette. — Eu normalmente não estaria preocupada, mas ela geralmente me diz se ela não está vindo pra casa. Ela nunca ligou e agora ela não está respondendo aos meus textos.

— Eu tenho o telefone dela.

— Por que você tem o telefone

dela?

— Ela deixou-o no meu carro, — eu digo. Eu fecho o meu armário e começo a me dirigir para a saída. — Brigamos na última noite e ela entrou em um táxi. Eu pensei que ela ia direto para casa.

Eu paro de andar quando me bate. Ela não tinha o dinheiro do almoço de ontem, o que significa que ela não iria de táxi na noite passada.

— Estou saindo da escola, — eu digo a Janette. — Eu vou encontrá-la.

Eu desligo antes mesmo de eu dar a ela uma chance de responder. Eu

corro pelo corredor em direção a porta que leva para o estacionamento, mas assim que eu chego na esquina, eu paro rápido.

Avril.

Merda. Agora não é o momento para isso. Eu tento baixar minha cabeça e passar por ela, mas ela agarra a manga da minha camisa. Eu paro de andar e a encaro.

— Avril, eu não posso agora. — Eu aponto para a saída. — Eu preciso sair. Tipo emergência.

Ela libera a minha camisa e cruza os braços sobre o peito. — Você não

apareceu durante o almoço ontem. Eu pensei que talvez você estivesse atrasado, mas quando eu chequei a cafeteria, você estava lá. Com ela.

Cristo, eu não tenho tempo para isso. Na verdade, eu acho que vou me salvar de qualquer problema futuro e acabar com eles agora.

Eu suspiro e passo a mão pelo meu cabelo. — Sim, — eu digo.

— Charlie e eu... Nós decidimos resolver as coisas.

Avril inclina a cabeça e me lança um olhar incrédulo. — Não, Silas. Isso não é o que você quer, e

definitivamente não vai funcionar para mim.

Eu olho para a esquerda, ao fundo do corredor, e depois à direita. Quando vejo que ninguém está por perto, eu dou um passo em direção a ela.

— Escute, Sr. Ashley, — eu digo, tendo o cuidado de dirigir a ela profissionalmente. Eu olho para ela diretamente nos olhos. — Eu não acho que você está em qualquer posição para me dizer como as coisas estão entre nós dois.

Seus olhos imediatamente

estreitam. Ela fica em silêncio por alguns segundos, como se ela estivesse esperando por mim para rir e dizer a ela que eu só estou brincando. Quando eu não vacilo, ela bufa e empurra as mãos contra o meu peito, empurrando-me para fora do caminho. O clique de seus saltos começa a desvanecer-se o mais longe, eu corro para longe dela — direto para a saída.

---

Eu estou batendo pela terceira vez na porta da casa de Charlie quando ela finalmente se abre. Sua mãe está

em pé na minha frente. Cabelo selvagem, olhos selvagens. É como se o ódio vomitasse de sua alma no momento em que percebe que eu estou aqui.

— O que você quer? — Ela cospe.

Eu tento olhar por ela para dar uma olhada no interior da casa. Ela se move para bloquear meu ponto de vista, então eu aponto de seu ombro. — Eu preciso falar com Charlie. Ela está aqui?

A mãe dá um passo para fora e puxa a porta atrás dela, para que eu não possa ver dentro de todo.

— Isso não é da sua conta, — ela sussurra. — Caia fora da minha propriedade!

— Ela está aqui ou não?

Ela cruza os braços sobre o peito. — Se você não estiver fora do meu caminho em cinco segundos, eu estou chamando a polícia.

Eu jogo minhas mãos para cima em derrota e gemo. — Estou preocupado com a sua filha, por favor, coloque sua raiva de lado por um minuto e me diga se ela está aí dentro?

Ela dá dois passos rápidos em

direção a mim e pica um dedo no meu peito. — Não se atreva a levantar a sua voz para mim!

*Jesus Cristo.*

Eu a empurro e chuto a porta. A primeira coisa que sou atingido é com o cheiro. O ar é obsoleto. Uma névoa de espessa fumaça de cigarro enche o ar e assalta meus pulmões. Eu prendo a respiração, quando eu faço o meu caminho através da sala de estar. Há uma garrafa de uísque aberta no bar, sentada ao lado de um copo vazio.

Cartas estão espalhadas por todo lado da mesa, o que parece ser de

vários dias. É como se essa mulher não se importasse o suficiente para abrir qualquer uma delas. O envelope no topo da pilha é dirigido a Charlie. Eu movo para pegá-lo, mas ouço a mulher espreitar para dentro da casa atrás de mim. Eu faço o meu caminho para baixo no corredor e vejo duas portas para a minha direita e outra à esquerda. Abro a porta do meu lado esquerdo, assim quando a mãe de Charlie começa a gritar atrás de mim. Eu a ignoro e faço o meu caminho para o quarto.

— Charlie! — Eu grito. Eu olho ao redor da sala, sabendo que ela não

está aqui, mas ainda esperando que eu esteja errado. Se ela não está aqui, eu não sei mais onde procurar. Eu não me lembro de nenhum dos lugares que costumava sair.

Mas nem lembraria Charlie, eu acho.

— Silas! — Sua mãe gritou da porta do quarto. — Saia! Eu vou chamar a polícia! — Ela desaparece da porta, provavelmente para recuperar um telefone. Eu continuo a minha busca por... Eu nem sei.

Charlie, obviamente, não está aqui, mas eu continuo olhando ao redor de

qualquer forma, na esperança de encontrar algo que poderia ajudar.

Eu sei de que lado do quarto é da Charlie por causa da imagem do portão acima de sua cama. A única, ela disse que eu tirei.

Eu olho em volta em busca de pistas, mas não encontro nada. Lembro-me dela mencionando algo sobre um sótão em seu closet, então eu verifico o armário. Há um pequeno furo na parte superior do mesmo.

Parece que ela usa suas prateleiras como passos. — Charlie! — Eu

chamo.

Nada.

— Charlie, você está aí em cima?

Assim quando eu verifico a robustez da prateleira de baixo com o meu pé, algo bate contra o lado da minha cabeça. Me movo, mas imediatamente sinto novamente quando eu vejo uma placa voar para fora do lado da mulher. Ela trava contra a parede ao lado da minha cabeça. — Saia! — Ela grita. Ela está à procura de mais coisas para jogar, então eu coloco minhas mãos em sinal de rendição.

— Eu estou indo embora, — eu digo a ela. — Eu vou sair!

Ela se move para fora da porta para me deixar passar. Ela ainda está gritando enquanto eu faço o meu caminho pelo corredor.

Caminho em direção a porta da frente, eu roubo a carta fora do bar, que foi dirigida a Charlie. Eu nem mesmo me incomodei em dizer a mãe de Charlie para me chamar, se ela voltar para casa.

Eu fico no meu carro e puxo de volta para a rua.

Onde diabos ela está?

Eu espero até que eu estou a poucos quilômetros de distância e então eu encosto para verificar seu telefone novamente. Landon mencionou que o ouviu tocando sob o assento, então eu me inclino e chego a minha mão por baixo do assento. Eu arranco uma lata de refrigerante vazia, um sapato e, finalmente, a sua carteira. Eu abro-a e peneiro, mas não encontro nada que eu já sei.

Ela está em algum lugar lá fora, sem o seu telefone ou sua carteira. Ela não tem o número de ninguém memorizado. Se ela não voltou para

casa, onde ela teria ido?

Eu soco no volante. — Droga, Silas!

Eu nunca deveria tê-la deixado sair sozinha.

Isto é tudo culpa minha.

Meu telefone recebe uma entrada de texto. O texto é de Landon, perguntando porque eu saí da escola.

Eu deixo cair o telefone de volta para o banco e observo a carta que eu roubei da casa de Charlie. Não há nenhum endereço de retorno. O carimbo da data no canto superior é de terça — o dia antes de tudo isso

acontecer.

Eu abro o envelope e encontro muitas páginas dobradas juntas. Do outro lado da frente, onde se lê:

— Abra de imediato.

Eu desdobro as páginas e os meus olhos instantaneamente caem para os dois nomes escritos na parte superior da página.

*Charlie e Silas,*

Foi enviada para nós dois? Eu continuo lendo.

*Se você não sabe por  
que você está lendo isso,*

então você esqueceu tudo.  
Vocês não reconhecem  
ninguém, nem mesmo a si  
mesmos.

Por favor, não entre em  
pânico, e leia esta carta na  
íntegra.

Vamos  
compartilhar tudo o que  
sabemos, agora não é muito.

Que diabos? Minhas mãos  
começam a tremer quando eu  
continuo lendo.

Não temos certeza do que aconteceu, mas nós estamos com medo, se não anotar, pode acontecer de novo. Pelo menos com tudo escrito embaixo e deixado em mais de um lugar, vamos estar mais preparados se isso acontecer novamente.

Nas páginas a seguir, você vai encontrar todas as

*informações que sabemos.  
Talvez possa ajudar em  
algum caminho.*

*Charlie e Silas.*

Eu fico olhando para os nomes na parte inferior da página até que minha visão está borrada.

Eu olhar para os nomes no topo da página novamente. Charlie e Silas.

Eu olho para os nomes na parte inferior. Charlie e Silas.

Nós escrevemos uma carta a nós mesmos?

Isso não faz sentido. Se nós nos escrevemos uma carta...

Eu passo imediatamente para as páginas que se seguem. As duas primeiras páginas são coisas que eu já sei. Os nossos endereços, os nossos números de telefone. Quando vamos para a escola, o que as nossas aulas são, os nomes de nossos irmãos, os nomes dos nossos pais. Eu li por tudo isso o mais rápido que eu pude.

Minhas mãos estão tremendo tanto pela terceira página, eu quase não consigo ler o manuscrito. Eu coloco a página em meu colo para terminar. É uma informação — a mais pessoal

lista de coisas que descobri sobre o outro, a nossa relação, quanto tempo que estivemos juntos. A carta menciona o nome de Brian como alguém que guarda mensagens de texto de Charlie. Eu pulo todas as informações familiarizadas até eu chegar perto do final da terceira página.

*As primeiras memórias que qualquer um de nós pode lembrar são de sábado, 4 de Outubro, por volta das 11h.*

Hoje é domingo, 5 de outubro. Nós vamos fazer uma cópia desta carta para nós mesmos, mas também vamos enviar cópias de manhã, apenas para estar seguro.

Eu lanço para a quarta página e é datado de terça-feira 7 de outubro.

Aconteceu de novo. Desta vez, aconteceu durante a aula de história

na segunda - feira, 6 out.  
Parece ter acontecido na  
mesma hora do dia, 48  
horas depois. Não temos  
nada de novo a acrescentar  
ao pé da letra.

Nós dois fizemos o nosso  
melhor para ficar longe de  
amigos e familiares do  
passado, fingindo doenças.  
Temos vindo a chamar uns  
aos outros com toda a

informação que sabemos,  
mas até agora parece que  
isso aconteceu duas vezes.  
A primeira vez sendo  
sábado, sendo a segunda  
Segunda-Feira. Gostaria  
que tivéssemos tido mais  
informações, mas ainda  
estamos meio que  
apavorados que esta  
acontecendo e não temos  
certeza do que fazer a

respeito. Nós vamos fazer o que fizemos da última vez e enviar cópias pelo correio desta carta a nós mesmos. Além disso, haverá uma cópia no porta-luvas do carro de Silas. Esse é o primeiro lugar que olhamos, desta vez, por isso há uma boa chance de você olhar lá novamente.

Eu nunca olhei o porta-luvas.

Vamos manter os originais em algum lugar seguro para que ninguém possa encontrá-los. Temos medo se alguém vê as cartas, ou se alguém suspeita de alguma coisa, eles vão pensar que estamos enlouquecendo.

Tudo vai ficar em uma caixa na parte de trás da terceira prateleira do

armário do quarto de Silas. Se este padrão continuar, há uma chance de que isso possa acontecer novamente na quarta-feira, ao mesmo tempo. Em caso disso acontecer, esta carta deve chegar a você naquele dia.

Eu olho para o carimbo de tempo sobre o envelope novamente. Foi enviado primeiro na terça de manhã. E quarta-feira às 11:00 é exatamente

quando isso aconteceu com a gente.

*Se você encontrar alguma coisa que vá ajudar, adicione-o para a próxima página e mantenha este ritmo até descobrir o que começou. E como pará-lo.*

Eu lanço para a última página, mas está em branco.

Eu olho para o relógio. É 10:57. É sexta feira. Isso nos aconteceu quase nas 48 horas atrás.

Meu peito está palpitando.

Isso não pode estar acontecendo.

48 horas serão em menos de três minutos.

Eu me lanço a abrir meu console e procuro uma caneta. Eu não encontro uma, então eu arranco para abrir o porta-luvas. Direito sobre o topo está uma cópia da mesma carta com a minha e nomes de Charlie sobre isso. Eu levanto-o e há várias canetas, assim que eu pego uma e achato o papel para fora contra o volante.

*Aconteceu de novo,* eu escrevo. Minhas mãos estão tremendo tão

ruim, eu largo a caneta. Eu a pego novamente e mantenho a escrita.

Às 11h, quarta-feira 8 de outubro, Charlie e eu perdemos nossas memórias para o que parece ser a terceira vez consecutiva. Coisas que aprendemos nas últimas 48 horas:

— Nossos Pais costumavam trabalhar juntos.

– O pai de Charlie está na prisão.

Eu estou escrevendo o mais rápido que posso, tentando descobrir o que apontar. Eu preciso escrever para baixo de primeira que são o mais importante, porque eu estou quase sem tempo.

– Nós visitamos uma cartomante em St. Philip Street. Isso pode valer a pena conferir novamente.

– Charlie Mencionou

*uma menina na escola chamada o camarão. Disse que queria falar com ela.*

*– Charlie tem um sótão em seu armário do quarto. Ela passa muito tempo lá.*

Eu sinto que eu estou perdendo tempo. Eu me sinto como se eu não estou adicionando qualquer coisa de importância a esta lista maldita. Se isto é verdadeiro está prestes a acontecer de novo, eu não vou ter tempo de enviar uma carta, muito menos fazer cópias.

Esperemos que, se eu tenho em minhas mãos, eu vou ser inteligente o suficiente para lê-lo e não simplesmente jogá-lo de lado.

Eu mordo a ponta da caneta, na tentativa de me concentrar no que escrever em seguida.

*- Nós crescemos juntos, mas agora nossas famílias se odeiam. Eles não nos querem juntos.*

*- Silas estava dormindo com a orientadora, Charlie*

*com Brian Finley. Nós terminamos com ambos.*

*- Landon é um bom irmão, você provavelmente pode confiar nele.*

Eu continuo a escrever. Eu escrevo sobre as nossas tatuagens, o Electric Crush Diner, Ezra e qualquer coisa e tudo o que eu consigo me lembrar das últimas 48 horas.

Eu olho para o relógio. 10:59.

Charlie não sabe sobre esta carta. Se tudo nesta carta até agora é preciso e isso realmente vem acontecendo

conosco desde o último sábado, isso significa que ela está prestes a esquecer tudo que aprendeu nas passadas 48 horas. E eu não tenho ideia de como encontrá-la. Para avisá-la.

Eu pressionar a caneta para o papel novamente e escrevo uma última coisa.

*– Charlie entrou em um táxi na Bourbon Street ontem à noite e ninguém a viu desde então. Ela não sabe sobre esta carta.*

*Encontre-a. A primeira  
coisa que você precisa fazer  
é encontrá-la. Por Favor.*

# PARTE 2

— Esse livro é para todos vocês que amam finais felizes e me desculpem por como termina a parte dois. É tudo culpa da Tarryn.”

*Colleen Hoover*

— Esse livro é para todos que pensam em finais felizes e que Pepsi Diet é idiotice”.

*Tarryn Fisher*



Começou lentamente.

A chuva.

Um respingo aqui, um toque ali. Em primeiro lugar no para-brisa na minha frente e, em seguida, contra as janelas me cercando. As gotas começam a soar como milhares de pontas dos dedos tocando o topo do meu carro para fora em uníssono. Toque-*ta-tap-tap-ta-ta-tap-tap-tap*. O som está todo em torno de mim agora. Parece que ele está vindo de dentro de mim, tentando sair. A chuva começa a escorrer do para-brisa, grossa o suficiente para se misturar em longas filas que se assemelham a lágrimas. Elas deslizam

para a parte inferior e desaparecem além do vidro. Eu tento rodar meus limpadores, mas meu carro está desligado.

*Por que o meu carro não está ligado?*

Eu limpo o nevoeiro da minha janela com a palma da mão para conseguir ver do lado de fora, mas a chuva está caindo tão forte agora que não posso ver nada.

*Onde estou?*

Eu me viro e olho no banco de trás, mas não há ninguém lá.

Nada lá. Eu vou para frente novamente.

*Pense, pense, pense.*

Onde eu estava indo? Eu devo ter adormecido.

*Eu não sei onde estou.*

*Eu não sei onde — eu— estou.*

*Eu... eu... eu...*

*Quem sou eu?*

Parece tão natural ter pensamentos que contêm a palavra *eu*. Mas cada um dos meus pensamentos são ocos e sem peso, porque a palavra — eu— está ligado a ninguém. Sem nome, sem rosto. Sou... *nada*.

O zumbido de um motor rouba

minha atenção quando um carro fica mais lento próximo do meu na estrada. A água espirra entre os para-brisas à medida que passa. Eu acendo o pisca alerta quando o carro fica mais lento e, em seguida, acelera na frente de mim.

*Luzes inversas.*

Meu coração começa a bater na minha garganta, meus dedos, minhas têmporas. As luzes do carro ganham vida. *Vermelho, azul, vermelho, azul.* Eu vejo quando alguém sai do veículo. Tudo o que eu consigo ver é a sua silhueta quando ele começa a se aproximar meu carro. Eu mal movo

meu pescoço quando andam até a minha porta do passageiro, mantenho meus olhos treinados sobre eles à medida que atingem a janela.

Uma torneira.

*Tap, tap, tap.*

Eu pressiono o botão de ignição para dar poder as janelas — *como é que eu sei como fazer isso?* — Eu rolo a janela para baixo.

Um policial.

*Ajuda, eu quero dizer.*

*Eu esqueci para onde eu estava indo, eu quero dizer.*

— Silas?

Sua voz me assusta. O som é alto. Ele está tentando competir com o som da chuva, gritando a palavra Silas.

O que significa essa palavra? *Silas*. Talvez ele seja francês.

Talvez eu esteja na França e *Silas* é uma saudação. Talvez eu devesse dizer *Silas* em troca.

O homem limpa a garganta e, em seguida, diz: — Seu carro quebrou?

*Não é francês.*

Eu olho para os controles no meu painel. Eu forço meus lábios

separados de modo que eu possa formar uma palavra. Em vez disso, eu suspiro ar, sem saber que eu estava segurando a minha respiração. Quando eu solto o ar em meus pulmões, ele sai trêmulo... embaraçoso. Eu olho para trás, o oficial de pé junto à janela. — Não, — eu digo. Minha voz me assusta. Eu não reconheço.

O oficial se inclina e olha para o meu colo. — O que você tem aí?, — pergunta ele. — Direções para chegar a algum lugar? Você se perdeu?

Eu olho para baixo para uma pilha de papéis desconhecido que

descansam no meu colo. Eu empurro-os para o banco do passageiro, tiro eles de cima de mim, e balanço minha cabeça novamente. — Eu, hum. Eu só estava.... — Minhas palavras são interrompidas por um som. Um som alto, vindo de dentro do carro. Eu sigo o som, movendo os papéis do banco para encontrar um telefone celular embaixo deles. Eu olho para o identificador de chamadas.

*Janette.*

Eu não sei quem é Janette.

— Você precisa sair do lado da estrada, filho, — o oficial diz, dando

um passo para trás. Eu aperto um botão na lateral do telefone para deixá-lo em modo silencioso. — Vá em frente e volte para a escola. O grande jogo é hoje à noite.

*Grande jogo. Escola.*

*Por que não parece familiar?*

Eu aceno.

— A chuva deve parar em breve, — acrescenta. Ele bate no teto do meu carro como se ele estivesse me mandando acelerar. Eu aceno novamente e coloco o dedo sobre o botão que controla as janelas. — Diga a seu papai para guardar um

lugar para mim hoje à noite.

Concordo com a cabeça novamente. *Meu papai.*

O policial olha para mim por alguns segundos a mais, com um olhar interrogativo no rosto. Ele finalmente sacode a cabeça e, em seguida, começa a recuar para seu carro.

Eu olho para o telefone. Assim, quando eu estou a ponto de apertar um botão, ele começa a tocar novamente.

*Janette.*

Quem é Janette, ela realmente quer

que alguém atenda este telefone. Eu trago ao meu ouvido.

— Olá?

— Você a encontrou?— Eu não reconheço a voz no telefone. Eu aguardo alguns segundos antes de responder, esperando que ele se encaixe. — Silas? Olá?

Ela apenas disse a mesma palavra que o oficial disse. *Silas*. Só que ela disse isso como um nome.

*Meu* nome?

— O quê?— Eu digo ao telefone, confuso com tudo.

— Você a encontrou?— Não há

pânico em sua voz.

*Será que eu a encontrei?* Quem eu devo procurar? Eu me viro e verifico o banco de trás mais uma vez, embora eu saiba que não há ninguém no carro comigo. Eu paro a frente de novo, não sei como responder à questão colocada apenas para mim. — *Será que eu a encontrei?*— Eu pergunto, repetindo a pergunta. — Eu... *você* a encontrou?

Um gemido vem de Janette. — Por que eu estaria chamando você se eu a tivesse encontrado?

Eu puxo o telefone longe da minha

orelha e olho para ele. Estou tão confuso. Eu pressiono-o contra o meu ouvido novamente.

— Não, — eu digo. — Eu não a encontrei.

Talvez esta menina seja a minha irmãzinha. Ela parece jovem.

Mais nova que eu. Talvez ela tenha perdido seu cão e eu estava procurando para ela? Talvez eu tenha tomado muita chuva e bati com a cabeça.

— Silas, isto não é algo que ela faria, — diz Janette. — Ela iria me dizer se ela não fosse voltar para casa

ou fosse para a escola hoje

Ok, eu acho que nós não estamos falando de um cachorro aqui. E o fato de que eu tenho certeza que nós estamos discutindo sobre uma pessoa que aparentemente está faltando me deixa muito desconfortável, considerando que eu nem tenho certeza de quem eu sou agora. Eu preciso desligar antes que eu diga alguma coisa errada. Algo incriminador.

— Janette, eu tenho que ir. Vou continuar procurando— Eu pressiono finalizar e deslizo o telefone no assento ao meu lado.

Os papéis que estavam no meu colo captura meu olhar. Eu chego mais perto e agarro-os. As páginas estão grampeadas, então eu viro para a primeira página. É uma carta, endereçada a mim e outro cara chamado Charlie.

*Charlie e Silas,*

*Se você não sabe por  
que você está lendo isso,  
então você esqueceu tudo.*

Que diabos? A primeira frase não é o que eu estava esperando. Eu não sei o que eu estava esperando ler.

Vocês não reconhecem  
ninguém, nem mesmo a si  
mesmos. Por favor, não  
entre em pânico, e leia esta  
carta na íntegra.

É um pouco tarde para a parte não  
entre em pânico.

Não temos certeza do  
que aconteceu, mas nós  
estamos com medo, se não  
anotar, pode acontecer de  
novo. Pelo menos com

tudo escrito embaixo e deixado em mais de um lugar, vamos estar mais preparados se isso acontecer novamente. Nas páginas a seguir, você vai encontrar todas as informações que sabemos. Talvez possa ajudar de alguma forma.

- Charlie e Silas.

Eu não viro imediatamente para a próxima página. Eu largo as páginas no meu colo e trago as minhas mãos

para o meu rosto.

Eu esfrego-as para cima e para baixo, para cima e para baixo. Eu olho no espelho retrovisor e, em seguida, procuro imediatamente, embora eu não reconheça os olhos olhando para mim.

Isso não pode estar acontecendo.

Eu aperto meus olhos fechados e trago os meus dedos para a ponte do meu nariz. Eu espero acordar.

Isto é um sonho, e eu preciso acordar.

Um carro passa, e mais água é lançada em todo o para-brisa. Eu vejo

como ela escorre novamente e desaparece sob o capô.

Eu não posso estar sonhando. Tudo é muito real, muito detalhado para ser um sonho. Os sonhos são borrados, e eles não fluem de um momento para o outro, como tudo está acontecendo agora.

Eu ergo as páginas novamente, e com cada frase fica mais difícil de ler. Minhas mãos se tornam cada vez mais instáveis. Minha mente está em todo o lugar quando eu faço a varredura ao longo da próxima página. Eu descubro que Silas é definitivamente o meu nome e que Charlie é

realmente o nome de uma menina. Gostaria de saber se ela é a menina que está desaparecida. Eu continuo a ler, mesmo que eu não possa deixar a descrença por tempo suficiente para aceitar as palavras que eu estou lendo. E eu não sei por que eu não vou me permitir acreditar, porque tudo o que eu estou lendo certamente coincide com o fato de que eu não tenho lembrança de nada disso. É se caso eu deixe minha descrença, eu teria de admitir que isso seja possível. Que de acordo com o que estou lendo, acabo de perder minha memória, pela quarta vez consecutiva.

Minha respiração é quase tão errática como a chuva caindo contra o telhado do meu carro. Eu trago minha mão esquerda até a parte de trás do meu pescoço e espremo enquanto leio o último parágrafo. Um que eu, aparentemente, apenas escrevi numa questão de dez minutos.

- *Charlie entrou em um táxi na Bourbon Street ontem à noite e ninguém a viu desde então. Ela não sabe sobre esta carta. Encontre-a. A primeira*

*coisa que você precisa fazer  
é encontrá-la. Por favor.*

As últimas palavras da carta estão rabiscadas, quase ilegíveis, como se eu estivesse correndo contra o tempo quando escrevi. Eu olho a letra no assento, contemplando tudo o que acabo de aprender. A informação está correndo em minha mente mais rápido do que meu coração está batendo no meu peito. Eu posso sentir o início de um ataque de pânico vindo, ou talvez um colapso. Eu aperto o volante com as duas mãos e inspiro e expiro pelo nariz.

Eu não sei como eu sei que fazer isso é necessário para produzir um efeito calmante. De primeira, isso não parece estar funcionando, mas eu me sento por alguns minutos, pensando em tudo o que eu tenho aprendido. *Bourbon Street, Charlie, meu irmão, o camarão, a leitura de tarô, as tatuagens, meu gosto por fotografia.* Por que nada disso parece familiar? Isso tem que ser uma piada. Isto tem de estar referindo-se a alguém. Eu não posso ser Silas. Se eu fosse Silas, eu me sentiria como se fosse ele. Eu não sentiria esta separação completa da pessoa que eu tenho que ser.

Eu pego meu telefone novamente e abro o aplicativo da câmera. Eu me inclino para frente e coloco as mãos atrás de mim, puxando minha camisa para frente e sobre a minha cabeça. Eu seguro a câmera e tiro uma foto, em seguida, puxo minha camisa de volta no lugar e olho para o telefone.

*Pérolas.*

Um colar de pérolas negras está tatuado nas minhas costas, assim como a carta dizia.

— Merda, — eu sussurro, olhando para a foto.

Meu estômago. Eu acho que estou

prestes a estar...

Eu abro a porta do carro na hora certa. O conteúdo de qualquer coisa que eu tinha do café da manhã está agora no chão aos meus pés. Minhas roupas estão encharcadas enquanto eu estou aqui, esperando ficar doente de novo. Quando eu penso que o pior já passou, eu subo de volta para o carro.

Eu olho para o relógio, e ele marca 11:11 da manhã.

Eu ainda não sei no que acreditar, mas quanto mais o tempo passa sem lembrança, mais eu começo a entreter

a ideia de que eu possa ter um pouco mais de 47 horas antes que isso aconteça novamente.

Inclino-me sob o banco e abro o porta-luvas. Eu não sei o que eu estou procurando, mas sentado aqui e não fazer nada parece ser um desperdício de tempo. Eu retiro o conteúdo, jogando para o lado do veículo e garanto informações. Eu encontro um envelope com os nossos nomes escritos nele. *Um duplicado de tudo que eu já li.* Eu continuo a folhear os papéis até que um pedaço de papel dobrado escondido na parte inferior do porta-luvas rouba minha atenção.

Ele tem o meu nome escrito na parte superior. Eu abro, e leio primeiro a assinatura na parte inferior. É uma carta de Charlie. Eu volto ao topo da página e começo a ler.

*Caro Silas,*

*Isto não é um bilhete de amor. Ok? Não importa o quanto você tente se convencer de que ele é — não é. Porque eu não sou esse tipo de garota. Eu odeio essas meninas, sempre*

tão doente de amor, é nojento. Eca.

Enfim, esta é uma nota anti-amor. Por exemplo, eu não amo o jeito que você me trouxe suco de laranja e remédio na semana passada quando eu estava doente. E o que foi aquele cartão? Você espera que eu me sinta melhor e você me ama? Pfft.

E eu definitivamente não amo o jeito que você finge que pode dançar quando você realmente se parece com um robô com defeito. Não é adorável e isso não é engraçado.

Oh, e quando você me beija e me afasta para dizer que eu sou bonita? Não gosto nada. Porque você não pode apenas ser

como os outros caras que ignoram suas namoradas? É tão injusto que eu tenho que lidar com isso.

E por falar em como você faz tudo errado, você lembra quando eu machuquei minhas costas durante a prática de líder de torcida? E você pulou a festa do

David para esfregar

Biofreeze<sup>{1}</sup> nas minhas costas e assistiu Uma Linda Mulher comigo? Foi um sinal claro de como carente e egoísta você pode realmente ser. Como você se atreve, Silas!

Eu também não tolero mais as coisas que você diz sobre mim para os nossos amigos. Quando Abby fez piada da minha roupa

naquele dia e você disse a ela que eu poderia usar um saco de plástico e ainda pareceria de marca, isso passou dos limites. E foi ainda pior quando você levou Janette ao oftalmologista quando ela não parava de ter dores de cabeça. Você precisa ser mais contido. Todo esse carinho e consideração é

tão pouco atraente.

Então, eu estou aqui para te dizer que eu absolutamente não te amo mais do que qualquer humano neste planeta. E que não sinto borboletas cada vez que você entra na sala, mas doença, com asas, traças bêbadas. Além disso, você está muito, muito pouco atraente. Eu

estremeço cada vez que eu  
vejo sua pele imaculada e  
penso — Oh meu Deus,  
aquela criança seria muito  
mais atraente com algumas  
espinhas e dentes tortos.  
Sim, você é grosso, Silas.

Sem amor.

Nem um pouco.

Nunca.

Charlie.

Eu fico olhando para a maneira

como ela assinou e leio essas palavras mais algumas vezes.

*Sem amor.*

*Nem um pouco.*

*Nunca Jamais.*

*Charlie*

Eu movo o bilhete mais, na esperança de ver uma data. Não há nada para indicar quando foi escrita. Se esta menina me escreveu cartas como esta, então até que poderia tudo o que eu acabei de ler em minhas anotações sobre o estado atual do nosso relacionamento ser verdade? Estou obviamente apaixonado por

ela. Ou pelo menos eu estava apaixonado por ela.

O que aconteceu conosco?

O que aconteceu com *ela*?

Eu dobro a carta e coloco de volta onde eu encontrei. O primeiro lugar que eu vou é para o endereço listado no papel para casa de Charlie. Se eu não encontrá-la lá, talvez eu possa obter mais informações da mãe dela, ou de qualquer coisa que eu posso achar que poderíamos ter esquecido antes.

A porta da garagem está fechada quando eu chego à sua garagem. Eu

não posso dizer se alguém está em casa. O lugar é sujo. A lata de lixo de alguém está ao lado do meio-fio, o lixo está derramando para a rua. Um gato está arranhando o saco. Quando eu saio do carro, o gato corre pela rua. Eu olho em volta, quando eu faço meu caminho para a porta da frente. Ninguém está ao redor, janelas e portas do vizinho estão todas fechadas. Eu bato várias vezes, mas ninguém responde.

Eu olho em volta uma última vez antes de virar a maçaneta. *Destrancada*. Eu calmamente empurro a porta aberta.

Nas cartas que escrevemos para nós mesmos, nós mencionamos o sótão de Charlie algumas vezes, então esse é o primeiro local que eu vou procurar. *Sótão da casa de Charlie*. Vou me encontrar com o sótão antes de eu conhecer a garota. Uma das portas está aberta no corredor. Eu entro e encontro o quarto vazio. Duas camas — este deve ser o lugar onde Charlie e sua irmã dorme.

Eu ando para o armário e olho para o teto, encontro a entrada para o sótão. Eu empurro as roupas de lado, e um cheiro enche meu nariz. Seu cheiro? Floral. Tem cheiro familiar,

mas isso é loucura, certo? Se eu não posso lembrar ela, eu possivelmente não posso me lembrar do seu cheiro. Eu uso as prateleiras do armário como escadas e faço o meu caminho para cima.

A única luz no interior do sótão vem da janela sobre o outro lado da sala. É o suficiente para iluminar onde estou indo, mas não por muito, então eu retiro meu telefone e abro a lanterna.

Faço uma pausa e olho para baixo, para o aplicativo aberto no meu telefone. *Como eu sabia que estava lá?* Eu gostaria que houvesse uma rima

ou razão do porque nos lembramos de algumas coisas e não de outras. Eu tento encontrar um elo comum as memórias, mas continua completamente vazio.

Eu tenho que me debruçar porque o teto é muito baixo para eu ficar de pé. Eu continuo atravessando o sótão, em direção a uma área que está improvisada no lado mais distante da sala. Há uma pilha de cobertores arrumado com travesseiros.

*Ela atualmente dorme aqui?*

Tremo só tentando imaginar quem voluntariamente passa seu tempo em

um lugar isolado. Ela deve ser sozinha.

Eu tenho que curvar-me mais para evitar bater a cabeça no teto. Quando eu chego à área que ela fez para si mesma, olho ao redor. Há pilhas de livros ao lado dos travesseiros. Alguns dos livros que ela usa como mesas, cobertas com molduras.

Dezenas de livros. Eu me pergunto se ela já leu todos, ou se ela só precisa para o conforto. Talvez ela os use como uma fuga da sua vida real. Desde a aparência deste lugar, eu não a culpo.

Eu me curvo e pego um. A capa é escura, tem uma casa e uma menina, fundindo juntos como um só. É assustador. Eu não posso me imaginar sentado aqui sozinho, lendo livros como este no escuro.

Eu devolvi o livro para o lugar onde o encontrei, e minha atenção recai sobre a arca de cedro empurrado contra a parede. Parece pesado e velho, como talvez seja algo que tenha passado em sua família.

Eu ando até lá e abro a tampa. No interior, há vários livros, todos com capas em branco. Eu pego o topo e abro.

*7 de janeiro – 15 de julho de 2011.*

Eu folheio as páginas e vejo que é um diário. Na caixa de baixo desta existem pelo menos cinco mais.

Ela deve amar escrever.

Eu olho em volta, levantando travesseiros e cobertores, em busca de algo para colocar os diários dentro. Se eu quiser encontrar esta menina, eu preciso saber os lugares que ela frequenta. Lugares que ela possa estar, pessoas que ela poderia conhecer.

Diários são a maneira perfeita para descobrir essas informações.

Acho uma mochila usada vazia no chão a poucos passos de distância, então eu agarro e as encho com os diários. Eu começo a empurrar as coisas de lado, sacudindo livros, olhando em volta para qualquer coisa e tudo que pode me ajudar. Eu encontro várias cartas em vários lugares, alguns pilhas de fotos, notas aleatórias. Levo tudo que possa caber na mochila e faço o meu caminho de volta para a abertura do sótão. Eu sei que há também algumas coisas no quarto em minha própria casa, então eu vou lá para resolver tudo tão rápido quanto eu puder.

Quando eu alcanço a abertura, eu largo a mochila pelo buraco do sótão primeiro. Ela bate no chão com um baque forte e eu vacilo, sabendo que eu deveria estar mais tranquilo. Eu começo a descer a prateleiras uma por uma, tentando imaginar Charlie fazer a viagem para cima e para baixo dessas escadas improvisadas todas as noites. Sua vida deve ser muito ruim se ela escapa até o sótão por opção. Quando eu toco o chão, pego a mochila e me mantenho ereto. Eu puxo sobre o meu ombro e vou em direção à porta.

Eu congelo.

Eu não tenho certeza do que fazer, porque o oficial que bateu na minha janela anterior está agora olhando diretamente para mim.

*Estar dentro de casa da minha namorada é ilegal?*

Uma mulher aparece na porta atrás do oficial. Seus olhos estão frenéticos e eles estão alinhados com uma máscara — como se ela tivesse acabado de acordar. Seu cabelo está selvagem, e até mesmo estando longe dela, o cheiro de álcool encontra o seu caminho em toda a sala.

— Eu disse que ele estava lá em

cima!, — ela grita, apontando para mim. — Eu o avisei esta manhã para ficar fora da minha propriedade, e ele está de volta!

*Esta manhã?*

*Ótimo.* Desejo que eu tivesse me informado desse fato na carta.

— Silas, — diz o oficial. — Você se importaria de vir para fora comigo?

Eu aceno e procedo com cautela na direção deles. Não parece como se eu tivesse feito alguma coisa errada, uma vez que ele só está me pedindo para falar com ele. Se eu fiz alguma coisa

errada, ele teria lido imediatamente meus direitos.

— Ele sabe que não deveria estar aqui, Grant!, — a mulher grita, andando para trás em direção à sala de estar. — Ele sabe disso, mas ele continua voltando! Ele está apenas tentando me deixar fora de mim!

Essa mulher me odeia. Muito. E não saber o que fiz torna difícil não apenas pedir desculpas por qualquer merda que eu tenha feito a ela.

— Laura, — diz ele. — Eu vou ter uma conversa com Silas lá fora, mas você precisa se acalmar e se afastar

para que eu possa fazer isso.

Ela dá um passo para o lado e me olha quando passo por ela. — Você sai com tudo, igualzinho ao seu papai, — diz ela. Eu olho para longe dela, para que ela não veja a confusão no meu rosto, e eu sigo o oficial Grant para fora, agarrando a mochila sobre meu ombro.

Felizmente a chuva acabou. Nós continuamos andando até que estamos em pé ao lado do meu carro. Ele se vira para mim, e eu não tenho ideia se eu vou ser capaz de responder às perguntas que ele está prestes a atirar em mim, mas espero

que elas não sejam muito específicas.

— Por que você não foi para a escola, Silas?

Eu franzo os lábios e penso sobre a resposta antes de responder. — Eu, hum...— Eu olho por cima do ombro quando um carro passa. — Estou à procura de Charlie.

Eu não sei se eu deveria ter dito isso. Certamente, se os policiais não deviam saber que ela estava desaparecida, eu teria esclarecido isso na carta. Mas a única carta afirmou que eu precisava fazer tudo que pudesse para encontrá-la, e relatar sua

falta parece que seria o primeiro passo.

— O que quer dizer que você está procurando por ela? Por que ela não está na escola?

Eu dou de ombros. — Eu não sei. Ela não ligou e sua irmã não tem ouvido falar dela, ela não apareceu para escola hoje. — Eu lanço uma mão atrás de mim na direção da casa. — Sua própria mãe está, obviamente bêbada demais para perceber o que está perdendo, então eu pensei que eu ia tentar encontrá-la eu mesmo.

Ele inclina a cabeça, mais por

curiosidade do que preocupação. — Quem foi a última pessoa a vê-la? E quando?

Eu engulo quando eu mudo desconfortavelmente em meus pés, tentando lembrar o que foi escrito sobre a noite passada na carta. — Eu. Ontem à noite. Nós entramos em uma discussão e ela se recusou a andar para casa comigo.

Oficial Grant faz sinal para alguém atrás de mim que está vindo em nossa direção. Eu me viro, e a mãe de Charlie está de pé na porta aberta. Ela cruza o limiar e faz o seu caminho para o quintal.

— Laura, você sabe onde sua filha está?

Ela revira os olhos. — Ela está na escola onde ela deveria estar.

— Ela não está, — eu digo.

Oficial Grant mantém os olhos treinados sobre Laura. — Será que Charlie voltou para casa na noite passada?

Laura olha para mim e, em seguida, olha para o oficial. — É claro que ela voltou, — diz ela. Sua voz afunilando no final quando ela não tem certeza.

— Ela está mentindo, — eu deixo escapar.

O oficial Grant levanta a mão para me calar, ainda dirigindo suas perguntas para Laura. — Quanto tempo ela leva para voltar para casa?

Eu posso ver a lavagem de confusão no rosto de Laura. Ela encolhe os ombros. — Eu a proibi de faltar às aulas esta semana. Então, ela estava em seu sótão, eu acho.

Eu rolo meus olhos. — Ela não veio para casa!, — eu digo, levantando a minha voz. — Esta mulher estava obviamente muito bêbada para saber se sua própria filha estava ainda dentro da casa!

Ela fecha a distância entre nós e começa a bater com os punhos contra os meus braços e peito. — Saia da minha propriedade, seu filho da puta!, — ela grita.

O oficial a agarra pelos braços e movimenta seus olhos para o meu caminhão. — Pela última vez, Nash. Retorne à escola.

Laura está debatendo em seus braços, tentando se libertar. Ela já não está mais intimidando ele quando a mantém em um aperto firme. Isso parece tão normal para ele; faz-me perguntar se ela já chamou a polícia para mim antes.

— Mas... o que aconteceu com Charlie?, — estou confuso do porque ninguém parece estar preocupado com ela.

Especialmente sua própria mãe.

— Como sua mãe disse, ela está provavelmente na escola, — ele diz. — De qualquer forma, ela vai aparecer para o jogo hoje à noite. Vamos nos falar lá.

Eu aceno a cabeça, mas eu sei muito bem, eu não vou voltar para a escola. Vou levar o saco de segredos da Charlie e estou indo direto para minha casa para encontrar mais.



A primeira coisa que eu faço

quando eu caminho através da porta da minha casa é parar. Nada disso parece familiar, nem mesmo os quadros nas paredes. Eu espero por alguns segundos, deixando tudo ir mais fundo. Eu poderia procurar na casa ou navegar nas fotos, mas eu provavelmente já tinha feito isso. Eu estou em uma crise de tempo, e se eu quero descobrir o que aconteceu com Charlie — o que nos aconteceu, eu preciso manter o foco nas coisas que ainda não perdemos tempo fazendo antes.

Eu encontro o meu quarto e ando em linha reta até o armário para a

prateleira que contém todas as outras coisas que nós coletamos. Eu despejo tudo na minha cama, incluindo o conteúdo da mochila. Peneirando por tudo isso, eu tento descobrir por onde começar. Há tanta coisa. Eu pego uma caneta para que eu possa fazer notas de qualquer coisa que eu acho que pode ser de uso se eu acabar esquecendo isso tudo de novo.

Eu conheço um monte de coisas sobre o meu relacionamento com Charlie, mas parece ser assim. Eu não sei quase nada sobre como ficamos juntos ou como nossas famílias foram dilaceradas. Eu não sei se nada disso é

um fator do que aconteceu para nós, mas eu sinto que o melhor lugar para começar é a partir do começo.

Eu pego uma das notas de velha aparência dirigidas a Charlie — algo que eu mesmo escrevi. É datada há mais de quatro anos e é apenas uma das muitas cartas que peguei de seu sótão. Talvez a leitura de algo do meu ponto de vista vai me ajudar a descobrir que tipo de pessoa que eu sou, mesmo que esta carta tenha mais de quatro anos.

Sento na cama e encosto na cabeceira, e começo a ler.

Charlie,

Você consegue se lembrar da única vez que fomos de férias sem o outro? Eu estive pensando nisso hoje. Sobre como nunca é só a minha família imediata e eu. Sempre são os dois conjuntos de nossos pais, Landon, Janette, você e eu.

Uma grande família feliz.

Não tenho a certeza que já passou um feriado à parte, também. Natal, Páscoa, Ação de Graças.

Nós sempre partilhamos juntos, seja na nossa casa ou na sua. Talvez seja por isso que eu nunca senti como se fosse apenas meu irmão mais novo e eu. Eu

sempre senti que tinha um irmão e duas irmãs. E eu não posso imaginar não me sentindo assim, porque você faz parte da minha família.

Mas eu estou com medo de ter arruinado isso. E eu nem sei o que dizer a você, porque eu não quero pedir desculpas por beijar você na noite passada. Eu sei que deveria me arrepender, e eu

sei que eu deveria estar fazendo tudo o que puder para compensar o fato de que poderia ter oficialmente arruinado a nossa amizade, mas eu não me arrependo. Eu quero errar por um longo tempo agora.

Eu venho tentando descobrir quando meus sentimentos por você mudaram, mas eu percebi

hoje à noite que eles não mudaram.

Meus sentimentos por você como minha melhor amiga não mudaram, eles apenas evoluíram.

Sim, eu amo você, mas agora eu estou apaixonado por você. E, em vez de olhar para você como se fosse apenas a minha melhor amiga, agora você é

a minha melhor amiga que eu quero beijar.

E sim, eu te amei como um irmão ama sua irmã. Mas agora eu te amo como um cara ama uma garota.

Assim, apesar daquele beijo, eu prometo que nada mudou entre nós. Ele acabou de se tornar algo mais. Algo muito melhor.

Ontem à noite, quando  
você estava deitada ao meu  
lado nesta cama, olhando  
para mim com um riso  
ofegante, eu não pude  
ajudar a mim mesmo.  
Tantas vezes você me  
deixou sem fôlego ou me  
fez sentir como se meu  
coração estivesse preso  
dentro de meu estômago.  
Mas ontem à noite foi

muito mais do que qualquer menino de quatorze anos de idade poderia segurar. Então eu peguei seu rosto em minhas mãos e eu te beijei, assim como eu tenho sonhado fazer por mais de um ano.

Ultimamente, quando estou perto de você, eu me sinto muito bêbado para falar com você. E eu

nunca mesmo provei álcool antes, mas tenho certeza de que beijar você é como estar bêbado. Se esse é o caso, eu já estou preocupado com a minha sobriedade, porque eu posso ver-me cada vez mais viciado em te beijar.

Eu não ouvi nada de você desde o momento em que você saiu de debaixo de mim e andou em linha reta

para fora de meu quarto ontem à noite, então eu estou começando a me preocupar que você não se lembra do beijo tanto quanto eu. Você não atendeu o telefone. Você não respondeu aos meus textos. Então, eu estou escrevendo esta carta no caso de você precisar ser lembrada de como você

realmente se sente sobre mim. Porque parece que você está tentando esquecer.

Por favor, não se esqueça, Charlie.

Nunca permita que sua teimosia te deixe acreditar que nosso beijo foi errado.

Nunca esqueça a forma certa que sentiu quando meus lábios finalmente

tocaram os seus.

Nunca pare de precisar  
me beijar daquele jeito de  
novo.

Nunca se esqueça do  
jeito que você me puxou  
para mais perto —  
querendo sentir como meu  
coração estava batendo  
dentro do seu peito.

Nunca me impeça de te  
beijar no futuro, quando

um de seus risos me faz  
desejar poder ser uma parte  
de você novamente.

Nunca pare de querer  
me abraçar como eu  
finalmente consegui  
prendê-la ontem à noite.

Nunca se esqueça de  
que eu fui o seu primeiro  
beijo. Nunca se esqueça de  
que você vai ser a minha  
última.

*E nunca deixe de me  
amar entre todos eles.*

*Nunca pare, Charlie.*

*Nunca se esqueça.*

*- Silas*

Eu não sei quanto tempo eu olho para a carta. Tempo suficiente para continuar mais confuso quanto à forma como isso me faz sentir. Mesmo que eu não conheça esta menina em tudo, de alguma maneira eu acredito em todas as palavras desta carta. E talvez até mesmo sinta um pouco. Meu pulso começa a acelerar,

porque eu fiz tudo o que eu sei fazer nas últimas horas para encontrá-la, bem como a necessidade de saber que ela está bem é iminente.

Estou preocupado com ela.

Eu preciso encontrá-la.

Eu pego outra carta para mais pistas quando meu telefone toca. Eu procuro e atendo sem olhar o identificador de chamadas. Não há nenhum ponto na triagem das chamadas, desde que eu não conheço nenhuma das pessoas que estaria me ligando.

— Olá?

— Você percebe que hoje é um dos jogos mais importantes de sua carreira no futebol, certo? Por que, diabos você não está na escola?

A voz está pesada e com raiva.

*Deve ser meu papai.*

Eu puxo o telefone longe da minha orelha e olho para ele. Eu não tenho nenhuma ideia do que dizer. Eu preciso ler mais dessas cartas antes para saber como Silas normalmente responde a seu papai. Preciso saber mais sobre essas pessoas que parecem saber tudo sobre mim.

— Olá?, — eu repito.

— Silas, eu não sei o que está acontecendo...

— Eu não posso ouvi-lo, — eu digo mais alto. — Olá?

Antes que ele possa falar de novo, eu termino a chamada soltando o telefone em cima da cama. Eu agarro todas as cartas e diários que vão caber na mochila. Corro para sair porque eu não deveria estar aqui. Alguém pode aparecer e talvez eu não esteja preparado para interagir ainda.

Alguém como meu papai.



*Onde estou?*

Essa é a primeira pergunta. *Então, quem sou eu?*

Eu balanço minha cabeça de um lado para o outro, como se este ato simples pudesse abalar o meu cérebro a voltar ao normal.

As pessoas normalmente acordam e sabe quem são... *certo?* Meu coração dói, está batendo tão rápido. Eu estou com medo de sentar, com medo do que vou ver quando eu fizer.

Estou confusa... oprimida, então eu começo a chorar. É estranho não saber quem você é, mas ainda mais para compreender que você não é um

bebê chorão? Estou tão furiosa comigo mesma por chorar que eu engulo minhas lágrimas e sento, batendo a cabeça muito forte nas barras de metal de uma cama no processo. Eu vacilo, esfregando minha cabeça.

Estou sozinha. Isso é bom.

Eu não sei como eu iria explicar a alguém que eu não tenho nenhuma ideia de quem eu sou ou de onde eu estou. Eu estou em uma cama. Em um quarto. É difícil dizer que tipo de quarto, porque é muito escuro. Sem janelas. Uma lâmpada de cintilações no teto em um código Morse lutando.

Não é forte o suficiente para realmente iluminar o quarto pequeno, mas eu posso dizer que o chão é feito de azulejo branco brilhante, e as paredes são pintadas de branco, e está vazio, exceto por uma pequena televisão parafusada à parede.

Há uma porta. Eu me levanto para ir até ela, mas há uma sensação de peso no estômago como se ao colocar meus pés um em frente do outro não fosse certo. *Vai estar trancado, ele vai estar trancado...*

Está trancado.

Eu sinto pânico, mas eu me

acalmo, obrigo-me a respirar. Estou tremendo quando eu pressiono as costas contra a porta e olho para o meu corpo. Eu estou vestindo uma camisola de hospital, meias. Eu corro minhas mãos sobre as minhas pernas para verificar se estão cabeludas — não muito. Isso significa que eu raspei recentemente? Eu tenho cabelo preto. Eu puxo um pedaço do mesmo na frente do meu rosto para examiná-lo. Eu nem sei o meu nome. Isso é loucura. Ou talvez eu esteja louca.

*Sim. Meu Deus.* Estou em um hospital psiquiátrico. Essa é a única coisa que faz sentido. Eu me viro e

bato na porta.

— Olá?

Eu pressiono meu ouvido contra a porta e ouço um barulho. Eu posso ouvir o zumbido suave de algo. O gerador? Um ar condicionado? É algum tipo de máquinas. Eu fico arrepiada.

Eu corro para a cama e me encolho no canto para que eu possa ver a porta. Eu puxo meus joelhos até meu peito, respirando com dificuldade. Estou com medo, mas não a nada que eu possa fazer além de esperar.



A alça da minha mochila escava em

meu ombro enquanto eu me empurro com o enxame de estudantes no corredor. Eu finjo que sei o que estou fazendo — onde estou indo — mas eu não sei nada. Tanto quanto eu estou preocupado, esta é a primeira vez que eu pisei nesta escola. A primeira vez que eu estou vendo os rostos destas pessoas. Eles sorriem para mim, sacodem a cabeça em saudação. Retribuo o melhor que posso.

Olho para os números sobre os armários e navego pelos corredores até que eu encontre meu armário.

De acordo com tudo o que eu

escrevi, eu estava aqui apenas esta manhã, procurando através deste armário, horas atrás. Eu, obviamente, não encontrei nada, então, eu tenho certeza que não vou encontrar nada agora.

Quando eu finalmente estou enfrentando meu armário, eu sinto evaporar a esperança que eu nem sabia que eu tinha. Acho uma parte de mim que estava esperando que eu iria encontrar Charlie ali de pé, rindo desta brincadeira de gênio e ela daria um fim nisso. Eu estava esperançoso de que esta confusão iria acabar.

*Eu não sou tão sortudo, obviamente.*

Eu digito a combinação no armário de Charlie primeiro e abro-o em uma tentativa de encontrar algo que perdi mais cedo. Quando estou cavando através de seu armário, eu posso sentir que alguém se aproxima de mim por trás. Eu não quero dar a volta e tem que interagir com um rosto desconhecido, então eu finjo que não percebo que eles estão de pé aqui na esperança de que eles vão embora.

— O que você está procurando?

É a voz de uma menina. Desde que eu não tenho nenhuma ideia do como

Charlie parece, eu me viro, esperando que seja ela.

Em vez disso, eu encontro alguém que não é Charlie olhando para mim. Com base em sua aparência, assumo que é Annika. Ela se encaixa na descrição que Charlie escreveu de nossos amigos nas notas.

*Olhos grandes, cabelos encaracolados escuros, olha para você como ela se estivesse entediada.*

— Eu estou apenas procurando por algo, — murmuro, virando para enfrentar o armário de Charlie. Acho que não há indícios de nada, então

fecho o armário e começo a digitar a combinação no meu próprio cadeado.

— Amy disse que Charlie não estava em casa esta manhã, quando ela foi para buscá-la. Janette nem sequer sabe onde ela estava, — diz Annika. — Onde ela está?

Eu dou de ombros e abro meu armário, tentando não aparentar que estou lendo a combinação a partir de uma folha de papel na minha mão. — Eu não sei. Ainda não tenho notícias dela.

Annika está silenciosamente atrás de mim até eu terminar de vasculhar

meu próprio armário. O meu telefone começa a tocar no meu bolso. Meu papai está chamando novamente.

— Silas!, — alguém grita quando passa do meu lado. Eu olho para cima para ver um reflexo de mim mesmo, só que mais jovem e não tão... *intenso*. *Landon*. — Papai quer que você ligue!, — ele grita, andando para trás na direção contrária.

Eu ergo o meu telefone, tela de frente para ele, para saber que já estou ciente. Ele balança a cabeça com um sorriso e desaparece no corredor. Eu quero dizer para voltar. Tenho tantas perguntas que quero

perguntar a ele, mas eu sei o quão louco tudo isso soaria.

Eu pressiono um botão para ignorar a chamada e deslizo-o de volta no bolso. Annika ainda está de pé aqui, e eu não tenho nenhuma ideia de como me livrar dela. O velho Silas parecia ter um problema com o comprometimento, por isso estou esperando que Annika não seja uma de suas conquistas.

O velho eu está certo em fazer as coisas difíceis para o novo eu.

Então quando eu começo a dizer que eu preciso ir para o meu último

período, avisto uma menina sobre o ombro de Annika. Meus olhos travam com os dela, e ela rapidamente olha em outra direção. Eu posso dizer pelo jeito que ela está fugindo que ela deve ser a garota que Charlie se referiu como o camarão em nossas notas.

Porque ela realmente se assemelha a uma espécie de camarão: pele rosada, cabelos claros e escuros, olhos redondos.

— Ei!— Eu grito.

Ela continua se movendo em outra direção.

Eu empurro passando por Annika e corro atrás da garota. Eu grito: — Ei, — de novo, mas ela simplesmente pega seu ritmo e aumenta a velocidade ainda mais, nunca olhando para trás. Eu deveria saber o nome dela. Ela provavelmente iria parar se eu apenas gritasse o nome dela. Tenho certeza que se eu gritasse: — *Ei, camarão!* — não iria ganhar quaisquer favores.

Que apelido. Os adolescentes podem ser tão cruéis. Eu estou envergonhado de ser um deles.

Logo antes de sua mão alcançar a maçaneta da porta de uma sala de

aula, eu deslizo na frente dela, minhas costas contra a porta. Ela dá um passo rápido para trás, surpresa ao ver-me dirigir a minha atenção para ela. Ela abraça os livros contra seu peito e olha em volta, mas chegamos ao fim do corredor e lá não tem qualquer estudante em torno de nós.

— O que... o que você quer?, — pergunta ela com a voz num sussurro disperso.

— Você viu Charlie?, — a pergunta parece surpreendê-la mais do que o fato de que eu esteja falando com ela. Ela imediatamente se

distancia de mim com outro passo.

— O que você quer dizer?, — ela pergunta novamente. — Ela não está procurando por mim, não é?— Sua voz soa terrível.

*Por que ela estaria com medo de Charlie?*

— Ouça, — eu digo, olhando para o corredor para garantir a nossa privacidade. Eu olho para ela e posso dizer que ela está segurando a respiração. — Eu preciso de um favor, mas eu não quero falar sobre isso aqui. Você pode me encontrar depois da escola?

Novamente com a expressão de surpresa. Ela imediatamente sacode a cabeça negativamente. Sua hesitação de não querer saber nada sobre Charlie ou sobre mim desperta meu interesse. Ou ela sabe de alguma coisa e ela está tentando esconder, ou ela sabe algo que ela não tem ideia que poderia me ajudar.

— Só por alguns minutos?, — pergunto. Ela balança a cabeça novamente quando alguém começa a caminhar em nossa direção. Eu interrompo a conversa e não dou a ela uma chance de dizer não novamente. — Encontre-me no meu

armário depois da aula. Eu tenho algumas dúvidas, — digo antes de me afastar.

Eu não olho para ela. Eu baixo a cabeça enquanto ando pelo corredor, mas não tenho ideia de onde eu estou indo realmente. Eu provavelmente devo ir para o departamento atlético e encontrar meu armário lá. De acordo com o que li em nossas notas, há uma carta que ainda não li no vestiário, junto com algumas fotos.

Ao virar a esquina com pressa choco-me com uma menina, fazendo sua bolsa cair. Murmuro um pedido de desculpas e passo ao redor dela,

continuando pelo corredor.

— Silas!, — ela grita.

Faço uma pausa.

*Porcaria. Eu não tenho nenhuma ideia de quem ela é.*

Eu lentamente movo meus calcanhares e ela está de pé, puxando a alça da bolsa mais acima no seu ombro. Eu espero que ela diga alguma coisa, mas ela só olha para mim. Depois de alguns segundos, ela lança as palmas das mãos no ar. — Bem?, — diz ela, frustrada.

Eu inclino minha cabeça em confusão. Ela está esperando um

pedido de desculpas? — Bem... o quê?

Ela bufa e cruza os braços sobre o peito. — Será que você encontrou a minha irmã?

*Janette. Esta é a irmã de Charlie, Janette. Porcaria.*

Eu posso imaginar que é difícil o suficiente à procura de uma pessoa desaparecida, mas tentar procurá-los quando você não tem ideia de quem você é ou quem eles são, ou como qualquer outra pessoa se sente é uma tentativa impossível.

— Ainda não, — eu digo a ela. —

Ainda estou à procura. E você?

Ela dá um passo em minha direção e seu olhar sai fogo. — Você não acha que se a tivesse encontrado eu não teria perguntado se *você* a encontrou?

Dou um passo para trás, colocando uma distância segura entre seu olhar penetrante e eu.

Ok. Então Janette não é uma pessoa muito agradável. Eu deveria escrever isso nas notas para referência futura.

Ela puxa um telefone de sua bolsa. — Eu vou chamar a polícia, — diz

ela. — Estou muito preocupada com ela.

— Eu já falei com a polícia.

Ela lança os olhos para o meus. — Quando? O que eles disseram?

— Eu estava em sua casa. Sua mãe chamou a polícia quando ela me encontrou no sótão procurando Charlie. Eu disse ao oficial que ela está desaparecida desde a noite passada, mas sua mãe fez soar como se eu tivesse exagerando, para que eles não levassem a sério.

Janette geme. — Entendo, — diz ela. — Bem, eu estou chamando-os

novamente. Eu preciso ir lá fora para obter um sinal melhor. Vou deixar que você saiba o que disserem.— Ela caminha em volta de mim indo para fora. Depois que ela se foi, eu caminhei na direção onde eu acho que o edifício de atletismo poderia ser.

— Silas, — diz alguém atrás de mim.

*Você está brincando comigo? Eu não posso andar cinco pés neste corredor, sem ter que responder a alguém?*

Eu volto para enfrentar quem quer que esteja desperdiçando meu tempo, só para encontrar uma menina — ou

mulher, que perfeitamente corresponde à descrição de Avril Ashley.

Isso é exatamente o que eu *não* preciso agora.

— Posso vê-lo em meu escritório, por favor?

Eu aperto a parte de trás do meu pescoço e sacudo a cabeça.

— Eu não posso, Avril.

Ela não revela nada do que está acontecendo em sua cabeça. Ela olha para mim com uma expressão estoica e em seguida, diz: — Meu escritório. Agora.— Ela se vira sobre os

calcanhares e lidera no final do corredor.

Contemplo correndo em outra direção, mas chamar a atenção para mim mesmo não me fará qualquer favores. Eu relutantemente sigo-a até que ela atinja a porta da administração. Eu sigo até um escritório. Eu passo para o lado enquanto ela fecha a porta, mas eu não sento. Eu estou olhando para ela com cuidado, e ela ainda não olhou para mim.

Ela faz o seu caminho até a janela e olha fora, envolvendo os braços em volta de si. O silêncio é inábil na

melhor das hipóteses.

— Você quer explicar o que aconteceu na sexta à noite?, — ela pergunta.

Eu imediatamente começo a pesquisar minha memória infantil para entender o que ela poderia estar falando.

*Sexta-feira, sexta-feira, sexta-feira.*

Sem as minhas notas na frente de mim, eu estou de mãos vazias. Não há nenhuma maneira que eu posso lembrar cada detalhe do que tenho lido nas últimas duas horas.

Quando eu deixo de responder, ela

solta uma risada suave. — Você é irreal, — diz ela, virando o rosto para mim agora. Seus olhos estão vermelhos, mas até agora eles estão secos. — O que no mundo deu em você para bater no meu papai?

Oh. O jantar. A luta com o proprietário, o papai de Brian.

Espere.

Levanto-me mais ereto, os cabelos se levantando em toda a pele do meu pescoço. Avril Ashley é a *irmã* de Brian Finley? Como isso é possível? E por que Charlie e eu estamos envolvidos com eles?

— Será que isso tem a ver com ela?, — ela pergunta.

Ela está jogando tudo em cima de mim de uma vez só. Aperto a parte de trás do meu pescoço com as minhas mãos de novo e espremo alguns dos nervos. Ela não parece se importar que eu não esteja com vontade de discutir isso agora. Ela dá vários passos rápidos em direção a mim até que seu dedo está me cutucando no peito.

— Meu papai estava oferecendo um emprego a ela, você sabe. Eu não sei o que você está fazendo, Silas.— Ela gira e caminha de volta para a

janela, mas em seguida, joga as mãos para cima em frustração e me enfrenta. — Primeiro, você rodopia aqui há três semanas e fala como Charlie está destruindo sua vida por causa de seu envolvimento com Brian. Você me faz sentir pena de você. Você até me fazer sentir culpada apenas por ser sua irmã. E então você usa isso e me manipula para beijar você, e uma vez que eu finalmente me envolvo você aparece cada dia por mais. Então você vai ao restaurante do meu papai e ataca-o, e em seguida, você acaba a coisa toda comigo. — Ela dá um passo para trás

e coloca a mão em sua testa. — Você percebe o quanto de problema que eu poderia estar, Silas?— Ela começa a andar para trás e para frente. — Eu gosto de você. Eu arrisquei meu *trabalho* por você. Inferno, eu arrisquei a minha relação com o meu próprio *irmão* por você.— Ela olha para cima colocando as mãos nos quadris. — Eu sou uma idiota, — diz ela. — Eu sou casada. Eu sou casada, uma mulher com uma graduação, e aqui estou brincando com um estudante simplesmente porque ele é atraente e eu sou demasiadamente tola para saber quando alguém está me usando.

Sobrecarga de informação. Eu não posso nem responder com tudo o que ela acabou de jorrar da sua boca. — Se você contar a alguém sobre isso, eu vou ter certeza que meu papai pressione acusações contra você, — diz ela com um olhar ameaçador.

Encontro a minha língua após esse comentário. — Eu nunca vou contar a ninguém, Avril. Você sabe disso.

*Será* que ela sabe disso? O velho eu parecia não ser muito confiável.

Ela mantém os olhos trancados com os meus por alguns instantes até que ela parece estar satisfeita com a

minha resposta. — Vá. E se você precisar de um conselheiro para o resto do ano letivo faça-nos um favor e peça transferência.

Eu coloco minha mão na maçaneta da porta e espero para ver se ela tem algo mais a dizer. Quando ela não fala, eu tento compensar o velho Silas. — Por que vale a pena... Eu sinto muito.

Seus lábios formam uma linha apertada. Ela gira e anda furiosamente para sua mesa. — Caia fora do meu escritório, Silas.

*Alegremente.*



Eu devo ter me afastado. Eu ouço

um sinal sonoro suave e, em seguida, o som de metal contra metal deslizante. Meus olhos se abrem e instintivamente me pressiono mais contra a parede. Eu não posso acreditar que eu adormeci.

Eles tinham que ter me drogado.

*Eles.* Estou prestes a descobrir quem *eles* são.

A porta se abre e minha respiração fica mais rápida enquanto eu me contorço contra a parede. Um pé, tênis branco liso, e então... o rosto sorridente de uma mulher. Ela chega cantarolando, chutando a porta que

se fecha atrás dela. Eu relaxo um pouco. Ela se parece com uma enfermeira, vestida com um de uniforme amarelo pálido. Seu cabelo é escuro e puxado para trás em um rabo de cavalo baixo. Ela é mais velha, talvez na casa dos quarenta. Por um breve segundo eu me pergunto quantos anos eu tenho.

Minha mão viaja para o meu rosto, como se eu pudesse sentir a minha idade na minha pele.

— Olá, — diz ela alegremente. Ela não olhou para mim ainda. Ela está ocupando-se com a bandeja de comida.

Eu envolvo meus braços apertados em torno de meus joelhos.

Ela coloca uma bandeja sobre uma mesinha ao lado da cama e ergue os olhos pela primeira vez.

— Eu trouxe o seu almoço. Está com fome?

*Almoço?* Eu me pergunto o que aconteceu com o café da manhã.

Quando eu ainda não respondo, ela sorri e levanta a tampa de uma das placas, como se para me seduzir.

— É espaguete hoje, — diz ela. — Você gosta de espaguete.

*Hoje?* Quantos dias eu estive aqui?

Eu quero perguntar a ela, mas a minha língua está congelada de medo.

— Você está confusa. Tudo bem. Você está segura aqui, — diz ela.

Engraçado, eu não me *sinto* segura.

Ela oferece-me um copo de papel. Eu fico olhando para ela.

— Você tem que tomar seus remédios, — diz ela, balançando o copo. Eu posso ouvir o barulho de mais de uma pílula dentro. Estou sendo drogada.

— O que é isso?— Eu sobressalto ao ouvir o som da minha voz. Rouca. Eu não a usei há algum tempo, ou eu

estive gritando muito.

Ela sorri novamente. — O de sempre, boba.— Ela franze a testa para mim, subitamente séria. — Sabemos o que acontece quando você não tomar a sua medicação, Sammy. Você não quer ir por esse caminho novamente.

*Sammy!*

Eu quero chorar, porque eu tenho um nome! Estendo a mão para o copo. Eu não sei o que significa, mas eu não quero ir por *esse* caminho novamente. Esse caminho é provavelmente o motivo que estou

aqui.

— Onde estou?, — pergunto. Há três comprimidos: um branco, um azul, um marrom.

Ela ergue a cabeça para o lado enquanto ela me dá um copo de plástico de água. — Você está no Hospital São Bartolomeu. Você não se lembra?

Eu fico olhando para ela. Eu deveria? Se eu responder suas perguntas, ela pode pensar que eu sou louca, e pela aparência das coisas, eu posso ser louca. Eu não quero tornar as coisas piores, mas...

Ela suspira. — Olha, eu estou fazendo o meu melhor com você, garota. Mas você tem que fazer melhor desta vez. Não podemos ter mais incidentes.

Eu sou uma criança. Eu causo incidentes. Deve ser por isso que eu estou presa aqui.

Eu viro o copo até sentir as pílulas na minha língua. Ela me dá a água e eu bebo. Estou com sede.

— Coma, — diz ela, batendo palmas. Eu puxo a bandeja para mim. Eu estou com muita fome.

— Você gostaria de ver um pouco

de televisão?

Eu aceno. Ela é muito legal. E eu *gostaria* de ver televisão. Ela puxa um controle remoto fora de seu bolso e liga. O show é sobre uma família. Eles estão todos sentados em torno de uma mesa para jantar.

*Onde está minha família?*

Eu estou começando a sentir sono novamente.



É incrível o quanto eu posso

aprender apenas por manter minha boca fechada.

Avril e Brian são irmão e irmã.

Avril é casada, mas de alguma maneira eu ainda falava dela em algum tipo de relacionamento bizarro. E é relativamente novo, algo que eu não esperava. Também parece estranho que eu teria ido com ela sem problemas, sabendo que Charlie e Brian estavam juntos.

Com base no que eu aprendi de Silas — ou eu mesmo — que eu não me vejo querendo estar com ninguém, só Charlie.

Vingança? Talvez eu estivesse apenas usando Avril para obter informações sobre Charlie e Brian.

Passei os próximos 10 minutos contemplando o que eu aprendi quando eu faço o meu caminho ao redor do campus em busca do departamento de atletismo. Tudo parece o mesmo: caras, edifícios, estúpidos cartazes motivacionais. Eu finalmente desisto e bato em uma sala vazia. Eu tomo um assento em uma mesa ao longo da parede de trás e esvazio a mochila cheia do meu passado. Eu retiro os diários e algumas cartas, organizando-as por

data. A maioria das cartas é entre

Charlie e eu, mas algumas delas são do seu papai, escrito para ela da prisão. Isso me deixa triste. Há alguns aleatórios de pessoas — amigos dela — estou presumindo. As cartas deles estão me incomodando, cheia de superficialidade, angústia adolescente e uma péssima ortografia. Eu atiro-as de lado, frustrado. Tenho a sensação de tudo o que está acontecendo com a gente tem pouco a ver com mais ninguém.

Eu pego uma das cartas que o papai de Charlie escreveu para ela e a leio em primeiro lugar.

Caro Amendoim,

Você se lembra do por que eu te chamo assim, certo? Você era tão pequena quando você nasceu. Eu nunca tive um bebê antes de você, e eu me lembro de dizer a mamãe: — Ela é pequena, assim como um amendoim humano! ”.

Eu sinto falta de você,

menina. Eu sei que isso  
deve ser difícil para você.  
Seja forte para sua irmã e  
sua mãe. Elas não são  
como nós e elas precisam  
de você para entender as  
coisas por um tempo. Até  
que eu volte para casa.  
Confie em mim, eu estou  
trabalhando duro para  
chegar em casa para vocês.  
Enquanto isso não

acontece, estou lendo muito. Cheguei a ler aquele livro que você tanto gostava. Aquela com a maçã na capa. Uau! Edward é... como você falava... sonhador?

Enfim, eu queria falar com você sobre algo importante. Então, por favor, me escute. Eu sei que você conhece Silas por

muito tempo. Ele é um bom menino. Eu não o culpo pelo o que papai dele fez. Mas você tem que ficar longe daquela família, Charlize. Eu não confio neles. Eu gostaria de poder explicar tudo, e eu quero um dia. Mas, por favor, fique longe dos Nash. Silas é apenas um peão no jogo de seu papai. Estou

com medo do que eles  
usarão para chegar até  
mim.

Prometa-me,  
Charlize, que você vai ficar  
longe deles. Eu disse a  
mãe para usar o dinheiro  
na outra conta para  
sobreviver por um tempo.  
Se você quiser, venda os  
anéis dela. Ela não vai  
querer, mas faça de  
qualquer maneira.

*Eu te amo,*

*Pai*

Eu li a carta duas vezes para certificar que eu não perdi nada. O que aconteceu entre o meu papai e seu papai foi sério. O homem está na prisão, e lendo essa carta, ele não acha que sua sentença é justificável. O que me faz perguntar se o meu papai é realmente o culpado.

Eu coloco a carta em uma nova pilha para mantê-la separada. Se eu mantiver todas as cartas que poderiam significar algo em uma única pilha, em seguida, se perdermos

nossas memórias novamente, nós não precisaríamos perder tempo lendo cartas que não servem de nada.

Eu abro outra carta que parece que já foi lida uma centena de vezes.

*Querida Charlie Baby,*

*Você fica realmente com raiva quando está com fome. Você fica nervosa. É como se você não fosse a mesma pessoa. Nós podemos guardar algumas barras de granola em sua*

bolsa ou algo assim? É só que eu me preocupo com as minhas bolas. Os caras estão começando a dizer que eu estou domado. E eu sei que é isso que parece. Corri como um louco para que você tivesse um balde de frango ontem e perdi a melhor parte do jogo. Eu perdi a visão do maior retorno na história do

futebol. Tudo porque eu  
estou ~~com medo~~ — tão  
apaixonado por você.  
Talvez eu esteja domado.  
Você realmente parecia  
sexy com toda aquela  
gordura de galinha em seu  
rosto. Rasgando a carne  
com os dentes como um  
selvagem. Deus. Eu só  
quero me casar com você.

Nunca Jamais

*Silas*

Eu posso sentir um sorriso começar a se formar no meu rosto, e eu tento imediatamente afastar. O fato de que esta menina está em algum lugar lá fora, e não tenho ideia de quem ou onde ela está não deixa espaço para sorrisos. Eu pego outra carta, desta vez querendo ler algo dela para mim.

*Querido Silas Baby,*

*Melhor. Concerto. Que já existiu. Você pode ser mais bonito do que Harry*

Styles, especialmente quando você faz aquele movimento do ombro e fingi que está fumando um charuto. Obrigado por nos trancar em um armário de vassouras e, em seguida, manter sua promessa. EU REALMENTE gostei do armário de vassouras. Espero que possamos reproduzi-lo em

nossa casa um dia. Basta ir lá e fazer enquanto as crianças dormem. Exceto com lanches, porque... eu fico nervosa. Por falar em comida, eu tenho que ir porque estou com as crianças de babá e eles estão despejando um frasco de pickles no vaso sanitário. Ops! Talvez nós devêssemos ter apenas um

*cão.*

*Nunca Jamais,  
Charlie*

Eu gosto dela. Eu gosto de mim mesmo com ela.

A dor surda começa a fazer o seu caminho em meu peito. Eu esfrego-o enquanto olho para sua caligrafia. É familiar.

É tristeza. *Lembro-me o que se sente quando esta triste.*

Eu li outra carta que mandei para ela, na esperança de ganhar mais conhecimento sobre a minha

personalidade.

Charlie baby,

Eu senti sua falta hoje,  
mais do que eu já tenha  
sentido. Foi um dia difícil.  
Tem sido um verão difícil,  
na verdade. A  
proximidade do julgamento  
junto com não ser  
autorizado a vê-la tem  
tornado esse ano  
oficialmente como o pior

ano da minha vida.

E pensei que tinha começado tão bem.

Você lembra a noite que eu escapei na sua janela? Lembro-me vividamente, mas deve ser porque eu ainda tenho o vídeo e o vejo todas as noites. Mas eu sei que mesmo que não tivesse o vídeo, de qualquer maneira,

eu ainda me lembraria de cada detalhe dele. Foi a primeira vez que passamos a noite juntos como um casal, mesmo que na verdade não devesse ser a noite para aquilo.

Mas acordar vendo o sol brilhando através da janela e ao redor do seu rosto me fez sentir como num sonho. Como a garota

que eu estava segurando em meus braços durante as últimas seis horas não fosse real. Porque a vida não poderia ser tão perfeita e tão despreocupada como estava sendo naquele momento.

Eu sei que às vezes você me dar um tempo duro sobre o quanto eu amo aquela noite, mas eu acho

que é porque eu nunca disse o motivo.

Depois que você caiu no sono, eu mudei a câmera de vídeo para mais perto de nós. Eu passei meus braços em torno de você e ouvi você respirar até que eu adormeci.

Às vezes, quando tenho problemas para dormir, eu vejo esse vídeo.

Eu sei que é estranho,  
mas é o que você ama sobre  
mim. Você ama o quanto  
eu te amo. Porque sim. Eu  
te amo demais. Mais do  
que alguém merece ser  
amado. Mas eu não  
consigo evitar. Você faz o  
amor normal difícil. Você  
me faz psico-te-amar.

Um dia desses toda essa  
bagunça passará. Nossas

famílias vão esquecer o quanto eles machucaram uns aos outros. Eles vão ver o vínculo que continuamos tendo e serão obrigados a aceitar.

Até lá, nunca perca a esperança. Nunca pare de me amar. Nunca se esqueça.

Nunca Jamais,  
Filas.

Eu aperto meus olhos e libero uma respiração lenta. Como é possível perder alguém que você não pode lembrar?

Eu deixo as cartas de lado e começo a vasculhar os jornais de Charlie. Eu preciso encontrar algo que cerca os eventos com nossos pais. Parece ter sido o catalisador em nosso relacionamento. Pego um e abro uma página aleatória.

*Eu odeio Annika. Oh meu Deus, ela é tão estúpida.*

Eu passo para uma página diferente. Eu meio que odeio Annika

também, mas isso não é importante agora.

*Silas assou um bolo para o meu aniversário. Foi horrível. Eu acho que ele esqueceu os ovos. Mas foi o fracasso de chocolate mais bonito que eu já vi. Eu estava tão feliz que eu não fiz nem uma piada quando comi uma fatia. Mas, oh Deus, era tão ruim.*

*Melhor namorado de todos os tempos.*

Quero manter a leitura mais um pouco, mas não consigo. Que tipo de idiota esquece os ovos? Eu viro algumas páginas.

*Eles levaram o meu papai hoje. Sento-me reto.*

*Eles levaram o meu papai hoje. Eu não sinto nada. Será que os sentimentos virão? Ou talvez eu sinta tudo. Tudo*

o que posso fazer é sentar  
aqui e olhar para a parede.  
Eu me sinto tão impotente,  
como se eu devesse estar  
fazendo alguma coisa.  
Tudo mudou, e meu peito  
dói. Silas continua vindo  
para a casa, mas eu não  
quero vê-lo. Eu não quero  
ver ninguém. Não é justo.  
Por que ter filhos se você  
está indo fazer coisas

estúpidas e depois deixá-los? O papai diz que é tudo um mal-entendido e que a verdade virá à tona, mas a mãe não parou de chorar. E nós não podemos usar nenhum dos nossos cartões de crédito, porque todos foram cortados. O telefone não para de tocar, e Janette está sentada em sua cama, chupando o dedo

igual a quando ela era pequena. Eu só quero morrer. Eu odeio quem fez isso com a minha família. Eu não posso mesmo...

Eu viro mais algumas páginas.

Nós temos que sair da nossa casa. O advogado do papai nos disse hoje. O tribunal está tomando-a para saldar a nossa dívida. Eu só sei disso porque eu

estava escutando do lado de fora da porta do escritório quando ele disse a mãe. Assim que ele saiu, ela se trançou em seu quarto e não tem saído há dois dias. Temos de estar fora de nossa casa em cinco dias. Eu comecei a embalar algumas das nossas coisas, mas eu não estou certa o que estamos autorizadas a

ficar. Ou onde devemos ir.  
Meu cabelo começou a  
cair cerca de uma semana  
atrás. Em grandes pedaços  
quando eu escovo e quando  
estou no chuveiro. E ontem,  
Janette teve problemas na  
escola por socar uma  
menina no rosto quando  
ela fez piada com o fato de  
o nosso papai está na  
prisão.

Eu tenho dois mil dólares na minha conta poupança, mas sério, quem vai me alugar um apartamento? Eu não sei o que fazer. Eu ainda não vi Silas, mas ele vem todos os dias. Eu faço Janette dizer para ir embora. Estou tão envergonhada. Todo mundo está falando sobre nós, até os meus amigos.

Annika acidentalmente me incluiu em um grupo onde eles enviavam uns aos outros memes [\[2\]](#) sobre prisão. Pensando melhor sobre isso, eu não acho que foi um acidente. Ela adoraria colocar suas garras em Silas. Agora é sua chance. Assim que ele perceber a loucura que a minha família se tornou,

*ele não vai querer ter nada a ver comigo.*

Ugh. Era esse o tipo de pessoa que eu era? Por que ela acha isso? Eu nunca... Eu não acho que eu seria sempre...

*Será que eu...?* Eu fecho o jornal e esfrego minha testa. Estou começando a ter uma dor de cabeça, e não sinto que estou mais perto de descobrir isso. Decido então ler mais uma página.

*Sinto falta da minha casa. Não é a minha casa*

mais, então eu ainda posso dizer isso? Eu sinto falta do que costumava ser minha casa. Às vezes eu vou lá, apenas fico do outro lado da rua, e lembro-me. Nem mesmo sei se a vida era tão boa assim antes de papai ir para a prisão, ou se eu estava apenas vivendo em uma luxuosa bolha. Pelo menos eu não me

sentia assim. Como uma perdedora. Mamãe bebe todos os dias. Ela nem sequer se preocupa com a gente. E você tem que se perguntar se ela alguma vez se preocupou, ou se, Janette e eu, éramos apenas acessórios em sua vida glamorosa. Porque ela só se preocupa com a maneira como ela se sente

agora.

Eu me sinto mal por Janette. Eu, pelo menos, tinha uma vida real, com os pais reais. Ela teve tão pouco. E vai piorar porque ela não sabe o que é ter uma família inteira. Ela é tão louca o tempo todo. Eu também. Ontem eu ri tanto daquele garoto até que ele chorou. Senti-me bem.

Senti-me mal também.  
Mas, como papai disse,  
enquanto eu sou mais  
dura do que eles são, eles  
não podem me tocar. Eu só  
vou colocá-los, até que me  
deixe em paz.

Eu vi Silas um pouco  
depois da escola. Ele me  
levou para um hambúrguer  
e, em seguida, dirigi pra  
casa. Foi a primeira vez

que ele viu o lugar de merda em que estamos vivendo agora. Eu podia ver o choque no seu rosto. Ele me deixou, e, em seguida, uma hora mais tarde, ouvi um cortador lá fora.

Ele foi para casa e pegou um cortador e algumas ferramentas para consertar o lugar. Eu queria amá-lo

por isso, mas ele só me envergonhou.

Ele finge que não se preocupa com o quanto minha vida mudou, mas eu sei que ele faz. Ele tem. Eu não sou o que eu costumava ser.

Meu papai tem escrito para mim. Ele disse algumas coisas, mas eu não sei em quem acreditar. Se

*ele estiver certo... Eu não quero nem pensar nisso.*

Eu olho para as cartas de seu papai. Qual delas ela está falando? Então eu a vejo. Meu estômago dói.

*Caro Charlize,*

*Eu falei com sua mãe ontem. Ela disse que você ainda está vendo Silas. Eu estou desapontado. Eu avisei sobre sua família. Seu papai é a razão de eu*

estar na prisão, e você ainda continua a amá-lo. Você percebe o quanto isso me machuca?

Eu sei que você pensa que sabe, mas ele não é diferente de seu papai. Eles são uma família de cobras. Charlize, por favor, entenda que eu não estou tentando feri-la. Eu quero mantê-la protegida contra

essas pessoas, e aqui estou eu, trancado atrás dessas barras, incapaz de cuidar da minha própria família. Um aviso é realmente tudo o que posso dar, e espero que você preste atenção nas minhas palavras.

Perdemos tudo: a nossa casa, a nossa reputação, nossa família. E eles ainda

têm tudo o que era deles,  
bem como tudo o que era  
nosso. Não está certo. Por  
favor, fique longe deles.  
Olhe o que eles fizeram  
para mim. Para todos nós.

Por favor, diga a sua  
irmã que eu a amo.

Papai

Eu sinto simpatia por Charlie  
depois de ler a carta. Uma menina  
dividida entre um menino que  
obviamente a ama e um papai que a

manipula.

Eu preciso visitar seu papai. Eu encontro uma caneta e anoto o endereço do remetente das cartas que ele enviou para ela. Eu retiro o meu telefone e pesquiso no Google. A prisão fica à duas horas e meias de carro até Nova Orleans.

Duas horas e meia é uma grande perda de tempo quando eu só tenho 48 horas no total. E parece que eu já perdi um monte. Faço uma nota para visitar e decido que se eu não tiver encontrado Charlie até amanhã de manhã, eu vou fazer uma visita ao seu papai. Com base nas cartas que acabo

de ler, Charlie está mais perto de seu papai do que de qualquer outra pessoa. Bem, além do velho Silas. E se *eu* não tenho a menor ideia onde ela está, seu papai provavelmente é um dos poucos que pode saber. Eu me pergunto se ele iria mesmo concordar em encontrar-se comigo.

Vacilo no meu lugar quando a campainha toca, sinalizando o fim da escola. Eu mantenho as cartas separadas e coloco todas perfeitamente dentro da mochila. É o último período de aulas, e eu estou esperando que Camarão esteja onde eu disse a ela para estar.





Estou trancada em um quarto com

um rapaz. O quarto é pequeno e tem cheiro de água sanitária. Menor ainda do que o quarto que estava antes de adormecer. Eu não me lembro de acordar e ser movida, mas aqui estou eu, e vamos ser honestos — não lembro muita coisa ultimamente. Ele está sentado no chão, com as costas contra a parede, e os seus joelhos afastados. Eu vejo como ele inclina a cabeça para trás e cita o refrão de *Oh Cecilia*.

Ele é muito quente.

— Oh meu Deus,” eu digo. — Se nós vamos estar trancados aqui, você pode, pelo menos, cantar alguma

coisa boa?”

Eu não sei de onde veio isso. Eu nem mesmo conheço este rapaz. Ele termina, pontuando a última palavra com um eh-eh-eh-eh extravagante. É então que eu percebo que não só reconheço a canção que ele é canta, mas também sei as letras. As coisas mudam, e de repente eu não sou a garota mais. Estou assistindo a garota assistir o garoto.

Eu estou sonhando.

— Eu estou com fome”, ela diz.

Ele levanta os quadris do chão e escava em seu bolso. Quando ele pega

sua mão, ele está segurando um salva-vidas.

— Você é um salva-vidas”, diz ela, levando-a com ele. Ela chuta o pé, e ele sorri para ela.

— Como é que você não está com raiva de mim?”, ele pergunta.

— Para que? Arruinar a nossa noite, fazendo-nos perder o concerto que você poderia fazer comigo em um armário de vassouras? Por que diabos eu estaria louca?”. Ela faz um show escorregando uma bala entre os lábios. — Você acha que eles vão nos ouvir aqui quando o show acabar?”

— Eu espero que sim. Ou você vai ficar realmente encrencada e isso significa para mim a noite toda.”

Ela ri, e então nós estamos sorrindo um para o outro como idiotas. Eu posso ouvir a música tocando. É algo mais lento neste momento. Eles se trancam aqui, se envolvendo. Muito fofo. Eu sinto inveja.

Ela rasteja sobre ele, e ele abaixa as pernas para acomodá-la.

Quando ela está montada nele, ele corre as mãos para cima e para baixo em suas costas. Ela está usando um

vestido roxo e botas pretas. Alguns esfregões escorregam e um balde amarelo gigante está escorado ao lado deles.

— Eu prometo que isso não irá acontecer quando vermos One Direction”, diz ele.

— Você odeia One Direction.”

— Sim, mas eu acho que eu tenho que fazer isso por você. Sendo um bom namorado e tal”. Suas mãos provocam a pele exposta nas pernas. Ele faz um movimento como se seus dedos estivessem andando até a coxa dela. Eu quase posso sentir os

arrepios por ela.

Ela joga a cabeça para trás desta vez e começa a cantar uma canção do One Direction. Ele se choca com a música tocando atrás deles, e ela é uma cantora pior do que ele é.

— Oh Deus”, diz ele, cobrindo a boca. — Eu te amo, mas não.” Ele puxa sua mão, e ela pega de volta para beijar sua palma.

— Sim, você sabe. Eu amo você de volta”.

É quando eles se beijam que eu acordo. Sinto um intenso desapontamento. Fico quietinha ainda

deitada, esperando cair no sono novamente para que eu possa ver o que acontece com eles. Eu preciso saber se eles saíram a tempo de ver The Vamps cantar pelo menos uma música. Ou se ele manteve sua palavra e levou-a para assistir One Direction. A harmonia deles fez-me sentir tão incrivelmente solitária que eu enterro meu rosto no travesseiro e choro. Eu gostei mais do quarto antiquado que estavam do que o meu. Eu começo a cantarolar a música que estava tocando, e então de repente eu sento ereta na cama.

Eles *conseguiram* sair. Durante o

intervalo. Eu posso ouvir o seu riso e ver a confusão no rosto do zelador que abriu a porta para eles. Como eu sei disso? Como posso ver uma coisa que nunca aconteceu? A menos que...

Isso não era um sonho. Aconteceu. Comigo.

Meu Deus. Essa menina *era eu*.

Chego até a tocar meu rosto, sorrindo um pouco. Ele me amava. Ele era tão... cheio de vida. Eu deito de novo, querendo saber o que aconteceu com ele e se ele é a razão pela qual eu estou aqui. Por que ele não veio me encontrar? Pode uma

pessoa esquecer esse tipo de amor?

E como exatamente a minha vida  
foi para isso... este pesadelo?



As aulas acabaram tem mais de

quinze minutos. O corredor está vazio, ainda estou aqui, ainda a esperando Camarão aparecer. Eu não tenho certeza do que eu vou perguntar se ela ficar com vergonha. Eu só tive uma sensação quando eu a vi de que ela estava escondendo alguma coisa. Talvez seja algo que ela nem mesmo perceba que está escondendo, mas eu quero descobrir o que ela sabe. Por que ela odeia tanto a Charlie. Por que ela me odeia tanto.

Meu telefone toca. Meu papai novamente. Eu pressiono ignorar, mas, em seguida, vejo que perdi

algumas mensagens. Eu abro, mas nenhuma é de Charlie. Não que elas poderiam ser desde que eu tenho o telefone dela. Eu tenho simplesmente aceitado o fato de que eu ainda tenho um pouco de esperança de que tudo isso é uma piada. Que ela vai me ligar ou mandar uma mensagem, ou vai aparecer para rir sobre isso.

A mensagem mais recente é de Landon.

*Traga a sua bunda para o treino. Não estarei cobrindo você de novo, e*

*temos um jogo em três horas.*

Eu não tenho nenhuma ideia de qual movimento será o mais eficiente para mim. Certamente não será treinar, considerando que eu não poderia me importar menos sobre o futebol agora. Mas se o treino é onde eu normalmente estou nesta hora, eu provavelmente deveria estar lá no caso de Charlie aparecer. Afinal, todo mundo parece pensar que ela vai estar no jogo desta noite. E desde que eu não sei mais para onde olhar ou o que mais fazer, eu acho que vou procurar

por ela lá. Não parece que Camarão concordou com meu pedido, de qualquer maneira.

---

Eu finalmente localizo os vestiários, e estou aliviado por encontrá-los vazio. Todo o resto do time está lá fora no campo, então eu uso a privacidade para procurar a caixa que citei nas cartas para mim.

Quando eu localizo na parte superior do armário, eu puxo e sento, levantando a tampa.

Eu olho rapidamente as imagens.  
*Nosso primeiro beijo. Nossa primeira luta.*

*Onde nos encontramos.* Eu finalmente chego a uma carta na parte inferior da caixa. Na parte superior está o nome de Charlie, escrito na caligrafia que reconheço como sendo minha.

Olho em volta para garantir que eu ainda tenho total privacidade, e então eu desdobro a carta. É datado da semana passada. Apenas um dia antes de perdermos nossa memória pela primeira vez.

*Charlie,*

*Bem, eu acho que é isso.*

*© nosso fim. © final de*

Charlie e Silas.

Pelo menos não veio como uma surpresa. Ambos sabemos, desde o dia em que seu papai foi condenado, que não seríamos capaz de passar por isso. Você culpa o meu papai, eu culpo o seu. Eles culpam uns aos outros. Nossas mães, que costumavam serem melhores

amigas, não falam nomes uma da outra em voz alta.

Mas pense, pelo menos nós tentamos, certo? Nós tentamos muito, mas quando duas famílias são destruídas como as nossas estão, é um pouco difícil de olhar para o futuro que podemos ter e extrair ânimo disso.

Ontem, quando você me

questionou sobre Abril, eu neguei. Você aceitou a minha recusa, porque você sabe que eu nunca menti para você. De alguma forma, você sempre parecia saber o que está acontecendo na minha cabeça antes mesmo de eu fazer, então você nunca questiona se não estou dizendo a verdade, porque

você já sabe.

E é isso que me incomoda, porque você aceitou tão facilmente minha mentira, quando eu sei que você conhecia a verdade. E isso me leva a acreditar que eu estava certo. Você não está vendo Brian porque você gosta dele. Você não está vendo-o nas minhas costas

para se vingar de mim. A única razão pela qual você está com ele é porque você está tentando punir a si mesma. E você aceitou a minha mentira, porque se você terminasse comigo, iria aliviar sua culpa.

Você não quer aliviar sua culpa. Sua culpa é sua maneira de punição para seu comportamento recente,

e sem ele, você não será capaz de tratar as pessoas da maneira que você vem tratando-as.

Você sabe que eu sei isso, porque eu e você, Charlie? Nós somos iguais. Não importa o quão difícil você está tentando agir ultimamente, eu sei que no fundo você tem um coração que

sangra com a existência da injustiça. Eu sei que toda vez que você ataca alguém, faz com que você se encolha por dentro. Mas você faz, porque você acha que você precisa. Porque o seu papai está manipulando você para acreditar que se você for vingativa o suficiente, as pessoas não vão tocar em você.

Você me disse uma vez  
que o excesso de bondade  
na vida de uma pessoa  
atrofia seu crescimento.  
Você disse que a dor é  
necessária, porque para que  
uma pessoa tenha sucesso,  
eles devem primeiro  
aprender a conquistar  
adversidade. E isso é o que  
você faz... você entrega a  
adversidade onde você vê

que precisa. Talvez você  
faça isso para ganhar  
respeito. Para intimidar.  
Quaisquer que sejam suas  
razões, eu não posso fazer  
isso. Eu não posso ver você  
rasgar as pessoas a fim de  
construir-se.

Eu prefiro amar você  
dentro do meu coração a te  
desprezar às claras.

Não tem que ser dessa

maneira, Charlie. Você está autorizada a me amar, apesar do que o seu papai diz. Você está autorizada a ser feliz. O que você não pode permitir é que a negatividade te sufoque até que nós não consigamos respirar o mesmo ar.

Eu quero que você pare de ver Brian. Mas eu também quero que você

pare de me ver. Eu quero  
que você pare de tentar  
encontrar uma maneira de  
libertar o seu papai. Eu  
quero que você pare de  
permitir que ele a induza  
ao erro. Eu quero que você  
pare de se ressentir cada  
vez que eu defendo o meu  
próprio papai.

Você age de uma  
maneira na frente de todo

mundo, mas à noite,  
quando estou no telefone  
com você, recebo a  
verdadeira Charlie. Vai  
ser uma tortura absoluta  
não discar o seu número e  
ouvir a sua voz antes de eu  
ir dormir cada noite, mas  
eu não posso mais fazer isso.  
Eu não posso apenas amar  
uma parte de você — a  
parte real de você. Eu

quero te amar quando eu  
falo com você a noite e  
também quero amar você  
quando te vejo durante o  
dia, mas você está  
começando mostrar dois  
lados diferentes de si  
mesma.

E eu só gosto de um  
desses lados.

Por mais que eu tente,  
não consigo imaginar como

deve te machucar uma vez  
que o seu papai está longe.  
Mas você não pode deixar  
que mudem quem você é.  
Por favor, pare de se  
preocupar com o que as  
outras pessoas pensam.  
Pare de permitir que as  
ações do seu papai definam  
você. Descubra o que você  
fez com o Charlie que eu  
amo. E quando você

encontrá-la, eu estarei aqui. Eu te disse antes que eu nunca vou parar de amar você. Eu nunca vou esquecer o que temos.

Mas, ultimamente, parece que você esqueceu.

Eu anexei algumas fotos eu quero que você fique. Espero que elas ajudem a lembrá-la do que poderíamos ter novamente

algum dia. Um amor que não foi ditado por nossos pais ou definido por nossa situação familiar. Um amor que não podemos parar mesmo se tentássemos. Um amor que nós tivemos a partir de alguns dos momentos mais difíceis de nossas vidas.

Nunca se esqueça,  
Charlie.

*Nunca.*

- *Silas*



— Silas, o treinador quer que você

apresente-se no campo em cinco minutos.

Eu inclino-me ao ouvir o som da voz. Eu não estou surpreso que eu não reconheço o cara em pé na porta do vestiário, mas eu aceno, como se eu soubesse. Eu começo a empurrar todas as imagens e a carta na caixa dentro da mochila, guardando-a longe no meu armário.

*Eu estava indo terminar com ela.*

Eu me pergunto se eu cheguei a terminar com ela. Eu ainda tenho a carta, no entanto. Ela foi escrita no dia anterior das nossas memórias

perdidas. Nosso relacionamento estava, obviamente, em um rápido declínio. Talvez eu dei a caixa e ela leu e, em seguida, deu de volta para mim?

Possibilidades e infinitas teorias atormentam minha mente enquanto eu tento me colocar na engrenagem do futebol. Qualquer coisa eu tenho o Google no telefone para me ajudar como fazer. Dez minutos facilmente passam até que estou vestido e caminhando para o campo. Landon é o primeiro a me ver. Ele quebra a formação e corre na minha direção. Ele coloca as mãos nos meus ombros

e se inclina.

— Estou cansado de cobrir você. Pegue a merda que está estragando a sua cabeça e jogue fora. Você precisa concentrar-se, Silas. Este jogo é importante, e papai vai ficar puto se você destruir isso.

Ele libera meus ombros e corre de volta para o campo. Os caras estão todos alinhados, fazendo o que parece como um monte de nada. Alguns deles estão passando bolas de futebol para frente e para trás. Outros estão sentando na grama, alongamento. Eu tomo meu lugar na grama ao lado de onde Landon acaba

de se sentar, e eu começo a zombar de seus movimentos.

Eu gosto dele. Eu só posso lembrar-me de duas conversas que tivemos em nossa vida, e elas consistem em Landon tentando colocar algum tipo de sentido em mim. Eu sei que eu sou o irmão mais velho, mas ele parece agir como se eu o tratasse com respeito. Tivemos de ter chegado perto disso. Eu posso dizer pelo jeito que ele está olhando para mim que ele está suspeitando do meu comportamento. Ele conhece-me suficientemente bem para saber que algo está acontecendo.

Eu tento usar isso a meu favor. Eu estico minha perna para frente de mim e inclino. — Eu não posso encontrar Charlie, — eu digo a ele. — Estou preocupado com ela.

Landon ri baixinho. — Eu deveria saber que isso tinha a ver com ela.— Ele alterna as pernas e me enfrenta. — E o que você quer dizer que você não pode encontrá-la? O telefone dela estava em seu carro esta manhã. Ela não pode te ligar a partir dele. Ela provavelmente está em casa.

Eu balanço minha cabeça. — Ninguém tem notícias dela desde a noite passada. Ela nunca chegou em

casa. Janette informou o seu desaparecimento há uma hora.

Seus olhos estão trancados com o meu, e vejo-os mudar para preocupação. — E quanto a sua mãe?

Eu balancei minha cabeça. — Você sabe como ela é. Ela não é de nenhuma ajuda.

Landon balança a cabeça. — Verdade, — diz ele. — Que pena que isso tenha a transformado.

Suas palavras fazem-me contemplar. Se ela não tem sido sempre assim, o que a fez mudar?

Talvez a condenação a destruiu. Eu

sinto um pequeno pingo de simpatia pela mulher. Mais do que eu tive esta manhã.

— O que a polícia disse? Eu duvido que eles a considerarão como uma pessoa desaparecida, se tudo o que ela fez foi faltar à escola hoje. Eles têm que ter mais provas do que isso.

A palavra evidência me espeta enquanto cai de sua boca.

Eu não queria admitir isso para mim, porque eu quero me concentrar em encontrá-la, mas no fundo tenho estado um pouco preocupado como

isso parece. Se ela realmente está desaparecida e ela não aparece logo, eu tenho a sensação de que a única pessoa que a polícia vai estar interessada em questionar é a última pessoa a vê-la. E considerando que eu tenho sua carteira, seu telefone e cada carta e jornal que ela escreveu — que não é um bom pressentimento para Silas Nash.

Se eles me questionarem — como vou saber o que dizer a eles? Não me lembro de nossas últimas palavras. Eu não lembro o que ela estava usando. Eu nem sequer tenho uma desculpa válida a respeito de porque eu tenho

todos seus pertences. Qualquer resposta que eu der seria uma mentira em um polígrafo, porque eu não me lembro de nada.

E se alguma coisa aconteceu com ela e eu realmente sou o responsável? E se eu tiver sofrido algum tipo de choque, e é por isso que eu não me lembro de nada? E se eu a feri e esse for o jeito da minha mente me convencer que eu não fiz?

— Silas? Você está bem?

Meus olhos vão até Landon. *Eu tenho que esconder as provas.*

Eu empurro minhas mãos no chão

e fico imediatamente em pé. Viro-me e corro na direção do armário.

— Silas!, — ele grita atrás de mim. Eu continuo correndo. Eu corro até chegar ao prédio, e eu abro a porta tão forte que bate na parede atrás dele. Eu corro em linha reta para o meu armário e balanço-o aberto.

Eu chego lá dentro, mas não sinto nada.

*Não.*

Eu toco as paredes, o chão do armário; eu roubo minhas mãos em torno de cada polegada vazia dele.

*Se foi.*

Eu corro minhas mãos pelo meu cabelo e giro olhando ao redor no vestiário, esperando talvez que eu pegue a mochila no chão.

Vou para o armário de Landon, abro e puxo tudo fora dele. Não está lá, também. Abro o armário ao lado e faço o mesmo. Abro o próxima. Nada.

A mochila não está em lugar nenhum.

Ou eu estou ficando louco ou alguém estava aqui.

— Merda. Merda, merda, merda.

Quando todo o conteúdo de toda a

fileira de armários está no chão, eu passo para a outra parede de armários e começo a fazer o mesmo com eles. Eu olho para dentro das mochilas de outras pessoas.

Eu esvazio sacos de ginásio, observando roupas de ginástica cair no chão. Encontro tudo e nada, desde telefones celulares a dinheiro, e preservativos.

Não há cartas. Nenhum diário. Não há fotografias.

— Nash!

Eu giro para ver um homem que enche a porta, olhando para mim

como se ele não tivesse ideia de quem eu sou ou o que deu em mim. *Isso nos torna quites.* — Que diabos você está fazendo?

Eu olho em volta para a bagunça que fiz. Parece que um tornado passou por aqui.

Como é que eu vou sair dessa?

Acabei de destruir cada armário aqui. E que explicação que eu iria dars? *Eu estou procurando evidências, para que a polícia não me prenda pelo desaparecimento da minha namorada?*

— Alguém...— Eu aperto a parte de trás do meu pescoço novamente.

Esta deve ser uma velha mania — espremendo o estresse do meu pescoço. — Alguém roubou minha carteira, — murmuro.

O treinador olha ao redor no vestiário, a raiva deixando seu rosto uma vez. Ele aponta para mim.

— Limpe isso, Nash! Agora! E, em seguida, traga a sua bunda para meu escritório!. — Ele vai embora, deixando-me sozinho.

Eu não perco tempo. Estou aliviado, pego todas as minhas roupas no banco e não no meu armário com o material que foi roubado. Minhas

chaves ainda estão no bolso da calça. Assim que eu estou fora do meu uniforme do futebol e de volta em minhas roupas, eu saio pela porta, mas eu não vou em direção dos escritórios. Eu sigo direto para o estacionamento.

Direto para o meu carro.

Eu tenho que encontrar Charlie.

Hoje à noite.

Caso contrário, eu poderia estar sentado completamente indefeso em uma cela.



Eu ouço a porta abrindo e

fechando novamente, e sento-me. As pílulas que a enfermeira me deu fazem-me sentir sonolenta. Eu não sei quanto tempo eu estava dormindo, mas não poderia ter sido tempo suficiente porque já é hora de outra refeição. No entanto, ela entra carregando outra bandeja. Eu não estou mesmo com fome. Eu me pergunto se eu terminei os meus pratos de espagete anteriores. Eu nem me lembro de comer. Devo ser muito mais louca do que eu pensava. Mas eu tinha uma memória. Eu debato querendo dizer a ela, mas isso deve ser mantido em segredo. Algo

que eu quero guardar para mim.

— Hora da comida!, — ela diz, abaixando a bandeja. Ela levanta a tampa para revelar um prato de arroz e linguiça. Eu olho com cautela, perguntando se eu vou ter que tomar mais comprimidos. Como se estivesse lendo minha mente, ela me entrega um copo de papel pequenininho.

— Você ainda está aqui, — eu digo, tentando parar. Essas pílulas me fazem sentir um lixo.

Ela sorri. — Sim. Tome suas pílulas de modo que você possa comer antes que esfrie.— Despejei-os

em minha boca enquanto ela assiste, e eu tomo um gole de água.

— Se você se comportar hoje, pode ser capaz de ir para a sala de recreação por um tempo amanhã. Eu sei que você deve estar louca para sair desta sala.

O que significa se comportar? Até agora não houve muita travessura para lidar.

Eu como o meu jantar com um garfo de plástico, enquanto ela me olha. Eu devo ser realmente uma delinquente, se eu tenho que ser supervisionada durante o jantar.

— Eu prefiro usar o banheiro a sala de recreação, — eu digo a ela.

— Coma primeiro. Eu estarei de volta para levá-la ao banheiro e tomar um banho.

Eu me sinto como uma prisioneira em vez de uma paciente.

— Por que estou aqui?, — pergunto.

— Você não se lembra?

— Eu estaria perguntando se me lembrasse?, — respondo. Eu limpo minha boca com os olhos estreitos.

— Termine sua comida, — diz ela friamente.

Eu fico imediatamente com raiva da minha situação, e com a forma como ela está ditando cada segundo da minha vida como se fosse dela.

Arremesso o prato através do quarto. Ele esmaga contra a parede passando a televisão. Arroz e linguiça espalhados por todos os lugares.

Isso foi *bom*. Isso foi *mais* do que bom. Isso parece comigo.

Eu rio então. Jogo minha cabeça para trás e rio. É uma risada profunda, má. Oh meu Deus! É por isso que estou aqui. *Looooouca*.

Eu posso ver os músculos de sua

mandíbula apertar. Estou deixando ela louca. Bom. Levanto-me e corro até um caco quebrado do prato. Não sei o que deu em mim, mas isto me faz sentir bem, defender a mim mesma me deixa feliz.

Ela tenta me agarrar, mas escorrego para fora de seu alcance.

Eu pego um pedaço afiado de porcelana. Que tipo de hospital psiquiátrico lhe dá pratos de porcelana? É esperar para um desastre acontecer. Eu levanto o caco na direção dela e dou um passo adiante. — Diga-me o que está acontecendo.

Ela não se move. Parece muito calma, na verdade.

É quando a porta atrás de mim abre, porque a próxima coisa que eu sei é que há uma físgada no meu pescoço e eu estou caindo no chão.



Encosto ao lado na estrada. Aperto

o volante, tentando me acalmar.

Tudo se foi. Eu não tenho nenhuma ideia de quem às pegou. Alguém provavelmente está lendo nossas cartas agora.

Eles vão ler tudo o que escrevemos para nós mesmos, e dependendo de quem as pegou, provavelmente comprovará nossa insanidade.

Pego uma folha de papel em branco que eu encontro no banco de trás, e começo a escrever as coisas. Qualquer coisa que eu lembre. Eu estou chateado, porque eu não lembro nem mesmo uma fração do

que estava nas notas dentro da mochila. Nossos endereços, nossos códigos do armário, nossos aniversários, todos os nomes dos nossos amigos e familiares — não me lembro de nada disso. O pouco que eu lembro, escrevo no papel. Não posso deixar isso me impedir de encontrá-la.

Eu não tenho nenhuma ideia de onde ir em seguida. Eu poderia visitar a loja de tarô novamente; ver se ela voltou para lá. Eu poderia tentar encontrar o endereço para qualquer propriedade que tenha o portão que está na foto em seu quarto. Lá tem

que haver uma conexão com a loja de tarô vista nessa mesma imagem.

Eu poderia dirigir até a prisão e visitar o papai de Charlie, ver o que ele sabe.

*A prisão é provavelmente o último lugar que eu deveria ir agora, no entanto.*

Eu pego meu telefone e começo a percorrê-lo. Eu passo as imagens a partir da noite passada. Uma noite que não me lembro de um único segundo. Há fotos de mim e Charlie, imagens das nossas tatuagens, imagens de uma igreja, imagens de um músico de rua.

A última imagem é de Charlie, de pé ao lado de um táxi. Parece que eu estou do outro lado da rua, tirando uma foto dela enquanto ela se prepara.

Isso tinha que ser a última vez que a vi. Na carta diz que ela entrou em um táxi na Bourbon Street. Dou zoom na imagem, a minha emoção está na minha garganta. Há uma placa de frente da cabine e um número de telefone no lado da cabine.

*Por que ainda eu não tinha pensado nisso?*

Eu anoto o número do telefone e a

placa, e disco o número.

Eu sinto que estou finalmente fazendo progresso.

---

A empresa de táxi quase se recusou a me dar informações. Eu finalmente convenci o operador que eu era um detetive e precisava interrogar o motorista a respeito de uma pessoa desaparecida. Isso é apenas metade de uma mentira. O cara no telefone disse que teria que pedir permissão e me ligaria de volta. Demorou cerca de 30 minutos antes de o meu telefone tocar novamente.

Ele era mesmo o motorista do táxi que eu falei. Ele disse que uma menina corresponde à descrição de Charlie saindo do seu táxi na noite passada, mas antes que ele pudesse levá-la em qualquer lugar, ela lhe disse que não precisava e fechou a porta e foi embora.

*Ela só... foi embora?*

Por que ela faria isso? Por que ela não foi atrás de mim? Ela tinha que saber que eu estava provavelmente logo ali virando a esquina, se era onde nossos caminhos se separaram.

Ela tinha que ter uma agenda. Não

me lembro de uma coisa sobre ela, mas com base no que eu li, tudo que ela faz parece ter um propósito. Mas o que poderia ter sido seu propósito na Bourbon Street àquela hora da noite?

As únicas coisas que vêm à mente são a loja de tarô e o pequeno restaurante. Mas nas notas, afirma que Charlie nunca apareceu no restaurante, com base em informações de alguém chamado Amy. Ela ia encontrar Brian? Eu sinto uma pontada de ciúme com o pensamento, mas eu tenho quase certeza de que ela não teria feito isso.

Tem que ser a loja de tarô.

Eu procuro no Google no meu celular, incapaz de lembrar o nome exato do lugar escrito em nossas notas. Marco dois deles no bairro Francês e defino o meu GPS para me levar lá.

---

Posso dizer quase imediatamente ao entrar que esta é a loja que foi descrita nas notas. A única que visitamos ontem à noite.

Ontem à noite. *Deus*. Por que eu não consigo lembrar algo que aconteceu apenas um dia atrás?

Eu faço o meu caminho para cima e para baixo em cada corredor, olhando para tudo ao meu redor, nem mesmo tendo certeza do que eu estou buscando. Quando chego ao último corredor, reconheço a foto pendurada na parede. A imagem do portão.

Está aqui para decorar. Não é algo para vender. Levanto-me na ponta dos pés até que meus dedos agarram no quadro, e o tiro da parede para inspecioná-lo mais de perto. O portão é alto, guardando uma casa no fundo que eu mal posso ver na foto. No canto de uma das colunas maciças ligado ao portão está o nome da casa.

*Jamais Jamais.*

— Posso ajudar?

Eu olho para cima para ver um homem elevando-se sobre mim, o que é impressionante. Eu sou alto, de acordo com a minha carteira de motorista. Ele tem que ter mais de um metro e oitenta.

Eu aponto para baixo para a fotografia em minhas mãos. — Você sabe onde fica esta imagem?

O homem arrebatou o quadro fora das minhas mãos. — Sêrio?— Ele parece agitado. — Eu não sabia o que era quando sua namorada me

perguntou ontem à noite, e eu ainda não sei o que é hoje à noite. É uma maldita imagem.— Ele devolve a imagem à parede.

— Não toque em nada a menos que esteja à venda e você pretende comprá-lo.— Ele começa a se afastar, por isso, eu o sigo.

— Espere, — eu digo, dando dois passos largos. — Minha namorada?

Ele não para de andar em direção ao caixa. — Namorada. Irmã. prima. Tanto faz.

— Namorada, — esclareço embora eu não saiba por que eu estou

esclarecendo. Ele obviamente não se importa.

— Será que ela voltou aqui na noite passada? Depois que saímos?

Ele faz o seu caminho por detrás do caixa. — Fechamos logo após de vocês terem saído.— Ele planta o seu olhar nos meus e arqueia a sobrancelha. — Você vai comprar qualquer coisa, ou você vai apenas me seguir com perguntas estúpidas o resto da noite?

Eu engulo. Ele me faz sentir mais jovem. Imaturo. Ele é o epítome do homem, e o osso em sua sobrancelha

me faz sentir como uma criança assustada.

*Cala a boca, Silas. Você não é uma bichinha.*

— Eu só tenho mais uma pergunta estúpida.

Ele começa a telefonar para um cliente. E não responde, então eu continuo.

— O que significa *Jamais Jamais*?

Ele nem sequer olha para mim.

— Isso significa Nunca Jamais, — diz alguém atrás de mim.

Eu imediatamente viro, mas meus pés parecem de chumbo, como se eu

tivesse afundado em meus sapatos. *Nunca Jamais?* Isso não pode ser uma coincidência. Charlie e eu repetimos essa frase várias vezes em nossas cartas.

Eu olho para a mulher que a voz pertence, e ela está olhando para mim, queixo erguido, rosto sério. O cabelo dela está puxado para trás. É escuro, esporadicamente listrado com fios cinza. Ela está usando uma peça longa de um material que é esvoaçante em torno de seus pés. Eu nem tenho certeza se é um vestido. É como se ela apenas vestiu algo na forma de um lençol e uma máquina

de costura.

Ela tem que ser a cartomante. Ela está fazendo o papel também.

— Onde é que a casa está localizada? A da foto na parede?— Eu aponto para a fotografia. Ela se vira e olha para ele durante vários segundos. Sem me encarar novamente, ela aponta seu dedo para mim e a sigo, e ela começa a ir em direção ao fundo da loja.

Eu relutantemente sigo-a. Antes de passar por uma porta de cortinas de gotas, o meu telefone começa a vibrar no bolso da calça. Ele chocalha

contra minhas chaves, e a mulher se vira e olha para mim sobre o ombro. — Desligue isso.

Eu olho para a tela e vejo que é o meu papai novamente. Eu silencio o telefone. — Eu não estou aqui para uma leitura, — esclareço. — Eu estou apenas procurando por alguém.

— A menina?, — diz ela, sentando-se do outro lado de uma pequena mesa no centro da sala. Ela propõe de me sente, mas eu me recuso à oferta.

— Sim. Nós estivemos aqui na noite passada.

Ela balança a cabeça e começa a embaralhar um baralho de cartas. — Eu me lembro, — diz ela. Um pequeno sorriso toca no canto da boca. Eu vejo como ela separa as cartas em pilhas. Ela levanta a cabeça e seu rosto está inexpressivo. — Mas só um de vocês voltou, não é.

A declaração envia arrepios em meus braços. Dou dois passos rápidos para frente e agarro a parte de trás da cadeira vazia. — Como você sabe disso?. — Deixo escapar.

Ela faz um gesto para a cadeira novamente. Desta vez eu sento. Espero que ela fale de novo, para me

dizer o que ela sabe. Ela é a primeira a ter alguma pista sobre o que está acontecendo comigo.

Minhas mãos começam a tremer. Minha pulsação está latejando atrás dos meus olhos. Eu aperto-os fechados e puxo as minhas mãos pelo meu cabelo para esconder os meu nervosismo. — Por favor, — eu digo a ela. — Se você sabe alguma coisa, por favor, me diga.

Ela começa a sacudir a cabeça lentamente. E para trás, para trás e para frente. — Não é assim tão fácil, Silas,— ela diz.

Ela sabe meu nome. Eu quero gritar *Vitória*, mas eu ainda não tenho nenhuma resposta.

— Ontem à noite, a sua carta estava em branco. Eu nunca vi isso antes. — Ela passa a mão em uma pilha de cartas, alisando-as para fora em uma linha. — Eu ouvi falar disso. *Nós todos* já ouvimos de que isso acontece. Mas eu não conheço ninguém que tenha realmente *acontecido*.

*Carta em branco?* Eu sinto que me lembro de ter lido isso em nossas notas, mas isso não ajuda quando eu já não tenho as notas em minha

posse. E a quem ela está se referindo quando diz que *nós todos* já ouvimos falar disso.

— O que isso significa? O que você pode me dizer? Como faço para encontrar Charlie?. — Minhas perguntas caem fora da minha boca e viajam uma sobre as outras.

— Essa imagem, — diz ela. — Por que você está tão curioso sobre essa casa?

Eu abro minha boca para contar a ela sobre a foto no quarto de Charlie, mas eu mantenho a boca fechada. Eu não sei se eu posso confiar nela. Eu

não a conheço. Ela é a primeira que sabe o que está acontecendo comigo. Isso poderia ser uma resposta, ou poderia ser uma indicação de culpa. Se Charlie e eu estamos sob algum tipo de feitiço, ela é provavelmente um dos poucos que sabe como fazer algo dessa magnitude.

Deus, isso é ridículo. Um feitiço? Por que eu estou mesmo permitindo ter esses pensamentos?

— Eu estava apenas curioso sobre o nome,— eu digo, mentindo para ela sobre a minha pergunta da casa na imagem. — O que mais você pode me dizer?

Ela continua realinhamento pilhas de cartas, não as lançando. — O que posso dizer para você... a *única* coisa que eu vou te dizer... é que você precisa lembrar o que alguém tão desesperadamente queria que você esquecesse.— Seus olhos encontram os meus, e ela levanta o queixo novamente. — Você pode ir agora. Eu sou de nenhuma ajuda adicional para você.

Ela foge para longe da mesa e banco. Seu vestido faz barulho com o movimento rápido, e os sapatos me faz questionar sua autenticidade. Eu diria que um cigano estaria com os

pés descalços. Ou ela é uma bruxa? Um assistente? Qualquer coisa que ela seja quero desesperadamente acreditar que ela pode me ajudar mais do que ela possa. Eu posso dizer com base na minha hesitação que eu não sou o tipo de pessoa para comprar esta merda. Mas meu desespero é mais pesado do que o meu ceticismo. Se for preciso acreditar em dragões para encontrar Charlie, então eu vou ser o primeiro a empunhar uma espada em face de seu fogo.

— Tem que haver *alguma coisa*, — eu digo a ela. — Eu não posso encontrar Charlie. Eu não me lembro

de nada. Eu não sei por onde começar a procurar. Você tem que me dar mais informações do que isso. — Fico em pé, minha voz desesperada e meus olhos ainda mais.

Ela simplesmente inclina a cabeça e sorri.

— Silas, as respostas às suas perguntas encontram-se com alguém que está muito perto de você.— Ela aponta para a porta. — Você pode ir agora. Você tem um monte de pesquisa para fazer.

*Muito perto de mim?*

Meu papai? Landon? Quem mais

está do meu lado além de Charlie? Eu olho para as cortinas de contas e em seguida, de volta para ela. Ela já está indo embora, em direção a uma porta na parte de trás do edifício. Eu assisto no momento que ela sai.

Eu corro minhas mãos pelo meu rosto. Eu quero gritar.



Quando eu acordo, tudo está

limpo. Sem arroz, sem linguiça, não há cacos de porcelana para cortar uma cadela.

*Uau! De onde veio isso?* Sinto-me maluca. Ela tem um timer perfeito.

Botar Sammy para fora, trazer sua comida ruim, bater Sammy para fora, trazer sua comida de baixa qualidade.

Mas desta vez, quando ela retorna, ela não tem alimentos horrorosos. Ela está carregando uma toalha e uma pequena barra de sabão.

*Finalmente! Um banheiro.*

— Hora do banho, — diz ela. Ela não é amigável todo o tempo.

Sua boca é uma linha apertada em seu rosto. Eu levanto, esperando ficar tonta. A agulha no pescoço foi mais forte do que as outras coisas que eles têm me dando, mas eu não me sinto tão nebulosa. Minha mente está afiada; meu corpo está pronto para reagir.

— Por que você é a única que vem?, — eu digo. — Se você é uma enfermeira, você deve trabalhar em turnos.

Ela se afasta, caminha até a porta.

— Olá...?

— Comporte-se, — diz ela. — Da

próxima vez as coisas não vão ficar tão bem para você.

Fecho minha boca porque ela está me levando para fora desta caixa, e eu realmente, realmente quero ver o que está atrás daquela porta.

Ela abre a porta e deixa-me sair primeiro. Há outra porta na minha frente. Estou confusa.

Ela se vira para a direita e eu vejo que há um corredor. À minha direita está um banheiro. Eu não usei o banheiro em horas, e na hora que eu vejo minha bexiga começa a doer. Ela me dá a toalha. — O chuveiro tem

apenas água fria. Não demore muito.

Eu fecho a porta. É como um bunker. Sem janelas, concreto bruto. O vaso sanitário não tem uma tampa ou um assento, apenas um buraco sem aro com uma pia ao lado dele. Eu uso de qualquer maneira.

Em cima da pia está um novo vestido do hospital e roupas íntimas. Eu estudo tudo enquanto faço xixi, procurando alguma coisa. Qualquer coisa. Há um cano enferrujado perto do chão, que se projeta para fora da parede. Dou descarga e movo em direção a ela. Insiro minha mão lá dentro, sinto ao redor. *Grosso*. Um

pedaço de tubo corroído.

Eu giro a bica do chuveiro no caso de ela está ouvindo. É uma pequena barra de metal, mas com algum esforço eu sou capaz de retirá-la da parede. É algo, pelo menos.

Eu o carrego no chuveiro comigo, segurando-o na mão, enquanto eu lavo. A água está tão fria; eu não posso parar os meus dentes de tremer. Tento apertar minha mandíbula apertada, mas meus dentes ainda retinam dentro da minha cabeça apesar do quanto eu tento deixá-los imóveis.

Que patética sou eu? Eu não tenho controle sobre meus próprios dentes. Nenhum controle sobre as minhas próprias memórias. Nenhum controle sobre quando eu como, durmo, tomo banho ou faço xixi.

A única coisa que eu sinto que posso controlar é a minha eventual fuga de onde quer que seja que estou. Aperto o tubo em minhas mãos com toda a minha força, sabendo que poderia ser a única coisa que me dá alguma forma de controle.

Quando eu saio do banheiro, está envolto em papel higiênico e recheado de roupa íntima, um simples

par de calcinha branca que ela deixou para mim. Eu não tenho um plano ainda; vou esperar o momento certo.



Está escuro agora. Eu estava

dirigindo por mais de duas horas sem a menor ideia de onde ir em seguida. Eu não posso voltar para casa. Eu não posso ir para a casa de Charlie. Eu não conheço ninguém, então a única coisa que posso fazer é dirigir.

Eu tenho oito chamadas não atendidas. Duas são de Landon. Uma de Janette.

O resto é do meu papai.

Eu também tenho oito mensagens de voz, nenhum dos quais escutei ainda. Eu não quero me preocupar com qualquer um deles agora. Nenhum deles tem alguma ideia do

que está realmente acontecendo, e ninguém acreditaria em mim se eu disser a eles. Eu não os culpo. Eu continuo repetindo o dia inteiro na minha cabeça, e parece muito ridículo para eu mesmo acreditar, e eu sou o único *vivendo* isso.

É tudo muito ridículo, mas de uma maneira muito real.

Paro no posto de gasolina para abastecer. Nem tenho certeza se eu comi algo hoje, mas eu me sinto tonto, então pego um saco de batatas fritas e uma garrafa de água, enquanto estou no interior da loja.

O tempo todo que encho meu tanque com gás me pergunto sobre Charlie.

Quando eu estou de volta na estrada, eu ainda estou querendo saber sobre Charlie.

Pergunto-me Charlie comeu.

Pergunto-me se ela está sozinha.

Pergunto-me se ela está sendo cuidada.

Pergunto-me como eu possivelmente deveria encontrá-la quando ela poderia estar em qualquer lugar ao redor do mundo agora. Tudo o que eu estou fazendo está dirigindo

em círculos, diminuindo cada vez que eu olho uma menina andando em uma calçada.

Eu não sei para onde olhar. Eu não sei para onde ir. Eu não sei como ser o cara que a salva.

Gostaria de saber o que as pessoas fazem quando elas não têm nenhum lugar para ir e não há lugar para estar.

Gostaria de saber se isso é o que se sente quando está louco. Comprovadamente insano. Eu sinto como se eu tivesse absolutamente zero controle sobre minha própria mente.

E se eu não sou o único que está no controle... então quem está?

Meu telefone toca novamente. Eu olho para o identificador de chamadas e vejo que é Landon. Eu não sei por que eu pego para atender. Talvez eu só esteja cansado de estar dentro de minha própria cabeça e não obtendo qualquer resposta. Eu puxo para o lado da estrada para falar com ele.

— Olá?

— Por favor, me diga o que diabos está acontecendo.

— Ninguém pode ouvi-lo?

— Não, — diz ele. — O jogo acabou de terminar. Pai está falando com a polícia. Todo mundo está preocupado com você, Silas.

Eu não respondo. Eu me sinto mal que eles estão preocupados, mas é ainda pior que ninguém parece estar preocupado sobre Charlie.

— Eles já encontraram Charlie?

Eu posso ouvir as pessoas gritando no fundo. Parece que ele me ligou quando o jogo terminou. — Eles estão procurando, — diz ele.

Mas há algo mais em sua voz. Algo não dito.

— O que é Landon?

Ele suspira novamente. — Silas... eles estão procurando por você também. Eles pensam.... — Sua voz é pesada de preocupação. — Eles acham que você sabe onde ela está.

Eu fecho meus olhos. Eu sabia que isso iria acontecer. Eu limpo minhas mãos nos meus jeans. — Eu não sei onde ela está.

Vários segundos se passam antes de Landon falar novamente.

— Janette foi à polícia. Ela disse que você estava agindo de forma estranha, por isso, quando ela

encontrou as coisas de Charlie em uma mochila dentro do seu armário no armário, ela mandou para à polícia. Você tem sua carteira, Silas. E seu telefone.

— Encontrar as coisas de Charlie em minha posse é dificilmente uma prova de que eu sou responsável por ela desaparecer. É a prova de que eu sou o namorado dela.

— Venha para casa, — diz ele. — Diga a eles que você não tem nada a esconder. Responda às suas perguntas. Se você cooperar, eles não têm nenhuma razão para acusá-lo.

Rá. Se apenas respondendo às suas perguntas fosse assim tão fácil.

— Você acha que eu tenho algo a ver com o desaparecimento dela?

— *E você?*, — pergunta ele imediatamente.

— Não.

— Então, não, — diz ele. — Eu não acho que você tem alguma coisa a ver com isso. Onde está você?

— Eu não sei.

Ouçõ um ruído abafado, como se ele estivesse cobrindo o telefone com a mão. Eu posso ouvir vozes no fundo.

— Você falou com ele?—

Pergunta um homem.

— Ainda tentando, papai, — diz Landon.

Mais murmúrios.

— Você está aí, Silas?, — ele pergunta.

— Sim. Eu tenho uma pergunta, — eu digo. — Alguma vez você já ouviu falar de um lugar chamado *Jamais Jamais*?

Silêncio. Eu espero que ele responda, mas ele não faz.

— Landon? Você já ouviu falar dele?

Outro suspiro pesado. — É a antiga casa da Charlie, Silas. O que diabos está errado com você? Você está usando drogas, não é? Jesus Cristo, Silas. Que diabos você fez? É isso o que aconteceu com Charlie? É por isso...

Eu desligo o telefone, enquanto ele ainda está no meio de um jorro de perguntas. Eu procuro o endereço da casa de Brett Wynwood na Internet. Demora um pouco, mas dois endereços aparecem nos resultados. Um que eu me lembro, porque eu estive lá hoje cedo. É onde Charlie vive agora.

O outro é um que eu não reconheço.

É o endereço de *Jamais Jamais*.

---

A CASA FICA A SEIS  
HECTARES, COM VISTA  
PARA O LAGO BORGNE. FOI  
CONSTRUÍDA EM 1860,  
EXATAMENTE UM ANO  
ANTES DO INÍCIO DA  
GUERRA CIVIL. A CASA FOI  
ORIGINALMENTE  
CHAMADA DE — LA TERRE  
RENCONTRE L'EAU, — QUE  
SIGNIFICA — TERRA

ENCONTRA A ÁGUA.

FOI USADA COMO UM HOSPITAL DURANTE A GUERRA, HABITAÇÃO DE FERIDOS SOLDADOS CONFEDERADOS. ANOS DEPOIS DA GUERRA, A CASA FOI COMPRADA POR UM BANQUEIRO, FRANK WYNWOOD, EM 1880. A CASA PERMANECEU NA FAMÍLIA, PASSANDO POR TRÊS GERAÇÕES, EM ÚLTIMA INSTÂNCIA POR TRINTA ANOS ESTAVA NAS MÃOS DE BRETT

WYNWOOD, EM 1998.

BRETT WYNWOOD E SUA FAMÍLIA OCUPARAM A CASA ATÉ 2005, QUANDO O FURACÃO KATRINA CAUSOU DANOS GRAVES À PROPRIEDADE. A FAMÍLIA FOI FORÇADA A ABANDONAR A CASA, E PERMANECEU INTOCADA POR VÁRIOS ANOS ANTES DA REFORMA COMEÇAR. A CASA INTEIRA FOI DEMOLIDA E RECONSTRUÍDA, COM APENAS ALGUMAS PARTES

DAS ORIGINAIS PAREDES EXTERIORES E O TELHADO RECUPERADO.

EM 2011, A FAMÍLIA WYNWOOD VOLTOU PARA SUA CASA. DURANTE A INAUGURAÇÃO, BRETT WYNWOOD ANUNCIOU QUE TINHA DADO UM NOVO NOME PARA A CASA: — JAMAIS JAMAIS.

QUANDO PERGUNTADO POR QUE ELE ESCOLHEU A TRADUÇÃO FRANCESA DE Nunca Jamais, ELE DISSE QUE SUA FILHA DE QUATORZE

ANOS CHARLIZE  
WYNWOOD, FOI QUEM

DECIDIU SOBRE O NOME.  
— ELA DISSE QUE É UMA  
HOMENAGEM À HISTÓRIA  
DA FAMÍLIA. NUNCA  
ESQUEÇA AQUELES QUE  
PREPARARAM O CAMINHO  
ANTES DE VOCÊ. NUNCA  
PARE DE TENTAR  
MELHORAR O MUNDO  
PARA AQUELES QUE VÃO  
NELE HABITAR DEPOIS DE  
VOCÊ.

A FAMÍLIA WYNWOOD  
OCUPARAM A CASA ATÉ

2013, QUANDO FOI PARA  
FORECLOSURE APÓS UMA  
INVESTIGAÇÃO SOBRE O  
GRUPO FINANCEIRO  
WYNWOOD-NASH. A CASA  
FOI

VENDIDA EM LEILÃO NO  
FINAL DE 2013 PARA UM  
COMPRADOR ANÔNIMO.

Eu adiciono a página aos meus  
favoritos no telefone e faço uma nota  
no artigo. Encontro depois que dirijo  
até a propriedade — à direita está o  
portão trancado.

A altura do portão é impressionante, como se estivesse deixando os visitantes saberem que as pessoas além deste portão são mais poderosas do que as pessoas que não são.

Eu me pergunto se é assim que o papai de Charlie se sentia vivendo aqui. Eu me pergunto como ele se sentiu poderoso quando outra pessoa tomou posse da propriedade que tem estado em sua família há gerações.

A casa está localizada na extremidade de uma estrada isolada, como se a estrada pertencesse à porta, também. Depois de tentar encontrar

uma maneira de contornar o portão, eu concluo que não há um. Está escuro agora, então eu poderia encontrar um caminho ou uma entrada alternativa. Eu nem tenho certeza por que quero passar pelo portão, talvez não possa ajudar, mas sinto como se as imagens desta propriedade fossem pistas.

Considerando que eu sendo procurado para interrogatório, é provavelmente melhor não dirigir por aí mais do que eu tenho feito esta noite, então eu decido ficar aqui até de manhã. Desligo meu carro. Se eu não estarei valendo nada amanhã, eu

preciso tentar conseguir pelo menos algumas horas de sono.

Inclino o banco para trás, fecho os olhos e me pergunto se eu vou sonhar esta noite. Eu nem sei o que eu iria sonhar. Eu não posso sonhar, se eu não dormir, e tenho a sensação de que adormecer esta noite vai ser impossível.

Meus olhos se voltam para um pensamento.

*O vídeo.*

Em uma de minhas cartas, eu mencionei adormecer vendo um vídeo da Charlie dormindo. Eu

procuro o meu telefone até que eu encontro-o. Eu pressiono o play e espero ouvir a voz de Charlie pela primeira vez.



Dormi mais.

Não por causa de pílulas desta vez. Eu fingi engoli-los e os mantive em minha bochecha. Ficou assim por muito tempo até que elas começaram a se dissolver. Assim que a porta se fechou atrás dela, eu cuspi na minha mão.

Sem mais sonolência. Eu preciso estar com a mente limpa.

Eu dormi por minha própria vontade e tive muitos sonhos mais cedo. Sonhos com o mesmo cara do primeiro sonho. Ou devo dizer da minha primeira memória? No meu sonho, o cara estava me levando por uma rua suja.

Ele não estava olhando para mim, ele estava olhando para frente, todo o seu corpo puxando para frente como se alguma força invisível estivesse segurando ele. Em sua mão esquerda estava uma câmera. Ele parou de repente e olhou através da rua. Segui seu olhar.

— Não, — disse ele. — Olha.

Mas eu não queria olhar. Virei às costas para o que ele estava vendo, olhei para uma parede em vez disso. Em seguida, de repente, sua mão não estava mais na minha. Eu me virei e o assisti atravessar a rua e abordar uma

mulher sentada de pernas cruzadas contra uma parede. Em seus braços ela embalava um bebê envolto em um cobertor de lã. O cara se agachou na frente dela. Falaram por um longo tempo. Ele entregou algo e ela sorriu. Quando ele se levantou, o bebê começou a chorar. Foi quando ele tirou a foto.

Eu ainda podia ver o rosto dela quando eu acordei, mas não era uma imagem da vida real, era uma foto. A única que ele tirou. A mãe com o cabelo amarrado irregular, olhando para seu filho, com a boca aberta em um minúsculo grito, seu pano de

fundo a pintura lascada de uma porta azul brilhante.

Quando o sonho acabou, eu não estava triste como da última vez. Eu queria conhecer o menino que documentou o sofrimento em cores tão vivas.

---

Eu fico acordada mais sei que é de noite. Ela retorna com café da manhã.

— Você de novo, — eu digo. — Nunca tira um dia de folga... ou uma hora.

— Sim, — diz ela. — Estamos com escassez de pessoal, por isso

estou trabalhando duplamente. Coma.

— Sem fome.

Ela oferece-me a xícara de pílulas.  
Eu não pego-as.

— Eu quero ver um médico, — eu digo.

— O médico está muito ocupado hoje. Eu posso marcar uma hora para você. Ele provavelmente pode ver você na próxima semana.

— Não. Eu quero ver um médico hoje. Eu quero saber qual a medicação que você está me dando e eu quero saber por que estou aqui.

É a primeira vez que vi algo, como

uma simpatia entediada em seu rosto. Ela se inclina para frente, e eu posso sentir o cheiro do café em sua respiração. — Não seja uma pirralha, — ela sussurra. — Você não começa a fazer exigências aqui, você me entende?. — Ela empurra as pílulas para mim.

— Eu não estou tomando isso até que um médico me diga por que eu estou aqui, — eu digo, apontando para o copo. — *Você me* entende?

Eu acho que ela vai me bater. Minha mão sente o pedaço de cano debaixo do meu travesseiro. Os músculos em meus ombros e costas

tensas, as bolas de meus pés pressionam para baixo no trilho. Estou pronta para saltar se eu precisar. Mas a enfermeira se vira, insere a chave na porta, e vai embora. Eu ouço o clique da fechadura, e, em seguida, estou sozinha novamente.



— Eu não posso acreditar que

você fugiu com isso, — eu digo a ela. Eu deixo cair as minhas mãos para sua cintura, empurrando até que suas costas estão contra a porta do quarto. Ela coloca as palmas das mãos contra o peito e olha para mim com um sorriso inocente.

— Fugiu com o quê?

Eu rio e pressiono meus lábios contra seu pescoço. — É uma *homenagem* à história da *família*?— Eu rio, movendo meus lábios até seu pescoço, aproximando-me de sua boca. — O que você vai fazer se você quiser terminar comigo? Você vai ficar presa vivendo em uma casa que

foi nomeada após a frase que você usa com o seu ex-namorado.

Ela balança a cabeça e me empurra para que ela possa passar por mim. — Se algum dia eu quiser terminar com você, eu vou ter que mandar o papai mudar o nome da nossa casa.

— Ele nunca faria isso, Char. Ele pensou que o nome que você deu é uma genialidade.

Ela encolhe os ombros. — Então eu vou queimá-lo. — Ela se senta na borda de seu colchão, e eu sento ao lado dela, empurrando-a de costas. Ela ri quando me inclino sobre ela e a

enjaulo com minhas mãos. Ela é tão bonita.

Eu sempre soube que ela era bonita, mas este ano tem sido muito bom para ela. *Muito* bom. Eu olho para baixo em seu peito. Eu não posso com isso. Eles só ficaram tão *perfeitos*... este ano.

— Você acha que seus seios estão crescendo?, — eu pergunto.

Ela ri e me dá um tapa no ombro. — Você é nojento.

Eu trago meus dedos até onde sua blusa começa. Trilho meus dedos através de seu peito até que mergulho

em sua camisa. — Quando você acha que vai me deixar vê-los?

— Jamais, Jamais, — ela diz com uma risada.

Eu gemo. — Vamos, Charlie Baby. Eu te amei por 14 anos agora. Bem que eu poderia ganhar algo — uma espiadinha ou tocá-lo por cima da blusa.

— Nós temos quatorze, Silas. Pergunte-me novamente quando estivermos com quinze anos.

Eu sorrio. — Isso é apenas dois meses de distância para mim.— Pressiono meus lábios nos dela e

posso sentir seu peito subir contra o meu com a sua ingestão rápida de ar.  
*Deus, que tortura.*

Sua língua desliza dentro da minha boca enquanto sua mão embala a parte de trás da minha cabeça, me puxando para mais perto.

*Uma doce, doce tortura.*

Deslizo minha mão até a cintura, subo sua blusa, pouco a pouco até que meus dedos têm acesso à pele dela. Eu afunilo a minha mão para fora através de sua cintura, sentindo o calor do corpo dela contra a minha palma.

Eu continuo a beijá-la enquanto minha mão explora mais a pele, palmo a palmo, até que uns dos meus dedos se encontram com o tecido do sutiã.

Eu quero continuar indo para sentir a suavidade sob meus dedos. Eu quero...

— Silas!

Charlie afunda no colchão. Seu corpo inteiro é absorvido pelo lençol, e eu estou à esquerda espalmando o travesseiro vazio.

Que diabos? Onde ela foi? As pessoas não podem apenas

desaparecer no ar.

— Silas, abra a porta!

Eu aperto meus olhos fechados. —  
Charlie? Onde está você?

— Acorda!

Abro os olhos e já não estou na  
cama de Charlie.

Eu não sou mais um menino de  
quatorze anos de idade, prestes a  
tocar um peito pela primeira vez.

Eu sou... Silas. Perdido e confuso e  
dormindo em um carro.

Um punho bate contra a janela do  
lado do motorista. Eu permito que os  
meus olhos pisquem mais alguns

segundos para se ajustar à luz solar que entra no carro antes de eu olhar para cima.

Landon está em pé na minha porta. Sento-me imediatamente levanto e me viro, olhando atrás de mim, diretamente para mim.

É apenas Landon. Ninguém mais está com ele.

Eu alcanço a maçaneta na porta e espero para que se afaste antes que a abra. — Você a encontrou?, — pergunto, saindo do meu carro.

Ele balança a cabeça. — Não, eles ainda estão procurando.— Ele aperta

a parte de trás do seu pescoço, assim como eu faço quando estou nervoso ou estressado.

Abro minha boca para perguntar como ele sabia onde me encontrar. Mas então eu fecho depois de lembrar que perguntei sobre esta casa bem antes de eu desligar na cara dele. É claro que ele ficaria aqui.

— Você precisa ajudá-los a encontrá-la, Silas. Você tem que dizers tudo o que sabe.

Rio. *Tudo o que eu sei.* Eu me inclino contra o meu carro e dobre os braços sobre o peito. Paro de sorrir

com a incredulidade da situação, e travo os olhos com o meu irmão mais novo. — Eu não sei de nada, Landon. Eu nem conheço *você*. E, por mais que a minha memória esteja preocupada, eu nunca sequer *conheci* Charlize Wynwood. Como é que eu vou dizer isso à polícia?

A cabeça de Landon está inclinada. Ele está olhando para mim... em silêncio e curioso. Ele acha que eu fiquei louco; eu posso ver isso em seus olhos.

Ele pode estar certo.

— Entra no carro,— eu digo a ele.

— Eu tenho muito a dizer. Vamos dar uma volta.

Abro a porta e subo de volta para dentro. Ele espera alguns segundos, mas então ele caminha para o carro estacionado na vala. Aciona o bloqueio, e em seguida, faz o seu caminho até a porta do passageiro.

---

— Deixe-me ver se entendi, — diz ele, inclinando-se na cabine. — Você e Charlie, ambos, perderam suas memórias por mais de uma semana. Vocês dois estavam escrevendo cartas para si mesmo. Aquelas cartas que

estavam na mochila que Janette encontrou e parou nas mãos da polícia. A única pessoa que sabe sobre isso é alguma cartomante aleatória. Acontece na mesma hora do dia, a cada 48 horas, e você afirma não ter nenhuma lembrança do que aconteceu no dia anterior que ela desapareceu?

Eu aceno.

Landon ri e cai de volta contra o seu assento. Ele balança a cabeça e pega sua bebida, levando o canudo à boca. Ele toma um longo gole e depois suspira pesadamente quando retorna com o copo para a mesa.

— Se esta é a sua maneira de tentar fugir com o assassinato dela, você vai precisar de um álibi muito mais forte do que uma maldição vodu de merda.

— Ela não está morta.

Ele levanta a sobrancelha questionando. Eu não posso culpá-lo. Se a situação se invertesse, não há nenhuma maneira que eu iria acreditar em tudo o que acabou de sair da minha boca.

— Landon, eu não espero que você acredite em mim. Eu realmente não sei. Isso é ridículo. Mas pelo amor de Deus, por apenas algumas horas você

poderia parar com essas merdas e risadas e me fazer um favor? Basta fingir que acredita em mim e responda algumas perguntas, mesmo se você acha que já sei as respostas. Então amanhã você pode me entregar à polícia se você ainda achar que eu sou louco.

Ele balança a cabeça e olha decepcionado. — Mesmo que eu pense que você é louco, eu nunca te denunciaria à polícia, Silas. Você é meu irmão.— Ele faz um gesto para o garçom para vir e encher seu copo.

Ele toma um gole e depois fica confortável. — Ok. Vamos em frente!

Eu sorrio. Sabia que gostava dele por uma razão.

— O que aconteceu entre Brett e nosso papai?

Landon ri baixinho. — Isso é ridículo, — ele murmura. — Você sabe mais sobre isso do que eu.— Mas então ele se inclina para frente e começa a responder à minha pergunta. — Uma investigação foi feita alguns anos atrás devido a uma auditoria externa. Muita gente perdeu um monte de dinheiro. Papai estava limpo e Brett foi acusado de fraude.

— Papai é realmente inocente?

Landon dá de ombros. — Eu gostaria de pensar que ele é. Seu nome foi arrastado pela lama e ele perdeu a maioria de seus negócios depois do que aconteceu. Ele está tentando reconstruí-lo, mas ninguém confia nele a ponto de entregar dinheiro agora. Mas eu acho que não podemos reclamar. Nós ainda nos saímos melhor do que a família de Charlie.

— Papai acusou Charlie de tomar alguns arquivos de seu escritório. Do que ele estava falando?

— Eles não conseguiram descobrir para onde foi o dinheiro, assim que

Brett assumiu ou o papai estava escondendo em contas estrangeiras. Houve uma parte antes do julgamento onde o meu papai não dormiu por três dias. Ele passou por todos os detalhes de todas as transações e todos os recibos registrados durante os últimos dez anos. Uma noite, ele saiu do escritório segurando um arquivo. Ele disse que encontrou — onde Brett estava mantendo o dinheiro. Ele finalmente teve a informação de que precisava para manter Brett responsável por toda a coisa. Ele chamou o advogado e disse que iria

entregar as provas, logo depois ele dormiu algumas horas. No dia seguinte... ele não conseguiu encontrar os arquivos. Ele explodiu em você, supondo que você tinha avisado Charlie sobre isso. Ele acredita até hoje que Charlie levou esses arquivos. Ela negou. Você negou. E sem a evidência que ele alegou ter, eles nunca poderiam culpar Brett por tudo. Ele provavelmente vai estar fora da cadeia em cinco anos, por bom comportamento, mas a partir do que o papai diz, esses arquivos teriam colocado ele afastado para sua vida.

*Jesus. Isto é um monte de coisas para lembrar.*

Levanto um dedo. — Eu já volto. — Vou para fora da cabine e corro para fora do restaurante até o meu carro. Procuro algum papel para tomar notas. Landon ainda está na cabine quando eu volto. Não falo nada até que escrevo tudo que ele me disse. E então alimento um pedacinho de informações apenas para ver como ele responde.

— Eu sou o único que levou esses arquivos, — eu digo para Landon. Eu olho para ele e seus olhos estão estreitos.

— Eu pensei que você disse que não se lembra de nada.

Balanço minha cabeça. — Eu não lembro. Mas eu fiz uma observação sobre alguns arquivos e achei o que estava escondendo. Por que você acha que eu iria levá-los se eles teriam provado a inocência do papai?

Landon pondera a minha pergunta por um momento e balança a cabeça. — Eu não sei. Mas quem os pegou nunca fez nada com eles. Assim, a única razão que você teria para escondê-los é para proteger o papai de Charlie.

— Por que eu iria querer proteger Brett Wynwood?

— Talvez você não estava protegendo-o para seu próprio bem. Talvez você estava fazendo isso por Charlie.

Eu largo a caneta. *É isso aí.* A única razão pela qual eu teria tomado esses arquivos é se eu estivesse fazendo isso para proteger Charlie.

— Ela era próxima do papai?

Landon ri. — Muito. Ela era uma filhinha de papai por completo. Com toda a sinceridade, eu acho que a única pessoa que ela amava mais do

que você era o papai dela.

Parece que eu estou desvendando um pedaço de um quebra-cabeça, mesmo se não seja um quebra-cabeça que eu devesse estar desfazendo.

Conhecendo o velho Silas, ele teria feito qualquer coisa para fazer Charlie feliz. O que inclui protegendo-a de saber a verdade sobre seu papai.

— O que aconteceu comigo e Charlie depois disso? Quero dizer... se ela amava tanto o papai mais do que tudo, você pensaria que meu papai iria pô-lo atrás das grades e a

teria feito nunca querer falar comigo novamente.

Landon balança a cabeça. — Você era tudo o que ela tinha, — diz ele. — Você estava grudado nela o tempo todo, e nada chateava mais o papai do que saber que você não estava ao seu lado 100%.

— Eu acho que meu papai era inocente?

— Sim, — diz Landon. — Você apenas faz questão de não tomar partido quando algo vem entre ele e Charlie. Infelizmente, para o papai significa que você estava tomando

*lado dela.* Você dois não tem estado sobre os melhores termos no último ano ou dois. A única vez que ele fala com você é quando ele está gritando com você nas sexta-feira de jogos á noite.

— Por que ele está tão obcecado por eu jogar futebol?

Landon ri novamente. — Ele está obcecado com seus filhos fazendo tudo o que ele manda desde antes dele saber que estava tendo filhos. Ele empurrou goela abaixo futebol desde que aprendemos a andar. Eu não me importo, mas você sempre odiou. E isso faz com que ele se ressinta ainda

mais, porque você tem talento para isso. Está em seu sangue. Mas você nunca quis nada mais do que apenas ser capaz de ficar longe dele.

Ele sorri. — Deus, você deveria tê-lo visto quando ele apareceu ontem à noite e você não estava no campo. Na verdade, ele tentou fazer com que o jogo parasse até que pudéssemos encontrá-lo, mas os funcionários não permitiriam.

Eu faço uma nota disso. — Você sabe... Eu não consigo lembrar como jogar futebol.

Um sorriso brinca na boca de

Landon. — Agora isso é a primeira coisa que você diz hoje que eu realmente acredito. No outro dia, quando estávamos no treinamento você parecia perdido. 'Você. Faça essa coisa'. — Ele riu alto. — Então adicione na sua lista. Você esqueceu como jogar futebol. Muito conveniente.

Eu adiciono à lista.

*Lembro-me de letras de músicas.*

*Esqueci pessoas que conhecemos.*

*Lembro-me de pessoas que não conhecemos.*

*Lembro-me de como usar uma câmera.*

*Odeio futebol, mas eu sou forçado a jogar.*

*Esqueci como jogar futebol.*

Eu fico olhando para a lista. Tenho certeza de que eu tinha muito mais coisas escritas na lista antiga, mas eu mal posso me lembrar de alguma coisa.

— Deixe-me ver isso, — diz Landon. Ele observa o que já escrevi. — Merda. Você está realmente levando isso a sério. — Ele olha para ela por alguns segundos e, em seguida, entrega-o de volta para mim. — Parece que você pode lembrar as

coisas que você queria aprender, como letras de música e fotografar. Mas todas as outras coisas que você foi ensinado, você esqueceu.

Eu puxo a lista na minha frente e olho para ele. Isso pode ser um ponto, além do fato de que eu não posso lembrar-me de pessoas. Eu faço uma nota disso e, em seguida, continuo com as minhas perguntas.

— Há quanto tempo Charlie via Brian? Nós terminamos?

Ele passa a mão pelo cabelo e toma um gole de seu refrigerante. Ele puxa seus pés para cima e se inclina contra

a parede, estendendo as pernas no assento. — Nós vamos ficar aqui o dia todo, não vamos.

— Se for preciso.

— Brian sempre teve uma queda por Charlie e todos sabem disso. Você e Brian nunca chegaram longe por causa disso, mas vocês faziam funcionar para o bem da equipe de futebol. Charlie começou a mudar depois que seu papai foi para a prisão. Ela não era tão boa... não que ela não fosse a melhor. Mas, ultimamente, ela realmente se transformou numa valentona. Vocês não faziam nada além de brigar. Eu honestamente

acho que ela não foi vê-lo por um tempo. Tudo começou com ela apenas dando atenção a ele quando você estava perto, para que ela pudesse te chatear. Eu acho que se ela continuar isso, ela teve que manter aparências com ele quando estavam sozinhos. Eu não compro essa de que ela gosta dele, no entanto. Ela é muito mais esperta do que ele, e se alguém estava sendo usado, era Brian.

Eu estou escrevendo tudo, mas eu também estou balançando minha cabeça. Eu tinha uma sensação de que ela não estava realmente afim do cara. Parece que meu relacionamento com

Charlie estava por um fio, e ela estava apenas fazendo o que pôde para testar a nossa força.

— Quais são as crenças religiosas de Charlie? Ela era conhecida por acreditar em vodu ou feitiços ou qualquer coisa assim?

— Não que eu saiba, — diz ele. — Nós todos fomos criados como católicos. Não praticantes, a menos que seja um feriado significativo.

Eu anoto isso e tento pensar em outra pergunta. Eu ainda tenho tantas, e eu não sei qual seria a próxima. — Mais alguma coisa?

Qualquer coisa fora do comum que aconteceu na semana passada?

Eu posso dizer imediatamente que ele está escondendo alguma coisa pela mudança em sua expressão facial e a forma como ele muda em seu assento.

— O que é isso?

Ele puxa seus pés fora do assento e se inclina para frente, baixando a voz. — A polícia... eles estavam em casa hoje. Eu os ouvi questionando Ezra sobre encontrar algo incomum. No início, ela negou, mas eu acho que a culpa a físgou. Ela mencionou ter encontrado lençóis no seu quarto. Ela

disse que havia sangue neles.

Eu me inclino contra a minha cabine e olho para o teto. Isso não é bom.

— Espere, — eu digo, inclinandome novamente. — Isso foi na semana passada. Antes de Charlie desaparecer. Não pode estar vinculado a ela, se isso é o que eles estão pensando.

— Não, eu sei disso. Ezra disse isso também. Isso foi na semana passada e ela viu Charlie naquele dia. Mas ainda, Silas. O que diabos você estava fazendo? Por que havia sangue

nos seus lençóis? O jeito que a polícia pensa, e o que provavelmente estão supondo é que você bateu em Charlie ou algo assim, e que finalmente foi longe demais.

— Eu nunca a machucaria, — eu digo na defensiva. — Eu amo essa garota.

Assim que as palavras deixam minha boca, eu balanço minha cabeça, sem entender por que falei. Eu nunca a conheci. Eu nunca falei com ela.

Mas eu vou ser amaldiçoado. Eu só disse que eu a amo, e eu quis disse isso de dentro da minha alma.

— Como você pode amá-la? Você afirma que você não consegue se lembrar dela.

— Eu não posso me lembrar dela, mas eu com certeza ainda a sinto. — Levanto-me. — E é por isso que precisamos encontrá-la. Começando pelo papai dela.

---

Landon tenta me acalmar, mas ele não tem ideia como é frustrante perder oito horas inteiras quando você só tem 48 no total.

É depois das oito horas da noite já, e nós desperdiçamos oficialmente o

dia inteiro. Assim que deixo o restaurante, vamos em direção à prisão para visitar Brett Wynwood. Uma prisão que é quase três horas de distância. Com uma espera de duas horas, apenas para ser informado que não estamos na lista de visitantes e não há nada que podemos fazer hoje para mudar isso... Estou mais do que chateado.

Eu não me posso dar ao luxo de cometer erros quando acabo de descobrir horas para descobrir onde ela está antes que eu perca tudo que eu aprendi desde ontem.

Nós vamos para pegar o carro de

Landon. Eu desligo a ignição e vou para fora do carro, caminhando até o portão.

Há dois cadeados sobre ele, e parece que eles nunca foram usados.

— Quem comprou esta casa?, — pergunto Landon.

Eu o ouço rir atrás de mim, então eu me viro. Ele vê a falta de humor nesta situação, então ele rola a sua cabeça.

— Vamos, Silas. Para com isso ok. Você sabe quem comprou a casa.

Eu respiro de forma constante pelo meu nariz e minha boca, lembrando-

me que eu não posso culpá-lo por pensar que eu estou brincando com tudo isso. Concordo com a cabeça e, em seguida, viro o rosto para a porta novamente. — Não tem graça Landon.

Eu posso ouvi-lo chutar o cascalho e gemer. E então ele diz: — Janice Delacroix.

O nome não significa nada para mim, mas eu caminho de volta para a minha caminhonete e abro a porta para fazer uma nota do nome. — Delacroix. É um nome francês?

— Sim, — diz ele. — Ela é

proprietária de uma dessas lojas turísticas no Centro. Lê tarôs ou alguma merda parecida. Ninguém sabe como ela foi capaz de arcar com o lugar. Sua filha vai para a nossa escola.

Eu paro de escrever. *A cartomante*. Isso explica a imagem, e também por isso que ela não iria me dar mais informações sobre a casa, porque parecia estranho para ela que eu estivesse perguntando sobre sua casa.

— Então as pessoas realmente *vivem* aqui?, — eu digo, virando-me para encará-lo.

Ele dá de ombros. — Sim. Só duas pessoas — ela e a filha. Elas provavelmente usam uma entrada diferente. Não parece que esta porta foi aberta muitas vezes.

Encaro o antigo portão... da casa. — Qual é o nome da sua filha?

— Cora, — diz ele. — Cora Delacroix. Mas todos a chamam de Camarão.



Ninguém vem por um longo

tempo. Acho que estou sendo punida. Estou com sede e eu preciso ir ao banheiro. Depois de segurar tanto quanto posso finalmente faço xixi no copo de plástico que veio na minha bandeja de café da manhã e abandono o copo cheio no canto da sala. Eu ando para trás e para frente, puxando o meu cabelo até que eu acho que vou enlouquecer.

E se ninguém voltar? E se eles me deixaram aqui para morrer?

A porta não vai se mover; eu machuco meus punhos batendo nela. Grito para alguém me ajudar até minha voz ficar rouca.

Eu estou sentada no chão, com a cabeça entre as mãos quando a porta finalmente se abre. Eu salto em surpresa. Não é a enfermeira; é outra pessoa, desta vez, mais jovem. Ela é tão magra com seu pequeno corpo. Ela parece uma garotinha. Eu olho para ela cautelosamente quando se move em toda a pequena sala. Ela percebe o copo no canto e levanta as sobrancelhas.

— Você precisa usar as instalações?, — ela pergunta.

— Sim.

Ela coloca a bandeja para baixo e

meu estômago resmunga.

— Eu pedi para ver o médico,—  
eu digo.

Seus olhos dardam para a esquerda  
e para a direita. *Ela está nervosa. Por  
quê?*

— O médico está ocupado hoje,  
— diz ela, sem olhar para mim.

— Onde está a outra enfermeira?

— É seu dia de folga, — diz ela.  
Eu posso sentir o cheiro da comida.  
Estou com tanta fome.

— Eu preciso usar o banheiro, —  
eu digo. — Você pode me levar?

Ela acena com a cabeça, mas ela

parece com medo de mim. Sigo-a para fora da pequena sala e no pequeno corredor. Que tipo de hospital tem os banheiros em uma área separada dos quartos de seus pacientes? Ela vai para o lado enquanto eu uso o banheiro, torcendo as mãos e virando em terríveis tons de rosa.

Quando eu termino, ela comete o erro de ir em direção à porta. Quando ela abre, eu puxo o pedaço de cano de minha camisola de hospital e mantenho-o em direção ao seu pescoço.

Ela me encara novamente e seus pequenos olhos se arregalam com medo.

— Largue as chaves devagar,— eu digo. — Ou eu vou enfiar direto em sua garganta.

Ela balança a cabeça. As chaves caem no chão, e eu avanço em direção a ela, minha arma estendida em direção a seu pescoço. Eu empurro-a para trás, para o quarto, e a empurro na cama. Ela cai de volta e grita.

Então eu vou para fora da porta, tomando as chaves comigo. Puxo a porta fechada enquanto ela voa em

direção a ela, com a boca aberta em um grito. Lutamos por um momento, ela tentando abri-la enquanto eu coloco a chave na fechadura e ouço o clique do metal.

Minhas mãos estão tremendo enquanto eu organizo as chaves, tentando encontrar o caminho certo para abrir a porta ao lado. Eu realmente não sei o que esperar quando eu passar por ela. Um corredor do hospital, enfermeiras e médicos? Alguém estará lá para me arrastar de volta para aquele minúsculo quarto?

Não.

Não há nenhuma maneira que eu vá voltar. Eu vou ferir qualquer um que tente me impedir de sair daqui.

Eu não vejo um hospital ou pessoal ou qualquer outra pessoa quando eu abro a porta. O que eu vejo é uma adega impressionante. Garrafas empoeiradas estão em centenas de pequenos buracos. Tem cheiro de fermento e sujeira. A escadaria sobe ao lado da adega. Há uma porta na parte superior.

Eu corro para a escada, dando uma topada no dedo do pé com força no concreto e sinto o sangue correr molhado sobre o meu pé. Isso quase

me desconcentra, mas eu pego no corrimão à tempo.

O topo da escada se abre para uma cozinha, uma única luz que ilumina o balcão e os pisos. Eu não paro de olhar ao redor. Eu preciso encontrar... uma porta! Eu pego a maçaneta, e desta vez ela não está bloqueada. Eu clamo em triunfo quando vou para fora. O ar da noite me bate no rosto. Eu respiro com gratidão.

Então eu corro.



— Você não pode passar, Silas!—

Landon grita.

Estou tentando escalar o portão, mas meu pé continua escorregando. — Ajude-me mais, — eu grito para ele lá embaixo.

Ele caminha até mim e oferece suas mãos, palmas para cima, apesar do fato de que ele ainda está tentando verbalmente me impedir de subir de novo. Eu passo em suas mãos e ele me ergue mais alto, permitindo-me pegar as barras que estão na parte superior da porta.

— Eu vou estar de volta em dez minutos. Eu só quero verificar a

propriedade por fora. — Eu sei que ele não acredita em uma palavra do que eu disse hoje, então eu deixo de fora o fato de que eu acho que essa menina Cora sabe alguma coisa. Se ela está dentro daquela casa, eu vou forçá-la a falar comigo.

Eu finalmente chego ao topo e desço pelo outro lado. Quando meus pés tocam a sujeira, eu me levanto. — Não saia até eu voltar.

Viro-me e dou uma olhada na casa. É cerca de duas centenas de jardas de distância, escondida atrás das árvores de Weeping Willow.

Elas se parecem com braços longos, oscilando em direção a porta da frente, cogito seguir em frente.

Lentamente ando até a varanda. É uma bela casa. Eu posso ver porque Charlie perdeu tanto. Eu olho para as janelas. Duas delas estão iluminadas no andar de cima, mas o piso inferior está completamente escuro.

Estou quase na varanda que se estende por toda a frente da casa. Meu coração está correndo em meu peito tão rápido que eu posso realmente ouvi-lo. Fora o barulho ocasional de insetos e as batidas do meu pulso, é completamente calmo

aqui fora.

*Até que não.*

O barulho é tão alto e tão perto, ele pula no meu estômago e vibra através de meu peito. Eu não posso ver de onde ele está vindo.

Congelo no meu caminho, cuidando para não fazer movimentos bruscos.

Um rugido profundo rola através do ar como um trovão.

Lentamente olho por cima do ombro sem virar o corpo.

O cachorro está em pé atrás de mim, os lábios puxados para trás em

um grunhido, dentes tão brancos e afiados que parecem que estão brilhando.

Ele recua sobre as patas traseiras, e antes que eu possa correr ou olhar em volta de algo para combatê-lo, ele está no ar, se lançando na minha direção.

Direto para minha garganta.

Eu posso sentir seus dentes perfurando a pele na parte de trás da minha mão, e eu sei que se não tivesse coberto minha garganta, aqueles dentes estariam na minha jugular agora. A força maciça deste animal me joga no chão. Eu posso sentir a

carne cedendo na minha mão enquanto ele agita a cabeça de um lado para o outro e eu tento combatê-lo.

Mas então algo bate nele ou em cima dele — um gemido e então um baque.

E depois o silêncio.

É muito escuro para ver o que aconteceu. Eu respiro fundo e tento ficar em pé.

Olho para o cão, e um pedaço de metal afiado está saindo de seu pescoço. O sangue está saindo ao redor de sua cabeça, tingindo a grama

com a cor da meia-noite.

E então um forte cheiro de flores *lírios*... me rodeia em uma rajada de vento.

— É você.

Eu reconheço sua voz imediatamente, mesmo que saia em um sussurro. Ela está de pé à direita de mim, seu rosto iluminado pela luz da lua. Lágrimas estão percorrendo um caminho pelo seu rosto, e sua mão está em concha sobre a boca. Ela está de olhos arregalados, olhando para mim em estado de choque.

*Ela está aqui.*

*Ela está viva.*

Eu quero levá-la em meus braços e abraçá-la e dizer que está tudo bem, que nós vamos descobrir isso. Só que mais do que provavelmente ela não tem ideia de quem eu sou.

— Charlie?

Ela abaixa lentamente a mão de sua boca. — Meu nome é Charlie?, — ela pergunta.

Eu aceno. A expressão aterrorizada em seu rosto se transforma lentamente em alívio. Ela dá um passo para frente e joga seus braços em volta do meu pescoço, apertando

seu rosto contra meu peito. Soluços começam a torturar seu corpo agora.

— Precisamos sair, — diz ela em meio às lágrimas. — Nós temos que sair daqui antes que elas me encontrem.

*Encontrá-la?*

Eu envolvo meus braços em torno dela o tempo suficiente para abraçá-la, e então eu pego a mão dela e corremos em direção ao portão. Quando Landon vê Charlie, ele corre para a porta e começa a agitar as fechaduras. Ele tenta encontrar uma maneira de nos tirar, para que ela não

tenha que passar por cima, mas ele não pode.

— Use meu carro, — digo a ele.  
— Quebre o portão. Temos que nos apressar.

Ele olha de volta para o meu carro e, em seguida, novamente para mim.  
— Você quer que eu quebre o portão? Silas, aquele carro é o seu bebê.

— Eu não dou a mínima para o carro!— Eu grito. — Precisamos sair!

Ele age rápido, correndo direto para o carro. Quando ele sobe no carro, ele grita: — Saiam do caminho!

— Ele põe o carro em sentido inverso e dá a ré, em seguida, acelera.

O som de ferro no metal não é tão alto quanto o som que meu coração faz vendo o carro ser despedaçado. Pelo menos eu não era tão ligado a ele. Eu só soube em menos de dois dias.

Ele tem que dar a ré e avançar mais duas vezes para dobrar o ferro suficiente para Charlie e eu passamos. Uma vez que está do outro lado da porta, abro a porta de volta para o carro de Landon e a ajudo para dentro.

— Basta deixar meu carro aqui, — digo a ele. — Podemos nos preocupar com isso mais tarde.

Quando estamos todos no carro e, finalmente, afastando-se da casa, Landon pega seu celular. — Vou ligar para meu papai e dizer que a encontrou para que ele possa avisar a polícia.— Pego o telefone celular de suas mãos. — Não. Nenhuma polícia.

Ele bate a mão contra o volante em frustração. — Silas, você tem que dizer que ela está bem! Isso é ridículo. Você está sendo completamente ridículo sobre isso.

Giro no banco e olho incisivamente para ele. — Landon, você tem que acreditar em mim. Charlie e eu vamos esquecer tudo o que sabemos em pouco mais de 12 horas a partir de agora. Eu tenho que levá-la para um hotel para que eu possa explicar tudo para ela, e então eu preciso de tempo para fazer anotações. Se nós notificarmos a polícia, eles podem levar-nos para interrogatório. Eu preciso estar com ela quando isso acontecer novamente. Eu não me importo se você não acredita em mim, mas você é meu irmão e eu preciso que você faça isso

por mim.

Ele não responde ao meu pedido. Nós estamos no fim da estrada agora, e eu posso ver o rolo de sua garganta enquanto ele engole, tentando decidir se é para virar à esquerda ou à direita.

— Por favor, — eu falo a ele. — Eu só preciso até amanhã.

Ele libera uma respiração reprimida e, em seguida, vira para a direita, na direção oposta de nossas casas. Eu respiro em alívio. — Eu te devo uma.

— Está mais para milhões, — resmunga.

Eu olho no banco de trás para Charlie, e ela está olhando para mim, obviamente aterrorizada com o que ela está ouvindo.

— O que quer dizer que isso vai acontecer de novo amanhã?, — ela pergunta com a voz trêmula.

Eu rastejo no banco de trás com ela e puxo-a para mim. Ela derrete contra meu peito, e eu posso sentir o coração disparado contra o meu. — Eu vou explicar tudo no hotel.

Ela balança a cabeça e, em seguida diz, — Ele chamou você de Silas? Esse é o seu nome?.

Sua voz é rouca, como se ela tivesse gritado. Não quero nem pensar sobre o que ela passou desde ontem.

— Sim, — eu digo a ela, esfregando minha mão para cima e para baixo no seu braço. — Silas Nash.

— Silas, — ela diz baixinho. — Eu estive pensando qual era o seu nome desde ontem.

Imediatamente endureço e olho para ela. — O que quer dizer com isso que você está dizendo? Como você se lembra de mim?

— Eu sonhei com você.

*Ela sonhou comigo.*

Eu puxo minha curta lista de anotações do bolso e peço a Landon uma caneta. Ele pega uma do porta-luvas e me entrega. Faço uma nota sobre os sonhos e como Charlie me conhecia sem ter memória de mim. Noto também que meu próprio sonho sobre ela parecia mais como uma memória. Poderia nossos sonhos ser pistas para o nosso passado?

Charlie me olha enquanto escrevo tudo o que tem acontecido na última hora. Ela nunca me questiona, no

entanto. Dobro o papel e deslizo-o de volta no bolso.

— Então, qual é o negócio com a gente?, — ela pergunta. — Somos como... apaixonados e na merda?

Rio em voz alta pela primeira vez desde ontem de manhã.

— Sim, — eu digo, ainda rindo.

— Aparentemente estive apaixonado e na merda com você por 18 anos agora.

---

Eu disse a Landon para vir ao nosso quarto de hotel às 11h30min da

manhã de amanhã. Se isso acontecer novamente, vamos precisar de tempo para ajustar e ler as notas para se acostumar a nossa situação. Ele estava hesitante, mas ele finalmente concordou. Ele disse que iria contar ao papai que ele estava fora procurando por nós durante todo o dia sem sorte.

Eu me sinto mal por fazer as pessoas se preocuparem até amanhã, mas eu não estou prestes a me colocar em uma situação onde eu a deixo fora da minha vista novamente. Inferno, eu não iria mesmo deixar quando ela fechou a porta dizendo que queria

tomar um banho. Um banho *quente*, ela esclareceu.

Quando chegamos ao hotel, eu disse a ela tudo o que eu sabia. E uma vez que eu coloquei tudo para fora, não pareceu ser muito.

Ela me contou o que tinha acontecido com ela desde ontem de manhã. Estou aliviado que não era nada sério demais, mas perturbado que eles estavam mantendo-a no porão. Por que Camarão e sua mãe estavam mantendo Charlie contra sua vontade? A mulher estava obviamente tentando me enganar ontem, quando ela disse: — *As respostas às suas*

*perguntas encontram-se com alguém que está muito perto de você.*

Sim, era verdade. A pessoa com respostas estava muito perto de mim. Apenas dois pés de distância.

Eu sinto que esta informação é uma das melhores pistas que temos obtido desde a semana passada, mas eu não tenho nenhuma ideia de por que elas estavam mantendo-a cativa. Essa é a primeira coisa que eu quero descobrir amanhã. É por isso que estou garantindo nossas notas são detalhadas e precisas, para que possamos obter uma melhor vantagem.

Eu já fiz uma nota para Charlie ir para a delegacia e pedir para ter todos os seus pertences de volta. Eles não podem mantê-los agora que ela não está mais desaparecida, e precisamos desesperadamente daquelas cartas e diários. A chave para tudo o que poderia estar escrito em algum lugar, e até que esteja tudo de volta em nossa posse, estamos completamente presos.

A porta do banheiro se abre completamente, e a ouço andando em direção à cama. Estou sentado à mesa, ainda escrevendo notas. Eu olho para

ela quando se senta no colchão, com os pés pendurados para fora da borda da cama enquanto ela me olha.

Eu esperava que depois dessa experiência ruim que ela ficaria mais abalada, mas ela é durona. Ela ouviu atentamente quando eu expliquei tudo o que eu sabia, e ela nunca, nem uma vez duvidou de mim. Ela ainda jogou fora algumas teorias sobre si mesma.

— Conhecendo-me, eu provavelmente vou tentar correr amanhã, se eu acordar em um quarto de hotel com um cara que eu nunca conheci, — diz ela. — Eu deveria me

escrever uma nota e colá-la sobre a maçaneta da porta, dizendo a mim mesma para esperar até pelo menos meio-dia antes de eu agir precipitadamente.

Vê? Resistente *e* inteligente.

Eu entrego um pedaço de papel e uma caneta, e ela escreve a si mesma uma nota e, em seguida, caminha para porta do quarto.

— Devemos tentar dormir um pouco, — eu digo a ela. — Se isso acontecer de novo, precisamos estar bem descansados.

Ela balança a cabeça em

concordância e sobe para a cama. Eu nem sequer me preocupei pedindo duas camas. Eu não sei por quê. Não que eu tenha alguma ideia sobre como a noite vai ser. Eu acho que estou apenas extremamente protetor com ela. O pensamento de não saber que ela está bem perto de mim faz-me muito desconfortável, mesmo se tivesse uma cama diferente apenas dois passos de distância.

Eu coloco o alarme para 10h30min da manhã. Isso vai nos dar tempo para acordar e se preparar, enquanto esperançosamente nos dando umas boas seis horas de sono. Eu apago as

luzes e rastejo na cama ao lado dela.

Ela do lado dela e eu no meu, e estou fazendo tudo que posso para não fazer um movimento rápido e agarrá-la, ou pelo menos colocar meu braço em torno dela. Eu não quero assustá-la, no entanto, mas não sei como ela se sente comigo fazendo essas coisas.

Eu ajesto o meu travesseiro e viro de modo que o lado mais frio está contra minha bochecha. Eu encaro a parede e fico de costas para ter certeza que ela não se sente desconfortável ao ter de dividir a cama comigo.

— Silas?, — sussurra.

Eu gosto de sua voz. É reconfortante e ainda elétrica. — Sim?

Eu posso senti-la rolar para me encarar, mas minhas costas ainda estão contra ela. — Eu não sei por que, mas eu sinto que nós dois vamos dormir melhor se você colocar seus braços em volta de mim. Não tocar em você parece mais complicado do que tocar em você.

Mesmo que esteja escuro no quarto, eu tento lutar contra o meu sorriso. Eu imediatamente rolo mais,

e ela se enrola de volta contra o meu peito. Eu envolvo meu braço em torno dela e puxo-a para mais perto — o corpo dela curvando-se perfeitamente contra os meus — os pés dela colocados em volta dos meus.

*Isso.*

Isso deve ter sido o porquê de eu sentir uma necessidade inabalável para encontrá-la. Porque até este exato momento eu não sabia que Charlie não era a única que estava desaparecida. Quando ela desapareceu, parte de mim deve ter sumido junto com ela. Porque esta é a

primeira vez que eu me sinto como eu — como Silas Nash — desde o momento que eu acordei ontem.

Ela encontra a minha mão no escuro e desliza os dedos pelo meu. — Você está com medo, Silas?

Eu suspiro, odiando que ela está caindo no sono pensando nisso. — Estou preocupado, — eu digo a ela. — Eu não quero que aconteça novamente. Mas eu não estou com medo, porque desta vez eu sei onde você está.

Se fosse possível ouvir um sorriso dela seria uma canção de amor.

— Boa noite, Silas, — diz ela calmamente.

Seus ombros sobem e descem quando ela deixa escapar um suspiro profundo. Sua respiração começa a desaparecer depois de apenas alguns minutos, e eu sei que ela está dormindo.

Antes que eu feche meus olhos, ela reajusta sua posição um pouco e eu pego um vislumbre de sua tatuagem. A silhueta das árvores está espreitando para fora do topo da parte de trás de sua camisa.

Eu gostaria que houvesse uma

carta que descrevesse a noite que fizemos essas tatuagens. Porque daria tudo para ter aquela memória de volta — para ver como era entre nós quando nos amávamos o suficiente para acreditar que era para sempre.

Talvez eu vá sonhar com aquela noite se eu cair no sono pensando sobre isso.

Eu fecho meus olhos, sabendo que isso é exatamente como deveria ser.

Charlie e Silas.

Juntos.

Eu não sei por que começamos a nos afastar, mas estou certo de uma

coisa: Eu nunca vou permitir que isso aconteça novamente.

Eu pressiono um beijo suave em seu cabelo. Algo que eu provavelmente fiz um milhão de vezes, mas os ébrios e mariposas alados que vibram ao redor no meu estômago fazem sentir como se fosse a primeira vez.

— Boa noite, Charlie Baby.



Acordei com a luz solar.

Ela está fluindo através da janela aquecendo meu rosto. Eu rolo para procurar Silas, mas o seu travesseiro está vazio.

Por um momento, eu tenho medo que ele me deixou, ou que alguém o levou. Mas então eu ouço o tilintar de um copo e do som dele se movendo. Eu aperto meus olhos fechados, agradecida. Posso sentir o cheiro dos alimentos. Enrolo-me nos lençóis.

— Café da manhã, — diz ele. Rastejo para fora da cama muito autoconsciente da minha aparência. Penteio meus cabelos com os dedos e limpo o sono dos meus olhos. Silas

está sentado à mesa, tomando café e escreve algo no papel.

Eu puxo uma cadeira e sento-me em frente a ele pegando um croissant, colocando meu cabelo atrás das minhas orelhas. Eu não quero comer, mas eu faço de qualquer maneira. Ele quer que estejamos bem descansados e alimentados antes de o relógio marcar 11:00. Mas o meu estômago embrulhado, pensando sobre como eu fiquei acordando sem memória dois dias atrás. Eu não quero que isso aconteça novamente. Eu não gostei, então, e eu não vou gostar desse tempo.

A cada segundo, ele olha para mim e nossos olhos travam antes de voltar a trabalhar. Ele parece nervoso também.

Após o croissant, eu como bacon, em seguida, os ovos, em seguida, um bagel. Eu termino o café de Silas, bebo o meu suco de laranja, e empurro minha cadeira para trás da mesa. Ele sorri e bate no canto da boca. Tiro o pó e as migalhas do meu rosto, sentindo o calor subir pelas minhas bochechas. Ele não está rindo de mim.

Eu sei disso.

Ele me dá uma escova de dente ainda fechada e segue-me para o banheiro. Nós escovamos os dentes juntos, de olho um no outro no espelho. Seu cabelo está em pé, e o meu está embaraçado. É uma espécie de comédia. Eu não posso acreditar que estou no mesmo quarto que o garoto dos meus sonhos. É uma sensação surreal.

Eu olho para o relógio quando saímos do banheiro. Temos 10 minutos para ir. Silas tem suas notas prontas, assim como eu. Nós colocamos na cama assim então tudo está dando volta entre nós. Tudo o

que sabemos está aqui. Desta vez vai ser diferente. Estamos juntos. Temos Landon. Nós vamos descobrir essa coisa de uma vez.

Nós sentamos, de frente para o outro na cama, os joelhos tocando. De onde eu me sento posso ver as letras vermelhas do despertador bater 10h59min.

Um minuto. Meu coração está acelerado.

Tenho tanto medo.

Eu começo a contagem regressiva na minha cabeça. 59... 58... 57... 56...

Eu conto até trinta, e Silas de

repente se inclina para frente. Suas mãos em xícara no meu rosto. Eu posso sentir o cheiro dele; sentir sua respiração em meus lábios.

Eu perco o tempo. Eu não tenho ideia de que segundo devia estar.

— Nunca Jamais, — ele sussurra. Seu calor, seus lábios, suas mãos.

Ele aperta a boca contra a minha e me beija profundamente e eu...

# PARTE 3



A primeira coisa que noto é a

batida do meu coração no peito. É muito rápida e dolorosa. Por que precisamos de um coração que bate tão forte? Respiro fundo pelo nariz e abro meus olhos quando eu exalo.

E caio para trás.

Felizmente, estou na cama e caio em um colchão. Saio de perto do homem olhando para mim intensamente, e levanto-me. Olho para trás e me afasto. Ele continua me olhando, mas não se mexe. Isto faz as batidas do meu coração se acalmarem um pouco. Um pouco.

Ele é jovem. Não um homem,

talvez esteja na adolescência ou na casa dos vinte anos. Eu sinto o impulso de correr. Uma porta... Eu preciso encontrar uma porta, mas se eu tirar os olhos dele, poderia...

— Quem diabos é você? — Eu pergunto. Não importa quem é. Preciso distraí-lo enquanto eu encontro uma saída.

Ele fica quieto por um momento e então se levanta. — Eu estava prestes a perguntar o mesmo. — Ele diz.

Sua voz se cala por alguns segundos. É calma... calma. Muito calma. Talvez eu esteja exagerando.

Eu quero responder o que seria mais razoável quando alguém pergunta quem você é, mas não posso.

— Eu perguntei primeiro. — Digo. Por que minha voz não soa familiar? Pus a mão no meu pescoço.

— Eu... — Hesita. — Não sei?

— Você não sabe? — Eu digo incrédula. — Como você pode não saber?

Eu vejo a porta e me aproximo, mantendo meus olhos nele. Está ajoelhado sobre a cama, mas parece alto. Seus ombros são largos e esticam a camisa que está vestindo. Se

ele se aproximar de mim, eu duvido que seja capaz de lutar contra ele. Minhas mãos parecem pequenas. Será que elas parecem pequenas? Por que eu não sei se minhas mãos são pequenas?

Este é o momento. Tenho que fazer.

Me movo rapidamente em direção à porta. Está a poucos metros de distância; se eu puder abri-la, eu posso correr para pedir ajuda. Grito enquanto corro. É assustador, uma verdadeira dor de ouvido. Minhas mãos na maçaneta e eu olho para trás para ver onde ele está. Continua no

mesmo lugar, com as sobrancelhas levantadas.

— Por que você está gritando?

Eu paro. — Por que... você não quer me pegar? — Eu estou na frente da porta. Tecnicamente eu posso abri-la e fugir de lá antes que ele saia da cama. Ele sabe, e eu sei disso, então por que não está tentando me parar?

Ele passa a mão pela cabeça, suspirando profundamente. — Qual é o seu nome? — Ele pergunta.

Eu abro minha boca para lhe dizer que não é da sua conta, e percebo, que eu não sei. Eu não sei o meu

maldito nome.

Nesse caso... — Dalilah.

— *Dalilah*...? — Ele pergunta.

Não tenho certeza, mas acho que ele está sorrindo.

— Sim... não é bom o suficiente para você?

Ele balança a cabeça. — Delilah é um bom nome. — Diz ele. — Ouça... Delilah. Eu não sei exatamente o que estamos fazendo aqui, mas atrás de você tem um pedaço de papel colado à porta. Pode arranca-lo e lê-lo?

Estou com medo de virar e que ele me ataque. Sem olhar para trás tento

achar o pedaço de papel. Puxo e coloco-o na frente do meu rosto.

*Charlie! Não abra essa porta! Esse cara no quarto com você... pode confiar nele. Caminhe de novo até a cama e leia todas as notas. Elas explicarão tudo.*

— Eu acho que é para você. —  
Digo. — Seu nome é Charlie? —  
Olho o cara na cama. Está lendo alguma coisa também. Olha para cima e me dá um pequeno sorriso.

— Olhe. — Ele diz.

Dou um passo para frente, depois outro, depois outro. É uma carteira de motorista. Observo a fotografia e então o seu rosto. A mesma pessoa.

— Se seu nome é Silas, quem é Charlie?

— *Você.* — Diz.

— *Eu?*

— Sim.

Ele se abaixa e pega um pedaço de papel para fora da cama. — Aqui disse isso. — Ele me estende o papel e lhe devolvo sua carteira de motorista.

— Charlie não é o nome de uma

garota. — Digo. Começo a ler o que está escrito na nota e todo o resto desaparece. Me sento na beira da cama.

— Que diabos?

O garoto, Silas, também está lendo. Seus olhos passam sobre o papel que tem na sua frente. O observo enquanto lê e meu coração bate um pouco mais rápido.

Leio mais. Sinto-me cada vez mais confusa. As notas são para mim e para esse cara, supostamente, mas nada faz sentido. Enquanto leio, pego uma caneta e copio o papel que estava

atrás da porta, para ver se eu realmente escrevi isso..

A escrita é uma combinação perfeita.

— Espere, espere, espere! — Eu digo. — Isto é uma loucura! — Abaixo o papel e balanço a cabeça. Como é que tudo isso é verdade? É como estar lendo um romance. Memórias perdidas, pais que traem a sua família, vodu. Por Deus. De repente, eu sinto que eu quero vomitar.

Por que eu não consigo me lembrar quem eu sou? O que eu fiz

ontem? Se o que as notas dizem é verdade...

Estou prestes a falar quando Silas me dá um outro papel.

*Tem apenas quarenta e oito horas. Não se concentre em ler isso porque não se lembra ou porque tudo o que sente é estranho. Concentre-se um pouco e descubra tudo o que puder antes que esqueça de novo.*

*Charlie.*

É minha letra novamente. — Sou convincente. — Digo.

Ele balança a cabeça.

— Então, onde estamos? — Me viro, observando a comida sobre a mesa. Silas aponta para um desses pedaços de papel na mesa de cabeceira. Um hotel. Em Nova Orleans. Ótimo.

Caminho até a janela para ver o exterior, quando alguém bate na porta do quarto. Nós dois paralisamos e olhamos nessa direção.

— Quem é? — Silas grita para a

porta.

— Sou eu! — Diz uma voz.

Silas acena para que eu vá para o outro lado do quarto, longe da porta. Não o faço.

Só me conheço há alguns minutos, mas posso dizer que sou teimosa.

Silas coloca a trava e abre a porta só um pouco. Uma desgrenhada cabeleira aparece na porta.

— Olá. — Diz o garoto. — Já voltei. Onze e meia, em ponto, como você disse.

Ele tem as mãos enfiadas nos bolsos e seu rosto está vermelho

como se ele estivesse correndo. Eu olho dele para Silas e volto a fazer a mesma coisa. Se parecem.

— Se conhecem? — Eu pergunto.

O mais novo, uma versão muito parecida com Silas, assente. — Somos irmãos. — Disse primeiro apontando para Silas e depois ele mesmo. — Eu sou seu irmão. — Diz novamente.

— Você já disse isso. — Disse Silas com um pequeno sorriso no rosto. Ele se inclina para mim e depois de volta para seu irmão. — Se importa se eu ver a sua identidade?

O garoto revira os olhos, mas tira a

carteira do bolso. — Eu gosto da maneira genial com que você revira os olhos. — Diz Silas enquanto abre a carteira do rapaz.

— Qual é o seu nome? — Pergunto.

Ele inclina a cabeça, estreitando os olhos para mim. — Sou *Landon*. — Me diz como eu se tivesse que saber disso. — O irmão Nash mais bonito.

Sorrio fracamente enquanto Silas olha os documentos de Landon. Ele é um bom garoto. Você pode dizer isso por seus olhos.

— Então, — digo olhando para

Silas — você não sabe quem você é?  
E nós estamos tentando resolver isso  
juntos? E temos quarenta oito horas  
antes de esquecer tudo?

— Sim. — Disse ele. — Isso é o  
que parece.

Isso deve ser um sonho. Na  
verdade, não.

E então eu percebo. *Estou sonhando.*  
Solto uma risada, assim que Landon  
me entrega um saco. Acho que a  
minha risada o pegou de surpresa.

— O que é isso? — Eu pergunto  
abrindo o saco.

— Você me pediu que trouxesse

uma troca de roupas.

Olho o vestido que estou usando, e em seguida a roupa. — Por que eu estou usando isto?

Ele dá de ombros. — Estava usando isso na noite passada quando Silas te encontrou.

Silas abriu a porta do banheiro para mim. As roupas têm etiquetas, de modo que as tiro para poder usar. Uma linda blusa preta de mangas compridas e calças entram em mim como se tivessem sido feitas sob medida. *Quem recebe roupas novas em seus sonhos?*

— Eu amo este sonho. — Grito do banheiro.

Quando eu termino de trocar de roupa, abro a porta e aplaudo. — Muito bem, garotos. Estou pronta. Onde vamos?



Faço uma verificação rápida no

quarto do hotel quando Charlie e Landon saem. Agarro o saco de lixo da pequena cesta vazia debaixo da mesa e coloco todas as nossas notas. Quando tenho a certeza de que peguei todas, sigo Charlie e Landon para fora.

Charlie ainda está sorrindo quando chegamos ao carro. Ela realmente pensa que isto é um sonho, e eu não tenho a coragem de dizer-lhe que não é. Não é um sonho. Na verdade, é um pesadelo e nós temos vivido isso por mais de uma semana.

Landon sobe no carro, mas Charlie me espera na porta de trás. — Você

quer ir na frente com seu irmão? — Pergunta, gesticulando com os dedos.

Balanço a cabeça e abro a porta. — Não, você pode ir na frente. — Ela começa a virar-se quando agarro seu braço. Me inclino e sussurro em seu ouvido: — Você não está sonhando, Charlie. Isto é real. Algo está acontecendo com a gente e você deve levar a sério para que possamos descobrir, ok?

Quando afasto-me, seus olhos estão bem arregalados. O sorriso se foi de seu rosto e ela não assente. Só entra no carro e tranca a porta.

Sento em meu lugar no banco de trás e puxo o telefone do meu bolso. Há um lembrete programado, então eu o abro.

*Vá para a delegacia em primeiro lugar. Pegue a mochila e leia todas as notas e registros diários que puder... o mais rápido possível.*

Fecho o lembrete, sabendo que vou ter cerca de cinco lembretes nas próximas duas horas. Eu sei isso... porque eu me lembro de programar

cada um deles na noite anterior.

Lembro-me de escrever todas as notas neste pequeno saco de lixo do hotel que estou segurando em minha mão com força.

Lembro-me de segurar o rosto de Charlie pouco antes de o relógio marcar onze horas. Lembro-me de sussurrar *Nunca Jamais*, pouco antes de beijá-la.

E lembro-me que dez segundos depois que nossos lábios se tocaram... ela deu um passo para trás e não tinha ideia de quem eu era. Ela não tinha nenhuma memória das últimas

quarenta e oito horas.

No entanto... eu lembrei-me cada minuto dos últimos dois dias.

Eu não podia dizer a verdade. Não queria assustá-la e deixá-la pensar que eu estava na mesma situação que ela parecia ser a escolha mais reconfortante.

Eu não sei por que eu não esqueci dessa vez ou porque ela esqueceu. Deveria estar aliviado de que o que está acontecendo com a gente parece estar terminado para mim, mas eu não me sinto aliviado.

Estou decepcionado.

Preferia ter perdido a memória de volta com ela do que deixá-la passar por isso sozinha. Pelo menos quando estávamos juntos nessa, sabíamos que era algo que poderíamos resolver juntos.

O que parecia ser um padrão já foi quebrado, e eu me sentir sozinho torna ainda mais difícil de descobrir. Por que eu fui poupado desta vez? Por que ela não? Por que eu sinto que não posso ser honesto com ela? Por que me sinto tão culpado?

Ainda não sei quem eu sou, ou quem costumava ser. Só me lembro das últimas quarenta e oito horas, o

que não é muito. Mas ainda é melhor do que a meia hora de memórias que Charlie tem.

Sei que tenho que ser honesto com ela, mas eu não posso. Não quero assustá-la e tenho a sensação de que o único consolo que ela tem é de que não está sozinha.

Landon continua me lançando olhares, em seguida, olha para ela. Sei que ele acha que nós perdemos nossas cabeças. De certa forma, perdemos nossas memórias, mas não como ele acredita.

Me alegro. Eu não sabia se ele

apareceria esta manhã como lhe pedi, dado que ainda duvidava. Eu gosto que duvide de nós, mas sua lealdade comigo ganha de seu raciocínio. Estou certo de que poucas pessoas têm essa qualidade.

Nós permanecemos praticamente em silêncio durante o caminho para a delegacia de polícia até que Charlie se vira para Landon e o olha.

— Como você sabe que não estamos mentindo para você? — Pergunta. — Porque nos seguiria a delegacia, a menos que você tenha algo a ver com o que aconteceu com a gente? — Fala mais para ele do que

para mim.

Landon pega o volante e me olha no espelho retrovisor. — Não sei se estão mentindo. Pelo que eu sei, estão gostando disso. Noventa por cento de mim pensa que ambos estão cheios de merda e não têm nada melhor para fazer. Cinco por cento, talvez, acha que estão dizendo a verdade.

— Isso é apenas noventa e cinco por cento. — Digo do banco traseiro.

— Isso é porque os outros cinco por cento, pensam que eu sou o único louco. — Diz.

Charlie ri disso.

Nós paramos na delegacia e Landon encontra um lugar no estacionamento. Antes de desligar o carro, Charlie diz: — Só para ficar claro, o que eu tenho a dizer? Que eu estou aqui para pegar minha mochila?

— Eu vou com você. — Digo. — A nota diz que todos pensavam que você estava perdida e que eu era suspeito pelo seu desaparecimento. Se entrarmos juntos, não terão nenhuma razão para procurar qualquer outra coisa.

Ela sai do carro, e enquanto caminhamos para a delegacia, diz: — Por que não podemos apenas dizer-

lhes o que acontece? Que não nos lembramos de nada?

Paro com a mão na porta. — Porque não, Charlie. Nas notas nos advertimos para não fazermos isso especificamente. Eu prefiro confiar em versões de nós que não se lembram do que confiar nas pessoas que não nos conhecem.

Assente. — Bom ponto. — Ela diz. Faz uma pausa e inclina a cabeça para o lado. — Me perguntava se você era inteligente.

O seu comentário me faz rir.

Não há ninguém na recepção

quando entramos. Eu me aproximo de uma janela de vidro. Não há ninguém atrás do balcão, mas há um alto-falante, então pressiono o botão ao lado dele, ouvindo crepitar a vida.

— Olá? — Pergunto. — Há alguém aqui?

— Já vou! — Escuto uma mulher gritar. Alguns segundos depois, ela aparece atrás do balcão. Seus olhos parecem alarmados quando vê Charlie e eu. — Charlie? — Ela pergunta.

Assente, torcendo as mãos nervosamente. — Sim. — Ela diz. —

Vim buscar as minhas coisas. Uma mochila?

A mulher olha para ela fixamente por alguns segundos e deixa o olhar cair nas mãos de Charlie. A forma como está de pé e parece nervosa... como se estivesse escondendo algo. Ela nos diz que vai ver o que você pode fazer, e sai ao redor do balcão novamente.

— Tente relaxar. — Sussurro para Charlie. — Não faça com que pareça como se eu te forcei a fazer isso. Já suspeitam de mim.

Ela coloca as mãos cruzadas sobre

o peito, acena com a cabeça, e depois leva o polegar boca. Começa a morder a ponta. — Eu não sei como parecer descontraída. — Diz. — Não estou relaxada. Estou muito confusa.

A mulher não retorna, mas uma porta se abre a nossa esquerda e um oficial uniformizado aparece na porta. Olha para Charlie e depois para mim. Nos faz sinal para segui-lo.

Entra em um escritório e se senta atrás de sua mesa. Acena para as duas cadeiras em frente a ele, de modo que ambos nos sentamos. Não parece feliz quando se inclina para a frente e pigarreja.

— Você sabe quantas pessoas está te procurando, Senhorita?

Charlie fica tensa. Eu posso sentir a confusão deslizar sob ela. Sei que ela ainda está tentando entender o que aconteceu na última hora, então eu intervenho por ela.

— Realmente sinto muito. — Eu digo. Seus olhos permanecem em Charlie alguns segundos, em seguida, deslizam para mim. — Estávamos meio brigados. Por isso ela decidiu ir embora por alguns dias para processar tudo. Não sabia que alguém estaria procurando por ela, ou que seria dado como desaparecida.

O oficial parece cansado comigo. — Agradeço a sua capacidade de responder por sua namorada, mas eu gostaria de ouvir o que a Senhorita Wynwood tem a dizer. — Ele se levanta, elevando-se acima de nós e acena para a porta. — Espere lá fora, Sr. Nash. Eu gostaria de falar com ela a sós.

*Merda.*

Eu não quero deixá-la sozinha com ele. Hesito, mas Charlie coloca uma mão tranquilizadora em meu braço. — Está bem. Espere lá fora. — Diz. A observo um pouco, mas parece

confiante. Levanto-me com um pouco de força além do necessário e a cadeira faz um som estridente horrível, enquanto se move para trás.

Não olho para o oficial. Eu saio, fecho a porta atrás de mim, e começo a andar pelo corredor vazio.

Charlie sai poucos minutos depois com uma mochila sobre seu ombro e um sorriso no rosto. Eu sorrio de volta, sabendo que não deveria ter duvidado dela. Esta é a quarta vez que ela começou a partir do zero, e parece que conseguiu ir bem nas primeiras horas. Desta vez, não deveria ser diferente.

Ela não se senta no banco da frente dessa vez. Quando nos aproximamos do carro, disse: — Vamos nos sentar no banco de trás para podermos avaliar todas essas coisas.

Landon já está com raiva, ele acha que estamos brincando e agora estamos forçando-o a levar-nos.

— E agora? — Landon pergunta.

— Só dê umas voltas enquanto descobrimos para onde ir. — Digo.

Charlie abre o zíper da mochila e começa a tirar o conteúdo. — Acredito que deveríamos ir para a penitenciária. — Diz. — Meu pai

poderia ter alguma explicação.

— De novo? — Landon pergunta.  
— Silas e eu tentamos isso ontem.  
Não fomos autorizados a falar com ele.

— Mas eu sou sua filha. — Diz.  
Ela olha para mim como se estivesse pedindo em silêncio a minha aprovação.

— Concordo com Charlie. — Digo. — Vamos ver o seu pai.

Landon suspira pesadamente. — Eu não posso esperar até que isso termine. — Diz, fazendo uma saída brusca para a entrada da

penitenciária. — É ridículo. — Murmura. Alcança o rádio e aumenta o volume, nos ignorando.

Começamos a tirar os objetos da mochila. Existem duas pilhas separadas que lembro-me de fazer um par de dias atrás, quando comecei a pesquisar estes itens. Uma delas é útil para nós, a outra não. Dou a Charlie os diários e começo a classificar todas as cartas, esperando que não perceba que estou omitindo alguns que sei que eu li.

— Todos estes diários estão cheios. — Ela diz, olhando-os. — Se eu escrevi esta quantidade e tantas

vezes, qual será o mais recente? Não posso encontrar um deste ano.

Tem razão. Quando eu estava no seu sótão pegando todas estas coisas, não notei qualquer coisa que parecia ter usado recentemente. Eu dou de ombros. Talvez nós perdemos quando pegamos esses.

Ela se inclina para a frente e fala sobre a música. — Eu quero ir para minha casa. — Ela diz a Landon. Recai sobre o assento, apertando mochila contra o peito. Para de analisar as cartas e diários. Só olha pela janela em silêncio à medida que nos aproximamos de sua vizinhança.

Quando chegamos em sua casa, ela hesita na porta antes de abrir o carro. — É este o lugar onde eu moro? — Pergunta.

Eu tenho certeza que ela não estava esperando isso, mas não posso tranquilizá-la ou avisá-la sobre o que vai encontrar no interior, pois ainda acredita que perdi minha memória.

— Você quer que eu entre com você?

Nega com a cabeça. — Provavelmente, não é uma boa ideia. Nossas notas dizem que você deve ficar longe de minha mãe.

— É verdade. — Eu digo. — Bem, as notas disseram que encontramos todas estas coisas em seu sótão. Talvez seja melhor que você verifique o seu quarto. Se você tem um diário no qual escreveu recentemente, ele deve estar perto de onde você dorme.

Ela acena, sai do carro e começa a caminhar para casa. Eu olho até que desapareça dentro.

Eu posso ver que Landon me olha com desconfiança no espelho. Evito contato visual com ele. Sei que não acredita em nós, mas se ele perceber que tenho lembranças das últimas quarenta e oito horas não vai mais

ajudar.

Encontro uma carta que eu não li e começo a ler quando a porta de trás se abre. Charlie joga uma caixa no carro e fico aliviado que encontramos mais coisas, incluindo outro diário. Ela entra no carro quando a porta da frente se abre. Olho para o banco da frente e vejo Janette se juntar à festa.

Charlie se inclina até nossos ombros se tocarem. — Creio que ela é minha irmã. Ela não parece gostar muito de mim. — Sussurra.

Janette fecha a porta do carro e se vira imediatamente em seu assento e

ele olha para mim. — Obrigada por me dizer que minha irmã está viva, idiota. — Olha para frente de novo e pego Charlie sufocando uma risada.

— Fala sério? — Landon diz, olhando para Janette no assento frente. Ele não parece muito feliz por ela se juntar a nós.

Ela balança a cabeça e se queixa. — Oh, vamos! — Diz para Landon. — Já se passou um ano desde que nos separamos. Não vai matá-lo sentar-se em um carro comigo. Além disso, eu não ficarei em casa o dia todo com a louca Laura.

— Merda. — Murmura Charlie.  
Ela se inclina para a frente. — Vocês eram namorados?

Landon assente. — Sim. Mas foi muuuito tempo. E durou uma semana. — Ele coloca o carro em sentido inverso e começa a se afastar.

— Duas semanas exatamente. — Diz Janette.

Charlie olha para mim e levanta uma sobrancelha. — E a coisa se complica... — Ela diz.

Pessoalmente, penso que a presença de Janette será mais intrusiva do que útil. Landon, pelo

menos, sabe o que está acontecendo com a gente. Não acredito que Janette aceite isso muito bem.

Ela pega um tubo de brilho labial de sua bolsa e começa a aplicá-lo no espelho do passageiro. — Então, para onde estamos indo?

— Ver Brett. — Charlie responde com indiferença enquanto procura dentro da caixa no banco de trás.

Janette se vira em seu assento. — Brett? Quer dizer *papai*? Vamos ver o *papai*?

Charlie balança a cabeça enquanto puxa seu diário. — Sim. — Ela diz.

— Olhe Janette, se você tiver um problema com isso, podemos te levar para casa.

Janette cala a boca e lentamente se vira. — Eu não tenho problema. — Diz. — Mas eu não vou sair do carro. Eu não quero vê-lo.

Charlie levanta uma sobrancelha para mim e depois se instala em seu assento, abrindo o diário. Uma carta dobrada cai e ela começa a abri-la. Inala, em seguida, olha para mim e diz: — Aqui vamos nós, *Silas baby*. Vamos nos conhecer. — Abre a carta e começa a ler.

Abro uma carta que eu ainda tenho  
que ler e também me acomodo em  
meu lugar. — Aqui vamos nós,  
*Charlie baby.*



*Charlie baby:*

Minha mãe viu a minha tatuagem. Eu pensei que seria capaz de oculta-la durante um par de anos, mas maldita seja, ela entrou em meu quarto sem bater essa manhã.

Não entra em meu quarto sem bater há três anos. Acho que pensou que eu não estava em casa. Deveria ter visto sua cara

quando se deu conta do que eu tinha feito. Só fazer a tatuagem já era bastante ruim. Eu não posso imaginar o que teria acontecido se ela soubesse que era uma representação sua.

Obrigado por isso, com certeza. Referências ocultas de nossos nomes foi uma sugestão muito melhor

do que a minha de que  
tatuássemos nossos nomes.

Lhe disse que o colar  
de pérolas era um símbolo  
das portas do céu ou  
alguma merda assim.  
Depois dessa explicação,  
ela não pôde discutir muito,  
tendo em conta de que ela  
está na igreja sempre que  
as portas estão abertas.

Quis saber quem me fez

essa tatuagem já que só tenho dezesseis anos, mas me recusei a dizer. Estou surpreso de que não adivinhou já que mês passado lhe contei que o irmão mais velho de Andrew era um tatuador.

Como seja. Ela ficou brava, mas jurei que nunca faria outra. Ela me disse para nunca tirar a

camiseta na frente do papai.

Ainda um pouco surpreso que ambos tenhamos seguido com isto. Eu meio que brincava quando disse que deveríamos fazer, mas você ficou tão entusiasmada que me dei conta de que realmente queria. Sei que dizem que não devemos

fazer uma tatuagem com o nome de quem namoramos e que só temos dezesseis anos, mas sinto que não há nada nessa vida que possa fazer com que eu não queira ter você sob toda a minha pele.

Eu nunca vou amar alguém como eu amo você. E se o pior acontecer e nós nos afastarmos, ainda assim

nunca me arrependerei  
dessa tatuagem. Você tem  
sido uma grande parte da  
minha vida nos dezesseis  
anos que tenho, e se  
terminamos juntos no final  
ou não, eu quero me  
lembrar dessa parte da  
minha vida. E essas  
tatuagens, além de  
comemorativas, me fazem  
acreditar que vamos passar

o resto de nossas vidas juntos. De qualquer maneira, espero que, dentro de quinze anos, quando vermos essas tatuagens, sejamos agradecidos por essa parte de nossas vidas e não arrependidos. E que seja assim se estivermos juntos ou não.

Vou dizer, acho que você é muito mais forte que

eu. Esperava ser aquele que te acalmaria e te diria que essa dor era temporária mas acabou sendo o contrário. Talvez minha dor fosse mais forte que a sua. ;)

Bem, já está tarde. Daqui a pouco te ligarei e darei boa noite, mas fiel ao meu estilo, primeiro tenho que colocar todos os meus

pensamentos sobre você em  
uma carta. Sei que já lhe  
disse, mas eu adoro que  
escrevamos cartas. As  
mensagens de textos são  
apagadas e as conversas  
esquecidas, mas te juro que  
guardarei todas as cartas  
que me escreveu até o dia  
em que eu morrer.  
#CorreioTradicionalÉParaE  
Te amo. O suficiente

*para marcar em minha  
pele.*

*Nunca pare. Nunca se  
esqueça.*

*Silas.*

Eu olho para Silas, mas ele está absorvido na leitura. Gostaria de ver a tatuagem, mas ainda não me sinto suficiente cômoda para pedir-lhe para tirar a camisa.

Observo as cartas até encontrar uma que eu escrevi para ele.

Estou curiosa para ver se eu estou tão apaixonada quanto ele parece.

*Silas*

*Eu não consigo parar de pensar na outra noite quando nos beijamos. Nem na carta que me enviou me explicando como se sente a respeito.*

*Nunca havia beijado ninguém. Não fechei os*

olhos. Estava muito assustada. Nos filmes eles fecham os olhos, mas não pude me obrigar a fazê-lo. Queria ver se você fecharia os seus e como seus lábios seriam quando pressionados contra os meus. E eu queria saber a hora para me lembrar para sempre o momento exato em que tivemos o nosso primeiro

beijo (eram onze em ponto, tenho certeza). E você manteve os olhos fechados todo o tempo.

Depois que saí, fui para casa e eu olhei para a parede durante uma hora. Ainda podia sentir sua boca na minha, ainda que não estivesse ali. É uma loucura, e eu não sei se isso deveria acontecer. E

lamento ter ignorado todas as suas ligações depois disso.

Não tinha a intenção de te preocupar, só precisava de tempo. Você sabe que sou assim. Tenho que assimilar tudo e tenho que fazer isso sozinha. E você me beijar é algo que definitivamente precisa ser assimilado. Desejei que isso

acontecesse por um tempo,  
mas sei que nossos pais  
pensarão que somos loucos.  
Eu ouvi minha mãe dizer  
que as pessoas não podem  
se apaixonar com a nossa  
idade, mas não acredito  
nisso. Os adultos gostam de  
falar que nossos  
sentimentos não são tão  
importantes quanto os  
deles, que somos jovens

demais para sabermos o que queremos. Mas eu acho que o que queremos é semelhante ao que eles querem. Queremos encontrar alguém que acredite em nós. Alguém que fique ao nosso lado para que nos sintamos menos sozinhos.

Tenho tanto medo de que algo mude e você não

seja mais o meu melhor amigo. Nós dois sabemos que há grande quantidade de pessoas que dizem que são amigos mas não agem assim, mas nós dois nunca fomos dessa maneira. Eu adoro nossas caminhadas. Eu gosto tanto de você, Filas. Muito mesmo. Talvez mais do que de algodão-doce de maçã

verde e de caramelos  
Nerds rosas e ainda mais  
que o Sprite! Sim, você  
me conquistou.

Charlie.

É doce. Eu era uma menina doce,  
uma menina que se apaixonou por  
um menino pela primeira vez.  
Gostaria de poder lembrar como foi  
o primeiro beijo. Me pergunto se nós  
fizemos mais do que beijar. Passo  
mais cartas, explorando cada uma.  
Noto uma com palavra que me chama

atenção.

*Silas baby:*

*Estou tentando escrever  
essa carta há trinta  
minutos e não sei como  
dizer nada disso. Suponho  
que tenho que encontrar  
uma maneira, né? Você  
sempre se expressa tão bem  
e me parece que sempre me  
trava a língua.*

Não pude deixar de pensar no que fizemos outra noite. Essa coisa que você faz com a língua... me faz querer desmaiar só de pensar.

Estou sendo muito sincera? Mostro todas as minhas cartas? Meu pai sempre me diz: "Não mostre todas as suas cartas. Sempre tenha algo na

manga, Charlie."

Não há nada que quero esconder de você. Sinto que posso te confiar todos os meus segredos. Silas, eu não posso esperar que me beije novamente. Ontem depois que você foi embora tive pensamentos irracionais com todas as garotas do planeta. Sei que parece irracional, mas não quero

que você faça essa coisa da  
língua com mais ninguém.  
Não me considero uma  
pessoa ciumenta, mas tenho  
ciúmes de qualquer pessoa  
que você quis antes de  
mim. Não quero que pense  
que estou louca, Silas, mas  
se alguma vez olhar para  
outra garota como me olha  
vou arrancar seus olhos com  
uma colher. Também é

possível que eu mate ela e  
jogue a culpa em você.  
Assim, a menos que  
queira ir para prisão cego,  
sugiro que mantenha seus  
olhos só em mim. Nos  
vemos no almoço!

*Te amo. Charlie*

Corei com isso e olhei para Silas.  
Então nós... Eu...

Coloquei a nota debaixo da minha  
perna para que ele não possa lê-la.

Que embaraçoso! Fazer isso com alguém e não me lembrar. Especialmente porque ele, aparentemente, é muito bom com aquela coisa com a língua. Que coisa? Olho para ele novamente e ele também está me olhando. Imediatamente eu me sinto quente em todas as partes.

— O quê? Por que você está me olhando assim?

— Assim como? — Eu pergunto, olhando para longe. Então percebi que não sei qual é a aparência do meu rosto. Sou bonita? Procuro na mochila até encontrar minha carteira.

Pego meu documento de identidade e olho meu rosto. Sou... *bem*. A primeira coisa que noto são meus olhos, que são iguais aos de Janette. Mas sinto que Janette pode realmente ser um pouco mais bonita do que eu. — Acha que parecemos mais com mamãe ou papai? — Pergunto a Janette.

Ela põe os pés no painel e diz: — Mamãe, graças a Deus. Eu morreria se eu tivesse nascido tão pálida como papai.

Eu afundo um pouco no meu assento com essa resposta. Tinha a esperança de que parecesse mais

como nosso pai, assim quando o visse um pouco, me sentiria mais familiar. Pego o diário, com vontade de me distrair quando recordo que não sei nada das pessoas que me deram a vida.

Passo até o último dia que escrevi. Era o que deveria ter lido primeiro, mas eu queria um pouco de contexto. Há dois relatos, então começo com o primeiro.

*Sexta-feira, Três de  
Outubro:*

Dia em que seu cachorro  
é atropelado.

Dia em que seu pai vai  
para a prisão.

Dia em que tem que se  
mudar da casa em que  
cresceu para uma lata de  
lixo.

Dia em que sua mãe  
deixou de falar com você.

Dia em o seu namorado

bateu no pai de alguém.

Todos os dias mais horríveis da minha vida. Nem quero falar sobre eles. Sem dúvida, pelas próximas semanas, todos falarão. Tudo está ficando pior. Eu me esforço para consertar as coisas, torná-las melhores. Manter minha família fora do esgoto, embora seja

exatamente para onde estamos indo. Eu sinto como se estivesse nadando contra a maré e não há nenhuma maneira de vencer. As pessoas na escola me olham de maneira diferente. Silas diz que é coisa da minha cabeça, porque é mais fácil para ele acreditar nisso. Ele tem seu pai. Sua vida

segue intacta. Talvez não  
seja justo de minha parte  
dizer isso, mas me sinto  
com raiva quando ele diz  
que tudo vai ficar bem  
porque não vai. Está claro.  
Ele pensa que seu pai é  
inocente. EU NÃO.  
Como posso estar com  
alguém cuja família me  
despreza? Meu pai não  
está perto para que eles o

odeiem, então transferiram  
todo esse ódio para mim.  
Minha família fez a sua  
preciosa família ser mal  
vista. Meu pai está  
apodrecendo na cadeia  
enquanto eles andam para  
todos os lados e seguem  
adiante com suas vidas,  
como se nem sequer se  
importassem. O que fizerem  
importa para minha família

e nada vai ficar bem. O pai de Silas me odeia. Como posso estar com alguém cujo pai ajudou a prender o meu? Me faz sentir tão mal. Apesar de tudo, é tão difícil me afastar dele. Quando estou com raiva, ele me acalma. Mas sei no fundo do meu coração que isso não é bom para nenhum de nós. Sem

dúvida, Silas é obstinado. Ainda que eu tente terminar, ele não vai aceitar. Seria como um desafio para ele.

Finjo que não me importa? Ele atua como se não importasse para ele.

Começo a traí-lo com seu inimigo mortal? Ele começaria a me trair com a irmã de seu inimigo mortal.

Se descobre que estou em um restaurante com uns amigos? Ele aparece nesse restaurante com seus amigos.

Somos voláteis juntos. Sempre fomos. Começou quando a situação alcançou um ponto crítico com nossos pais. Antes, se alguém tivesse me dito que eu estaria me esforçando

para me livrar dele, eu  
teria rido em sua cara.  
Quem iria pensar que  
nossas vidas que se  
encaixavam tão  
perfeitamente, da noite  
para o dia, seriam tão  
estranhas?

As vidas de Charlie e  
Silas já não se encaixam.  
Agora está muito difícil.  
Está tomando mais esforço

do que somos capazes de dar. Não quero que me odeie. Simplesmente já não quero que me ame.

Então... estou agindo diferente. Não é tão difícil, porque na realidade sou diferente depois de tudo isso. Só que estou deixando transparecer ao invés de ocultar. Sou má. Não sabia que era capaz

de ser assim. Estou distante. E deixo que me veja flertar com outros garotos. Algumas horas atrás ele bateu no pai de Brian quando o escutou dizer para outras pessoas que eu era a namorada de Brian. Não tenho certeza de que já tivemos uma briga tão grande antes. Queria que gritasse comigo.

Queria que visse o que realmente sou. Queria que visse que pode ter alguém muito melhor. Em vez disso, antes de lhe expulsarem do restaurante, ele deu um passo até mim. Se inclinou até que sua boca estava próxima ao meu ouvido e sussurrou: — Por que Charlie? Por que você quer que eu te odeie?

Meu soluço ficou preso em minha garganta quando ele se afastou de mim. Continuei olhando enquanto ele foi escoltado para fora. O seu olhar era um que nunca tinha visto. Estava... indiferente. Como se pôr fim tivesse perdido a esperança.

E tendo em conta a mensagem de texto que

acabo de receber dele antes  
de começar a escrever...  
Acredito que por fim  
deixou de lutar por nós  
dois. Sua mensagem dizia:  
"Estou indo para sua casa.  
Você me deve um término  
adequado."

Finalmente se cansou  
de tudo. E terminamos.  
De verdade. Deveria estar  
contente porque esse era

meu plano desde o início,  
mas não pude deixar de  
chorar.



Charlie está muito tranquila

enquanto lê. Não está tomando notas nem me dizendo algo que possa ser útil. Num momento, a vi passar a mão sob seu olho, mas se era uma lágrima ela escondeu bem. Isso me fez questionar o que ela estava lendo, assim me endireitei e tentei ler o diário.

Era a noite em que terminamos. O que aconteceu entre nós durante uma semana mais ou menos. Não quero mais nada a não ser me aproximar e ler isso com ela, mas em vez disso, disse a Landon que tínhamos que parar, pois eu queria mijar.

Ele para em um posto de gasolina

cerca de uma hora da prisão.

Janette permanece no carro e Charlie fica do meu lado ao entrar na loja. Ou talvez eu esteja ao seu lado. Não estou certo. O desejo de protegê-la não me abandonou em tudo. Em todo caso, parece mais forte. O fato de eu lembrar de tudo dos dois últimos, quase três dias tornou mais difícil para eu esquecer que se supõe que não deveria conhecê-la. Ou amá-la. Mas tudo o que consigo fazer é pensar no beijo, esta manhã, quando pensávamos que não nos lembraríamos um do outro quando terminasse. A maneira como

me permitiu beijá-la e abraçá-la até que ela não era mais a Charlie.

Levou tudo que eu tinha para não rir quando ela fingiu saber seu nome. *Dalilah?* Mesmo sem a sua memória ela continua a mesma teimosa Charlie. É incrível como algumas partes de sua personalidade ainda brilham hoje como fizeram na noite passada. Pergunto-me se eu sou semelhante ao que era antes de que tudo isso começasse?

Eu espero até que ela saia do banheiro. Nós caminhamos até os refrigeradores de bebidas e pego uma garrafa de água. Ela pega uma Pepsi e

quase digo que eu sei que ela prefere Coca-Cola, com base em algo que li em uma das cartas ontem, mas eu não tenho que lembrar o que aconteceu ontem. Levamos nossas bebidas a caixa registradora e pagamos.

— Me pergunto se *gosto* de Pepsi.  
— Sussurra.

Eu rio. — Foi por isso que peguei a água. É mais seguro.

Ela pega um saco de batatas fritas e coloca no balcão do caixa. Em seguida, pega um saco de Cheetos. Depois, um saco de anéis de cebola. Então Doritos. Continua a acumular

lanches no balcão. Estou olhando para ela quando me dá um encolher de ombros. — Estou apenas sendo mais segura. — Diz.

---

No momento em que voltamos para o carro, levamos dez sacos diferentes de lanches e oito tipos diferentes de refrigerante. Janette fixa o olhar em Charlie quando vê toda essa comida. — Silas tem muita fome. — Ela diz para Janette.

Landon está atrás do volante, mexendo seu joelho para cima e para baixo. Tamborilando os dedos no

volante e diz: — Silas, você se lembra como dirigir, certo?

Eu sigo seu olhar e vejo dois carros de polícia estacionados do lado na estrada em frente de nós. Vamos ter de passá-los para sair, mas eu não sei por que isso está colocando Landon nervoso. Charlie já não está desaparecida, então não há nenhuma razão para ficar paranoico pela polícia. — Por que *você* não pode dirigir? — Eu pergunto.

Ele se vira para mim. — Eu tenho apenas dezesseis anos. — Diz ele. — Só tenho uma permissão. Ainda não pedi por minha carteira definitiva.

— Ótimo. — Murmura Janette.

No grande esquema das coisas, dirigir sem licença não é a prioridade número um na minha lista de coisas para me preocupar.

— Eu acho que temos problemas maiores do que ganhar uma multa. — Charlie diz, expressando meus pensamentos em voz alta. — O Silas não tem porque dirigir. Ele está me ajudando a olhar para toda essa merda.

— Examinar velhas cartas de amor não é importante. — Diz Janette. — Se Landon ganhar uma multa, sua

definitiva será negada.

— Não pare então. — Digo. — Ainda temos outras duas horas pela frente e uma viagem de três horas para voltar. Não posso perder cinco horas preocupado com sua carteira.

— Por que ambos estão agindo tão estranho? — Diz Janette. — E por que estão lendo velhas cartas de amor?

Charlie olha para baixo para seu diário quando dá a Janette uma resposta sem entusiasmo. — Estamos passando por um caso incomum de amnésia e não podemos lembrar

quem somos. Eu nem mesmo sei quem é você. Vire-se e se preocupe com as suas coisas.

Janette revira os olhos e bufa, então se vira. — Estranhos. — Murmura.

Charlie sorri para mim e, em seguida, aponta para o diário. — Olhe. — Diz. — Estou prestes a ler a última anotação.

Tiro a caixa que nos separa e chego mais perto para ler a última anotação com ela. — É estranho? Você compartilhar seu diário comigo?

Ela balança sua cabeça negando. —

Realmente não. Eu sinto que não somos eles.

*Sexta-feira, Três de Outubro:*

*Só se passaram quinze minutos desde a última vez que escrevi nesse diário. Assim que o fechei Silas me mandou uma mensagem e disse que estava lá fora. Como minha*

mãe não permitia mais a sua presença em nossa casa, fui lá fora ouvir o que ele tinha para dizer.

Tive que tomar um ar assim que o vi. A forma em que estava apoiado em sua Land Rover: pés cruzados e as mãos nos bolsos de sua jaqueta. Um arrepio passou através de mim, mas culpei o fato de

que estava de pijama.

Nem sequer me olhou quando me aproximei de seu carro. Me apoiei ao seu lado e cruzei os braços sobre os peitos. Ficamos ali por um momento, completamente em silêncio.

— Posso te fazer uma pergunta? — Eu disse.

Ele se afastou do carro e parou na minha frente.

Fiquei rígida quando colocou seus braços do lado da minha cabeça me enjaulando. Baixou a cabeça até que ficamos frente a frente. A posição em que estávamos não era nova para mim. Já ficamos assim um milhão de vezes, mas dessa vez ele não me olhava como se quisesse me beijar. Esta vez me olhava

como se tentasse descobrir quem, diabos, eu era. Olhou para o meu rosto como se estivesse olhando uma completa desconhecida.

— Charlie, — disse com a voz rouca. Ele agarrou seu lábio inferior e o mordeu enquanto pensava no que dizer. — tem certeza de que quer isso?

— Sim.

Seus olhos se arregalaram com a força e firmeza da minha resposta. Doeu-me o coração pela maneira com que ele tentava ocultar sua expressão. A comoção. O entendimento de que não iria me convencer.

Ele bateu no carro com o punho duas vezes e, em seguida, se afastou de mim.

De imediato me afastei dele, querendo correr para dentro de minha casa enquanto tinha forças para deixá-lo ir. Seguia me lembrando do porquê fazia isso. Não somos uma boa dupla. Ele acha que meu pai é culpado. Nossas famílias se odeiam. Somos diferentes agora.

Quando cheguei a porta

de minha casa, Silas disse uma última coisa antes de entrar em seu carro.

— Não sentirei sua falta, Charlie.

Seu comentário me surpreendeu, então me virei e o olhei.

— Sentirei falta da velha Charlie, a garota por quem me apaixonei. Mas quem quer que seja essa

garota que você está se tornando... — balançou a mão apontando para cima e para baixo do meu corpo — não é alguém de quem sentirei falta.

Entrou em seu carro e bateu a porta. Saiu da calçada e acelerou, cantando os pneus nas ruas do meu pobre bairro. E agora ele se foi.

E uma pequena parte de mim está com raiva que ele não se esforçou mais. Uma parte maior está aliviada que isso finalmente terminou.

Durante todo esse tempo ele fez de tudo para me lembrar de como eram as coisas entre nós. Ele está convencido de que poderiam ser assim de novo.

Enquanto ele passava  
seu tempo lembrando, eu  
passava o meu tentando  
esquecer.

Não quero me lembrar  
do que sinto ao beijá-lo.

Não quero me lembrar  
de como é amá-lo.

Tudo o que quero é  
esquecer Silas Nash e  
tudo nesse mundo me faz  
lembrar dele.





A prisão não exatamente como que

eu esperava. O que exatamente eu esperava? Algo escuro e podre, com um pano de fundo de céu cinza e uma terra estéril? Não me lembro como pareço, mas lembro como deve parecer uma prisão. Eu sorrio enquanto saio do carro e aliso minhas roupas com as mãos. O tijolo vermelho é brilhante contra o céu azul. Há flores crescendo ao longo da grama, que dançam ligeiramente quando o brisa bate. A única coisa feia nesse cenário é o arame farpado ao longo do muro.

— Isso não parece tão ruim. —  
Digo.

Silas, que vem atrás de mim, levanta uma sobrancelha. — Não é você quem está presa ali.

Sinto o calor aumentando em minhas bochechas. Posso não saber quem eu sou, mas sei que esse foi um comentário estúpido. — Sim. — Digo. — Suponho que Charlie seja uma imbecil.

Ele ri e segura minha mão antes que eu possa protestar. Olho para o carro, onde Janette e Landon nos olham pelas janelas. Parecem pequenos filhotes tristes. — Deveria ficar com eles. — Digo. — A gravidez na adolescência é uma coisa

séria.

Ele ri ironicamente. — Você está brincando? você não viu como eles brigaram todo o caminho até aqui?

— Tensão sexual. — Eu digo quando abro a porta para a área principal da recepção.

Tem cheiro de suor. Torço o nariz enquanto caminho até a janela. Há uma mulher na minha frente, uma criança agarrando-se a cada uma de suas mãos. Xinga antes de gritar seu nome para a recepcionista e lhe entregar seu documento de identidade.

Merda. Que idade você tem que ter para visitar alguém neste lugar? Eu estou procurando minha carteira de motorista e espero a minha vez. Silas aperta minha mão e me viro para lhe dar um sorriso.

— Próximo. — Grita uma voz. Chego para frente e digo à mulher de rosto severo, quem vim visitar.

— Você está na lista? — Ela pergunta. Assinto. As cartas indicam que vim visitar meu pai várias vezes desde que ele foi preso.

— Quem é ele? — Ela aponta a cabeça para Silas, que lhe mostra sua

carteira de motorista.

Ela lhe devolve sua identificação e balança a cabeça. — Não está na lista.

— Oh. — Eu digo. Demora alguns minutos para colocar todos os dados no computador e, em seguida, me dá um passe de visitante.

— Deixe sua bolsa com seu amigo. — Diz ela. — Você pode esperar aqui.

Sinto vontade de gritar. Eu não quero ir para lá sozinha e falar com um homem que supostamente é meu pai. Silas tem seus assuntos sob controle. Quero que ele venha

comigo.

— Eu não sei se eu posso fazer isso. — Digo. — Eu nem sequer sei o que perguntar.

Ele agarra os meus ombros e inclina a cabeça para me olhar nos olhos.

— Charlie, com base em suas cartas manipulativas, esse homem parece um idiota. Não caia em seu encanto. Obtenha suas respostas e saia, ok?

Concordo. — Ok. — Digo. Olho ao redor da sombria área de espera, com suas paredes amarelas e plantas

em jarras. — Você vai esperar aqui?

— Sim. — Diz suavemente. Olha em meus olhos, um leve sorriso nos lábios. Faz-me sentir como se quisesse me beijar, e isso me assusta. Perigo desconhecido. Salvo que já não sei o que eu sinto ao beijá-lo. Simplesmente não me lembro.

— Se eu demorar, você deve esperar no carro com Landon e Janette. — Eu digo. — Você sabe... gravidez na adolescência é uma merda.

Ele sorri de maneira tranquilizadora.

— Bem, — eu digo, dando um passo para trás. — vejo você do outro lado.

Tento parecer grande e má enquanto caminho através dos detectores de metais e um guarda me revista. Minhas pernas ficam instáveis. Eu olho Silas, que está em pé com as mãos nos bolsos, olhando para mim. Acena para me incentivar a continuar, e eu sinto uma pequena onda de coragem.

— Posso fazer isso. — Digo em voz baixa. — Apenas uma pequena visita ao papai.

Eles me levam para uma sala e me dizem para esperar. Vinte mesas se encontram espalhadas por toda a sala. A mulher que estava na minha frente na fila se senta em uma mesa com a cabeça nas mãos enquanto seus filhos brincam em um canto, empilhando blocos. Me sento longe deles e olho fixamente para a porta. Em qualquer momento, meu suposto pai vai passar por essas portas, e nem sequer sei que aparência ele tem. E se eu estou errada? Penso em ir, correr para fora e dizer aos outros que ele não quis me ver, justo quando ele entra. Sei que é ele porque seu olhar encontrou-

me de imediato. Ele sorri e caminha para mim. *Caminhar* não é a palavra para descrever. Ele desliza calmamente. Não me levanto.

— Hey, amendoim. — Diz. Ele me abraça sem jeito quando eu permaneço sentada dura como uma tábua.

— Olá papai.

Ele desliza para o assento na minha frente, ainda sorrindo. Posso ver porque seria fácil adorá-lo. Mesmo em seu macacão de prisão, ele parece distinto. Parece errado; ele estar aqui com seus dentes brancos

brilhantes e cabelo louro bem penteado. Janette estava certa. Devemos parecer com nossa mãe, porque não parecemos em nada com ele. Tenho sua boca, eu acho. Mas não o seu tom de pele pálido. Nem os olhos. Quando eu vi a minha imagem, foi a primeira coisa que notei. Tenho os olhos tristes. Ele tem olhos sorridentes, embora provavelmente não tenha razões para sorrir. Sinto-me atraída.

— Você sumiu por duas semanas.  
— Diz ele. — Estava começando a pensar que simplesmente me deixou aqui para apodrecer.

Eu balanço as vibrações paternas que recebi um minuto atrás. *Idiota narcisista*. Eu já posso ver como ele funciona e acabei de lhe encontrar.

Ele diz as coisas com esses olhos risonhos e um sorriso, mas suas palavras batem como um chicote.

— Nos deixou na miséria. O carro está com problemas, então é difícil dirigir até aqui. E minha mãe é alcoólatra. Eu acho que estou brava com você por isso, mas eu não me lembro.

Ele olha para mim por um momento, seu sorriso congelando no

rosto.

— Lamento que você se sinta assim. — Cruza os braços em cima da mesa e se inclina para frente. Me estuda. Faz-me sentir desconfortável, como se talvez soubesse mais sobre mim do que eu mesma. O que é provavelmente o caso na minha situação.

— Recebi um telefonema esta manhã. — Diz, inclinando-se trás em seu assento.

— Ah sim? De quem?

Ele balança a cabeça. — Não importa quem era. O que importa é o

que foi-me dito. Sobre você.

Não lhe ofereço qualquer informação.

— Existe algo que você queira me dizer, Charlize?

Inclino a cabeça. Que tipo de jogo é esse? — Não.

Ele balança a cabeça ligeiramente, em seguida, faz beicinho. Seus dedos saem na forma de agulha sob seu queixo enquanto olha para mim através da mesa. — Eles me disseram que você foi pega invadindo a propriedade de alguém. E que há uma razão para acreditar que você está sob

a influência de drogas.

Eu tomo meu tempo antes de responder. Invasão? *Quem lhe diria isso?* Algum leitor de tarô? Eu estava em casa. Que eu saiba, nós não contamos a ninguém o que aconteceu. Fomos direto para o hotel ontem à noite, de acordo com nossas notas.

Tantas coisas passam por minha mente. Tento obter uma ordem de tudo.

— Por que você invadiu nossa antiga propriedade, Charlie?

Meu pulso começa a acelerar. Me levanto. — Existe algo para beber

aqui? — Eu pergunto, dando uma volta completa. Tenho sede. Vejo uma máquina de refrigerante, mas eu não tenho dinheiro comigo. Nesse tempo, meu pai enfia a mão no bolso e tira um punhado de moedas. As coloca sobre a mesa.

— Permitem que você tenha dinheiro aqui?

Acena, me olhando com desconfiança o tempo todo. Agarro as moedas e vou para a máquina de refrigerante. Introduzo as moedas e olho para ele. Não olha para mim. Olha para suas mãos sobre a mesa.

Eu espero minha bebida cair para o fundo e, mesmo assim, fico lá mais um minuto enquanto abro e tomo um gole. Este homem me deixa nervosa e eu não sei porquê. Não sei como Charlie o olhava. Eu acho que se eu tivesse memórias dele como meu pai, talvez eu iria me sentir de forma diferente. Mas eu não tenho memórias. Eu só posso ir com o que vejo, e agora eu vejo um criminoso. Um homem pálido infeliz com olhos pequenos e brilhantes.

Quase deixo cair o refrigerante. Cada músculo do meu corpo enfraquece com a compreensão.

Volto a pensar na descrição que Silas e eu escrevemos em nossas notas. A descrição física do camarão. De *Cora*.

— *A chamam de Camarão porque tem olhos redondos e sua pele tem dez tons de rosa quando ela fala.*

Merda. Merda, merda, merda.

*Brett é o pai de Cora?*

Agora ele olha para mim, deve estar se perguntando porque eu tomo tanto tempo para voltar para ele. Eu me aproximo. Quando chego à mesa, eu o olho atentamente. Depois de me sentar, me inclino para a frente e não permito que uma única fração de

minha ansiedade escoe através da minha confiança.

— Vamos jogar algo. — Eu digo.

Ele levanta uma sobrancelha, divertido. — Está bem.

— Vamos fingir que eu perdi minha memória. Sou uma lousa em branco. Tentando compreender as coisas que posso não ter visto de outra forma, por causa de minha adoração por você. Você está acompanhando...?

— Na verdade não. — Diz. Parece amargo. Eu me pergunto se ele é assim quando as pessoas não lhe

agradam.

— Acontece que você é pai de outra garota? Eu não sei, talvez uma com uma mãe louca que poderia me segurar contra a minha vontade?

Seu rosto fica branco. Imediatamente começa a negar, ele vira o seu corpo para longe de mim, e me chama de louca. Mas eu vi o pânico em seu rosto, e eu sei que estou certa.

— Você ouviu a última parte da minha frase ou você apenas se concentra em manter as aparências? — Ele vira a cabeça para olhar para

mim, e desta vez seus olhos não são mais gentis. — Ela me sequestrou. — Digo. — Ela me manteve trancada em um quarto de sua, nossa, casa velha.

Seu pomo de Adão se move ao engolir. Eu acho que ele decide o que me dizer.

— Ela disse que encontrou você invadindo a propriedade. — Disse finalmente. — Disse que parecia furiosa. Não tinha ideia de onde estava. Não queria chamar a polícia porque estava convencida de que havia tomado drogas e trancou você para ajudá-la a se desintoxicar. Tinha

minha permissão Charlie. Me ligou assim que encontrou você na casa.

— Não uso *drogas*. — Eu digo. — E quem em seu perfeito juízo manteria alguém contra a sua vontade?

— Você prefere que ela tivesse chamado a polícia? Você estava agindo como uma louca! E entrou em sua casa no meio da noite.

Eu não sei em que acreditar neste momento. A única lembrança que tenho dessa experiência são as notas que escrevi para mim.

— E essa menina é minha meia-

irmã? Cora?

Ele observa a mesa, incapaz de me olhar nos olhos. Quando não obtenho respostas, decido seguir o seu jogo. — Ser honesto comigo é o melhor para você. Silas e eu encontramos um arquivo que Clark Nash tem procurado desesperadamente desde antes de seu julgamento.

Ele nem sequer pestanejou. Seu rosto de pôquer é muito perfeito. Não me perguntou que arquivo eu tenho. Só diz: — Sim. É a sua meia-irmã. Eu tive um caso com sua mãe anos atrás.

É como se tudo isso acontecesse com um personagem de um programa de televisão. Eu me pergunto como a verdadeira Charlie levaria isso. Começaria a chorar? Correria? Lhe daria um tapa na cara?

Pelo que eu li, provavelmente a última.

— Wow. Oh, wow. A minha mãe sabia?

— Sim. Ela descobriu depois que perdeu a casa.

Que homem patético. Primeiro, ele engana minha mãe. Engravida outra mulher. Depois esconde de sua

esposa e filhas, até que é descoberto?

— Por Deus. — Digo. — Não é de surpreender que ela seja alcoólica. — Me inclino para trás e olho para o teto. — Você a assumiu? A garota sabe?

— Ela sabe. — Ele diz.

Sinto-me queimar de raiva. Por Charlie, por essa pobre menina que tem que ir para a escola com Charlie e ver a vida que não pode ter, e por toda essa situação de merda.

Levo um momento para me recompor, enquanto ele se senta em silêncio. Eu gostaria de poder lhe

dizer que não se revolva na culpa, mas não tenho certeza se esse homem é capaz de sentir culpa.

— Por que elas vivem na casa onde eu cresci? Você deu a elas?

Esta pergunta o faz assumir um tom de rosa claro. Levanta o queixo enquanto olha da esquerda para a direita. Sua voz é mais baixa quando fala, por isso só eu posso ouvir. — Aquela mulher era uma de minhas clientes, Charlie. E um erro. Eu terminei com ela faz anos, um mês antes que ela soubesse que estava grávida. Fizemos um acordo. Que eu estaria presente financeiramente, mas

nada mais. Foi melhor para todos dessa forma.

— Então, o que você diz é que comprou o seu silêncio?

— Charlie. Eu cometi um erro. Acredite em mim, eu pago por dez vezes. Ela usou o dinheiro que lhe enviei todos estes anos para comprar nossa antiga casa em leilão. Ela fez isso apenas para me irritar.

Então ela é vingativa. E talvez um pouco louca. E o meu pai tem a culpa disso?

*Jesus. Isso fica cada vez pior.*

— Você fez o que dizem? —

Pergunto. — Desde que nós estamos dizendo a verdade, eu acho que tenho o direito de saber.

Seu olhar se move ao redor da sala novamente para ver se alguém nos ouve.

— Por que está fazendo todas essas perguntas? — Ele sussurra. — Você não é assim.

— Tenho dezessete anos. Eu acho que tenho o direito de mudar. — Este homem! Eu quero rolar os olhos para ele, mas primeiro eu preciso de mais respostas.

— Por acaso Clark Nash te

colocou nisso? — Ele pergunta, inclinando-se para frente com a acusação, tanto em suas palavras como em sua expressão. — Você está envolvida com Silas de novo?

Tenta voltar para mim novamente. Já não pode mais me afetar.

— Sim, — eu digo, sorrindo docemente. — Estou envolvida com Silas novamente. Estamos apaixonados e muito felizes. Obrigada por perguntar.

As veias se destacam em suas têmporas. Suas mãos apertadas em punhos de raiva. — Charlie, você

sabe o que eu penso sobre isso.

Sua reação me faz recuar. Levanto-me e a cadeira patina para trás com um grito. — Deixe-me dizer o que eu penso, pai. — Dou um passo para longe da mesa e aponto o dedo. — Você arruinou muitas vidas. Acredita que o dinheiro pode tomar o lugar de suas responsabilidades. Suas ações levaram minha mãe a beber. Deixou suas filhas sem nada, nem mesmo um modelo em suas vidas. Para não mencionar todas as pessoas que você enganou em sua empresa. E ainda culpa todos os outros. Porque você é um ser humano de merda. E um pai

ainda pior! — Digo. — Não conheço Charlie e Janette muito bem, mas sei que merecem algo melhor. — Me viro e vou embora, jogando algumas palavras finais sobre meu ombro: — Adeus, Brett! Tenha uma boa vida!



Estou sentado de pernas cruzadas

sobre o capô do carro, inclinando-me sobre o para-brisa e escrevendo notas quando ela retorna. Ela esteve lá dentro mais de uma hora, então eu fiz o que ela me disse, e esperei aqui para manter um olho sobre nossos irmãos. Me sento direito quando a vejo. Não pergunto se descobriu algo, só espero que diga algo. Ela não parece querer falar nesse momento.

Ela caminha diretamente para o carro. Faz um breve contato visual comigo quando passa do meu lado. Viro a cabeça e a observo enquanto caminha para a parte de trás do carro e depois de volta para a frente. Em

seguida, para a parte de trás. E para frente.

Suas mãos estão cerradas ao seu lado. Janette abre a porta do passageiro e sai do carro. — O que tinha para dizer o maior pai do mundo que esteve na prisão?

Charlie para bruscamente. — Você sabia sobre Cora?

Janette joga seu pescoço para trás e balança a cabeça. — Cora? Quem?

— A Camarão. — Charlie diz em voz alta. — Você sabia que ele é seu pai?

A boca de Janette cai aberta e eu

imediatamente pulo do capô do carro.

— Espera. O *quê?* — Digo, caminhando em direção a Charlie.

Ela levanta as mãos e esfrega o rosto, em seguida, alinha os seus dedos para que pareçam como um campanário enquanto respira lentamente. — Silas, eu acho que você estava certo. Isto não é um sonho.

Eu posso ver o medo em cada parte dela. Um medo que ela não teve desde que perdeu a memória novamente há algumas horas. Tudo a está impactando justo agora. Dou um

passo lento para a frente e estendeu a mão. — Charlie. Está bem. Nós encontraremos uma solução.

Ela dá um passo rápido para trás e começa a sacudir a cabeça. — O que acontece se nós não encontrarmos? E se isso continuar acontecendo? — Ela começa a andar novamente, desta vez com as mãos atrás de sua cabeça. — E se isso acontecer novamente e novamente até que as nossas vidas tenham sido desperdiçadas!? — Seu peito começa a subir e descer com as profundas respirações que toma.

— O que há de errado com você? — Pergunta Janette. Ela dirige a sua

próxima pergunta para mim. — O que eu estou perdendo?

Landon está de pé ao meu lado agora, então me viro para olhá-lo. — Vou levar Charlie para uma caminhada. Poderia explicar a Janette o que está acontecendo com a gente?

Ele pressiona os lábios e acena. — Sim. Mas ela vai achar que todos nós estamos mentindo.

Pego Charlie pelo braço e a instigo a caminhar comigo. As lágrimas começam a correr pelo seu rosto e ela as limpa furiosamente. — Ele estava vivendo uma vida dupla. Como ele

pôde fazer isso com ela?

— Com quem? — Pergunto. —  
Janette?

Ela para e diz: — Não, não Janette.  
Ou Charlie. Ou minha mãe. Com  
Cora. Como ele poderia saber que é  
pai de uma criança e se recusar a ter  
algo a ver com isso? Ele é uma pessoa  
horrível, Silas! Como Charlie não viu  
isso?

Ela está preocupada com  
Camarão? A menina que ajudou a  
mantê-la *cativa* por um dia?

— Tente respirar profundamente.  
— Digo, agarrando-a pelos ombros e

forçando-a a olhar-me no rosto. — Talvez nunca viu esse lado dele. Ele foi bom para você. Você o amava baseado na pessoa que fingia ser. E você não pode sentir pena por essa menina, Charlie. Ela ajudou sua mãe a trancá-la contra a sua vontade.

Ela balança a cabeça para trás e para a frente com fervor. — Elas nunca me machucaram, Silas. Coloquei isso na carta. Ela foi rude, com certeza, mas eu era a única que invadiu sua casa! Devo tê-la seguido até ali na noite em que não subi no táxi. Ela pensou que eu estava drogada, porque não tinha memórias

de qualquer coisa, e não a culpo! E logo esqueci quem eu era de novo e, provavelmente, comecei a entrar em pânico. — Exala bruscamente e para pôr um minuto. Quando ela olha para mim, está parecendo mais calma. Pressiona os lábios e passa a língua neles. — Eu não acho que ela teve algo a ver com o que aconteceu com a gente. É apenas uma mulher louca, amarga, odiando meu pai, e que talvez queria algum tipo de vingança doente sobre como eu tratei sua filha. Mas elas foram trazidas para a igreja por nós. Todo esse tempo temos olhado para outras pessoas... tentando

culpar os outros. Mas e se... — exala um suspiro — o que acontece se fizemos isso um ao *outro*?

Solto seus ombros e dou um passo para trás. Ela se senta na calçada e coloca a cabeça entre as mãos. Não há nenhuma maneira de que nós tenhamos feito isso a nós mesmos de propósito. — Eu não acho que isso seja possível, Charlie. — Digo, sentando ao lado dela. — Como poderíamos ter feito isso? Como duas pessoas simultaneamente perdem a memória ao mesmo tempo? Tem que ser algo maior do que nós somos capazes.

— Se tem que ser maior do que nós, então também tem que ser maior do que o meu pai. E Cora. E a mãe de Cora. E minha mãe. E seus pais. Se não formos capazes de ocasionar isso, então ninguém deve ser capaz de fazê-lo.

Assinto. — Eu sei.

Ela coloca seu polegar na boca durante um segundo. Logo diz: — Então, se isso está acontecendo para nós devido a outras pessoas ... quem poderia ser?

Posso sentir os músculos do meu pescoço tencionarem. Coloco as mãos

por trás da minha cabeça e olho para o céu. — Algo maior?

— O que é maior? O universo? *Deus*? É este o início do apocalipse?

Ela se levanta e começa a andar de um lado para o outro na minha frente. — Acha que acreditávamos em Deus? Antes que isso ocorresse?

— Não tenho ideia. Mas eu orei mais nos últimos dias do que eu provavelmente orei na minha vida.

Eu me levanto e agarro sua mão, levando-a para o carro. — Quero saber tudo o que você disse ao seu pai. Você pode voltar e anotar tudo o

que ele lhe disse, enquanto eu dirijo.

Ela desliza os dedos entre os meus e caminha de volta para o carro. Quando voltamos, Janette está encostada na porta do passageiro. Olha para nós fixamente. — Então você realmente não se lembra de nada? Nenhum dos dois? — Seu olhar está focado em Charlie somente.

Eu faço um sinal para ela e Landon se sentarem no banco de trás desta vez. Abro a porta do motorista, enquanto Charlie responde: — Não. Nós não podemos. E eu juro que não estou inventando isso, Janette. Não

sei que tipo de irmã tenho sido com você, mas eu *juro* que eu não inventei isso.

Janette olha para Charlie por um minuto e, em seguida, diz: — Você tem sido uma irmã de merda nos últimos dois anos. Mas supondo que tudo o que Landon disse é verdade e você não consegue lembrar de nada, então isso explica por que nenhum de vocês me desejou um feliz aniversário hoje, idiotas. — Abre a porta do banco de trás, sobe, e depois fecha a porta.

— Ouch. — Diz Charlie.

— Sim. — Concorde. —

Esqueceu o aniversário de sua irmã?

Muito egoísta de sua parte, Charlie.

— Ela me bate no peito de brincadeira. Eu pego sua mão e juro que um momento se passa entre nós. Um segundo em que me olha como se pudesse sentir o que uma vez sentiu por mim.

Mas, em seguida, pisca, retira a mão da minha, e entra no carro.



Não é minha culpa que o universo

está me punindo.

A nós. Silas e eu.

Continuo esquecendo que Silas está ferrado também, o que deve significar que eu sou narcisista. *Ótimo*. Penso em minha irmã no carro comigo, que está tendo um aniversário realmente de merda. E na minha meia-irmã vivendo em minha antiga casa com sua mãe psicótica, que, de acordo com o meu diário, tem sido atormentada por uma década. Eu sou uma pessoa ruim, e uma irmã ainda pior.

Eu olho para fora da janela e

observo todos os outros carros estúpidos. Eu não me lembro, mas posso, pelo menos, me assegurar de que Janette tenha boas memórias deste dia.

— Hey, Silas. — Digo. — Você pode colocar algo nesse luxuoso GPS para mim?

— Sim. — Ele me diz. — Como o que?

Não conheço a menina no banco de trás. Ela poderia ser viciada em jogos até onde sei. — Uma Playroom. — Eu digo.

Vejo Landon e Janett se animando

do banco traseiro. *Sim!* Me felicito. Todo mundo gosta de vídeo-games. É fato.

— Um pouco estranho que você queira ir jogar vídeo-game. — Diz Silas. — Você não acha que nós deveríamos...

— Acho que devemos jogar. — Eu o interrompo. — É o aniversário de Janette. — Abro os olhos amplamente para ele entender que este não é um assunto aberto à discussão. Ele faz uma expressão de "O" e me dá um sinal de aprovação com o polegar para cima. Charlie odeia o sinal de aprovação com os

polegares, percebo a reação imediata do seu corpo ante a isso.

Silas encontra uma sala de jogos não muito longe de onde estamos.

Quando chegamos lá, puxa a carteira e procura até encontrar um cartão de crédito. Janette me olha, envergonhada, mas eu dou de ombros.

Eu mal conheço esse cara. Assim o que me importa se está gastando seu dinheiro com a gente? E eu não tenho dinheiro. Meu pai perdeu tudo e o pai de Silas ainda tem, então está bom.

*Eu não sou só uma narcisista como*

*também estou me justificando.*

Levamos as nossas fichas em copos de papel, e logo que estamos na sala de jogos, Janette e Landon vão fazer suas próprias coisas. Juntos. Olho para Silas e gesticulo: — Vê?

— Vamos. — Diz Silas. — Vamos comprar pizza. Deixe os garotos jogarem.

Ele pisca para mim e tento não sorrir.

Encontramos uma mesa para esperar pela nossa pizza, e deslizo para a cadeira, passando os braços em volta dos meus joelhos. — Silas... —

digo. — E se isto continuar acontecendo com a gente? Este ciclo interminável de esquecimento. O que vamos fazer?

— Eu não sei. — Ele diz. — Conhecer-nos novamente e novamente. Não é tão ruim, certo?

Olho para ver se ele está brincando. Não é tão ruim. Mas a situação sim. — Quem quer passar sua vida sem sabe quem é?

— Eu poderia passar todos os dias te conhecendo de novo, Charlie, e não me cansaria disso.

Calor sobe pelo meu corpo e

rapidamente desvio o olhar. Esse é meu modus-operandi com Silas: *não olhar, não olhar, não olhar*.

— Bobo. — Digo. Mas não é. Ele é romântico e suas palavras são poderosas. Charlie não é, eu percebo. Mas quer ser, eu também sei disso. Quer desesperadamente que Silas lhe mostre que tudo isso é mentira. Há um impulso dentro dela cada vez que olha para ele. É como uma atração, e quero tirá-la cada vez que acontece.

Suspiro e pego um pacote de açúcar, derramando no pote sobre a mesa. Ser uma adolescente é exaustivo. Silas olha para mim em

silêncio, desenhando padrões no açúcar até que finalmente pega minha mão.

— Acharemos uma solução. — Me assegura. — Estamos no caminho certo.

Limpo minhas mãos em minhas calças. — Está bem. — Apesar de que sei que não estamos em nenhum caminho. Estamos tão perdidos como quando acordamos no hotel.

Eu sou uma mentirosa. *Uma narcisista, uma justificadora e uma mentirosa.*

Janette e Landon nos encontram

bem na hora em que a pizza chega. Sentam na nossa mesa, as faces coradas e rindo. Desde a hora em que conheci Janette ainda não a tinha visto rir. Agora odeio ainda mais o pai de Charlie. Por destruir uma adolescente. Duas adolescentes na verdade. Bem... três, agora eu sei sobre Cora.

Observo Janette morder a pizza. Não precisa ser assim. Se eu pudesse sair dessa ... questão ... eu poderia cuidar dela. Ser melhor. Para as duas.

— Charlie — diz, colocando na mesa o seu pedaço — Você vem para jogar comigo?

Sorrio. — Sim, claro.

Eu sorrio com entusiasmo e meu coração se sente tão grande e completo. Quando olho para Silas, ele está me observando com os olhos brilhando. O canto de sua boca se elevou em um pequeno sorriso.



Está oscuro quando chegamos à

entrada da casa de Charlie e Janette. Há um momento estranho em que eu provavelmente deveria acompanhar Charlie até a porta, mas com base na maneira em que Landon e Janette flertavam no banco de trás, não sei como nós quatro faríamos isso ao mesmo tempo.

Janette abre a porta, e em seguida, Landon abre a sua, então Charlie e eu esperamos no carro.

— Eles estão trocando números.  
— Diz ela, observando-os. — Que bonitinho.

Nos sentamos em silêncio vendo-

os flertar até Janette desaparecer dentro de casa.

— Nossa vez. — Charlie diz, abrindo a porta.

Caminho lentamente ao seu lado na calçada, esperando que sua mãe não me veja aqui. Hoje à noite eu não tenho energia para lidar com aquela mulher.

Eu me sinto mal porque Charlie está prestes a ter de fazer isso.

Ela torce suas mãos nervosamente. Sei que atrasa o momento porque não quer que a deixe sozinha. Cada memória que tem é sobre ela e eu. —

Que horas são? — Ela pergunta.

Eu puxo o meu telefone do bolso.  
— Mais de dez.

Assente e olha para trás em direção à casa. — Espero que minha mãe esteja dormindo. — Diz. E então: — Silas...

Eu interrompo o que está prestes a dizer. — Charlie, eu acho que não devemos nos separar esta noite.

Seus olhos se voltam para encontrar os meus. Parece aliviada. Apesar de tudo, sou a única pessoa que conhece. A última coisa que precisamos é ser distraídos por

peessoas que não conhecemos. — Bem. Eu ia sugerir isso.

Inclino minha cabeça para a porta atrás dela. — Sem dúvida, precisamos fazer com que pareça que você está em casa. Vá para dentro. Aja como se estivesse indo dormir. Irei deixar Landon em casa e voltarei para te buscar em uma hora.

Ela concorda. — Nos encontramos no final da rua. — Diz. — Onde acha que deveríamos ficar essa noite?

Penso nisso. Talvez o melhor seja que ficássemos em minha casa, assim poderíamos ver se em meu quarto

tem alguma coisa que pode nos ajudar. — Levarei você escondida para o meu quarto na parte de cima. Temos muito que repassar essa noite.

O olhar de Charlie vai para o chão. — Acima? — Diz com curiosidade. Ela inala uma respiração lenta, e posso ouvir o ar saindo por entre seus dentes cerrados. — Silas? — Levanta o olhar para mim, seus olhos semicerrados. Tem um olhar acusador e não tenho ideia do que fiz para recebê-lo. — Não mentiria para mim né?

Inclino a cabeça, sem saber se ouvi direito. — O que você quer dizer?

— Tenho notado coisas. Pequenas coisas. — Disse.

Posso sentir meu coração batendo mais lentamente. *O que disse?* — Charlie... não sei onde quer chegar.

Ela dá um passo para trás. Cobre a boca com a mão por um momento e diz: — Como sabe que seu quarto está na parte de cima quando ainda não foi a sua casa?

*Merda.* Disse em cima.

Sacudindo a cabeça, continua: — E antes, fez um comentário na prisão. Como sabia que tem orado muito nos últimos dias, já que se supõe que só

temos memórias de hoje. E esta manhã... quando lhe disse que meu nome era Dalilah? Pude ver que tentava não sorrir. Porque sabia que era mentira. — Sua voz começa a soar suspeita e assustada. Estendo a mão para tranquilizá-la, mas ela dá um passo para mais perto da casa.

Isso é um problema. Não tenho certeza de como responder-lhe. Não gosto que ela prefira correr para dentro da casa, que há cinco minutos a assustava, a estar perto de mim. *Por que menti para ela essa manhã?*

— Charlie. Por favor, não tenha medo de mim. — Mas percebo que já

é tarde.

Ela corre para a porta da frente, mas sou mais rápido e a pego, envolvendo meus braços ao redor dela e a aperto contra meu peito. Ela começa a gritar e cubro sua boca com a minha mão. — Acalme-se. — Lhe digo no ouvido. — Não vou machucar você. — A última coisa que preciso é que não confie em mim. Ela agarra meu braço com ambas as mãos, tentando se soltar. — Tem razão Charlie, tem razão. Menti. Mas se ficar calma por dois segundos explicarei o motivo.

Ela levanta uma perna enquanto

continuo segurando-a por trás. Lança seu pé contra a casa e nos empurra tão forte que envia nós dois para trás. A solto e ela começa a se arrastar para longe de mim, mas consigo agarrá-la de novo e vira-la sob suas costas. Olho em seus olhos que estão arregalados, mas dessa vez ela não está gritando.

Minhas mãos pressionam seus braços contra o chão.

— *Pare.* — Digo.

— Por que mentiu para mim? — Grita. — Por que fingiu que isso também acontecia com você? — Ela

se contorce um pouco de maneira que a seguro mais forte.

— Não estou fingindo, Charlie. Estava esquecendo as coisas igual a você. Mas hoje não. Não sei o porquê. Mas só me lembro dos últimos dois dias. Juro. — Olho fixamente em seus olhos. Continua tentando se soltar, mas me dou conta de que quer ouvir minha explicação. — Esta manhã, eu não queria que ficasse com medo, então fingi que isso aconteceu comigo de novo. Mas juro que, até essa manhã, isso estava acontecendo com nós dois.

Ela desiste da luta e simplesmente

deixa cair sua cabeça para um lado. Fecha os olhos, completamente exausta. Emocionalmente e fisicamente. — Por que isso está acontecendo? — Sussurra derrotada.

— Eu não sei, Charlie. — Digo, soltando um dos seus braços. — Não sei. — Tiro o cabelo de seu rosto. — Estou indo. Vou me levantar e entrar no meu carro. Depois de deixar Landon, vou voltar para você, ok?

Ela acena, mas não abre os olhos. Libero o outro braço e eu me levanto rapidamente. Já que não estou mais a segurando no chão, ela se senta e então levanta fugindo para longe de

mim rapidamente.

— Eu menti para protegê-la. *Não* para machuca-la. Você acredita em mim, certo?

Ela esfrega as partes de seus braços onde toquei. Fala um sim fraco e depois de limpar a garganta continua: —Volte em uma hora. E nunca mais minta para mim.

Espero para que entre em sua casa antes de voltar para o carro.

— Que diabos foi aquilo? — Landon pergunta.

— Nada. — Eu digo, olhando pela janela quando passamos por sua casa.

— Eu apenas disse boa noite. —  
Estendo a mão e pego todas as nossas  
coisas no banco de trás. — Vou  
voltar para o meu Nunca Jamais Land  
Rover.

Landon ri. — Ontem à noite, nós  
o destruímos um pouco. Nós  
batemos a porta?

Me lembro. Eu estava lá. — Mas  
ainda assim ele funcionava bem. Vale  
a pena tentar, e eu não posso dirigir ...  
de qualquer maneira, de quem é esse  
carro?

— Mamãe. Enviei uma mensagem  
de texto esta manhã e disse-lhe que o

seu estava na oficina e que precisávamos do dela.

Eu sabia que eu gostava desse garoto.

— Então... Janette, hein? —  
Pergunto.

Ele se vira para a janela. — Cale a boca.

---

A extremidade dianteira da Land Rover era um desastre de metal retorcido e escombros. Mas, aparentemente, os danos foram apenas estéticos, pois o motor estava bem.

Tive que usar toda a minha força de vontade para não voltar e gritar com a mulher psicopata por ter nos levado na direção errada, mas não o fiz. O pai de Charlie já causou agitação suficiente no seu mundo.

Silenciosamente dirijo meu carro para a casa de Charlie e espero no final da rua, como disse que faria. Envio uma mensagem para que ela saiba que estou em um veículo diferente.

Teorias começam a surgir na minha mente enquanto eu espero. É difícil para eu parar de acreditar que há um propósito que explique nossa

situação, mas tudo o que consigo pensar é que são de outro mundo.

*Uma maldição.*

*Uma abdução alienígena.*

*Viagem no tempo.*

*Tumores cerebrais gêmeos?*

Nada disso faz sentido.

Estou escrevendo mais notas quando a porta do passageiro se abre. Uma rajada de vento segue Charlie para dentro do carro, e me faz querer puxá-la para o meu lado. Seu cabelo está molhado e ela usa outras roupas.

— Olá.

Ela diz: — Oi. — E coloca o cinto de segurança. — O que você estava escrevendo?

Entrego o caderno e caneta, e logo me afasto da calçada. Ela começa a ler o meu resumo.

Ao terminar, ela diz: — Nada disto faz sentido, Silas. Tivemos uma briga e terminamos a noite antes de que isso começasse. No dia seguinte não conseguimos lembrar nada a não ser coisas aleatórias, como livros e fotografias. Já acontece há uma semana, até que você não perde a memória e eu sim. — Ela coloca os pés no banco e dá batidinhas no

caderno com a caneta. — O que estamos perdendo? Tem que ter algo. Não tenho lembranças de antes dessa manhã, então o que aconteceu ontem que fez você deixar de esquecer? Aconteceu alguma coisa na noite passada?

Eu não respondo imediatamente. Penso em suas perguntas. Antes, estávamos assumindo que outras pessoas tinham algo a ver com isso. Nós pensamos que a camarão estava envolvida, nós pensamos que sua mãe também. Por um tempo, eu queria acusar o pai de Charlie. Mas talvez não tenha nada a ver com ninguém,

mas tudo a ver com nós dois.

Chegamos em minha casa sem estar mais perto da verdade do que esta manhã. Dois dias atrás, ou na semana passada.

— Vamos pela porta de trás caso os meus pais estejam acordados. — A última coisa que preciso é que me vejam escondendo Charlie no meu quarto para passar a noite. A porta de trás vai nos levar para perto do escritório do meu pai.

Está destrancada, então eu vou primeiro. Quando eu vejo que tudo está limpo, eu agarro a mão dela e

levo-a correndo pela casa até as escadas para o meu quarto. No momento em que fecho a porta atrás de nós e tranco, ambos respiramos com dificuldade. Ela ri e se joga na minha cama. — Isso foi divertido. — Diz ela. — Aposto que fizemos isso antes.

Ela se senta e tira o cabelo de seus olhos, sorrindo. Começa a olhar ao redor do meu quarto, com os olhos que estão vendo tudo pela primeira vez de novo. E imediatamente, eu sinto um desejo em meu peito, semelhante ao que eu senti ontem à noite no hotel quando ela adormeceu

nos meus braços. A sensação de que faria qualquer coisa para ser capaz de lembrar o que era amá-la. Deus, eu quero ter isso de volta. Por que nós terminamos? Por que deixamos tudo o que aconteceu entre as nossas famílias se intrometer entre nós? Olhando de fora, quase acreditei que éramos almas gêmeas antes de deixar que tudo desmoronasse. *Por que pensamos que poderíamos lutar contra o destino?*

Eu paro.

Quando ela me olha, sabe que algo está passando pela minha cabeça. Ela se move para a beira da cama e

pergunta. — Você se lembra de alguma coisa?

Sento-me na cadeira e viro-me para ela. Pego suas mãos e aperto. — Não. — Digo. — Mas tenho uma teoria.

Ela senta-se reta. — Que tipo de teoria?

Tenho certeza que isso está prestes a soar mais louco do que o que está girando em sua cabeça. — Está bem... isto pode parecer estúpido, mas na noite passada... quando estávamos no hotel?

Acena, incentivando-me a continuar.

— Uma das mais recentes ideias que tive antes de adormecer, foi que enquanto você estava desaparecida, eu não me sentia inteiro. Mas quando te encontrei, foi a primeira vez que eu me senti como Silas Nash. Até então, eu não me sentia como ninguém. E me lembro de jurar antes de adormecer que eu nunca permitiria que nos separássemos novamente. Então eu estava pensando... — Libero suas mãos e me levanto. Ando ao redor do quarto algumas vezes até que ela se põe de pé também. Não deveria ter vergonha de dizer a próxima parte em voz alta, mas eu

tenho. É ridículo. Mas também é alguma coisa no mundo neste momento.

Eu esfrego os nervos no meu pescoço enquanto olho em seus olhos. — Charlie? E se... quando nós terminamos... nós fodemos o destino?

Eu espero que ela ria, mas em vez disso, uma onda de calafrios percorre seus braços. Ela esfrega-os lentamente, enquanto recua na cama. — Isso é ridículo. — Murmura. Mas não há nenhuma condenação em suas palavras, que significa que, talvez, uma parte dela ache que vale a pena

explorar a teoria.

Me sento na cadeira de novo e eu me posiciono na frente dela. — O que acontece se nós deveríamos estar juntos? E brincar com isso causou uma espécie de... não sei... rachadura.

Ela revira os olhos. — Então, o que você está sugerindo é que o universo limpou todas as nossas memórias porque nós *terminamos*? Isso parece um pouco narcisista.

Nego com a cabeça. — Sei como isso soa. Mas sim. Hipoteticamente falando... e se existem almas gêmeas? E uma vez que elas se encontram, não

podem se separar?

Ela cruza as mãos cruzadas no colo. — Como é que isso explica que dessa vez você lembrou e eu não?

Eu ando ao redor do quarto um pouco mais. — Deixe-me pensar um pouco mais. — Digo. Ela espera pacientemente enquanto eu passo o pé no chão áspero. Levanto um dedo. — Ouça-me, está bem?

— Estou ouvindo. — Ela diz.

— Nos amávamos desde a infância. Obviamente, temos uma conexão, que já dura uma vida inteira. Até que fatores externos começaram a ficar no

nosso caminho. A situação com nossos pais, nossas famílias se odeiam. Que você tenha rancor de mim por acreditar que seu pai era culpado. Há um padrão aqui, Charlie. — Agarro o caderno em que eu escrevi tudo o que naturalmente lembrava e o que não. — E nossas recordações... podemos lembrar coisas que não nos foram forçadas. Coisas pelas quais cada um de nós sentia paixão por nossa própria conta. Você se lembra dos livros. Eu lembro-me como uma câmera funciona. Recordamos as letras de nossas canções favoritas. Lembramo-

nos de certas coisas na história ou histórias aleatórias. Mas as coisas que foram forçadas por outros, esquecemos. Como o futebol.

— E o que acontece com as pessoas? — Ela pergunta. — Por que não nos lembramos das pessoas que conhecemos?

— Se nos lembrássemos das pessoas, teríamos *outras* recordações. Lembraríamos de como os conhecemos, o impacto que tiveram em nossas vidas. — Seguro a parte de trás de sua cabeça. — Eu não sei, Charlie. Muita coisa não faz sentido ainda. Mas na noite passada, eu senti

uma conexão com você outra vez. Como se eu tivesse te amado por anos. E esta manhã... Eu não perdi minhas memórias como você. Isso tem que significar algo.

Charlie se levanta e começa a andar ao redor do quarto. — *Almas gêmeas?* — Murmura. — Isso é quase tão ridículo quanto uma maldição.

— Ou duas pessoas desenvolverem amnésia em sincronia?

Ela estreita os olhos para mim. Posso ver como sua mente dá voltas enquanto morde a ponta do polegar. — Bem, então, explica como se

apaixonou por mim novamente só em dois dias. E se somos almas gêmeas, por que eu não voltei a me apaixonar por você? — Ela para de caminhar e espera pela minha resposta.

— Você passou muito tempo trancada em sua velha casa. E eu passei todo esse tempo procurando por você. Eu estava lendo nossas cartas de amor, revisando o telefone, lendo seus diários. Até o momento em que te encontrei ontem, me senti como se eu já te conhecesse. Para mim, ler tudo isso de nosso passado, de alguma forma me conectou a você de novo... como se alguns dos meus

antigos sentimentos tivessem  
retornado. Mas você... eu era pouco  
mais que um estranho.

Nos sentamos. Pensando.  
Contemplando a possibilidade de que  
este pode ser o padrão mais próximo  
que nós encontramos.

— Então, o que você está  
sugerindo é... que éramos almas  
gêmeas. Mas então influências  
externas nos arruinaram como  
pessoas e nós nos esquecemos?

— Sim. Talvez. Acho que sim.

— E vai continuar acontecendo até  
que nós concertemos as coisas?

Eu dou de ombros, porque eu não tenho certeza. É apenas uma teoria. Mas faz mais sentido do que qualquer outra coisa que nós descobrimos.

Cinco minutos se passam, enquanto nenhum de nós diz uma palavra. Ela finalmente se deita na cama com um profundo suspiro e diz: — Você sabe o que isso significa?

— Não.

Ela levanta-se nos cotovelos e olha para mim. — Se isso for verdade... temos apenas trinta e seis horas para que eu me apaixone por você.

Não sei se estamos certos, ou se

estamos prestes a passar o resto do nosso tempo perseguindo um beco sem saída, mas eu sorrio porque estou disposto a sacrificar as próximas trinta e seis horas para verificar esta teoria. Vou para a cama e me deito ao seu lado.

Ambos estamos olhando para o teto quando eu digo: — Bem, Charlie, baby. É melhor começarmos.

Ela joga um braço sobre os olhos e geme. — Eu não te conheço muito bem, mas agora eu posso dizer que vamos nos divertir.

Eu sorrio, porque ela está certa. —

Está tarde. — Eu digo. — Devemos tentar dormir um pouco, porque o seu coração terá um treinamento sério amanhã.

Eu coloco o meu alarme para seis horas para que possamos estar despertos e fora da casa antes que alguém acorde. Charlie dorme perto da parede e cai no sono em poucos minutos. Eu não me sinto capaz de dormir cedo, então eu pego um de seus diários na mochila e decido ler algo antes de ir dormir.

*Silas está louco...*

Um verdadeiro louco.  
Mas, meu Deus, me sinto  
tão bem com ele.

Ele começou um jogo  
que me obriga a jogar às  
vezes chamado Filas  
mandou. É exatamente o  
mesmo que O mestre  
mandou, mas... você sabe.  
Com o seu nome no lugar  
de mestre. O que seja. É  
melhor do que mestre.

Hoje estávamos na rua Bourbon e fazia muito calor, e estávamos os dois suando e sofrendo. Não tínhamos ideia de onde estavam nossos amigos e só íamos nos encontrar com eles em uma hora. Quando se trata de Filas e eu sempre sou aquela que reclama, mas dessa vez por causa do calor ele reclamou

um pouco.

De qualquer maneira, caminhamos um pouco para perto de um cara que estava apoiado em um tamburete e tinha pintado a si mesmo como um robô. Havia um cartaz apoiado em seu tamburete que dizia: "Faça-me uma pergunta. Obtenha uma resposta verdadeira. Só

vinte e cinco centavos.”

Silas me deu uma moeda, que joguei no pote. — Qual o significado da vida? — Perguntei ao homem de prata.

Ele virou a cabeça e me olhou nos olhos. Em uma impressionante voz de robô me disse: — Isso depende da vida em que busque o significado.

Revirei os olhos para Silas. Era só um truque para entreter os turistas. Limpei minha garganta e perguntei novamente para que meu dinheiro não fosse tão mal gasto. — Está bem. — Disse. — Qual o significado da minha vida?

Ele deu um passo cambaleante, saiu do

tamborete e se inclinou até fazer um ângulo de noventa graus. Os dedos de prata pegaram meu dinheiro do pote e colocou na palma de sua mão. Deu uma olhada em Silas e depois em mim e disse: — Você, minha querida, já encontrou seu significado. Tudo o que pode fazer agora... é

dançar.

Então o homem de prata começou a dançar. Como... um baile. Nem sequer no estilo robô. Ele tinha um grande sorriso em seu rosto e levantou as mãos como uma bailarina e dançou como se ninguém estivesse observando. Nesse momento, Filas agarrou minhas mãos e disse

imitando a voz de robô: —

Dança comigo. —

Tentou me puxar para que eu dançasse com ele, mas não. Que embaraçoso. Me afastei, mas ele envolveu seus braços ao meu redor e fez essa coisa de colocar a boca em meu ouvido. Sabe que fico louca com isso, por isso foi muito injusto. Sussurrou: — Silas disse

que dance.

Não sei o que falei nesse momento. Não sei por que, na realidade não me importava de verdade se alguém nos observava ou se era porque me falava com essa voz de robô. Fosse o que fosse, tenho certeza de que me apaixonei por ele hoje. Mais uma vez. Pela décima vez.

Então fiz o que Silas disse. Dancei. E sabe o que? Foi divertido. Muito. Dançamos ao redor da Praça Jackson e continuamos dançando até que nossos amigos nos encontraram.

Nós estávamos cobertos de suor e se estivesse nos assistindo da calçada, eu seria aquela menina que

enrugaria o nariz e diria:  
— Que repugnante! —  
Em voz baixa.

Mas não sou essa  
garota. Não quero voltar a  
ser essa garota. Pelo o  
resto da minha vida quero  
ser essa garota dançando  
com Silas.

Porque ele está louco. É  
por isso que lhe amo.

Fecho o diário. Isso aconteceu?

Queria ler mais, mas temo que se continuar vou encontrar coisas que não quero lembrar.

Coloco o diário na mesa de cabeceira e dou a volta para que possa envolver meus braços ao redor dela. Quando acordarmos pela manhã só nos restará um dia. Quero que ela seja capaz de deixar de lado tudo o que está acontecendo entre nós para se concentrar em mim e na nossa ligação e em nada mais.

Conhecendo Charlie... vai ser difícil. Vai levar algumas habilidades loucas para fazê-lo.

Felizmente... eu sou louco. *E é por isso que ela costumava me amar.*



— Tudo bem, então, como isso

funciona? — Eu pergunto enquanto caminhamos em direção ao carro. — Passeamos através do pântano em um barco de remos, enquanto as pequenas criaturas cantam "Kiss the Girl"?

— Não seja uma sabe tudo. — Silas sorri. Então me para antes de chegar ao carro, segurando a minha mão e detendo-me. Levanto o olhar com surpresa. — Charlize — diz, olhando primeiro meus lábios, então os meus olhos, — se você me der meia chance, eu posso fazer você se apaixonar por mim.

Eu limpo minha garganta e tento

não olhar, ainda que queira. — Bem... você teve um bom começo. Isso você tem.

Ele ri. Sinto-me tão estúpida, eu não sei o que fazer comigo mesma, de modo que finjo espirrar. Ele nem mesmo diz *saúde*. Apenas sorri para mim, como se soubesse que era um espirro falso.

— Chega. — Digo. — Você está me olhando fixamente.

— Esse é o ponto, Charlie. *Me olhe* nos olhos.

Eu rio. — Você está encantador, Silas Nash. — Digo, andando para o

meu lado do carro.

Quando colocamos o cinto, Silas se vira para mim e diz: — De acordo com uma carta que você escreveu quando tivemos nossa primeira relação sexual foi...

— Não. Eu não quero ir para lá. De onde você tirou a carta? Eu pensei que a escondi.

— Não bem o suficiente. — Silas sorri.

Acho que gosto do Silas encantador. Mesmo que esqueça tudo novamente amanhã, pelo menos eu vou ter um bom dia. — Vamos a um

lugar divertido. — Digo. — Não me lembro da última vez que me diverti.

Ambos começamos a rir ao mesmo tempo. Eu gosto dele. Realmente gosto. É tão fácil estar com ele. Ele ri muito, também. Tipo, a gente está fodido agora, e ainda assim ele está sempre sorrindo. *Preocupe-se um pouco, amigo.* Ele faz-me rir quando eu deveria estar preocupada.

— Tudo bem. — Diz, olhando para mim. — Eu preferiria ir para aquele lugar da carta onde fiz aquela coisa com a minha língua, mas...

É automático, deve pertencer a

Charlie; mas assim que as palavras estão fora de sua boca, a minha mão alcança através espaço entre nós e bate no seu braço. Ele pega a minha mão antes que eu possa puxá-la e a coloca contra seu peito. Isso também parece como algo que tem sido feito antes, algo que lhes pertence; a Charlie e Silas, não esse cara e eu.

Me faz sentir cansada de estar assim com ele, mesmo que seja apenas a minha mão. Não posso me dar ao luxo de estar cansada, então eu olho para fora da janela.

— Você está lutando contra isso.

— Diz. — Isso desafia o objetivo.

Tem razão. Agarro a sua mão. — Isto está fazendo com que eu ame você. — Eu digo. — Um amor do fundo da alma.

— Gostaria de saber se você é menos ridícula quando você tem a sua memória.

Eu ligo o rádio com minha mão livre. — Duvido — Digo.

Eu gosto de fazê-lo sorrir. Não é preciso muito para fazer os cantos de sua boca se mexerem, mas para realmente fazer com que seus lábios se curvem todo, tenho que ser mais ousada. Seus lábios estão agora,

completamente curvados enquanto estamos parados no trânsito, e eu sou capaz de vê-lo sem ele olhar para mim. Estamos agindo como se nós nos conhecêssemos, embora nossas mentes conscientes não se conheçam entre si. Por quê?

Pego a mochila para procurar a resposta em suas cartas ou meus diários.

— Charlize — Silas diz — a resposta não está aí. Fica Comigo. Não se preocupe com isso.

Deixo cair sua mochila. Eu não sei para onde ele está dirigindo. Não sei

se sabe onde ele está nos levando, mas parou em um estacionamento justamente quando começa a chover. Não há outros carros aqui e está chovendo muito forte para que possa ver o que tem nos edifícios que nos cercam.

— Onde estamos?

— Eu não sei. — Silas diz. — Mas devemos sair.

— Está chovendo.

— Sim. Silas mandou sair do carro.

— Silas mandou...? Como *Simón* mandou?

Ele só olha para mim com expectativa, então eu dou de ombros.

Honestamente, o que eu tenho a perder? Eu abro a porta do carro e vou para a chuva. É uma chuva quente. Levanto o rosto e deixo que me molhe.

Ouçõ a sua porta e, em seguida, ele corre ao redor da frente do carro e está na minha frente.

— Silas manda correr ao redor do carro cinco vezes.

— Você é estranho, sabe? — Ele olha para mim. Eu dou de ombros novamente e começo a correr. Sinto-

me bem. Como se um pouco de tensão deixasse meu corpo.

Não olho enquanto corro com ele, fico focada em não tropeçar. Talvez Charlie corria na pista ou algo assim. Cinco voltas ao redor do carro depois eu paro na frente dele. Estamos ambos encharcado. Gotas de água estão penduradas em suas pestanas e escorrendo pelo seu pescoço bronzeado. Porquê sinto vontade de lambar a água ao longo dele?

*Oh sim.* Nós estávamos apaixonados. Ou talvez seja porque ele é sexy.

— Silas manda que entre na loja e peça um cachorro-quente. Quando te disserem que não têm cachorros-quentes, pise forte e grite como você fez no hotel naquela manhã.

— Mas o que...?

Ele cruza os braços sobre o peito.  
— Silas mandou.

Por que diabos eu ainda estou fazendo isso? Dou a Silas o olhar mais sujo que consigo e vou pisando firme em direção a loja. É uma agência de seguros. Abro a porta e três adultos mal-humorados levantam a cabeça para ver quem entrou. Um

deles tem ainda a audácia de enrugar o nariz, como se eu não soubesse que pingo gotas de água em todos os lugares.

— Eu gostaria de um cachorro-quente completo. — Digo.

Me encontro com olhares em branco. — Você está bêbada? — Me pergunta a recepcionista. — Precisa de ajuda? Qual é o seu nome?

Pisoteio e solto um grito de gelar o sangue, os três deixam de lado o que eles estão fazendo e olham um para o outro.

Aproveito o momento de surpresa

e corro. Silas está esperando por mim na porta. Ele está rindo tão forte que está dobrado na cintura.

Dou-lhe um soco no braço, em seguida, ambos corremos para o carro.

Eu posso ouvir o meu próprio riso misturando-se com o dele. Isso foi divertido. Nós pulamos para dentro do carro e vamos embora assim que mal-humorado Um, Dois e Três saem para nos ver.

Silas dirige mais uns poucos quilômetros antes de parar em outro estacionamento. Desta vez eu posso

ver o cartaz publicitário brilhante: O MELHOR CAFÉ E DONUTS DE LOUISIANA!

— Estamos ensopados. — Digo, não parecendo ser capaz de apagar o sorriso no meu rosto. — Você sabe o quão caótico vai ser comer alguns donuts?

— Silas manda comer dez donuts. — Diz sem se abalar.

— Ugh. Por que você tem que agir como um robô quando você joga este jogo? Está me assustando.

Ele não responde. Pegamos uma mesa perto da janela e pedimos duas

dúzias de rosquinhas e café. A garçonete não parece incomodada por nossas roupas molhadas ou o fato de que Silas está falando em uma voz de robô.

— A garçonete pensa que nós somos bonitos. — Eu digo a Silas.

— Nós somos.

Eu rolo meus olhos. Isto é divertido. *Será que Charlie acharia isso engraçado?*

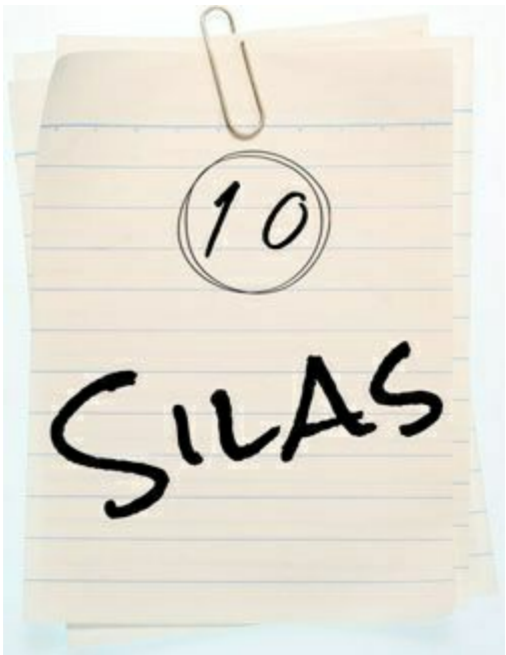
Quando nossas rosquinhas chegam, estou com tanta fome que não me importa se meu cabelo ou roupa estão molhados. Como,

gemendo quando a massa quente encosta na minha língua. Silas olha para mim com diversão.

— Você realmente gosta, hein?

— Na verdade, — eu digo — elas são nojentas. Só estou realmente neste jogo.

Nós comemos tantas quanto conseguimos até estamos cobertos de pó branco. Antes de sairmos, Silas remove algum pó do meu rosto e cabelo. Para não ficar atrás, eu retribuo o favor. Deus, esse cara é divertido. Talvez Charlie o visse como eu o vejo.



Ela está nisso. Não sorriu o

suficiente nos últimos dias, mas agora ela não pode parar de sorrir.

— Aonde vamos? — Ela diz, batendo palmas. Ainda tem açúcar no canto da sua boca. Me aproximo e limpo com o polegar.

— Vamos para o Bairro Francês. — Digo. — Há uma abundância de lugares românticos lá.


Ela revira os olhos, olhando para seu telefone. — Pergunto-me o que fazíamos para nos divertir. Além de tirar selfies. — Pelo menos eram boas *selfies*.

Ele me dá um olhar de pena. —

Isso é uma contradição. Não há nada como boas *selfies*.

— Analisei a sua galeria da câmera. Sinto discordar.

Ele abaixa a cabeça e olha para fora da janela, mas eu posso ver o rosa do seu rosto ficar mais vermelho.



Depois de estacionar, eu não tenho absolutamente nenhum plano. Nós comemos tantas rosquinhas no café-da-manhã que não tenho certeza se ela quer almoçar.

Passamos a primeira parte da tarde passeando por todas as ruas, parando

em quase todas as lojas. É como se estivéssemos tão fascinados pela paisagem, que nos esquecemos que temos um objetivo hoje. Eu deveria fazê-la desmaiar e se apaixonar por mim. *Volte aos trilhos, Silas.*

Estamos na rua Dauphine enquanto andamos, quando encontramos o que parece ser uma livraria. Charlie se vira e pega minhas mãos. — Vamos. — Diz, puxando-me para dentro da loja. — Eu tenho certeza que o caminho para o meu coração está aqui. Há livros empilhados do chão ao teto, em todas as direções. Nas laterais, de cima para

baixo, livros utilizados como prateleiras para mais livros. Um homem está sentado atrás de uma caixa registradora à direita, que está coberta com ainda mais livros. Ele acena com a cabeça em saudação quando entramos. Charlie vai para a parte traseira da loja, que não está longe. É uma pequena loja, mas com mais livros do que um homem podia ler em uma vida. Ela passa os dedos ao longo dos livros, enquanto caminha, olhando para cima e para baixo em todos os lugares. Na verdade, vira quando chega ao fim do corredor. Sem dúvida, se encontra

com uma paixão, se lembre ou não.

Ela para na frente de um canto, puxando um livro vermelho da prateleira. Caminho atrás dela e lhe dou outra tarefa de *Silas mandou*.

— Silas mandou... abra o livro em uma página ao azar e leia as primeiras frases que ver.

Ela ri. — Isso é fácil.

Digo: — Ainda não terminou. Silas mandou: Leia as frases gritando.

Ela se vira para mim, os olhos arregalados. Mas então um sorriso malicioso se forma em sua boca. Ergue-se, na posição vertical e segura

o livro na frente dela. — Bem. — Ela diz. — Você pediu. — Ela limpa a garganta, e, em seguida, tão alto quanto pode, ela diz: — ISSO ME FAZ QUERER CASAR COM ELA! ME FAZ QUERER COMPRAR UM AVIÃO MÁGICO E FUGIR COM ELA PARA UM LUGAR ONDE NADA DE RUIM PODE ACONTECER. NUNCA! ME FAZ QUERER JOGAR COLA EM CIMA DE MEU PEITO E COLÁ-LA EM MIM ASSIM ESTARÍAMOS GRUDADOS E DOERIA PARA CARAMBA TENTAR NOS SEPARAR!

Charlie ri quando termina. Mas quando começa a assimilar as palavras lidas seu sorriso desaparece. Passa os dedos sobre as frases como se elas quisessem dizer algo para ela. — Isso foi muito doce. — Ela diz. Vira as páginas até que para com um dedo em um parágrafo separado. Então, em um sussurro, ela começa a ler de novo: — O destino é como um ima de interação entre as almas até as pessoas, lugares e coisas a que pertencemos.

Ela olha para o livro por um momento e depois fecha. Coloca de novo na prateleira, mas move-se dois

livros do caminho para que este livro possa ser exibido com mais destaque.

— Você acredita nisso?

— Qual parte?

Ela se apoia contra uma parede de livros e olha por cima do meu ombro.

— Que nossas almas são atraídas para as pessoas que pertencem.

Estendo a mão para ela e puxo uma mecha de seu cabelo. Passo meus dedos para baixo e giro em torno de meu dedo. — Eu não sei se eu acredito em almas gêmeas. — Digo. — Mas pelas próximas vinte e quatro horas, apostaria minha vida para que

fosse verdade.

Ela move seu ombro até que suas costas estejam pressionadas contra a parede de livros e olha para mim. *Com certeza* eu apostaria minha vida no destino agora mesmo. De alguma forma tenho mais sentimentos por esta menina do que caberia dentro de mim. E eu quero mais do que tudo que ela sinta o mesmo. Que *queira* o mesmo. O que... neste momento... é minha boca na dela.

— Charlie... — Solto seu cabelo e passo a mão em sua bochecha. A toco suavemente traçando seu rosto com os dedos. Sua respiração é rasa e

rápida. — Beije-me.

Ela se inclina para mim um pouco e pisca. Por um momento, acho que realmente iria. Mas, então, um sorriso rouba sua expressão quente e diz: — Silas não mandou. — Passa por baixo do meu braço e desaparece pelo corredor. Não a sigo. Pego o livro que leu, coloco debaixo do braço e vou para a caixa registadora.

Ela sabe o que eu faço. Enquanto eu fico na caixa registadora, ela olha para mim do corredor. Depois de comprar o livro, saio e deixo a porta se fechar atrás de mim. Espero alguns segundos para ver se me segue, mas

não o faz. A mesma Charlie teimosa.

Tiro a mochila do meu ombro e coloco o livro no interior. Em seguida retiro minha câmera e ligo.

Ela fica dentro da livraria por mais meia hora. Não me importo. Sei que sabe que eu continuo aqui. Tiro várias fotos, distraído com as pessoas que passam e como o sol se põe sobre o edifício, lançando sombras sobre até mesmo a menor das coisas. Tiro fotos de tudo. Quando Charlie finalmente chega, a bateria já está quase acabando.

Ela se aproxima de mim e diz: —

Onde está o meu livro?

Coloco a mochila no meu ombro.  
— Não comprei esse livro para você.  
Comprei-o para mim.

Resmunga e me segue enquanto eu ando na rua. — Essa não é uma boa jogada, Silas. Você deveria ser mais atento. Altruísta. Eu preciso me apaixonar por você, não ficar irritada.

Eu rio. — Por que sinto que o amor e a irritação andam de mãos dadas com você?

— Bem, você me conhece mais do que eu me conheço. — Ela pega minha mão e para. — Olhe!

Caranguejos! — Me puxa em direção ao restaurante. — Nós gostamos caranguejos? Eu estou com muita fome!

---

Acontece que nós não gostamos de caranguejos. Felizmente, tinham tiras de frango no menu. Nós dois gostamos de frango, aparentemente.

— Devemos escrever isso em uma nota. — Diz, enquanto caminhamos de volta para o meio da rua. — Nós odiamos caranguejos. Não quero ter que passar por essa provação novamente.

— Espere! Você está prestes a... — Charlie cai de bunda antes que o resto da frase saia da minha boca — entrar em um buraco. — Termino.

Me agacho para ajudá-la, mas não há muito o que posso fazer para suas calças. Nós estávamos finalmente secos depois da chuva, e agora ela está molhada de novo. Só que desta vez, a água é barrenta. — Está bem? — Eu pergunto, tentando não rir. *Tentando* é a palavra-chave aqui. Porque começo a rir mais alto do que ri durante todo o dia.

— Sim, sim. — Diz ela, tentando limpar a lama de suas calças e mãos.

Ainda estou rindo quando revira seus olhos e aponta para a poça de lama. — Charlie manda sente-se no barro, Silas. Eu balanço minha cabeça.

— Não. De maneira nenhuma. O jogo é chamado *Silas mandou*, e não *Charlie mandou*.

Ela levanta uma sobrancelha. — Oh, realmente? — Dá um passo para mais perto de mim e diz: — Charlie manda se sentar no barro. Se Silas faz o que Charlie manda, Charlie faz o que Silas manda.

É uma espécie de convite? *Me agrada que Charlie flerte*. Olho para o

buraco. Não é profundo. Dou a volta e abaixo até que eu estou sentado com as pernas cruzadas sobre a poça de água lamacenta. Eu mantenho meus olhos no rosto de Charlie, não querendo testemunhar a atenção que atraí dos transeuntes. Ela engole seu riso, mas posso ver o prazer que tira disso.

Fico sentado no barro até que Charlie começa a se envergonhar. Após alguns segundos, apoio em meus cotovelos e cruzo as pernas. Alguém tira uma foto de mim no barro, então ela me chama para ir. — Levante-se. — Diz, olhando ao redor.

— Rápido.

Eu balanço minha cabeça. — Não posso. Charlie não mandou.

Ela pega minha mão, rindo. — Charlie manda: *levante-se* idiota. — Me ajudando a levantar e agarrando a minha camisa, pressiona seu rosto contra o meu peito. — Oh, meu Deus, todos estão nos olhando.

Envolvo meus braços em torno dela e começo a balançar para frente e para trás, o que provavelmente não é o que esperava que eu fizesse. Ela olha para a minha camisa ainda apertada em seus punhos.

— Podemos ir agora? Vamos.

Eu balanço minha cabeça. — Silas manda dançar.

Suas sobrelanceiras se enrugam juntas. — Você não pode estar falando sério!

Há várias pessoas paradas na rua agora, alguns deles tirando fotos de nós. De certa forma eu não os culpo. Também tiraria foto de um idiota que voluntariamente se sentou em uma poça de lama.

Seus punhos soltam minha camisa e agarram minhas mãos enquanto a forço a dançar a música inexistente.

Ela fica rígida no início, mas, em seguida, parece deixar a diversão tomar o lugar da vergonha. Nós dançamos e balançamos na rua Bourbon, esbarrando nas pessoas à medida que avançamos. O tempo todo, ela ri como se não tivesse nenhuma preocupação no mundo.

Depois de alguns minutos, nós nos separamos da multidão. Deixo de gira-la o suficiente para afastá-la de meu peito e balançar-nos suavemente para trás e para frente. Ela olha para mim, balançando a cabeça. — Você está louco, Silas Nash.

Concordo. — Bom. Isso é o que

você gosta em mim.

Seu sorriso desaparece por um momento e olhar que me dá me faz parar de nos balançar. Põe a mão no meu coração e fica olhando para a parte de trás da sua mão. Eu sei que não sente os batimentos de meu coração dentro do peito. Eles se parecem mais com uma percussão no meio de um desfile.

Seu olhar encontra o meu novo. Seus lábios se abrem e sussurra: — Charlie manda... me beije.

Embora eu teria beijado mesmo que Charlie não tivesse mandado.

Minha mão envolve seu cabelo um segundo antes de meus lábios encontrarem os dela. Quando sua boca se abre para a minha, sinto como se alguém fizesse um buraco no meu peito e apertasse o meu coração. Dói, mas é lindo e assustador. Quero que dure por toda a eternidade, mas eu vou ficar sem ar se esse beijo continuar por mais um minuto. Meu braço está em volta da sua cintura, e quando a puxo para mais perto, ela geme baixinho na minha boca. *Jesus*.

A única coisa para a qual eu tenho espaço na minha cabeça neste momento é a firme convicção de que

destino *realmente* existe. Destino...  
almas gêmeas... viagens no tempo... o  
que seja. Tudo existe. Porque é assim  
que me sinto com seu beijo. *Vivo!*

Somos momentaneamente  
empurrados quando alguém esbarra  
em nós. Nossas bocas se separam,  
mas é preciso esforço para nos  
libertarmos de qualquer sentimento  
que tomou conta. Os sons de todas as  
portas abertas ao longo da rua voltam  
a entrar em foco. Luzes, as pessoas,  
risadas. Todas as coisas externas que  
os dez segundos de seu beijo  
simplesmente bloquearam, retornam  
rapidamente. O sol se põe e a noite

parece para transformar toda esta rua de um mundo para outro. Eu não posso pensar nada que eu queira mais do que tirá-la daqui. No entanto, nenhum de nós dois parece ser capaz de se mover, e meu braço parece como se pesasse nove quilos quando pego sua mão. Ela entrelaça seus dedos nos meus e começamos a voltar, em silêncio, para o estacionamento onde está o meu carro.

Nenhum dos dois disse uma palavra todo o caminho de volta. Uma vez que estamos os dois dentro do carro, espero um momento antes

de ligá-lo. As coisas são muito intensas. Eu não quero começar a conduzir até que conversemos sobre o que temos que dizer. Beijos como aquele não podem permanecer sem reconhecimento.

— E agora o que? — Ela pergunta, olhando para fora da janela.

A observo por um momento, mas ela não se move. É como se estivesse congelada. Suspensa no tempo entre o último beijo e o agora.

Coloco o cinto de segurança e ponho o carro em marcha. *E agora o que?* Não tenho ideia. Eu quero beijá-

la um milhão de vezes mais, mas cada beijo poderia acabar assim como fez esse. Temendo que eu não me lembre dele amanhã.

— Devemos ir para casa e ter uma boa noite de sono. — Eu digo. — Nós também precisamos fazer mais anotações caso... — Faço uma pausa.

Ela coloca o cinto de segurança. — Caso almas gêmeas não existam. — Termina.



Durante a nossa viagem para a casa

de Silas, penso em tudo que aprendemos hoje. Eu penso em meu pai e no mal ser humano que é. Uma parte de mim teme que ser uma boa pessoa seja inerente. Li o suficiente sobre o que eu costumava ser para saber que eu não tratava muito bem as pessoas. Incluindo Silas.

Só espero que a pessoa que eu era seja o resultado de influências externas, não porque isso é o que sempre serei. Um pedaço complicado e vingativo de uma pessoa.

Eu abro a mochila e começo a ler mais notas enquanto Silas dirige. Encontro algo sobre os arquivos que

Silas roubou de seu pai, e como eles suspeitam que podem estar envolvidos com o meu pai. Por que Silas roubou os papéis de seu pai? Se meu pai é culpado, o que eu acho que é, por que Silas quer esconder isso?

— Por que você acha que roubou esses arquivos? — Pergunto.

Ele dá de ombros.

— Não sei. Tudo o que posso pensar é que talvez os escondi porque me senti mal por você. Talvez não quisesse que seu pai ficasse na prisão por muito tempo, porque isso teria quebrado seu coração.

Isso soa como algo que Silas faria.

— Ainda estão no seu quarto? —

Pergunto.

Acena. — Acho que sim. Tenho certeza que li que os mantenho perto de minha cama.

— Quando chegarmos a casa esta noite, acho que você deveria entregá-los ao seu pai.

Silas olha para mim através dos bancos. — Você tem certeza sobre isso?

Concordo. — Ele arruinou muitas vidas, Silas. Ele merece pagar por isso.

---

— Charlie não sabia que tinha isso?

Encontro-me do lado de fora do escritório do pai de Silas. Quando entramos pela porta e me viu com ele, eu pensei que ele ia bater nele. Silas lhe pediu cinco minutos para explicar. Ele correu escadas acima, pegou os arquivos e devolveu ao seu pai.

Eu não posso ouvir toda a conversa. Silas está explicando que escondia para me proteger. Ele está se desculpando. Seu pai está calado. E então...

— Charlie? Você pode vir aqui, por favor?

Seu pai me assusta. Não como meu pai me assustou. Clark Nash é intimidante, mas não parece ruim. Não é como Brett Wynwood.

Eu entro no escritório e ele diz-me para sentar ao lado de Silas. Eu faço.

Ele anda pela mesa um par de vezes e depois para. Quando nos enfrenta, está olhando para mim.

— Devo-lhe um pedido de desculpas.

Tenho certeza que pode ver o choque no meu rosto. — De

verdade?

Acena. — Eu tenho sido duro com você. O que seu pai fez comigo, com nossa empresa não tinha nada a ver com você. No entanto, eu a culpei quando os arquivos sumiram, porque sabia que o apoiava com ferocidade. — Olha de novo para Silas e diz: — Eu estaria mentindo se eu dissesse que não me decepcionou, Silas. Interferir em uma investigação federal...

— Tinha dezesseis anos, pai. Eu não sabia o que estava fazendo. Mas agora eu sei, e Charlie e eu queremos fazer as coisas direito.

Nash Clark acena com a cabeça e depois anda ao redor do escritório tomando uma cadeira. — Então isso significa que estaremos nos vendo mais aqui muitas vezes, Charlie?

Olho para Silas e depois novamente para o pai. — Sim, senhor.

Ele sorri um pouco, e seu sorriso é como o de Silas. Clark deve sorrir mais frequentemente.

— Muito bem, então. — Ele diz.

Nós tomamos isso como a nossa deixa para sair. Quando estamos subindo as escadas, Silas finge cair,

sentando na parte superior enquanto agarra o peito. — Cristo, o homem é aterrorizante. — Diz.

Sorrio e me levanto.

Pelo menos se amanhã as coisas não estiverem indo o nosso favor, teremos feito uma boa ação.

---

— Charlie, hoje você foi uma boa jogadora. — Diz Silas, jogando-me uma camiseta. Eu estou sentada de pernas cruzadas no chão. A agarro e agito para ver a frente. É uma t-shirt de acampamento.

Ele não me oferece calças.

— É essa a sua maneira de flertar comigo? — Pergunto. — Usando elogios de jogos?

Silas faz uma careta. — Olhe ao redor deste quarto. Você vê qualquer coisa relacionada ao esporte aqui?

É verdade. Ele parece mais interessado em fotografia do que qualquer outra coisa. — Você está no time de futebol. — Digo.

— Sim, bem, mas eu não quero estar.

— Charlie diz que tem que sair do time de futebol. — Digo.

— Talvez eu faça. — Diz. Com isso abre a porta de seu quarto. O escuto descer as escadas de dois em dois. Espero um momento para ver o que está fazendo, e minutos depois, está correndo pelas escadas. Sua porta se abriu novamente e ele sorri. — Acabei de dizer ao meu pai que sairei do time de futebol. — Diz com orgulho.

— O que ele disse?

Ele dá de ombros. — Não sei. Eu deveria ter medo, porque eu corri para o andar de cima, logo que disse a ele. — Pisca. — E o que *você* vai deixar, Charlize?

— Meu pai. — Minha resposta vem facilmente. — Charlie tem que deixar as coisas que atrofiaram seu crescimento emocional. — Silas deixa o que está fazendo para me olhar. É um olhar estranho. Um com o qual não estou familiarizada. — *O quê?* — De repente me sinto na defensiva.

Ele balança a cabeça. — Nada. Foi uma boa ideia, isso é tudo.

Eu abraço meus joelhos e olho para o tapete. Por que quando me parabenizou meu corpo todo vibrou com entusiasmo? Com certeza suas opiniões não importavam muito para

Charlie. *A mim.* Com certeza me lembraria se fosse assim. Mas na verdade de quem eram as opiniões que importavam na vida? De seus pais? Os meus estavam fodidos. De seu namorado? *Se não saísse como um santo como Silas Nash isso podia acabar mal.* Penso no que Janette diria se lhe fizesse essa pergunta.

— Confie em seus instintos. —  
Digo em voz alta.

— Do que você está falando? —  
Pergunta Silas. Está vestindo uma camiseta que encontrou em seu armário, mas se inclina para trás para me olhar.

— Confie em seus instintos. Não no seu coração, porque isso é agradável para as pessoas, e não no seu cérebro, porque ele confia muito na lógica.

Ele acena com a cabeça lentamente, sem tirar os olhos dos meus. — Charlize, é muito sensual quando você pensa profundamente e diz coisas como essa. Portanto, a menos que você queira jogar outra rodada de Silas mandou, você pode querer se despedir do pensamento profundo.

Baixo a camiseta e o olho. Penso no agora. Penso em nosso beijo e como seria uma mentirosa se dissesse

que não esperava que ele me beijasse assim de novo essa noite. Desta vez, em privado, sem uma dúzia de olhos em nós. Baixo a mão e puxo um pedaço de tapete. Posso sentir meu rosto aquecer.

— O que acontece se eu *quiser* jogar outra rodada de Silas mandou?  
— Eu pergunto.

— Charlie... — Começa, quase como se meu nome fosse uma advertência.

— O que Silas?

Ele se levanta e eu também, o vejo passar a mão na nuca, meu coração

batendo como se estivesse tentando se libertar e deixar o quarto antes que Silas possa alcançá-lo.

— Tem certeza de que quer jogar?  
— Ele pergunta, me investigando com os olhos.

Concordo. *Porque, por que não?* De acordo com as nossas cartas, não seria a primeira vez que fazemos isso. E as chances são de que nem mesmo vamos lembrar amanhã.

— Eu tenho certeza. — Digo, tentando parecer mais confiante do que realmente estou. — É a minha coisa favorita.

De repente, ele parece mais firme, mais forte. É emocionante assistir.

— Silas manda... tire sua camisa.

Ergo as sobrancelhas, mas faço o que me diz, tirando-a. Escuto sua inalação, mas penso que não posso olhar em seus olhos.

Deslizo a alça do meu sutiã através do meu ombro.

— Silas manda... desça a outra alça do sutiã.

Minha mão treme um pouco enquanto faço. Ele dá um passo lento até mim, olhando para baixo, onde o meu braço ainda está cruzado no meu

peito. Seus olhos buscam os meus.  
Formando um meio sorriso.

Ele acha que eu vou parar de jogar isto. Eu percebo.

— Silas manda... abre a fecho.

É um fecho frontal. Eu mantenho meus olhos nos dele enquanto abro. Ele move o pomo de Adão enquanto eu tiro o meu sutiã e o seguro com a ponta do meu dedo. O ar frio em seus olhos me faz querer virar. Seus olhos acompanham meu sutiã até que ele cai no chão. Ao fazer contato visual comigo de novo, ele está sorrindo. Mas então, não está. Não sei

como ele faz, ele é tão feliz e sério ao mesmo tempo.

— Silas manda vir aqui.

Eu não sou capaz de fugir quando ele me olha assim. Caminho para ele, e quando eu me encontro perto o suficiente, ele estende a mão. Coloca a mão atrás da minha cabeça e enrosca os dedos pelo meu cabelo.

— Silas manda...

— Cale a boca, Silas. — Interrompo. — Apenas me beije.

Ele abaixa a cabeça e pega meus lábios em um beijo profundo, e inclino cabeça para acompanhá-lo.

Ele aperta seus lábios nos meus em um suave beijo, uma, duas, três vezes antes de abrir minha boca com a língua. Beijar Silas é como uma sensação rítmica, como se tivéssemos tido mais do que esta tarde para descobrir. Sua mão segurando meu cabelo enfraquece meus joelhos.

Encontro-me sem fôlego e meus olhos estão vidrados.

Posso confiar nele?

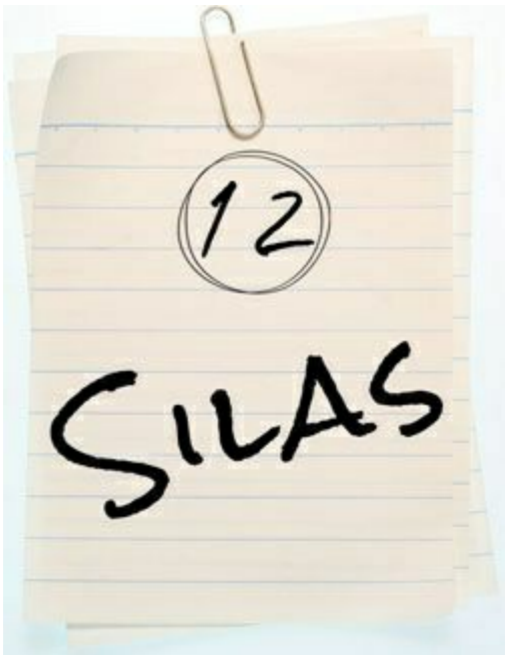
*Eu confio nele.*

— Charlie manda que tire sua camisa. — Digo contra sua boca.

— Este jogo chama *Silas mandou*.

Passo as mãos sobre a pele quente  
de seu estômago.

— Não mais.



— Charlie, baby. — Sussurro,

deslizando um braço ao redor dela. Pressiono os lábios contra a curva de seu ombro. Ela move-se, em seguida, puxa as cobertas sobre sua cabeça. — Charlie, é hora de acordar.

Ela se vira para mim, mas permanece sob o cobertor. O levanto sobre mim até que ambos estejamos cobertos. Ela abre os olhos e franze a testa. — Cheira bem. — Diz ela. — Não é justo.

— Tomei um banho.

— E escovou os dentes?

Concordo e sua testa se franze.

— Isso não é justo. Quero escovar

os dentes.

Tiro o coberto de sua cabeça e ela geme e coloca a mão sobre os olhos. — Então apresse-se e vá escovar os dentes para que você possa voltar e me dar um beijo.

Ela se arrasta para fora da cama e vai para o banheiro. Escuto o som do chuveiro, mas é rapidamente abafado pelo ruído vindo de baixo. Tachos e panelas batendo, portas de armário também. É como se alguém estivesse limpando. Olho para o relógio e são quase nove.

*Duas horas ainda.*

A porta do banheiro se abre e Charlie atravessa o quarto e vai para a cama, às pressas cobrindo-se com as cobertas. — Faz frio aí fora. — Ela diz com os lábios trêmulos. Vou até ela e pressiono minha boca contra a dela. — Melhor. — Murmura.

E isso é o que fazemos enquanto tento perder a noção do tempo. Nos beijamos.

— Silas — sussurra enquanto beija, — que horas são?

Me inclino para a mesa de cabeceira e pego meu telefone. — Nove e quinze.

Suspira e sei exatamente o que está pensando. O mesmo que eu.

— Não quero esquecer essa parte.  
— Diz, me olhando como se estivesse com o coração partido.

— Nem eu. — Sussurro.

Ela me beija de novo suavemente. Posso sentir seu coração acelerado dentro de seu peito, e sei que não é porque estamos nos beijando sob meus cobertores. É porque sente medo. Eu gostaria de poder levá-la onde não sentisse mais medo, mas eu não posso. Só a aperto mais em meus braços. Gostaria de tê-la aqui para

sempre, mas eu sei que há coisas que deveríamos estar fazendo agora.

— Nós podemos esperar o melhor, mas acho que devemos nos preparar para o pior. — Digo.

Assente contra meu peito. — Eu sei. Mais cinco minutos, ok? Vamos ficar debaixo do cobertor cinco minutos e fingir que somos tão apaixonados como costumávamos ser.

Suspiro. — Nesse momento, não preciso fingir isso Charlie.

Sorri e pressiona os lábios contra o meu peito.

Dou-lhe *quinze minutos*. Cinco não

é suficiente.

Quando o nosso tempo acabou, eu saio fora da cama e a levanto. — Devemos tomar café da manhã. Assim, se chegar as onze e ficarmos loucos de novo, passará um par de horas antes que tenhamos que nos preocupar com comida.

Nos vestimos e descemos. Quando entramos na cozinha, parece que Ezra está limpando as coisas do café-da-manhã. Olha para Charlie esfregando os olhos e levanta uma sobrancelha para mim. Pensa que tento a minha sorte com Charlie nesta casa.

— Não se preocupe, Ezra. Papai diz que agora eu posso amá-la. — Ezra retorna meu sorriso.

— Com fome? — Ela pergunta.

Concordo. — Sim, mas nós podemos fazer a nossa comida.

Ezra agita a mão no ar. — Bobagem. — Diz ela. — Vou preparar a sua favorita.

— Obrigada, Ezra. — Diz Charlie com um sorriso. Um suave olhar de surpresa cruza seu rosto antes de se dirigir para a despensa. — Meu Deus. — Sussurra. — Acredita de verdade que eu era tão horrível? Que mesmo

me ouvir dizer obrigada foi chocante?

Nesse momento, minha mãe vem para a cozinha. Ela para quando vê Charlie. — Dormiu aqui? — Ela não parece muito feliz.

— Não. — Minto por Charlie. — A peguei esta manhã.

Minha mãe aperta os olhos. Você não precisa conhecê-la muito para saber que não acreditou. — Por que não estão na escola?

Por um momento ficamos em silêncio, mas depois de Charlie diz: — É um dia flexível.

Minha mãe concorda sem

perguntar. Ela vai até a despensa e começa a falar com Ezra.

— O que é um dia flexível? — Eu sussurro. Charlie dá de ombros. — Eu não tenho ideia, mas parecia uma boa desculpa.

Ela ri e depois sussurra: — Como se chama sua mãe?

Abro a boca para responder, mas estou completamente em branco. — Não tenho ideia. Eu não tenho certeza se eu escrevi nas notas.

Minha mãe põe a cabeça para fora da despensa. — Charlie, você se juntará a nós para o jantar hoje à

noite?

Charlie olha para mim, e então para minha mãe. — Sim senhora. Se me lembrar.

Charlie e eu sorrimos, e por uma fração de segundo, eu me esqueço o que estamos prestes a enfrentar novamente.

Pego Charlie olhando para o relógio no forno. Eu posso ver a preocupação não só em seus olhos, mas em cada parte dela. Tomo a sua mão e aperto. — Não pense sobre isso. — Sussurro. — Não durante a próxima hora.

---

— Eu não tenho nenhuma ideia de como alguém poderia esquecer o quão magnífico é isso. — Diz Charlie ao comer o último pedaço do que Ezra preparou para nós. Alguns poderiam chamar de café-da-manhã, mas uma comida como essa merece a sua própria categoria.

— O que é isso? — Charlie pergunta para Ezra.

— Tostadas francesas com Nutella.  
— Responde.

Charlie escreve tostadas francesas com Nutella em um pedaço de papel

e rabisca dois corações próximos. Em seguida, adicione uma sentença que diz: “*Odeia caranguejos, Charlie!*”

Antes de deixar a cozinha e voltar para o meu quarto, Charlie se aproxima de Ezra e dá-lhe um grande abraço. — Obrigada pelo café-da-manhã, Ezra.

Ela hesita por um momento antes de abraçá-la de volta. — Por nada, Charlize.

— Você vai fazer isso da próxima vez que eu estiver aqui para o café da manhã? Sem importar se não me lembro de ter comido hoje?

Ezra dá de ombros e diz: — Sim. Eu acho.

Enquanto caminhávamos, Charlie diz: — Você sabe o quê? Eu acho que o dinheiro é o que nos fez mesquinhos.

— O que você quer dizer? — Chegamos ao meu quarto e tranco a porta.

— Simplesmente que não éramos agradecidos. Um pouco mimados. Não estou certa de que nossos pais nos ensinaram a sermos pessoas descentes. Assim, de certo modo... agradeço que isso nos aconteceu.

Me sento na cama e apoio suas costas contra meu peito. Ela apoia a cabeça sobre o meu ombro e inclina seu rosto para o meu. — Acho que você era um pouquinho melhor que eu. Mas não acredito de qualquer maneira que nenhum de nós dois possa nos orgulhar de quem éramos.

Lhe dou um beijo nos lábios e apoio a cabeça na parede. — Creio que éramos um produto de nosso meio. Por dentro somos boas pessoas. Poderíamos perder novamente nossas memórias, mas seguiríamos sendo os mesmos em nosso interior. Em algum lugar, no fundo, queremos fazer o

bem. Ser bons. No fundo amamos uns aos outros. Muito. E independente do que acontecer conosco, não vai mudar isso.

Ela entrelaça seus dedos com os meus e aperta. Sentamos em silêncio por um tempo. Às vezes eu olho para o meu telefone. Faltam cerca de dez minutos para as onze, e nenhum de nós sabe como passar esse tempo. Nós já escrevemos mais notas do que seremos capazes de ler nas próximas quarenta e oito horas.

Tudo o que podemos fazer é esperar.



Meu coração bate tão forte, que

está perdendo o ritmo. Sinto minha boca seca. Pego a garrafa de água que está sobre o criado mudo e bebo um grande gole. — Isso é assustador. — Digo. — Quem dera pudéssemos acelerar os próximos cinco minutos e terminar isso.

Ele se senta na cama e pega minha mão. — Sente-se em frente a mim.

Sento-me na frente dele. Ambas as pernas cruzadas, na mesma posição que estávamos no quarto do hotel há dois dias. Pensar naquela manhã me faz sentir mal. Não quero pensar que em poucos minutos, posso não saber quem ele é.

Desta vez tenho que ter fé. Isto não pode continuar para sempre. *On pode?*

Fecho os olhos e tento controlar a minha respiração. Sinto a mão de Silas tirar o cabelo longe de meus olhos.

— O que você mais teme esquecer? — Ele pergunta.

Abro os olhos. — Você.

Ele move o seu polegar sobre a minha boca e se inclina para me beijar. — Eu também. Eu te amo, Charlie.

E sem hesitação, eu digo: — Eu te

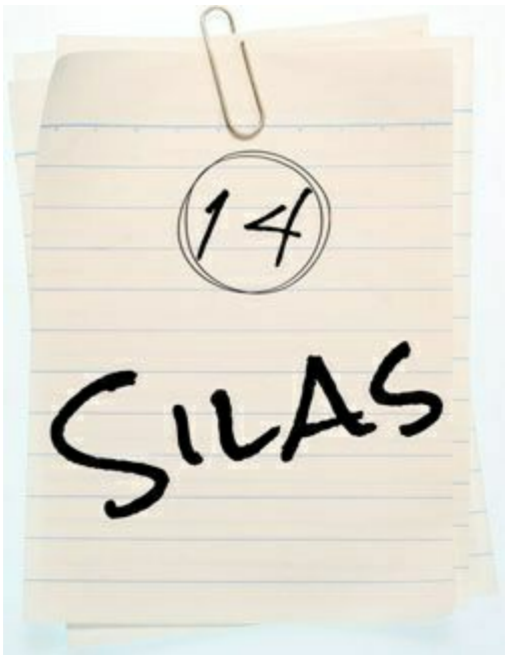
amo também, Silas.

Quando seus lábios encontram os meus, eu não tenho medo. Porque eu sei que aconteça o que acontecer nos próximos segundos... acontecerá também com Silas e isso me dá conforto.

Ele entrelaça nossos dedos e diz:  
— Dez segundos.

Ambos respiramos profundamente. Eu posso sentir suas mãos tremendo, mas não tanto quanto as minhas.

Cinco... quatro... três... dois...



O único som que escuto são as

batidas do meu coração. O restante do mundo está em um silêncio assustador.

Meus lábios estão descansando suavemente contra os seus. Nossos joelhos estão se tocando, nossos olhos fechados, nossas respirações misturadas enquanto esperamos o próximo movimento. Sei, tenho certeza, que desta vez não perdi minha memória. Com essa já são duas vezes seguidas... mas não tenho ideia de Charlie.

Lentamente, eu abro meus olhos para ver o que há nos seus. Seus olhos estão fechados. Observo por

alguns segundos, esperando para ver qual será a sua primeira reação.

*Lembrará de mim?*

*Não terá noção de onde se encontra?*

Começa a recuar, lentamente, e suas pálpebras se abrem. Há uma mistura de medo e surpresa em sua expressão. Ela se afasta alguns centímetros, estudando meu rosto. Vira a cabeça e olha ao redor do quarto.

Quando olha para trás, meu coração entra em colapso no meu peito. *Não tem ideia de onde ela está.*

— Charlie?

Seus olhos a beira das lágrimas se viram para mim e rapidamente cobre a boca com a mão. Não me dou conta de que está a ponto de gritar. Eu deveria ter colocado uma nota sobre a porta, como fizemos da última vez.

Ela beija o olhar para a cama e leva a mão ao peito. — Você usava algo negro. — Sussurra.

Seu olhar vai para o travesseiro ao meu lado. Aponta. — Estávamos ali mesmo. Você vestia uma camisa preta, e eu ria de você porque te disse que era muito apertada. Disse que você parecia com Simon Cowell<sup>[13](#)</sup>. Você me prendeu no colchão e

então... — seus olhos encontram os meus — então você me beijou.

Concordo, porque de alguma maneira me lembro de cada momento com ela. — Foi o nosso primeiro beijo. Tínhamos catorze anos. — Digo. — Mas queria te beijar desde que tínhamos doze.

Ela coloca de novo a mão sobre a boca. Soluços começam a sair de seu corpo. Se joga para frente, passando os braços ao redor do meu pescoço. Sento na cama com ela e tudo volta como ondas.

— A noite que te pegaram

enquanto entrava escondido? — Disse.— Sua mãe correu atrás de mim com um cinto. Fui expulso pela janela do seu quarto.

Charlie começa a rir em meio a lágrimas. A estou segurando contra mim, meu rosto pressionado contra seu pescoço. Fecho os olhos e examino todas as memórias. As boas. As ruins. Todas as noites, que ela chorou nos meus braços pela forma como as coisas aconteceram entre seus pais.

— Os Telefonemas. — Ela diz em voz baixa. — Todas e cada uma das noites.

Eu sei exatamente o que ela está falando. Eu ligava para ela todas as noites e ficávamos no telefone por uma hora. Quando nossas memórias se foram, não conseguíamos entender porque havíamos nos falado por tanto tempo toda noite se nossa relação estava caindo aos pedaços.

— Jimmy Fallon<sup>{4}</sup>. — Digo. — Nos dois gostávamos de Jimmy Fallon. Te ligava toda noite quando começava seu programa e o víamos juntos.

— Mas nós nunca conversávamos. — Diz. — Nós apenas assistíamos juntos o programa sem falar e, em

seguida, íamos direto dormir.

— Porque eu gostava de ouvi-la rir.

Não eram apenas as memórias que nos inundavam nesse momento, mas os sentimentos também. Todos os sentimentos que tive por esta garota estão voltando e por um segundo não tenho certeza de que posso assimilar tudo.

Nos abraçamos com força enquanto atravessamos uma vida de memórias. Se passam vários minutos enquanto nós dois rimos de boas lembranças e, em seguida, mais

minutos enquanto lembramos das não tão boas. Os danos que as ações de nossos pais nos causaram. Os danos que causamos a outras pessoas. Estamos sentindo cada pedacinho disso, tudo simultaneamente.

Charlie aperta a minha camisa em seus punhos e enterra o rosto no meu pescoço. — Isso dói, Silas. Eu não quero ser aquela garota novamente. Como podemos garantir que não somos as mesmas pessoas que éramos antes que isso acontecesse com a gente?

Passo a minha mão sobre a parte de trás de sua cabeça. — Mas nós


dois somos aquelas pessoas. — Digo. — Não podemos consertar o que fomos no passado, Charlie, mas podemos controlar o que seremos no presente.

Levanto sua cabeça do meu ombro e seguro seu rosto com minhas mãos. — Charlie, você tem que me prometer uma coisa. — Limpo suas lágrimas com meus polegares. — Prometa-me que nunca vai parar de me amar novamente. Porque eu não quero esquecer tudo outra vez. Eu não quero esquecer nem por um segundo o que passamos juntos.

Ela nega com a cabeça. — Juro. Eu

nunca vou parar de amar você, Silas.  
E jamais esquecerei.

Baixo minha cabeça até que minha  
boca encontra a sua. — *Nunca,*  
*jamais.*



# ÉPILOGO

Vinte e Tantos Anos  
Mais Tarde

Charlie

Silas está trazendo o jantar para

casa. Eu espero por ele na janela da cozinha enquanto finjo lavar os vegetais para uma salada. Eu gosto de fingir que eu estou lavando coisas na pia para que possa ver quando ele caminha na calçada.

Seu carro estaciona dez minutos mais tarde; meus dedos já enrugados pela água. Pego um pano de prato, sentindo aqueles malditas borboletas no estômago. Elas nunca se foram. Pelo que ouvi, isso é algo estranho, depois de tantos anos de casamento.

As crianças saem do carro primeiro. Jessa, nossa filha, e então seu namorado, Harry. Normalmente

meus olhos iriam para Silas depois, mas algo me fez parar em Jessa e Harry.

Jessa é igual a mim: teimosa, conversadeira e distante. Chorona, mas ela mais do que qualquer pessoa me faz rir com suas piadas. Eu gosto de Harry; estiveram juntos desde o primeiro ano e planejam ir para a universidade quando se formarem no próximo ano. Eles são o epítome do amor adolescente, com todo os olhares perdidos e suscetíveis como Silas e eu costumávamos ser. Ainda somos. Mas hoje, Jessa está de um lado da porta, os braços cruzados

sobre o peito.

Harry sai do carro e vai para o seu lado. *Devem estar brigando*, eu penso. Jessa, as vezes, gosta de flertar com o vizinho, e Harry fica irritado.

Silas entra um minuto depois. Me agarra pelo quadril, envolve os braços ao redor de mim e me beija no pescoço.

— Hey, Charlie, baby. — Diz, fungando em mim. Eu me inclino para ele.

— O que está acontecendo com aqueles dois? — Eu pergunto, sem deixar de olhar pela janela.

— Não sei. Eles estavam muito estranho na viagem para casa. Só falavam.

— Uh, oh. — Digo. — Deve ser o vizinho quente de novo. — Eu escuto a porta da frente bater e a chamo para a cozinha. — Jessa, venha aqui!

Ela entra, lentamente, sem Harry ao seu lado.

— O que foi? — Pergunto. — Parece muito atordoada.

— Sim? — Ela pergunta.

Olho para Silas e ele encolhe os ombros.

— Onde está o Harry?

Jessa aponta com o polegar por cima do ombro. — Ele está ali.

— Está bem, preparem-se para o jantar. Comeremos assim que a salada estiver pronta.

Acena e juro que está prestes a começar a chorar.

— Hey, Jessa. — Digo, enquanto se vira para sair.

— Sim?

— Eu estava pensando que poderíamos ir para Miami para o seu aniversário no próximo mês. Você gosta da ideia?

— Sim. — Ela diz. — Ótimo.

Quando ela vai embora me viro para Silas, cujas sobrancelhas estão levantadas.

— Eu não sabia que estávamos indo para Miami. — Diz ele. — Não posso conseguir folgas no trabalho tão rápido.

— Silas, — digo bruscamente — seu aniversário é daqui a seis meses.

A linha entre os olhos relaxa e a boca se abre.

— Ah, sim. — Ele diz. E depois vem a compreensão. — Oh. *Oh*. — Sua mão sobe à nuca. — Merda,

Charlie. Não de novo.

# AGRADECIMENTOS

Um enorme obrigada aos nossos leitores. Vocês são o nosso mundo.

Tarryn e Colleen!

COLLEEN HOOVER

[colleenhoover.com](http://colleenhoover.com)

[Facebook](#)

[Twitter](#)

[Instagram](#)



TARRYN FISHER

[www.tarrynfisher.com](http://www.tarrynfisher.com)

[Facebook](#)

[Twitter](#)

[Instagram](#)

Créditos

**Tradução e Revisão**



Parte 1

Disponibilizado: **Love affair**

Tradução: **Love affair**

Revisão Inicial: **Claudia, Stella  
Marques**

Revisão Final e Formatação:

Niquevenen

-

## Parte 2

Disponibilizado: **Stella Marques**

Tradução: **Love Affair**

Revisão Inicial: **Senasatez**

Revisão Final: **Ayashi Mikage**

Leitura Final e Formatação:

**Niquevenen**

-

## Parte 3

Disponibilizado: **Juuh Alvez**

Tradução e Revisão: **Dani Porto**

Leitura Final e Formatação:

**Niquevenen**

# Produção do E-Book

## Star Books Digital

{1} Nota: é um remédio como o Gelol, próprio para quedas e torções. Contem Mentol e é gelado.

{2} Nota: Memes são circulares em forma de foto ou texto onde se faz piada, tag ou explicações sobre certo assunto.

{3} **Simon Phillip Cowell é um executivo da BMG do Reino Unido, mas é mais conhecido como jurado dos programas de televisão Britain's Got Talent, The X Factor (Reino Unido), The X Factor (Estados Unidos) e American Idol. Ele é conhecido por combinar atividades nas indústrias televisiva e musical e também por ter criado a boyband One Direction.**

{4} **Jimmy Fallon é o apresentador do programa de comédia Saturday Night Live da rede NBC.**